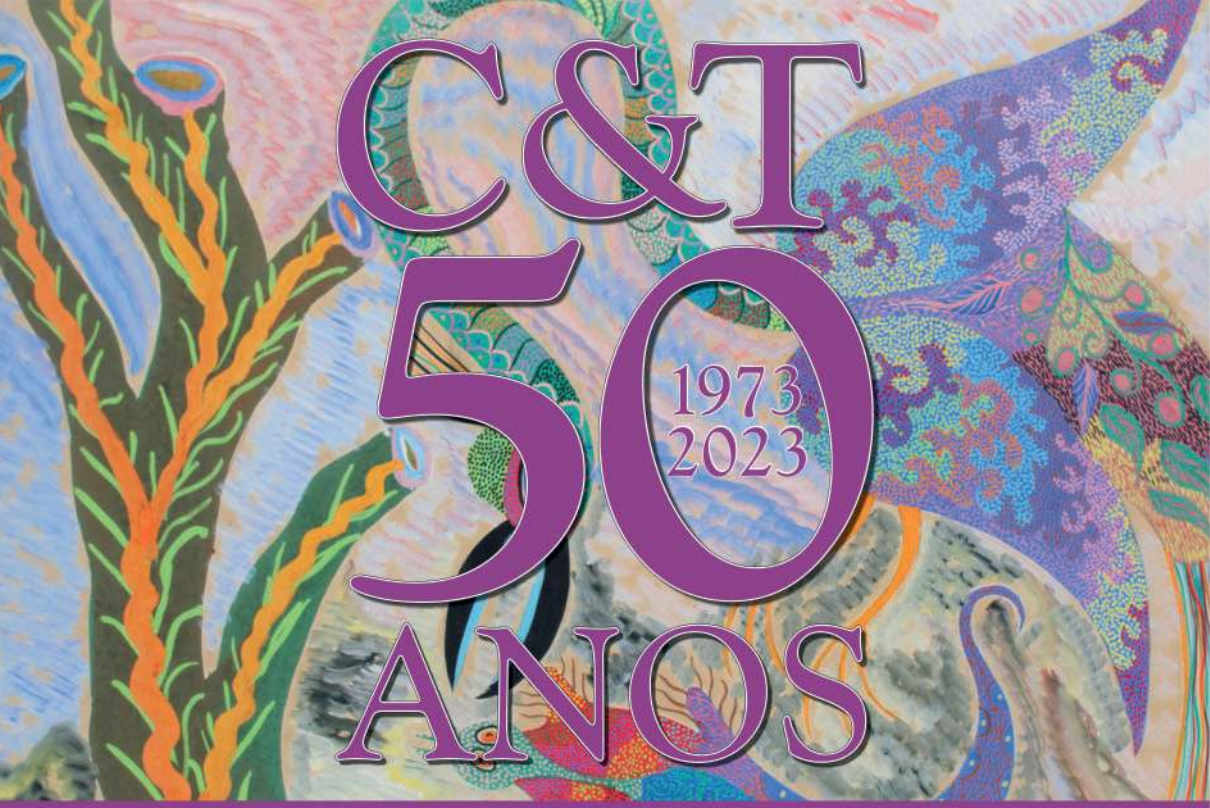


Fundação
Joaquim Nabuco
Editora Massangana

CIÊNCIA & TRÓPICO

Volume 47
Número 1
2023



Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

Camilo Santana
Ministro da Educação

Márcia Angela da Silva Aguiar
Presidenta da Fundação Joaquim Nabuco

Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo
Diretor de Memória, Educação, Cultura e Arte

Elizabeth Mattos
Coordenadora da Editora Massangana

Alexandrina Sobreira de Moura
Editora da Revista Ciência & Trópico – Diretoria de Pesquisas Sociais

Antonio Laurentino
Chefe do Setor de Editoração – Editora Massangana

Luis Henrique Lopes da Silva
Editor Assistente da Revista Ciência & Trópico – Diretoria de Pesquisas Sociais

Volume 47
Número 1
2023

CIÊNCIA & TRÓPICO

Conselho Editorial da Revista Ciência & Trópico

Dr. Bernd Reiter,
Universidade do Texas, Estados Unidos da América

Dra. Cecilia Mariz,
Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais (ICS),
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Dr. Denilson Bandeira Coêlho,
Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Dra. Isabel Raposo,
Diretoria de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Brasil

Dr. José Paulo Zeetano Chahad,
Universidade de São Paulo, Brasil

Dr. Marcelo Sampaio de Alencar,
Presidente do Instituto de Estudos Avançados em Comunicações – Iecom, Brasil

Dra. Maria Cecilia MacDowell Santos,
Universidade de São Francisco, Califórnia;
Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal

Dra. Maria da Conceição Lopes,
Universidade de Coimbra, Portugal

Dra. Maria do Carmo de Lima Bezerra,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasil

Dra. Marie-Jeanne dite Marion Aubrée,
Centro de Estudos Interdisciplinares de Fatos Religiosos;
Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, França

Dra. Patricia Nabuco Martuscelli,
Departamento de Relações internacionais, Universidade de Sheffield, Inglaterra

Dra. Silvina Cecilia Carrizo,
Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (CONICET);
Conselho Europeu de Pesquisas Sociais da América Latina (CESAL);
Universidade Nacional do Centro de Buenos Aires (UNICEN – UNNOBA), Argentina

Dr. Tiago Cavalcanti, Faculdade de Economia,
Universidade de Cambridge, Inglaterra

Me. Regina Scharf, Jornalista,
Portland-Oregon, Estados Unidos da América

© 2023, Fundação Joaquim Nabuco

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por meios eletrônicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito da Fundação Joaquim Nabuco.

E-mail: pesquisa@fundaj.gov.br
http://www.fundaj.gov.br

Pede-se permuta
On demande l' échange
We ask for exchange
Pidese permuta
Si richiede lo scambio
Man bittet um Austausch
Intershangho dezirata

Revisão linguística e tradução: Luis Henrique Lopes da Silva e Solange Carlos de Carvalho
Diagramação: Setor de Editoração | Antonio Laurentino
Projeto da capa: Antonio Laurentino | Editora Massangana
Ilustração da capa: trabalho gráfico sobre pintura a guache (*Animais Fantásticos*, sem data) do pintor e desenhista Francisco da Silva – Acervo da Fundação Joaquim Nabuco

Ciência & Trópico/ Fundação Joaquim Nabuco. - Vol. 1, no.1.(1973) – Recife: Editora Massangana, 1973 –
v.: il.

Semestral.
Textos em português, inglês, francês e espanhol.
Continuação de: Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (jan. 1952 - out. 1972).
A partir de 1980 o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais passou a ser denominado de Fundação Joaquim Nabuco.
A partir de 2012 a revista passou a contar com uma versão on-line.
ISSN 0304-2685/ ISSN Eletrônico 2526-9372.

1. Ciências Socais. 2. Ciências Humanas 3. Interdisciplinaridade.
I. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco. II. Periódicos FUNDAJ.

CDU 3:061.6(05)

Sumário

Alexandrina Sobreira de Moura	9-12	Nota Editorial
Renato Nunes Balbim	13-34	A Produção Internacional da Ideia de Informalidade Urbana e os "Núcleos Urbanos Informais" no Brasil
Janice Perlman	35-68	The more things change, the more they stay the same: Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brazil, 1965-2022
Alliston Santos	69-84	A força do *habitus:* perspectivas conflitantes entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu
Maycom Cunha	85-100	Karen Blixen e o Colonialismo
Antônio Carlos Lopes Petean	101-114	O exílio, a memória da infância e os traços do colonialismo no romance de Albert Camus: O primeiro homem
Marcelo Sampaio de Alencar	115-130	Beatles, Sexo, Drogas, Ciência e Rock 'n' Roll
Priscila Balloussier de Castro Pablo Ferreira Regalado Marcela Mariana de Almeida Ribeiro Matheus Gonzaga Teles Sergio Medeiros P.de Carvalho	131-144	Inovação no setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos: estudo do caso Natura
Gilmar Beserra de Farias	145-164	Uma sociologia da culpa: como é ressignificada a representação de pais no esquecimento de crianças em cadeiras de retenção infantil
Elisangela de Azevedo Silva Rodrigues Jéssica Alves Pereira Rodrigues Bárbara Beatriz da Silva Nunes Paulo Cézar Mendes	165-180	Estudo da fauna de flebotomíneos no Parque do Sabiá, em Uberlândia, Minas Gerais

ISSN 0304-2685
ISSN eletrônico 2526-9372

Ciência & Trópico	Recife	v. 47	n. 1	p. 1-182	jan - jun	2023

Nota Editorial

O pensamento científico é um conjunto de conhecimentos com certo grau de unidade, suscetível a levar a conclusões concordantes, que não são convenções arbitrárias, mas descobertas graduais que, em vez de se encerrar em fórmulas, devem estar abertas a uma constante ressignificação da realidade.

No mês em que a Fundação Joaquim Nabuco celebra 74 anos, relembramos a ideia de criar um espaço fundado em reflexões, voltadas para o pensamento social no Brasil, que foi a viga mestra para o lançamento da Revista Ciência & Trópico há 50 anos, à base de um compromisso que considera um pensamento que conduz a dimensões sociais que compreendem, para além dos aspectos factuais, a busca do prospectivo como um alicerce da intelectualidade brasileira. Aliada à pluralidade de um pensamento crítico, a Revista foi ampliando o sentido de cultura, em que o saber é condição necessária, mas não suficiente, por integrar, ao longo dos anos, traços criativos de uma civilização.

Os debates são embasados em pressupostos filosóficos, análises de novos critérios e de construção de espírito crítico, como definido por Kant, em que não se aceitam asserções sem interrogar sobre o conteúdo ou a origem das ideias.

Autores de diversas formações, ideologias e acepções acadêmicas reafirmaram o valor da diversidade e da tendência para disseminar um conhecimento plurivalente. Esta é, sem dúvida, uma marca da Revista Ciência & Trópico.

Celebrar meio século de um periódico científico da Fundação Joaquim Nabuco, o mais antigo da América Latina, e fundado pelo sociólogo Gilberto Freyre, é resgatar seu conceito de tempo tríbio. Para além de Henri Bergson, que entendeu memória como conservação e acumulação do passado no presente, Freyre enfatizou o sentido essencial do futuro. Ao pensar na renovação de tantos debates que evidenciam recordações e relevância dos fatos registrados nas edições, temos que ressaltar a memória afetiva evidenciada pelos autores, que permeia a assimilação e a interpretação do pensamento crítico sedimentado.

Ao longo dos anos, conceitos, experiências e métodos vêm transformando arcabouços convencionais em representações da condição humana em um espaço definido pelos trópicos. Interpretar e recriar a realidade exige o longo processo de comparação, no qual, não raras vezes, o escritor não escolhe seus temas, mas é escolhido por eles.

Retomando as origens da Revista como espaço de diálogo nacional e internacional, foram realizadas parcerias com a Universidade de Salamanca, Universidade de Vanderbilt, Aliança Francesa, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), *Centred'Etudes Spatiales de la Biosphère* (CESBIO), Latin America Studies Association (LASA), com a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), entre outras instituições internacionais, que submeteram artigos para a apreciação da C&Trópico, a qual, na sequência, passou a contar com cerca de 350 pareceristas nacionais e internacionais. Em nível nacional, ressaltam-se as parcerias com Universidades Federais e estaduais de todo o país, além de instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A C&Trópico passou a integrar redes de articulação de edições científicas, como a Associação Brasileira de Editoração Científica (ABEC) e a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), o que contribuiu para o reconhecimento da Revista pelos critérios de avaliação da Capes. Nesse período, alcançamos conformidade com indexadores reconhecidos como Latindex, Doaj, Diadorim, Periódicos, Sumários, Livre, entre outros.

Vale destacar que o atual Conselho Editorial conta com membros de instituições e universidades da América Latina, Europa e Estados Unidos, e que o vasto acervo da Fundação Joaquim Nabuco foi valorizado nas capas que compõem várias edições da Revista. Em 50 anos, a Revista obteve um avanço no universo de temáticas na complexa expressão de ideias de autores que revestiram os artigos à luz da inteligência crítica e contemporânea, desde a criação do Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais que antecedeu a Revista Ciência & Trópico.

Este número contempla diversas áreas do conhecimento, tais como políticas públicas urbanas, antropologia, literatura, sociologia comparada, música, inovação e investimentos e estudos da fauna associada à transmissão de doenças.

Consideramos, pois, que a natureza humana é dotada de certa impaciência relativa à ordem e à similitude – impaciência esta considerada legítima e corajosa, em se tratando da defesa contra um conformismo imposto ou a aceitação passiva do que é perpetuado sem crítica. Já afirmava Charles Renouvier que o estado da moralidade científica não parece avançado para fixar nomenclatura única convergente que torne as doutrinas mutuamente comunicáveis. Ele ressalta que "os termos mais importantes são de domínio público e cada um reivindica o seu benefício com o direito de lhe dar o seu 'verdadeiro' sentido, que outros estimarão falso". E conclui afirmando: "ninguém está disposto a fazer os sacrifícios exigidos pela imparcialidade da linguagem".

As bases do pensamento crítico científico da Ciência & Trópico nunca foram "monofocais". Torna-se, pois, tentador atribuir às palavras o sentido que lhes fornecemos originalmente, talvez por engano ou conferidas mediante autoridade, sob o pretexto de sermos efetivamente livres para adotar as definições que queiramos.

A contribuição da Revista Ciência & Trópico como periódico semestral desde que substituiu o Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, pela Resolução 267 de outubro de 1972, tem sido multidisciplinar. Vale salientar que o

Projeto de nº 2.960 de 1961 da Câmara dos Deputados previu, em suas disposições gerais e transitórias, que o antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais deveria contar com uma revista científica para publicações de pesquisadores de vários países.

Por fim, na qualidade de Editora-chefe da Revista, agradeço ao Conselho Editorial, aos articulistas, aos pareceristas, ao Editor assistente, Luis Henrique Lopes, à revisora, Solange Carvalho, à Editora Massangana, na pessoa de Antonio Laurentino, idealizador das capas, e a Albertina Lacerda Malta, do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (Cehibra), que está sempre empenhada em divulgar o acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Sem o esforço colaborativo da nossa instituição, não seria possível alcançar e manter excelência científica nas publicações.

Alexandrina Saldanha Sobreira de Moura
Editora-chefe

A Produção Internacional da Ideia de Informalidade Urbana e os "Núcleos Urbanos Informais" no Brasil

International Production of Urban Informality and the "Informal Urban Nucleus" in Brazil

La Producción Internacional de la Idea de Informalidad Urbana y los "Núcleos Urbanos Informales" en Brasil

Renato Nunes Balbim[1]

Resumo

BALBIM, R. N. A Produção Internacional da Ideia de Informalidade Urbana e os "Núcleos Urbanos Informais" no Brasil. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 13-34, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art1

O mote desta pesquisa é a recente legislação de regularização fundiária brasileira, Lei 13.465/2017, que criou o neologismo "núcleo urbano informal" e constituiu uma abordagem exclusiva da terra urbana como ativo imobiliário, buscando eficácia no uso do solo a partir da mais ampla titulação e, consequentemente, inserção de ativos antes vinculados à realização de direitos à posse e à moradia no dito mercado imobiliário formal. Esse artigo apresenta um tema de pesquisa em andamento e alguns de seus avanços, suas vinculações teóricas e conceituais, parte da revisão bibliográfica, pesquisas em documentos do governo federal brasileiro e de agências internacionais e caminhos de pesquisa originais e pouco explorados até então. Trata-se, pois, de uma síntese de pesquisas acerca do desenvolvimento urbano que tem como objetivo elaborar uma obra mais acabada acerca da origem do termo informal, seus usos e significados em diversas disciplinas e contextos, até chegar a produção e reprodução do urbano.

Palavras-chave: Informalidade. Assentamentos informais. Núcleos urbanos. Nova Agenda Urbana. Circuitos espaciais.

Abstract

BALBIM, R. N. International Production of Urban Informality and the "Informal Urban Nucleus" in Brazil. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 13-34, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art1

The motto of this research is the recent Brazilian land regularization legislation, Law 13,465/2017, which created the neologism "informal urban nucleus" and formalized an approach to urban land exclusively as a real estate asset. Thus, efficiency in land use is sought from the broad title and insertion of assets in the said

1 Professor e pesquisador visitante do Departamento de Planejamento Urbano e Política Pública da Universidade da Califórnia, Irvine. E-mail: renatobalbim@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4905-7078

formal real estate market, assets that in the previous moment were also formally linked to the realization of rights to land tenure, housing, and the fulfillment of the social function of the property. This article presents a research theme, a work in progress, and some of its advances, its theoretical and conceptual links, part of the bibliographical review, research in Brazilian federal government and international agencies documents, and original and little explored research paths. It is, therefore, a synthesis of research in progress that aims to elaborate a more finished work on the origin of the informal term, its uses and meanings in different disciplines and contexts, until reaching the urban space production and reproduction.

Keywords: Informality. Informal Settlements. Urban nucleus. New Urban Agenda. Spatial Circuits.

Resumen

BALBIM, R. N. La Producción Internacional de la Idea de Informalidad Urbana y los "Núcleos Urbanos Informales" en Brasil ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1,p. 13-34, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art1

El lema de esta investigación es la reciente legislación brasileña de regularización de tierras, la Ley 13.465/2017, que creó el neologismo "núcleo urbano informal" y constituyo un enfoque exclusivo del suelo urbano como un bien inmobiliario, buscando la efectividad en el uso del suelo desde una idea de amplia titulación y, consecuentemente, inserción de activos antes vinculados a la realización de derechos de propiedad y vivienda en el llamado mercado inmobiliario formal. Este artículo presenta un tema de investigación en curso y algunos de sus avances, sus vínculos teóricos y conceptuales, parte de la revisión bibliográfica, investigaciones en documentos del gobierno federal brasileño y de organismos internacionales, y caminos de investigación originales poco explorados hasta entonces. Se trata, por tanto, de una síntesis de investigaciones sobre desarrollo urbano que pretende elaborar un trabajo más completo sobre el origen del término informal, sus usos y significados en diferentes disciplinas y contextos, hasta llegar a la producción y reproducción de lo urbano.

Palabras clave: Informalidad. Aasentamientos informales. Centros urbanos. Nueva Agenda Urbana. Circuitos espaciales.

Data de submissão: 06/01/2023

Data de aceite: 21/06/2023

1. Apresentação

A ideia de informalidade urbana é hoje amplamente divulgada em todo o mundo. Foi traçado um pano de fundo sobre o emprego do termo informal, primeiramente

na economia, em seguida na economia urbana e, mais recentemente, no urbanismo, com o uso do termo como uma tipologia urbana, os assentamentos informais ou, na atual língua franca, *informal settlements*.

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir a origem do termo informal, seus usos e significados em diversas disciplinas e contextos, até chegar a produção e reprodução do urbano, avaliando os possíveis interesses que possam estar por trás da seleção e difusão de determinados termos em detrimento de outros. Os "núcleos urbanos informais", neologismo criado com a lei 13.467/2017, constitui nessa pesquisa aquela espécie de "faísca" que chama atenção do pesquisador sobre um tema ou realidade a ser investigada.

Esse artigo constitui uma parte de uma pesquisa mais ampla que visa responder à seguinte questão: como se dividem as cidades? A produção e difusão das ideias, termos e conceitos, neste caso o termo informal e informalidade, e o emprego desse ideário nas politicas publicas e na organização do mercado de produção do urbano é o caminho lógico perseguido na analise.

Nesse momento, o tema é debatido a partir da análise de documentos oficiais de organismos internacionais e do governo brasileiro, além de ampla revisão bibliográfica feita, sobretudo, em periódicos internacionais. A intenção é compreender essa trajetória também em relação ao Norte Global, pois é a partir do Norte que o termo informal se consolida para explicar o Sul Global, a pobreza e o subdesenvolvimento, em geral.

Para tanto, faz-se um sumário do surgimento do termo *informal*, entre 1971 e 1973, e seu emprego relacionado ao "mundo do trabalho", analisando relatórios e documentos da Organização Internacional do Trabalho – ou ILO, acrônimo que será aqui utilizado em referencia a International Labour Organization –, citando debates sobre pobreza e desenvolvimento urbano. Esse "sumário", ou essa genealogia, é contemporizada com as discussões acerca do subdesenvolvimento que ocorriam no mesmo período no hoje chamado Sul Global, dá-se especial atenção à teoria dos circuitos econômicos apresentada por Milton Santos em 1975. Recupera-se essas ideias no sentido de criticar a dicotomia formal e informal, revelando que essa era, antes mesmo do surgimento do termo, uma preocupação maior dos acadêmicos do subdesenvolvimento.

Reconstitui-se a apropriação e transformação do conceito de setor informal da economia nos programas de desenvolvimento e agendas urbanas de organismos multilaterais, notadamente UN-Habitat (United Nations Human Settlements Programme) e World Bank, além de documentos preparativos e finais de Conferências da ILO e da UN-Habitat e de agências internacionais (International Bank for Reconstruction and Development – BIRD, Cities Alliance e Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID).

Destaca-se a transformação de entendimento e uso do termo entre as três United Nations Conference on Housing and Sustainable Urban Development, ou simplesmente Conferências Habitat I, em 1976, Habitat II, em 1996, e Habitat III, em 2016.

É durante os vinte anos que separam as duas últimas Conferências Habitat que o uso do termo informal se transforma radicalmente. De qualificador de processos e dinâmicas econômicas e de produção da cidade, o "informal" passa a ser empregado no urbanismo direta e, quase que exclusivamente, como uma forma de ocupação urbana.

O termo "assentamento informal" urbano substitui termos mais precisos como assentamento clandestino, ilegal ou precário, e passa a ser associado diretamente ao termo favela. *Informal settlements* e *slum* passam a ser tratados, sem maiores considerações e em todo o mundo, como sinônimos.

Por fim, a trajetória do desenvolvimento urbano brasileiro, relacionada em larga escala à autoprodução habitacional, muitas vezes precária, ilegal ou clandestina, é utilizada como laboratório para a compreensão do emprego do termo informal presente, desde a década de 1970, nas agendas internacionais de Desenvolvimento[2] (HART, 2010) em suas variadas e sucessivas acepções relacionadas ao "mundo do trabalho", à economia, à economia urbana e ao urbanismo.

A realidade brasileira constitui excelente laboratório de analise visto que parcela significativa dos espaços urbanos foram produzidos pela chamada economia urbana informal, ou mais precisamente, pelo "circuito inferior da economia" (Santos, 1975). Esse circuito inferior, chamado de informal, foi estrategicamente invisibilizado durante o período do Banco Nacional da Habitação (BNH) (1964-1986), "aceito" e explorado como alternativa neoliberal por programas de demanda espontânea, a chamada "política de balcão", durante os anos 1990, e relativamente assimilado a partir da expansão do mercado tradicional de habitação para as camadas mais pobres da sociedade com o Minha Casa Minha Vida (MCMV), o Programa Casa Verde Amarela (PCVA) e, tudo indicada, pelo Novo-MCMV apresentado como Medida Provisória ao Congresso Nacional no inicio de 2023.

Com o MCMV-Entidades, modelo mais próximo à ideia de produção social da moradia (BALBIM e KRAUSE, 2014), debate-se o caminho aberto de valorização dos circuitos inferiores da economia como motores do desenvolvimento, seguindo a racionalidade da autoconstrução e da produção social da moradia. Contudo, este caminho não foi efetivamente trilhado, visto que o MCMV-Entidades correspondeu a apenas 4% das contratações[3] da Faixa 1 do programa, a faixa de renda correspondente as famílias mais pobres e "distantes" do mercado dito formal.

Conclui-se com um breve apontamento das transformações dos princípios lógicos da política pública de desenvolvimento urbano a partir de elementos da politica nacional de habitação e de regularização fundiária.

2 Na Pós-Segunda Guerra mundial, as políticas de "D/desenvolvimento" foram utilizadas pelos "impérios" europeus em sua estratégia de descolonização (HART, 2010:121). À medida que esses países se reconstruíam e desenvolviam, passaram também a agir determinando o processo de desenvolvimento das antigas colônias, aprofundando-se assim a "doutrina de tutela" como o principal meio de relação com esses países (LEWIS, 2019:1959). Para autores como Lewis, esse entendimento continua a organizar a teoria e a prática contemporâneas do desenvolvimento. (Sobre "*doctrine of trusteeship*" conforme citada por Lewis e Hart, ver: Cowen e Shenton - Doctrines of Development. London: Routledge, 1996. Sobre "doctrine of trusteeship" em geral, ver: UN Truteeship Council, in: https://www.un.org/en/sections/about-un/trusteeship-council/).

3 Ver: CMAP (2020). Relatório de avaliação do programa MCMV Ciclo 2020. (https://eaud.cgu.gov.br/relatorios/download/995955)

2. O Núcleo Urbano Informal

Com a edição no Brasil da controversa Lei 13.465/2017 (FERREIRA FILHO, 2018; TIERNO, 2019; FERREIRA, 2019; BALBIM, 2022) que dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, urbanistas, gestores públicos, planejadores urbanos, movimentos sociais, notários, registradores e operadores do direito urbanístico, dentre outros, foram apresentados ao neologismo "núcleo urbano informal"[4].

O substantivo "núcleo urbano", termo sem maior relevância na história brasileira do urbanismo e das ciências e políticas públicas afins, surge no ordenamento jurídico brasileiro com a Lei Complementar 416/2008, que define critérios para emancipação de municípios. Neste caso, não há nenhuma definição sobre o que seria um "núcleo urbano" e seu uso ficou restrito à noção da existência de um conjunto ou aglomerado urbano. Havendo esse núcleo abrir-se-ia a possibilidade de desmembramento e criação de uma nova municipalidade[5].

Já na Lei 13.465/2017, o termo "núcleo urbano" é enfim definido como sendo todo assentamento humano, com uso e características urbanas, constituído por unidades imobiliárias de área inferior à fração mínima de parcelamento da área rural, dimensão essa com forte variabilidade no Brasil. Acrescido do adjetivo "informal", o núcleo urbano passa a ser definido como um assentamento humano "clandestino, irregular ou no qual não foi possível realizar, por qualquer modo, a titulação de seus ocupantes, ainda que atendida a legislação vigente à época de sua implantação ou regularização" (Lei 13.465/2017, art. 11, inciso II).

A partir desse ponto, e por força da lei, o termo "núcleo urbano informal" vem sendo utilizado no edifício legal brasileiro e em suas políticas públicas sem maiores questionamentos. Inclusive, esforços de caracterização do neologismo vêm sendo realizados nos governos federal, estaduais e locais. O mais significativo desses foi realizado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em função de demanda do Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), executor da política de regularização fundiária urbana no governo federal[6].

São raros, se não inexistentes, entretanto, questionamentos quanto à validade do termo, seus significados e valores explícitos e implícitos, carregados e impressos na prática da regularização fundiária e do urbanismo. É a partir desses questionamentos que este texto, e de certa maneira, a pesquisa maior que o subsidia, se estruturam.

4 Para aqueles não presentes a esse debate, ou que por ventura não sejam formados nesta área no Brasil, o termo assentamento informal, do inglês *informal settlements*, até muito recentemente, nunca havia sido de fato utilizado por essas paragens, entretanto, seu adjetivo informal foi sem maiores referências associado à ideia de núcleo urbano e apresentado pela primeira vez como uma tipologia legal, não definida na lei, vale ressaltar.

5 A discussão sobre a criação de novos municípios no Brasil é ampla, assim como o número de municipalidades criados pós a Constituição de 1988. Não tratamos desse debate no momento, mas há que se considerar que não existem municípios rurais no ordenamento jurídico brasileiro, todos tem um sede urbana, um núcleo urbano. E, tautologicamente, a noção de cidade no Brasil é bastante simplória, refere-se à sede de municípios.

6 Nos dias 18 a 22 de outubro de 2021, foi realizado pelo IPEA e MDR o seminário final da "Pesquisa de Núcleos Urbanos Informais no Brasil". Os resultados da pesquisa foram organizados no livro: KRAUSE, C.; DENALDI, R. (orgs.). Núcleos Urbanos Informais: abordagens territoriais da irregularidade fundiária e da precariedade habitacional. Brasília: IPEA, 2022.

Mais que isso, busca-se aqui apontar os possíveis significados de um fato recente e claro que é o emprego expandido do termo informal a partir da edição da Lei 13.465/2017 (TIERNO, 2019; FERREIRA, 2019) e entender quais possam ser seus impactos e as intenções subjacentes.

3. A divisão da cidade, Formal e Informal

O conhecimento comum sobre o desenvolvimento urbano nos países pobres, em geral, e no Brasil, em particular, é de que de um lado existe uma cidade formal minimamente planejada, regulada, com acesso a serviços, oportunidades e urbanidades. Do outro, há uma "cidade" distinta, inclusive em sua paisagem. Informal, precária, sem acesso a serviços e condições básicas de reprodução da vida, uma cidade pobre, uma cidade dormitório, uma cidade onde os problemas e as violências se concentram.

A divisão da cidade entre formal e informal, como buscaremos demonstrar, não apenas é evidenciada na paisagem entre os muros simbólicos que se sobrepõem aos muros fortalezas dos condomínios de luxo (CALDEIRA, 2000; 2017). O uso dos termos formal e informal naturaliza ainda mais expressões como o morro e o asfalto e tantas outras dicotomias de uma sociedade que em parte se quer dividida. Uma sociedade que busca privilégios, diferenciações, ao invés de cidadania. Uma sociedade formada por cidadãos imperfeitos e consumidores mais-que-perfeitos, como sintetiza Milton Santos (1990).

A imprecisão do termo informal, sobre a qual iremos nos aprofundar, e seu uso polissêmico, escamoteados pelo uso simplista da dicotomia formal-informal, ao contrário do que muitos acreditam, não colabora com a compreensão do processo de urbanização. Ao contrário, reduz sua complexidade, segrega-se e divide-se, viabilizando que as políticas públicas sejam corporativas, nos termos também de Milton Santos (1990).

Ou seja, historicamente, concentram-se nas ditas áreas formais os investimentos públicos, instituindo como natural, normal, formal, a apropriação corporativa da política e da cidade. É natural que os investimentos se deem preferencialmente nas áreas "formais"! É normal que a concentração de equipamentos públicos aconteça nos bairros nobres. É natural que comércios, serviços e empresas também busquem essas áreas, desde que existam os bairros dormitórios para que empregados com baixa qualificação, pobres, "desapareçam" após o expediente. Essa é a realidade das cidades brasileiras. Queira-se ou não, há que se enfrentar que não é normal, e tampouco natural, essa profunda desigualdade. Esse é o resultado de um modelo de urbanização.

Essa apropriação corporativa da urbanidade tem como reflexo o aprofundamento das segregações socioespaciais. Do lado de lá da ponte, no morro, nas cidades satélites, na periferia, na quebrada, diversos *layers* se sobrepõem formando um sistema de informações geográficas específico da pobreza. Um espaço geográfico mapeado, mas ainda excluído da produção urbana formal.

Uma simples análise dos instrumentos urbanísticos, jurídicos e tributários presentes no Estatuto da Cidade, principal legislação urbana brasileira, revela que em sua maioria esses instrumentos dialogam com a cidade formal, aqui sinônimo da cidade do mercado imobiliário. Das complexas Operações Urbanas Consorciadas às históricas contribuições de melhorias, os instrumentos se realizam nas áreas em que há

conformidade, normas, regras e estruturas que viabilizam o dinamismo do "circuito superior da economia urbana" (SANTOS, 1975; 1985).

A cidade da "informalidade" não está representada a partir de suas características, não é considerada a partir de seus processos e dinâmicas. Não existem instrumentos que considerem, qualifiquem e dinamizem a produção urbana via autoconstrução, via "circuito inferior da economia urbana" (SANTOS, 1975; 1985). Existem, efetivamente, instrumentos de reconhecimento de direitos, aplicados via lutas sociais, como as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), ou de formalização da informalidade, via regularização fundiária.

4. O momento anterior ao surgimento do termo Informal

Durante os anos 1950 e 1960, a comunidade epistêmica do hoje chamado Norte Global e seus parceiros no Sul, inclusive o Brasil, compartilhavam o entendimento de que os países pobres estariam em uma transição entre uma economia tradicional, lenta e atrasada, para padrões de modernidade do desenvolvimento do Ocidente.

Milton Santos, em seu livro *L'espace partagé* (1975), clássico do pensamento crítico a partir do terceiro mundo, reconstitui as diversas abordagens conceituais sobre a urbanização nos países subdesenvolvidos durante os anos 1960 e início dos anos 1970. Santos conclui que, de maneira geral, essas abordagens eram "adjetivas", ou seja, derivadas do conhecimento hegemônico ocidental.

Autores como Redfield e Singer (1954), Sjoberg (1960) e Hoselitz (1960)[7] não substantivaram os problemas, as lógicas e os mecanismos específicos encontrados no hoje chamado Sul Global, e aplicaram seus conhecimentos adjetivando conclusões, criando dicotomias entre o que eles identificam como sendo os problemas do Sul em relação aos padrões avançados ou modernos de urbanização do Norte.

Essa linha de pensamento foi criticada por diversos autores (ILO, 2013; SANTOS, 1985; HART, 2010) que buscaram avançar no entendimento das lógicas próprias do subdesenvolvimento. Celso Furtado, no clássico Formação Econômica da América Latina (1970), reforça as contradições desse processo, sem, contudo, se debruçar nas complementaridades. Furtado aponta que a transposição dos avanços tecnológicos de sociedades altamente complexas para a América Latina daria origem a um novo dualismo entre unidades produtivas de tecnologia moderna e altamente capitalizadas e setores produtivos de técnicas tradicionais. "*Como esse progresso tecnológico significa principalmente elevação da dotação de capital por pessoa empregada*" (p. 355), sua assimilação poderia provocar sérias distorções estruturais, as quais ele chama de marginalização, fenômeno mais visível nas zonas urbanas, na informalidade, sobretudo habitacional (p. 353-356).

Ao buscar uma contribuição analítica ou a constituição de uma teoria que fosse capaz de assimilar as dinâmicas próprias do subdesenvolvimento e superar as dicotomias apresentadas nos modelos de explicação dos países centrais,

7 Redfield, R. & M. Singer. 1954. The cultural role of cities. Economic Development and Cultural Change. 3 (1): 53 73. Sjoberg, G. 1960. The Pre-industrial City. The Free Press. New York-United States. Hoselitz, B. 1960. Sociological aspects of economic growth. The Free Press. New York-United States.

contemporaneamente ao surgimento do termo informal, Milton Santos apresenta também em seu livro *L'espace partagé* (1975) a ideia dos dois circuitos da economia urbana, o superior e o inferior.

Os circuitos espaciais foram propostos também para ressaltar a integração, a conexão e a complementariedade entre economias urbanas distintas, com o emprego de sistemas técnicos diversos, de épocas diferentes, identificadas naquele momento como moderno e arcaico, com o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Ao propor a teoria dos circuitos espaciais, Milton Santos afirma:

> Ao deixar de lado a população pobre, a maioria dos estudos sobre o desenvolvimento urbano não consideraram a cidade em sua totalidade, mas apenas em parte, impedindo a formulação de uma teoria aceitável sobre urbanização e desenvolvimento econômico (SANTOS, 1985, p. 133).

Mais que revelar ordem de grandezas, faz-se primeiro necessário entender como os chamados setores informais da economia urbana concorrem e complementam a produção do espaço como uma totalidade, entendimento esse que comunidades epistêmicas insistem até hoje em dividir. A depender da dimensão da informalidade (econômica, fundiária, urbanística, política ou social) e das metodologias empregadas, verifica-se que os números da chamada informalidade no Brasil e nos países do Sul são sempre expressivos, muitas vezes constituindo a regra, e não a exceção, como lembrado por Erminia Maricato (2002) e outros em seus estudos sobre a urbanização brasileira.

A partir da ideia de que a produção de mercadorias é concentrada e que seu consumo é difuso, esquematicamente. Segundo identifica Milton Santos (1985, p. 132), cada cidade tem na realidade duas áreas de influência com dimensões distintas correspondentes a cada circuito da economia.

O limite do mercado abrangido pelo circuito inferior, nas grandes cidades, tende a coincidir com os limites da aglomeração. Já o circuito superior, que se concentra nas maiores cidades, expande sua influência regionalmente fazendo uso dos sistemas modernos de circulação. Nas cidades menores, cabe ao circuito inferior difundir a racionalidade econômica urbana em áreas ainda mais extensas do território não cobertas pelo circuito superior, quer em função da falta de sistemas modernos de circulação, de tecnologias adequadas ou dado o desinteresse econômico.

No espaço intraurbano, uma lógica similar se estabelece. As áreas da cidade se distinguem quanto ao grau de especialização ou diversidade de suas atividades e relações econômicas, ensejando diferentes graus de divisão do trabalho e emprego de tecnologias.

Nos "espaços da globalização" (SANTOS, 1996), termo que Milton Santos usa para os enclaves tecnológicos nas metrópoles pobres, os circuitos superiores se concentram, conectados em redes com outros espaços da globalização. O espaço intraurbano do circuito inferior, por sua vez, é contínuo, podendo ser diferenciado em um espaço central de atividades econômicas do circuito inferior, e um espaço residencial do circuito inferior (SANTOS, 1975:350). Bairros-dormitórios, periferias autoconstruídas,

vilas, assentamentos precários, favelas e outras distintas formas de expansão urbana não guardam em comum apenas suas formas ou as formas de acesso à terra, que na realidade são múltiplas, e que o termo informal tende a simplificar e generalizar.

As dimensões urbanística e fundiária do que se chama informalidade existem, mas não são essas que definem a cidade produzida e usada pelo circuito inferior da economia espacial urbana. Inclusive, como se sabe, a chamada informalidade em sua dimensão urbanística e fundiária caracteriza da mesma maneira espaços identificados como abastados, ricos ou formais na cidade, a exemplo de diversos condomínios fechados das classes media e alta.

O que define esses espaços são suas dinâmicas econômicas, políticas e sociais, os modos de vida relacionados àquilo que se chama inconsistentemente de informal. A produção urbana, segundo a lógica do subdesenvolvimento, é resultante de um amálgama de interesses e mecanismos presentes em cada um dos dois circuitos espaciais da economia. Por vezes, essas racionalidades se revelam dialeticamente contraditórias, conflitos fundiários se instalam, por vezes interesses convergem e essas racionalidades se associam. Em ambos os casos, no conflito e na convergência de interesses, produz-se a cidade, uma totalidade.

5. O surgimento do termo Informal e suas contradições

Voltando agora para o surgimento do termo informal, contemporâneo como já colocado, as teorias acerca do subdesenvolvimento em elaboração em outras partes do Sul Global, no final dos anos 1960, as agências internacionais lideradas pelos países desenvolvidos buscavam entender por que seus esforços em fomentar o desenvolvimento do Sul não surtiam os efeitos esperados.

Foi nesse momento que a ILO criou o Departamento de Promoção e Planejamento do Emprego, com a missão de rever o modelo de suas cooperações técnicas, agregando pesquisadores e conhecimentos locais e multidisciplinares (BANGASSER, 2000).

O novo modelo de missão, as "Missões Compreensivas de Emprego", produziu diversos relatórios nos anos 1970 e 80, tendo destaque o Relatório do Quênia – "*Employment, incomes and equity*" – que revelou internacionalmente uma realidade particular dos países do terceiro mundo, o "setor informal" da economia (ILO, 1972).

Autores como Boanada-Fuchs & Fuchs (2018) e Hawkins (2020) creditam a formulação do termo a Keith Hart, economista britânico que, em 1973, publicou um estudo sobre o subemprego em Accra, Gana, em que descreve formas criativas de um grupo de imigrantes rurais, os Frafras, para assegurar a própria subsistência.

Para Hart (1973, p. 68), o setor informal opera atividades residuais, e a distinção entre formal e informal é relacionada basicamente pela renda auferida e autonomia do emprego, sendo a chave explicativa o grau de racionalização do trabalho. O autor destaca também as relações com a ilegalidade, muitas vezes legítimas e moralmente aceitas (Hart, 1973, p. 74), e sugere classificações similares correspondentes, como setor urbano de baixa produtividade, exército de reserva de desempregados ou setores urbanos tradicionais.

O fato é que o Relatório do Quênia cunhou o termo para explicar a realidade do desenvolvimento de toda uma nação e de outros países subdesenvolvidos em suas relações com as agências internacionais e demais países, inserindo assim a informalidade da economia como noção explicativa do desenvolvimento.

O Relatório do Quênia, de 1972, anterior ao estudo de Hart, criticava visões técnicas focadas apenas nos efeitos positivos da ocidentalização da economia, que propunha a concentração de incentivos em certos setores modernos da economia para reduzir o custo do capital em relação ao custo do trabalho (benefícios de crédito, taxas, licenças, revisão de barreiras econômicas). Essa concentração não apenas causaria desigualdade, mas promoveria o surgimento do setor informal, também moderno, responsável por complementar etapas de complexas cadeias produtivas, mas de maneira improvisada, gerando empregos mal remunerados, sem garantias e nem direitos.

Dessa maneira, sob a lógica do subdesenvolvimento, a "economia informal" [8], através da redução do custo do trabalho, logo, a baixo custo, provê os meios para a complementação e a expansão da modernização.

Essa modernização, desigual, seletiva e incompleta, se sustenta na pobreza e no aprofundamento das desigualdades, que são causas e não consequências, como ratificado várias vezes no Relatório do Quênia, do trabalho e da economia informal.

Conclui-se, pelo instante, que a informalidade resulta do projeto de desenvolvimento modernizante dos países subdesenvolvidos.

6. O paradoxo do setor Informal

A partir dos achados da pesquisa no Quênia, e associado ao pensamento crítico dos últimos cinquenta anos, ressalta-se que a economia informal é definida pela gestão das regulações oficiais de acesso à legitimação do trabalho, de acesso às modernizações, investimentos, capacitações. Ou, no caso aqui analisado, do acesso à terra e à urbanização.

Devido a essas e outras características, o relatório sustentava o necessário apoio ao setor informal nos moldes dos apoios recebidos por outros setores da economia. Os autores ressaltam, por exemplo, que os riscos envolvidos neste apoio seriam similares aos envolvidos no apoio dado às demais empresas (ILO, 1972, p. 505), revelando, desde então, que a formalidade não é condição para garantias e créditos.

O Relatório destaca também os mecanismos existentes de crédito associados aos setores informais, que foram sumariamente ignorados nos anos posteriores. Quais seriam então as justificativas para que Estados e agências não executassem políticas similares ou adaptadas aos demais setores da economia?

Nomear parcela das atividades econômicas como informais foi o mecanismo encontrado para jogar luz sobre trabalhadores e atividades que compunham a

8 Segundo a ILO (2013), por economia informal entende-se todas as atividades econômicas de trabalhadores ou unidades econômicas que não estejam - na lei ou na prática - cobertas ou suficientemente cobertas por acordos formais. ILO, 2013 - The informal economy and decent work: a policy resource guide, supporting transitions to formality / International Labour Office, Employment Policy Department – Geneva ILO 2013.

economia, mas estavam invisíveis, não representados nos dados oficiais (SANTOS, 1985; HART, 1973; KOWARICK, 1996), sendo suas práticas desconhecidas dos manuais acadêmicos e das interpretações sobre o desenvolvimento.

O paradoxo dessa exposição está revelado nos riscos de uma apropriação pejorativa do termo, identificados desde sua proposição (ILO, 1972), e amplamente debatidos no "mundo do trabalho" durante décadas de esforços para a superação de dualismos simplificadores e, por vezes, reducionistas. Os autores do Relatório reafirmam a existência de um perigo original que essa visão se transformasse em uma profecia auto realizada (ILO, 1972, p. 5-6), algo que sem maiores dificuldades se concretizou.

A ILO enfrentou esses e outros paradoxos nos anos vindouros e parece que os superou apenas quando do lançamento do relatório Trabalho Decente, tornado público na 87ª Conferência Geral da ILO (ILO, 1999). Nesse ano, o termo informal passa a dar lugar à informalização das relações de trabalho em todo mundo, superando em alguma medida a relação direta entre informal, pobreza urbana e subdesenvolvimento. Segundo a ILO (2002:04), o "emburguesamento" da economia informal já seria justificativa suficiente para revisar os dilemas do setor.

Depois de quase trinta anos de difusão desta dicotomia e de suas abordagens pejorativas, quais foram os impactos em outras dimensões do desenvolvimento? Em outras agências e agendas internacionais e modelos de desenvolvimento?

7. O Informal nas agendas urbanas: a nau na contramão

Em 1972, no mesmo ano em que era lançado o Relatório do Quênia, foi realizada, em Estocolmo, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Um marco no multilateralismo, a Conferência inspirou a realização de novas Conferências mundiais, com temas específicos, mas com abordagens transversais e intersetoriais e que incluíam novos atores na diplomacia, além dos Estados-Nações.

É a partir desta Conferência que se define a realização da primeira *United Nations Conference on Human Settlements*, Habitat I, em Vancouver, em 1976. Em sua Declaração Final, a Habitat I não apenas recomenda a participação pública e dos governos locais na busca de soluções para questões globais, como, também, revela com precisão o entendimento e a importância do setor informal da economia para a superação dos desafios globais colocados e futuros.

O documento final de Recomendações da Habitat I, que é dividido em seis itens ou temas, somando 64 recomendações, dedica a de número C8, com o título: Moradia, Infraestrutura e Serviços – A Construção pelo Setor Informal, para atestar que:

"*o chamado 'setor informal' provou sua capacidade de atender às necessidades dos menos favorecidos em muitas partes do mundo, apesar da falta de reconhecimento e assistência do setor público*" (UN-Habitat, 1976).

Nesse sentido, os países deveriam rever regulações e normas, formas de crédito, acesso à terra (para a economia informal), formas de assistência técnica e uma série de outras ações voltadas à participação social e à autoconstrução dos meios de reprodução da vida, com dignidade, qualidade e de maneira adaptada a cada realidade regional e nacional.

Entre a Habitat I e a Habitat II, em 1996, políticas de cunho neoliberal se instalaram em todo o mundo. Entre o receituário das agências credoras, as metas de redução do déficit público envolviam cortes e racionalização de gastos, inclusive com a redução do custo per capita dos programas habitacionais.

A privatização das instituições nacionais de habitação e a ênfase do papel do Estado exclusivo na governança das políticas possibilitaria a abertura desse mercado.

Entre os arautos dessas ideias estava Hernando de Soto (2017) e outros que subsidiavam as diretrizes do Banco Mundial para que as classes menos favorecidas pudessem se tornar *bankables* (WorldBank, 1993; Balbim, 2016:114-115; Arantes, 2006). A receita dos bancos é simples. Do lado da demanda: titulação, financiamento e racionalização de subsídios. Do lado da oferta: governança dos serviços urbanos, regulação adaptada da terra urbana e organização da indústria construtora. Assim, toda a produção é destinada ao capital privado e, quando muito, há mecanismos residuais de auto-promoção ou produção social[9].

Arantes (2006) realizou uma dissertação de mestrado com o objetivo de revelar o que chama de ajuste urbano em referência às políticas do World Bank e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID ou Inter-American Development Bank - IDB) para as cidades latino-americanas. O autor afirma, e Balbim e Monteiro (2015), dentre outros, fazem coro, que Bancos e agências internacionais, obviamente, não são entes "neutros". Essas organizações carregam consigo uma agenda afirmativa que modela padrões de uso do recurso público e de organização do Estado.

As duas instituições em tela difundem políticas públicas que seguem "critérios empresariais de rentabilidade e um modelo de gestão estatal terceirizada, à mercê de um corpo técnico privado" (Arantes, 2006, p. 01). O objetivo de tal política é o mesmo que Balbim e Monteiro (2015) apontam ao analisar a documentação da Conferência Habitat II.

A sociedade civil (gerenciadoras de projeto, fundações privadas, ONGs, consultores e movimentos sociais) são "democraticamente" e "descentralizadamente" chamados a participar da administração do território, do fundiário, dando "suporte aos negócios transnacionais, em estruturas administrativas treinadas para responder aos grandes interesses privados, ao mesmo tempo em que se desembaraçam de qualquer compromisso com a democracia real" (Arantes, 2006:01).

Essa "democratização" das políticas urbanas associada à descentralização, regulada por políticas nacionais, faz parte das estratégias neoliberais de diminuição do Estado em voga quando da Habitat II. Além de descentralizadas, atividades de promoção e assessoria técnica são repassadas para a sociedade, ONGs e movimentos sociais.

Já os beneficiários, tomadores de empréstimos diretos, tornar-se-iam *bankable*, nos termos do World Bank (1993), ingressando em novos mercados de crédito, preferencialmente colocando na economia formal o "estoque" imobiliário de posses a serem formalizadas, tituladas. Essa foi a estratégia legitimada pelos países, governos locais e também movimentos sociais na Habitat II, em 1996 (BALBIM, 2016, p. 114-115).

9 "Por produção social da moradia compreendem-se formas variadas de produção da habitação, que envolvem, em graus diversos, circuitos formais da economia, sejam públicos ou privados, mas que guardam a organização do processo e a definição das principais diretrizes do projeto e do pós-morar nas mãos e nos mecanismos de organização coletiva dos próprios moradores" (Balbim & Krause, 2014).

Ainda assim, na Habitat II, o termo informal continuava a ser majoritariamente utilizado em sua concepção relacionada ao "mundo do trabalho", qualificando o desenvolvimento da economia urbana como um modo de produção "alternativo" ligado, em larga medida, mas não exclusivamente, à pobreza dos países subdesenvolvidos e a uma adaptação à precariedade urbana.

A ideia de informalidade aparece 17 vezes no Relatório Final da Habitat II, há que se ressaltar, de maneira positiva, sendo que em apenas dois momentos a informalidade foi relacionada à ocupação humana. Em todas as demais 15 vezes, o termo aparece relacionado à economia, ao acesso aos bancos, às cooperativas de crédito, às organizações sociais e a formas alternativas de desenvolvimento (UN-HABITAT, 1996). A Agenda da Habitat II vaticina como os setores informais da economia, potencializados, aprimorados, fomentados, deveriam fazer parte das soluções descentralizadas, comunitárias, locais e democráticas na superação dos desafios urbanos apresentados.

Passados vinte anos, a Nova Agenda Urbana (NAU), resultante da Habitat III (UN-Habitat, 2016), traz uma profunda transformação no uso do termo informal que aparece agora 19 vezes no documento final. Ao contrário da agenda anterior, o termo informal foi relacionado à economia urbana apenas quatro vezes. Todas as demais 15 vezes, o termo aparece relacionado, sem haver qualquer definição prévia, aos assentamentos humanos em geral e, em particular, às favelas (*slums*).

Impera na NAU a gramática dos negócios urbanos (BALBIM, 2018), negócios esses ditos formais, ligados sobretudo a fundos de investimentos e grandes corporações de tecnologia e de gestão. Para afirmar isso é preciso relembrar que em qualquer documento diplomático o uso de termos e conceitos é sempre intencional e milimetricamente definido. É a partir da análise do uso do termo informal que se pode apreender essas intenções.

Para exemplificar, reforçando um pensamento dicotômico e pejorativo, o termo economia, no sentido exclusivo de economia formal, aparece duas dezenas de vezes na NAU. Seus qualificadores revelam a visão de negócios e produtividade urbana. São eles: economia global, economia competitiva, economia de escala, economia vibrante, economia sustentável, economia inclusiva, economia inovadora e economia circular.

Já ideias de economia solidária e negócios comunitários, que apareceram tantas vezes na Habitat II e reforçam o papel dinâmico do chamado setor informal da economia urbana, ficaram completamente ausentes tanto da preparação da NAU (FERNANTES; FIGUEREDO, 2016, p. 85), quanto da própria agenda final, que apenas cita "economia social e solidária" no item 58, ao tratar de "sustentabilidade ambiental e prosperidade inclusiva".

Por fim, a análise da aparição reiterada dos termos "assentamentos informais" e "assentamentos informais e favelas", que ressalta-se, não são minimamente definidos, revela dimensões negativas, pejorativas e degradantes associadas direta ou indiretamente com pobreza, desigualdade, degradação ambiental e deseconomias.

A própria NAU, item 20, reconhece esse conteúdo pejorativo e aponta a necessidade de enfrentar as inúmeras formas de discriminação que grupos sociais como portadores de HIV, idosos, refugiados, etc. enfrentam, e inclui dentre esses grupos não apenas os moradores de favelas, mas também os moradores dos "assentamentos informais".

8. Entre Istambul e Quito, o retorno da favela e a panaceia dos assentados informais

No caminho trilhado até agora de conhecimento e reconhecimento do uso do termo informal no urbanismo e sua transformação, o período compreendido entre as duas últimas Conferências Habitat constitui o momento de inflexão entre o uso associado à economia urbana e o emprego do termo como uma tipologia de assentamento humano.

Seguindo caminho metodológico similar ao aqui proposto, de buscar pistas e respostas através da análise dos documentos das agências financiadoras e de cooperação internacionais e seu receituário para a superação da pobreza nos países subdesenvolvidos, Alan Gilbert (2007) faz uma reflexão do ressurgimento no cenário internacional do termo *slum*, o que ele classifica como um velho e perigoso vocábulo.

Em 1999, três anos após a Conferência Habitat II, uma coalização de agências internacionais – notadamente o World Bank e a UN-Habitat[10], além de bancos regionais de desenvolvimento e outras agências da ONU – lança a iniciativa global "*Cities Without Slums*". Segundo Gilbert (2007:698), esse é o momento em que se abre uma espécie de caixa de pandora. Para o autor, o uso do termo seria perigoso porque a campanha subentende que as cidades possam se ver livres das favelas, uma ideia que é, em sua opinião, totalmente intangível. Além disso, a confusão entre os aspectos físicos e da qualidade da habitação e as diversas características sociais e dos grupos humanos que vivem nesses assentamentos é ressaltada para questionar a imprecisão do termo, ainda mais quando empregado em escala global.

O fato que nos interessa, e que tem ligação direta com as políticas de desenvolvimento urbano não apenas no Brasil, mas no Sul Global, é que, ao final dos anos 1990, a *United Nations Centre for Human Settlements* sai de uma crise de financiamento com um novo Diretor e um novo nome, UN-Habitat, e uma nova estratégia para essa agência: erradicar as favelas, caracterizadas de maneira absoluta e genérica para constituir uma linha de base global necessária para dar respostas aos doadores e financiadores da agência.

Define-se uma tipologia urbana universalizada, *slums*, representadas pela proporção de pessoas sem acesso ao saneamento e segurança da posse da terra. Essa lógica passa também a fazer parte dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), especialmente no objetivo 7 – Qualidade de vida e respeito ao meio ambiente, meta 4. Alcançar, até 2020, uma melhoria significativa na vida de pelo menos 100 milhões de moradores de favelas (*slum dwellers*).

Não se trata apenas de uma discussão semântica. A definição de termos representando tipologias ou formas de organização da vida urbana impactou a definição das políticas públicas nos países em desenvolvimento. Empréstimos foram realizados seguindo esses critérios, políticas foram definidas segundo as mesmas concepções. Termos genéricos ou polissêmicos, importados e utilizados a despeito de termos já consolidados e criteriosamente utilizados nas políticas públicas nacionais, como no

10 Ver: https://www.citiesalliance.org/sites/default/files/ActionPlan.pdf

caso do Brasil os assentamentos precários ou aglomerados subnormais[11], tem o condão de alterar os rumos do desenvolvimento. Exemplos podem ser dados a partir de toda a literatura sobre colonialismo e dependência, até a revisão de normas como parece indicar o neologismo legal "núcleos urbanos informais".

9. A "invenção" Dos assentamentos informais no Brasil.

No Brasil, a estratégia do *Cities Without Slums*, capitaneada por agências da UN, World Bank, organismos multilaterais e países doadores (principalmente França e Itália, neste caso), foi balanceada tanto pela consolidação anterior das experiências locais brasileiras (AEIS em Belo Horizonte, PREZEIS em Recife e Programa Favela-Bairro no Rio de Janeiro)[12], quanto pelo apoio também anterior que os governos locais recebiam do BID, que não participava da coalização que formou o *Cities Alliance*.

O programa nacional Habitar Brasil-BID (HBB), lançado em 1999, foi um marco ao reconhecer pela primeira vez na política urbana nacional brasileira a questão das favelas e dos assentamentos subnormais. A partir da análise dos relatórios de avaliação de todas as intervenções do HBB até 2011, trabalho realizado pelo IPEA a pedido do Ministério das Cidades (BALBIM et al., 2012), apreende-se que, ao contrário do que a iniciativa *Cities Without Slums* pudesse implicar, as estratégias do HBB dificilmente envolviam, por exemplo, remoções.

A lógica do HBB estava assentada na formalização incremental dos "aglomerados subnormais" e a questão da titulação era secundária no programa, muitas vezes, inclusive, deliberadamente negligenciada (BALBIM et al., 2012). Vale notar que nos manuais do Programa HBB o termo informal não era utilizado e o termo favela aparece esporadicamente junto às demais tipologias que constituem os aglomerados subnormais (MCIDADES, 2004).

A análise do vasto material oficial da política urbana nacional brasileira (habitacional e fundiária) nos anos 2000 revela que o termo "assentamento informal" não fora utilizado nos documentos de políticas e programas até 2006, orientação essa transformada quando o *Cities Alliance* passa a apoiar ações do Ministério das Cidades. Em 2006, o Programa Papel Passado, ação de regularização fundiária sob a direção da Secretaria Nacional de Programas Urbanos (SNPU) do MCidades, publicou junto com o programa *Cities Without Slums*, do *Cities Alliance*, o Curso à Distância "Regularização Fundiária de Assentamentos Informais Urbanos".

Esse documento, exclusivo em português, traz o termo "assentamentos informais" em seu título, ainda que este termo não fosse de uso nos manuais do Programa Papel Passado, ou mesmo no restante das publicações e manuais do Ministério das Cidades, ao menos até então. Dado sua importância, foi analisado de maneira detalhada

11 Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aglomerado subnormal é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. (Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=sobre. Acesso em: 17 mar 2023).

12 As AEIS surgem na Lei 7.166 de 1996 de parcelamento e uso do solo em Belo Horizonte. Já as PREZEIS surgem em 1987 em Recife, lei municipal 14.947, reformulada em 1995, lei 16.113.

o documento que é composto de oito artigos e uma apresentação autoral. Efetivamente, o termo assentamento informal é introduzido pelo coordenador geral do curso e consultor do projeto, que conta com dois textos na publicação (FERNANDES, 2006a; 2006b) nos quais o termo informal foi utilizado 42 vezes no primeiro texto e 26 vezes no segundo.

Como exercício revelador dos riscos envolvidos no uso generalizado deste termo, foram substituídas as incidências do termo nos textos de Fernandes (2006a; 2006b) por sinônimos ou explicações que entende-se serem mais precisas.

O resultado é a associação do informal à pobreza urbana, a um padrão urbanístico específico da pobreza, à falta de segurança na posse, ou à falta de democratização no acesso à terra.

A "ocupação informal" é usada como sinônimo de autoconstrução, de favela, ou de ocupação ilegal e clandestina.

As "práticas informais" são de baixo custo, mas que impõe altas deseconomias para toda a sociedade.

A "condição informal" é "precária, indigna e inaceitável".

A "área informal" é precária e em condições de riscos ambientais.

E, por fim, a "construção informal" é sinônimo de favela e autoconstrução.

Quatro anos após essa associação entre o *Cities Alliance* e a SNPU, em 2010, o programa *Cities Without Slums* e o World Bank passaram a apoiar a Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades para dinamizar e expandir as ações do já encerrado HBB, transformado em Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Urbanização de Favelas ou PAC Urbanização de Assentamentos Precários.

Uma de suas primeiras ações foi a publicação da cartilha bilíngue do curso à distância Ações Integradas de Urbanização de Assentamentos Precários, em inglês: Integrated Slum Upgrading Actions. Na versão em português, o objeto da ação são os "assentamentos precários", terminologia utilizada no HBB, e que aparece 44 vezes no documento, sendo 42 vezes traduzida como "informal settlements", uma vez como "slum", na capa da publicação, e uma única vez traduzida de maneira assertiva, na apresentação, como "precarious settlements".

Algo aqui, parece, já havia mudado! A Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, ao menos em seu diálogo internacional, já havia passado a usar a terminologia generalizadora e polissêmica das agências internacionais. A precisão metodológica que havia sido desenvolvida localmente, e embasado políticas como as ZEIS, o Programa Favela Bairro e tantas pesquisas qualitativas e quantitativas que buscavam explicar os mecanismos da urbanização brasileira, havia sido abandonada no diálogo internacional.

Vale reforçar que a não precisão da tradução contrasta com a importância global do Brasil nas estratégias de urbanização de assentamentos precários, reconhecida desde 1996 na Habitat II, revelada na produção acadêmica internacional, e sobretudo, neste caso, nos próprios relatírios anuais do *Cities Alliance* (CITIES ALLIANCE, 2002).

10. O Núcleo Urbano Informal e a Terra Urbana

Entre a Habitat II, em 1996, e a formulação da Nova Agenda Urbana lançada durante a Habitat III, em 2016, o termo informal ganhou novos usos e contornos no

urbanismo mundial. Na NAU, a cidade formalmente planejada e urbanizada é meio e agente do desenvolvimento das nações. Nesse período, o termo informal passa a ser vinculado a um conjunto bastante heterogêneo de tipologias urbanas. O assentamento informal, seja por imprecisão, seja de maneira intencional, é diretamente associado ao termo *slums*, constituindo um sinônimo invariavelmente carregado de conteúdos pejorativos.

No Brasil, a introdução do neologismo Núcleos Urbanos Informais (NUIs) no arcabouço jurídico e nas políticas públicas, uma das motivações para esse estudo acerca do termo informal, sua apropriação e uso generalizado, revelou um claro alinhamento da política brasileira de desenvolvimento urbano às diretrizes mundiais de abertura do mercado de terras urbanas para o sistema financeiro global. O neologismo "núcleos urbanos informais" expande o espaço ocupado por aquilo que antes era classificado de distintas maneiras, ensejando distintas políticas: precário, pobre, em área de risco, ilegal, clandestino, subnormal, não urbanizado, etc.

Esse processo se inicia antes mesmo da lei 13.465 de 2017 que revê o arcabouço legal da regularização fundiária urbana. Seu curso continua estimulado durante os anos de vigência do Programa Casa Verde Amarela (PCVA) que acabou com a produção habitacional para a mais baixa renda e criou uma política específica, atrelada aos recursos do Fundo de Desenvolvimento Social (FDS), para a regularização fundiária dos NUIs. Nesse caso, as famílias mais pobres passaram ou passariam a buscar financiamentos subsidiados no FDS para que, organizadas por uma empresa, realizassem a regularização fundiária de interesse social, que anteriormente era de responsabilidade dos entes públicos.

O que poderia ser a simples criação de um neologismo, uma simples generalização, um alinhamento ao discurso das agências internacionais, revelou-se como política pública, uma política de desenvolvimento urbano que estabeleceu novos papéis aos agentes envolvidos e criou instrumentos exclusivos para a inserção no mercado do vasto estoque imobiliário imobilizado, como preconizam os seguidores de Hernando de Soto.

No momento de finalização desse artigo está em vigência a Medida Provisória (MP) 1.162, editada em 14 de fevereiro de 2023, que recria o Minha Casa Minha Vida (MCMV) e extingue o PCVA. Vale aqui dizer que há evidências de mudanças e continuidades estabelecidas por essa legislação, a qual não rompe com os mecanismos de produção habitacional, muitos deles estabelecidos desde o BNH, e que não revê os princípios e mecanismos da regularização fundiária previstos na lei 13.465 de 2017, particularmente a noção fundadora de NUIs, apenas revogando os instrumentos e certas inovações que haviam sido estabelecidos com o PCVA (BALBIM, 2023).

11. Notas conclusivas

A chamada ocupação informal abarca uma enorme parte da cidade dos países subdesenvolvidos. Esse território expandido da informalidade amorfa e sem critérios substantivos ou objetivos é via de regra lócus de valores adjetivos ou subjetivos associados à favela, à pobreza, ao outro, ao marginal e ao ilegal. Uma cidade invisibilizada por lentes únicas que a miram apenas a partir do formal, do regular, do legal, do moral.

A ideia de informalidade amplamente divulgada em todo o mundo, sobretudo quando associada ao desenvolvimento urbano, revela a existência de um projeto de desenvolvimento modernizante dos países subdesenvolvidos que ao não se adequar as dinâmicas próprias investe os agentes econômicos na mimetização das formas preconizadas pelo Norte, ainda que isso aconteça de maneira seletiva, segregadora e excludente. A resiliência desse modelo revela a necessidade de que acadêmicos e gestores do Sul Global enfrentem de maneira critica as explicações importadas e assimiladas.

A discussão da genealogia do termo informal e da expansão de seu uso global desde as teorias ligadas ao mundo do trabalho, até o momento de idealização de uma tipologia urbana, os assentamentos informais ou os núcleos urbanos informais, possibilita abrir ou expandir o necessário debate acerca dos modelos de urbanização vigentes, no caso da urbanização brasileira, e as alternativas para a inclusão da maior parcela da sociedade nos benefícios dessa urbanização. É efetivamente viável imaginar que a superação da cidade dividida se dará via mecanismos de "formalização" da cidade informal, do morro, da quebrada?

Quando se aprofunda a análise, ao tentar olhar para além da polissemia do informal e da metáfora de cidade dividida, pode-se atentar enfim que não é a informalidade urbanística e fundiária por si que divide a cidade, ainda que a cidade assim apresentada seja efetivamente partida, dividida, separada. Esse parece ser apenas o rótulo usado para diferenciar e assim justificar a divisão que se verifica também no acesso as politicas publicas, na conformidade com as normas, etc.

Retomemos aqui a ideia do paradoxo do trabalho informal que em última instância foi o reconhecimento da existência do trabalho flexível ou precário, logo informal, em largo sentido, nos países desenvolvidos. Desde então, a ILO vem lidando com a questão e efetivamente abandonando a ideia de trabalho informal e reforçando os aspectos de precariedade que estão direta e claramente associados às desigualdades de acesso a benefícios, ou em largo sentido, para fazer uma alusão a nosso tema, às desigualdades de acesso a urbanidades no mundo do trabalho, uma agenda possível de ser enfrentada.

Ao final dessa discussão, parece que existe também um paradoxo no uso do termo informal como qualificador de uma tipologia urbana. Como afinal responder ao fato de que, considerada uma ideia de informal associada exclusivamente à regularização fundiária ou urbanística dever-se-ia usar o mesmo termo para tratar de condomínios fechados de média ou alta renda, muitas vezes, áreas frutos de "invasões" de terras públicas, ou mesmo conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público? Também nesse sentido, devemos estar atentos aos termos, pois os assentamentos informais não pressupõe a existência das mesmas politicas que possam estar associadas à ideia, por exemplo, de assentamentos precários, vide todo o profícuo conhecimento relativo à urbanização de assentamentos precários existentes no Brasil.

Substantivamente, avaliamos que aquilo que efetivamente divide as cidades são as diversas desigualdades, sendo a informalidade uma forma de justificar a resiliência, a continuidade, de um processo intencional de exclusão e segregação socioespacial.

Analisadas as agendas internacionais, a retórica não poderia ser mais clara. Sob o vasto manto do que venha a ser informal, subsiste uma enorme área de expansão dos negócios urbanos em escala global e a Nova Agenda Urbana, assim como outros documentos de agências internacionais, apresenta a gramática e as diretrizes para tanto.

Referências

ARANTES, P.F.. O Ajuste urbano: as politicas do Banco Mundial e do BID para as cidades. 2006. ***In***: FAU-USP, Revista da Pós, n. 20, p. 60-75.

BALBIM, R. et al. 'Meta-Avaliação: Estudos e Proposições Metodológicas a partir da Avaliação de Políticas de Urbanização de Assentamentos Precários', 2012. ***in:*** Texto para Discussão TD 1704. Brasília: IPEA, 2012. p.65.

BALBIM, R. et al. 'Para Além do Minha Casa Minha Vida: Uma Política de Habitação de Interesse Social', 2015. ***in:*** Texto para Discussão TD 2116. Brasília: IPEA.

BALBIM, R. 'City Diplomacy: Global Agendas, Local Agreements'. 2016. ***In:*** R. Balbim (Ed.), The geopolitics of cities: old challenges, new issues (p. 123–170). IPEA.

BALBIM, R. A Nova agenda urbana e a geopolítica das cidades, 2018. ***in***: COSTA, M.A.; MAGALHÃES, M.T.Q; FAVARÃO, C.B. (orgs) A nova agenda urbana e o Brasil: insumos para sua construção e desafios a sua implementação.. Brasilia, Ipea.

BALBIM, R. 'Do Casa Verde e Amarela ao Banco Nacional da Habitação, passando pelo Minha Casa Minha Vida: Uma Avaliação da Velha Nova Política de Desenvolvimento Urbano', 2022. ***in:*** *Texto para Discussão TD 2751*. Brasília: IPEA.

BALBIM, R. O Minha Casa Minha Vida voltou. Dos tons de cinza do Casa Verde Amarela ao policromatismo das pautas identitárias, quais revisões e possibilidades a MP e suas 253 emendas anunciam? (Publicação Preliminar). Nota técnica. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Brasília, p. 24, 2023.

BALBIM, R.; KRAUSE, C. Produção social da moradia: um olhar sobre o planejamento da habitação de interesse social no Brasil. ***Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionai*s**, v. 16, n. 1, p. 189, 2014.

BALBIM, R. N.; Monteiro, R. A. Acordos Internacionais e o Direito à Cidade: Notícias do Brasil para a HABITAT III. 2015. ***In***: Souza & Miranda. (Org.). Brasil em Desenvolvimento 2015: Estado, Planejamento e Política Pública. 15ed.Brasília: Editora Ipea, v., p. 267-288.

BANGASSER, P. The ILO and the informal sector: an institutional history. Employment Paper 2000/9. Employment Sector, International Labour Organization, Geneva, Switzerland, 2000.

BOANADA-FUCHS, A.; FUCHS, V. B. Towards a taxonomic understanding of informality. (Report). ***International Development Planning Review***. [Online] v. 40, n. 4, p. 397-420, 2018.

CALDEIRA, T. Peripheral urbanization: Auto-construction, transversal logics, and politics in cities of the Global South. ***Environment and Planning D: Society and Space,*** v. 35, n. 1, p. 3-20, 2017.

CALDEIRA, P. R. ***City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo***. Berkeley: University of California Press, 2000.

CITIES ALLIANCE. Cities Without Slums 2002 Annual Report. Cities Alliance, World Bank, Washington, 2002.

DE SOTO, H. Excerpts from the Mystery of Capital. Brigham-Kanner Property Rights Conference Journal, 6, 9-72, 2017.

FERNANDES, D. M.; FIGUEIREDO, G.C. Corporate City, International Actions and the Struggle for the Right to the City: Challenges Posed to HABITAT III. In: Balbim, R. (ed), The geopolitics of the new urban agenda. Old challenges - New problems - Local agreements. IPEA, Brasilia, p. 320, 2016.

FERNANDES, E. Regularização de Assentamentos Informais: o grande desafio dos municípios, da sociedade e dos juristas brasileiros, 2006a. ***In***: Raquel Rolnik et al (org.), Regularização Fundiária de Assentamentos Informais Urbanos. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, p. 224.

FERNANDES, E. Perspectivas para a Renovação das Políticas de Legalização de Favelas no Brasil. 2006b. ***In***: Raquel Rolnik et al (org.), Regularização Fundiária de Assentamentos Informais Urbanos. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, p. 224.

FERREIRA, A.R. Os limites do reconhecimento do ocupante como sujeito da política fundiária: uma reflexão sobre os corpos que não importam, 2019. ***In***: Chiarello, F. & Pires, L.G. (coord) Novos paradigmas da regularização fundiária urbana. Estudos sobre a Lei 13465/2017. Almeida edt. São Paulo.

FERREIRA FILHO, P. S. As lógicas por trás das políticas de regularização fundiária: a alteração de paradigma pela lei 13.465/2017. ***Revista de Direito da Cidade,*** v. 10, n. 3, p. 1449-1482, 2018.

FURTADO, C. ***Formação Econômica da América Latina.*** Lia Editor, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1970.

GILBERT, A. The Return of the Slum: Does Language Matter? ***International Journal of Urban and Regional Research,*** v. 31, n.4, p. 697-713, 2007. https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2007.00754.x

HART, G. D/developments after the Meltdown.(Report). ***Antipode***, 41(s1), 2010.

HART, K. Informal Income Opportunities and Urban Employment in Ghana. ***The Journal of Modern African Studies***, v. 11, n. 1, 61-89, 1973. https://doi.org/10.1017/S0022278X00008089

HAWKINS, D. "Informality", **in**: KALTMEIER, O.; TITTOR, A.; HAWKINS, D.; ROHLAND, E. (2020). The Routledge Handbook to the Political Economy and Governance of the Americas (1st ed.). https://doi.org/10.4324/9781351138444

ILO (International Labour Organization). Employment, incomes and equality a strategy for increasing productive employment in Kenya. Report of an Inter-Agency Team Financed by The United Nations Development Programme and Organised by The International Labour Office, Geneva, 1972.

ILO (International Labour Organization). Decent Work. Report of the Director-General. International Labour Conference, 87th Session, Geneva, 1999.

ILO (International Labour Organization). Decent work and the informal economy. Report VI, International Labour Conference, 90th Session, Geneva, 2002.

ILO (International Labour Organization). The Informal Economy and Decent Work: A Policy Resource Guide Supporting Transitions to Formality. International Labour Office, Employment Policy Department, Geneva, 2013.

KOWARICK, L. Expoliación urbana, luchas sociales y ciudadanía: retazos de nuestra historia reciente. ***Estudios Sociológicos***, v. 14, n. 42, p. 729-743, 1996. Retrieved from: https://doaj.org/article/9493d2dd6e8d4891a7546260207f8f34

LEWIS, D. "Big D" and "little d": two types of twenty-first century development? ***Third World Quarterly***, v. 40, n. 11, p. 1957-1975, 2019. https://doi.org/10.1080/01436597.2019.1630270

Maricato, E. Dimensões da tragédia urbana, 2002. ***In***: ComCiência, São Paulo – SBPC, v.29, p.18.

MCIDADES. Programa Habitar – Brasil/BID Regulamento Operacional. Secretaria Nacional de Habitacao, Ministerio das Cidades. Brasilia, 2004.

SANTOS, M. L'Espace Partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés. Éditions M.- TH. Génin Librairies Techniques, 1975. Éditions M.-TH. Génin Librairies Techniques. Paris-France, 1975.

SANTOS, M. Spatial Dialectics: The Two Circuits of Urban Economy in Undeveloped Countries. ***Antipode***, V. 17, Issue 2-3, p. 127-135, 1985.

SANTOS, M. ***Metrópole corporativa e fragmentada. O caso de São Paulo*.** Nobel, São Paulo, 1990.

SANTOS, M. ***A natureza do espaço:*** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

TIERNO, R. A Incidência da Lei Federal nº 13465/17 no Processo de Revisão dos Planos Diretores, 2019. ***In***: Chiarello, F. & Pires, L.G. (coord) Novos paradigmas da regularizacao fundiaria urbana. Estudos sobre a Lei 13465/2017. Almeida edt. Sao Paulo.

UN-HABITAT. The Vancouver Action Plan, 1976. ***In***: https://unhabitat.org/history-mandate-role-in-the-un-system

UN-HABITAT. Report of the United Nations Conference on Human Settlements (HABITAT II). Instambul, 1996. Retrieved from: https://www.un.org/ruleoflaw/wp-content/uploads/2015/10/istanbul-declaration.pdf

UN-HABITAT. New Urban Agenda. Report of the United Nations Conference on Human Settlements (HABITAT III). Quito, Equador, 2016.

VALENÇA, M.M.; BONATES, M.F. The trajectory of social housing policy in Brazil: From the National Housing Bank to the Ministry of the Cities, 2010. ***In***: Habitat International, v. 34, p. 165-173.

WORLD BANK. Housing: enabling markets to work. World Bank Policy Paper, 1180, Washington, 1993.

The more things change, the more they stay the same: Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brazil, 1965-2022[1]

Quanto maior a mudança, maior a estagnação: Pontezinha e Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brasil, 1965-2022

Cuanto mayor es el cambio, mayor es el estancamiento: Pontezinha y Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brasil, 1965-2022

Janice Perlman[2]

Abstract

PERLMAN, J. The more things change, the more they stay the same: Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brazil, 1965-2022. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 35-68, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art2

In 1965, I spent two months in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, two small towns on the periphery of the Recife. I was part of the Cornell-Brazil Project, a group of American and Brazilian students interested in development in Brazil's Northeast. Nearly six decades later, I returned as a Visiting Fulbright researcher in cooperation with Joaquim Nabuco Foundation (Ministry of Education) where I developed the fieldwork, to learn what had transpired and search for people who were there at that time. This article is based on a fieldwork I conducted in these communities from mid-September to mid-December, 2022. I am particularly interested in how these peri-urban settlements were affected by macro events including their incorporation into the Recife Metropolitan Region in 1973; the end of Brazil's military dictatorship in 1985; and the economic boom of the nearby Suape Port and Industrial Complex, starting in 2007. Did these and other changes at the local and national level result in greater inclusion and opportunity for socio-economic mobility? This exploratory study indicates that although education and healthcare; consumer goods and home construction materials improved, local incomes stagnated. good jobs remained out of reach, and social relations still bear the legacy of slavery. Environmental degradation, densification, erosion of community solidarity

1 I would like to thank Dr. Alexandrina Sobreira de Moura, my counterpart at Fundaj who was the Coordinator of the Agreement between Fundaj and Fulbright, for her professional and personal support, and her commitment to the success of this project. I am grateful to Paulo Moraes, my research associate, whose help in the field research, and in preparing this article was essential to the success of the project. His colleague, Roberto Lima, accompanied me to the field in certain time. Special thanks to Célio Malaquias and Aldemir Ferreira, the drivers who became interested in this research and helped me interpret the site visits and sometimes joined in the interviews. From Fundaj, Dr. Socorro Araujo who compiled statistical data on the territory, and Dr. Catia Lubambo who kept up with the cultural events in Recife. Most of all, my deepest appreciation for the many residents of Pontezinha and Ponte dos Carvalhos who gave generously of their time and shared their wisdom.

2 Cornell BA in Anthropology and MIT PhD in Political Science and Urban Studies. She was tenured Professor at UC Berkeley; and is now a Senior Research Scholar at Columbia. E-mail: janice.perlman@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4636-3291

and increased fear of crime and violence all came up as reducing the quality of life. The lack of significant benefits reveal how difficult social change is within a context of structural inequality.

Keywords: Longitudinal research. socio-economic mobility. Structural inequality. Peri--urban settlements. Pontezinha and Ponte dos Carvalhos. Public policy.

Resumo

PERLMAN, J. Quanto maior a mudança, maior a estagnação: Pontezinha e Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brasil, 1965-2022. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 35-68, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art2

Em 1965, passei dois meses em Pontezinha e Ponte dos Carvalhos, duas pequenas cidades da periferia do Recife. Fiz parte do Projeto Cornell-Brasil, um grupo de estudantes americanos e brasileiros interessados no desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Quase seis décadas depois, voltei como Pesquisadora visitante da Fulbright em cooperação com a Fundação Joaquim Nabuco (Ministério da Educação) onde desenvolvi o trabalho de campo, para saber o que havia acontecido e buscar pessoas que estavam lá naquele momento. Este artigo é baseado em um trabalho de campo que realizei nessas comunidades entre setembro e dezembro de 2022. Estou particularmente interessada em como esses assentamentos periurbanos foram afetados por macroeventos, incluindo sua incorporação à Região Metropolitana do Recife, em 1973; o fim da ditadura militar brasileira, em 1985; e o *boom* econômico do vizinho Complexo Industrial e Portuário de Suape, a partir de 2007. Será que essas e outras mudanças em nível local e nacional resultaram em maior inclusão e oportunidade de mobilidade socioeconômica? Este estudo exploratório indica que, embora, educação e saúde, bens de consumo e materiais de construção melhoraram, a renda local estagnou. Bons empregos permaneceram fora de alcance e as relações sociais ainda carregam o legado da escravidão. A degradação ambiental, o adensamento, a erosão da solidariedade comunitária e o aumento do medo do crime e da violência surgiram como fatores que reduzem a qualidade de vida. A falta de benefícios significativos revela como é difícil a mudança social em um contexto de desigualdade estrutural.

Palavras-chave: Pesquisa longitudinal. mobilidade socioeconômica. Desigualdade estrutural. Assentamentos periurbanos. Pontezinha e Ponte dos Carvalhos. Políticas públicas.

Resumen

PERLMAN, J. Cuanto mayor es el cambio, mayor es el estancamiento: Pontezinha y Ponte dos Carvalhos, Pernambuco, Brasil, 1965-2022. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 35-68, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art2

En 1965, pasé dos meses en Pontezinha y Ponte dos Carvalhos, dos pequeñas ciudades de la periferia de Recife. Hice parte del Projecto Cornell-Brasil, un grupo

de estudiantes americanos y brasileños interesados en el desenvolvimiento del Nosdeste brasileño. Casi seis décadas después, volvi como Investigadora visitante de la Fullbright en cooperación con la Fundación Joaquim Nabuco (Ministério de Educación) donde desenvolví el trabajo de campo, para saber lo que habia sucedido y buscar personas que estaban allá en aquel momento. Este artículo esta basado en un trabajo de campo que realizé en estas comunidades entre Septiembre y Diciembre de 2002. Estoy particularmente interesada en como estos asentamientos periurbanos fueron afectados por macroeventos, incluyendo su incorporación al Región Metropolitana de Recife, en 1973; el fin de la dictadura militar brasileña, en 1985; y el *boom* económico del vecino Complejo Industrial y Portuário de Suape, a partir de 2007. ¿Será que estas y otras mudanzas en nivel local y nacional resultaron en mayor inclusión y oportunidad de mobilidad socioeconómica? Este estudio exploratório indica que, a pesar que, educación y salud, bienes de consumo y materiales de construcción mejoraron, la rienda local estancó. Buenos empleos permanecieron fuera de alcanze y las relaciones sociales aún cargan el legado de la esclavitud. La degradación ambiental, la consolidación, la eroción de la solidaridad comunitária y el aumento del miedo del crimen y de la violencia surgieron como factores que reducen la calidad de vida. La falta de beneficios significativos revela como es difícil el cambio social en un contexto de desigualdad estructural.

Palabras Clave: Búsqueda longitudinal. Mobilidad socioeconómica. Desigualdad estructural. Asentamientos periurbanos. Pontezinha y Ponte dos Carvalhos. Políticas públicas.

Data de submissão: 24/05/2023
Data de aceite: 21/06/2023

Pontezinha and Ponte dos Carvalhos are rural industrial slums…
they are not communities, but ***human trash heaps.***
Charles Akerman, The Cornell Brazil Project 1966[3]

The factory functioned for a century in our beloved Pontezinha,
but it brought horrific tragedies that killed many workers.
Maria José, October, 2022[4]

1. Introduction

Having spent my professional life arguing against such derogatory discrimination of favelas, I was shocked and saddened to see the same de-humanizing description about "beloved Pontezinha and Ponte dos Carvalhos." I have not found any evidence in either Recife or Rio to justify such attitudes, which are especially pernicious insofar as they justify pernicious and punitive public policies.

3 Quote from Sociology Professor Charles Akerman, who participated in the Cornell Brazil Project in 1966. Published by CIDOC, Cuernavaca. Mexico, 1968.
4 Interview with author.

2. The Backstory: 1965-2022

On my 22nd birthday I found myself living in Pontezinha, a town of 3,000 people on the peripheries of Recife, the state capital of Pernambuco in Brazil's Northeast. Recife is the fourth largest urban area in Brazil. I was there as part of the Cornell Brazil Project. We were 30 students, 15 Brazilians and 15 Americans, drawn by the idealistic hope had been to collectively imagine an authentic Brazilian development model, neither capitalist or communist, at a time when the national government was in limbo (between presidential and parliamentary systems) and social movements were stirring around the country. The project was planned for1964. The military coup was on April 1st.

Our project was postponed until the following year, when a major national industrialization program in that region was threatening the livelihoods of local fishermen and their families.

Fast forward to September 2022. I am back in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, to investigate changes and continuities after 57 years. This rare opportunity for a longitudinal perspective was made possible thanks to a Fulbright Distinguished Professorship Award hosted by the Joaquim Nabuco Foundation, Fundaj, in Recife. [5]

Meeting the people who remembered that earlier time and learning about what had happened in their communities was heartwarming …but many of their messages were disheartening.

During those many decades the two villages had been incorporated into the Recife Metropolitan Region (1973); Brazil's military dictatorship had come to an end (1985); a new constitution had been passed (1988); the Statute of the City had created a legal framework for urban rights (2001); and Suape, – considered the "*jewel of the economy of Pernambuco*[6]" – had generated an economic boom (starting in 2007). Suape included shipbuilding; automobile plants and 136 related industries. I imagined that the culmination of all these changes had opened new opportunities for Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, at least for some of their residents.

As I listened to people's stories, walked around with them, attended events and conducted individual and group interviews, I was asking about these macro events on the micro reality of daily life. These communities exemplify an intermediary position on the *folk-urban continuum*[7], neither cities nor rural settlements. Although there is robust literature on both city and countryside, there is little I could find related to this *in-between* scale.

5 The research for this article was conducted from mid-September to early December 2022

6 *https://www.brazilianchamber.org.uk/sites/brazilianchamber.org.uk/files/webform/civicrm/files/Suape%20-%20Resumo%20em%20Ingles* or the *"crown jewel of Brazil's northeastern seaports"* https://grandesconstrucoes.com.br/Conteudo/Exibir/suape--crown-jewel-of-brazils-northeastern-seaports.

7 For more on Robert Redfield's concept of folk-urban continuum, see http://scihi.org/robert-redfield-folk-urban-continuum/

3. 1962 – 1965: the genesis of the Cornell-Brazil Project

The idea for a joint dialogue among American and Brazilian student activists resulted from a chain of events, starting my freshmen year at Cornell with calls for auditions for a "Latin American Theater Tour." In the summer of 1962, we travelled around Latin America presenting a revue called, "How to Grow a Musical."

This was part of a cultural exchange strategy, sponsored by the American National Theater Association, which had started sending students instead of famous figures like Miles Davis. A Cold War initiative to "win hearts and minds" via soft diplomacy. We spent half of our time in Brazil, presenting our show at federal universities across the country[8].

Talking with students after our performances, we learned that Brazil's President, Janio Quadros, had renounced his position and sailed for Europe, hoping to be called back with expanded political powers. Failing that, the line of succession was thrown into chaos because Vice President Joao Goulart was seen as too left leaning. Indeed, the powers prevailed in changing over to a Parliamentary system with power in the hands of a Prime Minister and Goulart as figurehead President.

Meanwhile, at the local level, Francisco Juliao was organizing The Peasant leagues; Miguel Arraes, a populist leftist was governor of the State of Pernambuco; Leonel Brizola, in Rio Grande do Sul, was promoting labor unionizing and income redistribution (he even expropriated of a US owned electrical utility); and Paulo Freire (1970) had demonstrated his literacy method by teaching 300 sugarcane workers to read and write in 45 days. "Each one, teach one" was a call to all literate citizens to do their part. [9]

Campus discussions called for a totally new form of governance, a uniquely Brazilian development model that was neither Capitalist nor Communist. Student activists were debating structural reforms and contact with "o povo" – especially the rural poor. people. I asked where the povo was and they said "in the interior" – meaning the poor rural areas of the country.

The next summer, thinking about these discussions with the students, I went to the 'interior' of Bahia on an undergraduate field studies program in anthropology to live in a fishing village and learn about life of the rural poor. Instead of demands for land reform or structural change, as the students had predicted, I found the fishing and agricultural villages so isolated that they didn't even know what year it was, much less what political crisis was unfolding at the national level.

I thought how eye-opening it would be for Brazilian and American students to be immersed in the Northeast so the reality could replace their ideological projections. In that context, they could continue the discussion of an authentic Brazilian development model.

That was the beginning of the Cornell Brazil Project.I persuaded my Brazilian history Professor, Richard Graham and the director of Cornell United Religious Work, Bill Rogers to work on the project with me. I raised the first contribution by going to the

8 In light of the Brazilian political vacuum and the threat posed by the Cuban revolution, President Kennedy saw Brazil as the highest priority.

9 Pedagogy of the Oppressed was published in 1970.

office of David Rockefeller, without any appointment and convincing his secretary to let me speak to him. He gave Cornell a grant for $40,000 to get the project off the ground.

On April 1, 1964, the Military Coup occurred - obliterating democracy in Brazil for the following 21 years[10]. This changed every aspect of Brazilian life, including making subversive for students like us to congregate. Social sciences were banned from universities and government spies came into classrooms to be sure the professors were not spreading leftist ideas. (a few years later, when I was at the University of Brasilia, the military ransacked the campus library and burned all books with red covers!). But that's another story. Our project was postponed to 1965.

4. Focus on the Northeast

The Northeast is encapsulated in this quote by Josué de Castro[11]

> The Brazilian Northeast …once had one of the few really fertile tropical soils. It had a climate favorable to agriculture, an it was originally covered with a forest growth extremely rich in fruit trees. Today, the all-absorbing, self destructive sugar industry has stripped all the available land and covers it completely with sugar cane. As a result, this is one of the starvation areas of the continent. The failures to grow fruits, greens, and vegetables, or to raise cattle in the region, has created an extremely difficult food problem in an area where diversified farming could produce an infinite variety of foods.

Our project location was selected by Professor Richard Graham, who was travelling on sabbatical in Brazil the year before. He had narrowed down the choice to the Northeast, and to Pernambuco which was being targeted by national policy to spur economic development by attracting industries to the region. The highway between Recife and Cabo had become a minor industrial strip amid huge, antiquated sugar cane plantations interspersed with small towns. The two largest towns in this area were Pontezinha with 3000 people and Ponte dos Carvalhos with 5000. They became the project sites. I believe that Cornell United Religious work had contact with the progressive liberation theology movement and had likely heard of the local priest, who Father Geraldo.

Pontezinha and Ponte dos Carvalhos are situated in the municipality of Cabo de Santo Agostinho (Cape Saint Augustine is referred to as Cabo, the Cape), the second largest municipality in the state. It is only 20.5 miles south of Recife, but at that time, it seemed an eternity away. For example, when we arrived in Recife, we did not go directly there. We spent a few nights acclimating in a kind of hostel, called Vila Nobrega, before renting a few kombi busses and going out there.

10 It seems this had been in the making for years. Apparently, the Latin American desk of the US State Dept. had been training and financing the Brazilian military operations.

11 *Geography of Hunger*, 1952

Before colonization, the area was inhabited by the Caeté Indians. A Spanish ship had briefly docked there in 1500, just before Pedro Alves Cabral famously discovered Brazil, but actual settlement began in 1536[12]. It took some 350 years for the little town of Cape St Augustine to become recognized as a municipality. From 1570 on Cabo's economy was based on sugarcane monoculture, cultivated by slaves. Engenho Velho is the oldest sugar cane plantation in the region. Later, as sugarcane became the country's major source of riches, the Cape turned into the economic powerhouse of the country.

The population growth of Pontezinha and Ponte dos Carvalhos began in the 1960s with the beginning of a few industries in the area. According to my notes from 1965, the factories there at the time included a distillery making alcohol from sugar cane, a Brama Beer factory (which outsourced the production of bottle caps to smaller enterprises, Willey's Motor Co. and a non-registered gunpowder factory. [13]

Pontezinha's population, when I was there, was about 3,000, and there were approximately 5 people/household. Father Geraldo's church was a focus of community activity and according to a little survey, 60% of the population said they were Catholic. There were four Evangelical churches, and they were growing – although only 30% of residents said they were evangelical. Ponte dos Carvalhos was, and still is larger. It has more developed commerce and a transportation hub. At the time it had 5,000 residents, with about the same number of people per household. Padre Geraldo was also active there – they counted 9 Catholic churches and 50% of the population identified as Catholic. Evangelicals had 6 churches and 40% of the population.

I lived in Pontezinha and do not have as detailed notes on Ponte dos Carvalhos, but it was always the more important place of the two.

The CIDOC report characterizes the villages in 1966 as having: "serious poverty, widespread unemployment, lack of social cohesion, critically high birth rates and infant mortality rates and a disproportionately high percentage of residents under fifteen."[14] My experience there in 1965 indeed found poverty and unemployment but no lack of social cohesion. In fact, I found trust was high and there was an active civil society. Pontezinha, for example, had an active elected Residents Association, four athletic clubs; and a samba school.

5. Our Arrival and Activities

Our bedraggled group of students arrived at the Recife airport with Professor Graham, Bill Rogers, his wife June and their son. We were met by Padre Geraldo, who

12 The landmark volcanic rock formation at the Eastern tip of the Cape was the first piece of land viewed by the Spanish navigator Vicente Yáñez Pinzón, and he landed there in January 26, 1500, three months before Pedro Álvares Cabral arrived on the Brazilian coast.

13 Unbelievably I had saved handwritten notes, typewritten reports, and a few precious slides of the Cornell Project over all these years, and at least 8 moves. I took the notebooks with me when I went to MIT to do a PhD; I found a safe place to store them while living in Rio's favelas; I took them with me when I went to teach at UC Santa Cruz and then ag UC Berkeley in 1973. They somehow made the cut when I moved to NYU in Greenwich Village; they lived in my parent's basement in Roslyn; then came to in Nyack, NY. I found them in when packing to return to Recife!

14 Cidoc publication

stayed over with us at the Youth Hostel, Vila Nobrega. We then piled into kombis and were taken to Pontezinha and Ponte dos Carvalhos where we met our Brazilian counterparts who had arrived a few days earlier.

Figures 1 and 2: Group arrival in Recife, 1965 (1);
Bill Rogers and family with Prof. Graham (2)





Source: Taken by the author, 1965.

Figures 3 and 4: Padre Geraldo greeting us at the airport (3);
Rubens Bueno, Director of UCEB(4)





Source: Taken by the author, 1965.

In each place we were warmly welcomed into the community, undoubtedly due to advance praise by Pe Geraldo. Unoccupied houses had been fixed up for us, with sleeping mats on the floor and an outdoor area to cook and wash. The houses were made of wattle and daub.

They had palm thatched roofs, which needed replacing periodically. I remember waking up one morning and wondering why I couldn't open my right eye. Everyone was laughing. A frog had fallen from the roof right onto my face.

Figures 5 and 6: Group walking between towns (5);
Bridge between Pontezinha and Ponte dos Carvalhos (6)




Source: Taken by the author, 1965.

Our on-the-ground activity with the community was constructing a schoolhouse using this wattle and daub technique. Wattle refers to the woven lattice of wooden strips and daub is a mixture of wet soil, clay, sand, and straw that is packed into the spaces[15].

We developed this joint project to contribute directly to the communities and to deflect suspicion from government inspectors who would wonder why American and Brazilian students would be living in these villages. We told them we were part of the "Alliance for Progress" an American aid program[16]. When we got word that the inspectors were coming, we would bury our books under the floorboards and rush over to the construction site[17].

Figures 7 and 8: Group working on adobe (7); Janice working on the wall (8)




Source: Taken by the author, 1965.

15 This is a building technique used all over the world, going back 6,000 years. Some famous old buildings are made this way.

16 Kennedy created the Agency for International Development and the Alliance for Progress in 1961, which lent $20 billion to Latin American nations to "promote democracy and undertake meaningful social reforms".

17 It might be noted that 1) the Brazilian students were opposed to the school building project and 2) that our discussions about an ideal social contract and structural reform were of no interest to community residents.

Figure 9: Bill Rogers inspecting our progress



Source: Taken by the author, 1965.

6. The Way Things Were

The degree of deprivation of those trying to survive on the surrounding sugar plantations is encapsulated in this quote.

> "My mother came from a very poor childhood. Her parents, my grandparents had 16 children. Her father was a tractor driver on a sugar cane plantation.
>
> My mother told me, that one day, when she was about 8 years old, she felt like she was starving and she couldn't stand it anymore. She was walking on the road in the sugarcane plantation, Usina Bom Jesus, when she saw the plantation owner's shiny Mercedes Benz, coming towards her His wife was sitting in the back seat. She went out into the middle of the dirt road and stood in front of the huge car. When it stopped the woman asked what was this all about.
>
> My Mom said she was terribly hungry and wanted to leave her home, because there was nothing to eat. The woman told her to get into the car and went to ask her mother, my grandmother, if she would allow her daughter to live with her in the 'Casa Grande', to help in the kitchen. My grandmother who was having a terrible time trying to feed sixteen little ones, was happy to agree.

The rest of this story shows the pathway out of the seemingly dead-end for girls like her:

> Once there, the housekeeper taught my Mother how to cook and clean, but not how to read. My mother realized that she wouldn't want me and her other children to repeat living in poverty – and she decided that all of us would study and learn to read. She even told us that women should learn to drive. She said "a woman's first husband should be a job. " She said, ' since the world is not fair, women have to be even more prepared than men. (Told by Ednalva Gomes, Pontezinha, October 25, 2022)[18]

7. The Priest, The Fishermen, and The Archbishop

What I remember most vividly about our time in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos is the local parish priest and struggle of the local fishermen to survive.

Father Geraldo (Geraldo Leite Bastos) came to serve these communities in 1961 as a newly ordained priest committed to working with and among the people, so that each person could grow and flourish in community.

Figures 10 and 11: Our group working with Padre Geraldo and community at his Chapel of Santo Antonio (10, 11)





Source: Taken by the author, 1965.

He had already adopted a ministry of poverty and social justice a year before Vatican II and four years before Brazil's military coup when liberation theology became a rallying cry. He began immediately to involve residents in building a school and a chapel; in discussing their thoughts and ideas; and in artistic expression of all types. He started adult literacy programs, vocational training courses, and later a cooperative and a community center.

18 My grandfather, her father, remained convinced that women shouldn't learn to read or write – so they don't exchange letters with boyfriends. I remember one day he saw me reading it and said it was getting too dangerous. He was able to buy land and build a house for our family in the city. He worked as a shopkeeper at the Mill's 'Barracão, the gunpowder factory's company store. All the workers and their families were' where forced to buy their staple groceries there, using chits the factory gave them in lieu of cash. At the end of the month there was nothing left – and the family was in debt- because everything earned went to pay the company store (Barracão) bill".

Padre Geraldo used his talent as a painter, sculptor and architect to put into practice his equalitarian stance. He designed the little chapel of Santo Antonio in Pontezinha and the grand modern-looking church in Ponte dos Carvalhos in circular rather than hierarchical layout so that function would follow form. The preacher stands in the middle of the congregation—not on a raised platform. His services always had live music, often guitar playing, as well as singing and dancing. And he painted a huge mural on the back wall of the church that showed the faces of the local church members as radiantly divine.

However, Geraldo did not limit his Pastoral work to the 4 walls of the Church, it went way beyond that. Geraldo's care was for everyone, regardless of creed, origin, or political statement. In the presentation of the play "Nação do Divino" (1970), Dom Helder Camara would write about the Parish of Ponte community as: "in Ponte dos Carvalhos, worship is a consequence of the life of the poor population, in an attempt to share bread and time in the fraternal community, in the care of one another, in the struggle for survival..." (CAMARA, 1970).

In 1970, a large flood destroyed many houses in the region. Dona Madalena, parishioner of Ponte, once confided to me that "in the middle of the night, Father Geraldo left his warm bed, and suddenly he was seen climbing through the rubble to help us". In partnership with the Archdiocese of Olinda and Recife, he helped build countless houses, which were then handed over to those who had been left homeless. Prostitutes, for example, were hit hard. Geraldo didn't think twice: he sheltered them in the Church, while their little houses were rebuilt. None of this caused astonishment in the parish community, since, like the first Christians, it had learned to put everything in common for the good of all.

In Escada, a neighbor city, the reports are also numerous. The parish house, for example, was next to the city police station. When new prisoners arrived and they were subjected to torture sessions, they did not hesitate to shout for Padre Geraldo. Geraldo didn't think twice: he ran to the police station and immediately stopped the torture of those men (FONSECA, 2000).

Figures 12 and 13: Chapel showing exterior, 1965 (12); Chapel interior, 2022 at Mass celebrating 75 years (13)[19]





Source: Taken by the author.

19 Santo Antônio da Barra Chapel, in Pontezinha (left outside, and the altar on right). The facade has since been covered with a galpão which destroyed its beauty.

When our group arrived in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos we found a horrific crisis unfolding. We saw baby-sized coffins being carried out to the road. We soon found out why. A recently-opened U$33,000,000 synthetic rubber plant – Coperbo, was dumping its untreated toxic waste in the Pirapama River killing the fish and crabs which were the livelihood of the community; and polluting the water they used for drinking, bathing and washing clothes. The effluent seeped into the Jaboatão River, which flowed between Pontezinha and Ponte dos Carvalhos.

Coperbo was a $33 million dollars projects of Sudene - The Superintendency for the Development of the Northeast, with backing by USAID. Celso Furtado, the progressive development economist[20] was its President [from its founding in 1959 thru 1964. His plan was that job creation in the region would raise salaries, stimulate the economy, and help resuscitate the ailing sugar industry by creating a new market[21].

That was excellent in theory, but the factories did not create jobs for locals. Instead they brought their own workers from Sao Paulo and failed to offer training to local workers to equip them for the jobs. Furthermore, they located on a river convenient for dumping their industrial waste, but that river provided subsistence for about 900 fishermen.

These fishermen were poor, had large families and were unable to get other work because of illiteracy (a barrier to most industrial jobs), age (some factories allegedly would not hire men over 35), lack of access to farming land, and scarcity of job opportunities of any kind.

By this time, the world-famous Dom Helder de Camera had become Archbishop of Recife and Olinda – and was actively supporting Padre Geraldo and the fisherman. At a meeting with the fishermen, they decided to set up a meeting at Sudene headquarters in Recife and bring a delegation of fisherman and some of us.

Dom Helder presided over the meeting with Sudene leaders, Coperbo managers and engineers and local government. The fishermen and the plant managers confronted one another face to face. The managers said they thought the problem could perhaps be solved in a year and a half. The fishermen stood up and said, "we cannot wait – by then we will all be dead". Dom Helder stood by the fishermen.

A commission composed of made up of the plant managers and fishermen failed to come to any agreement. Coperbo was about to expand to full-scale operations, dump ingas much as 70,000 liters of toxic waste per day into the river, enough to end all fish and plant life in its waters.

When the fishermens' urgent requested for permission to march to Coperbo was turned down, Dom Helder requested – and received – permission to conduct a religious procession from Ponte dos Carvalhos to the Coperbo plant. The archbishop's

20 Among the major works he had published by 1964 were: *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. [RJ, Imprensa Nacional, 1959]; *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*.[RJ, Fundo de Cultura, 1961]; *Subdesenvolvimento e Estado democrático*. [Recife, Condepe, 1962]; *A pré-revolução brasileira*. [RJ, Fundo de Cultura, 1962]; and *Dialética do desenvolvimento,[* RJ, Fundo de Cultura, 1964].

21 Synthetic rubber is made of sugar cane. Coperbo would buy sugar alcohol from plantations covering the entire eastern portion of the state of Pernambuco and its neighboring states. Thus, not only would the sugar plantations of the coastal areas be provided a new and stable market at a time when world sugar prices were falling, but they would also be strengthened in their almost total control of the arable lands of the coast and in their domination of an almost feudal social order outside the major cities of the area.

expression of religious concern with saving lives could not be ignored. He acted in the lineage of non-violent activity of the Reverend Dr. Martin Luther King and the southern Christian Leadership Conference.

The procession took place in August 1965 while our group was still there. It was only hours before the expanded operations of Coperbo were set to begin. The Diário de Pernambuco reported some 2000 fishermen, wives and children marched in an ecumenical procession, following a cross draped with a fishermen net. Some carried fish in their hands – symbolizing both their livelihood and Jesus Christ. A few carried placards with religious quotations: "*Blessed are they who seek after justice and righteousness", "The river is our bread", and "Give us this day our daily bread*".

At the gates of the plant one of the fishermen made a speech, Padre Geraldo made a passionate appeal and Archbishop Dom Helder urged faith and restraint, extolling the moral force of non-violence.

Coperbo, having scrapped previous plans to neutralize their wastes before dumping them in the river, as too costly, responded by promising to make provision to neutralize its waste before dumping it into the river.

Our student project drew to a close at the end of August.

The question remained whether 1000 fishermen fighting for their livelihood with the support of the Catholic church, would succeed – in the time of the dictatorship – against the interests of a rubber plant with ties to the Brazilian government, the United States and the plantation owners.

In terms of 1965 Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, the 1964 military coup had pre-empted the entire discussion of desirable alternative political economic systems. The debates about revolution versus evolution and about strategies to "deepen the contradiction" in order to create dissent or to ameliorate immediate suffering to strengthen future struggles; and discussion of whether revolutions are made by those most downtrodden or those on the way up – became moot points.

That is why, in 1965, we ended up building the school – which met an immediate need and was something concrete we could do while there. But also why supporting the fishermen's struggle against the rubber factory gave purpose to our presence. And we saw the way the local priest – Padre Geraldo and archbishop Helder de Camera put themselves and the church on the line to support the cause of justice.

8. Still hoping after all those years

I had never forgotten the people I met in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos. There had been no way to keep in touch, and I always wondered whether they were still there and what had happened to them over nearly six decades.

Fortuitously, the opportunity to do this arose in 2019 when Fulbright announced a new Distinguished Senior Fellow Award to be hosted by Fundaj, the renowned Fundacao Joaquim Nabuco in Recife. I submitted a proposal to re-visit Pontezinha and Ponte dos Carvalhos and take a longitudinal look at what had transpired over this time.

I arrived in Recife on Monday, March 9th, 2020 to begin the first 2-months of the four-month study[22]. Ten days later, before I had been able to organize a visit to the study sites, Covid had hit Brazil and airports were closing to international travel. I got the last flight out – to NY via Panamá City.

Not until September 2022 was I able to re-start the study. By then, the Federal Government of Brazil had suffered severe budget cuts and there were no longer funds for interns at Federal University of Pernambuco. My study, which had an extremely demanding timeline was cut in half and the research help was no longer available. However, my first two weeks were counted by Fulbright as two months of research time. So I only had two months to complete the full 4-month workplan, according to the Agreement between Fulbright and Joaquim Nabuco Foundation.

9. The Study Plan

My proposal title turned out to be based on false premises.

The reasons for the study were valid – *I wanted to understand how urban expansion affects people as their peripheral communities become incorporated into the metropolis and to explore policy approaches to inclusion of marginalized groups.* I saw this study as a unique chance to take a longitudinal look at what has transpired over nearly 6 decades; fill the knowledge gap about communities on the mid-point in the folk-urban continuum[23]; and provide the basis for public policy.

My 4-month study plan was tight but feasible. It included a month to gain entrée into these communities, find people who remembered the time when I was there, and see whether they would be willing to be interviewed. For such an exploratory investigation, I chose an ethnographic approach based upon on-site observation and semi-structured interviews.

Due to the curtailed time frame, I was unable to interview as many community residents as I had hoped. Due to cutbacks at Fundaj, they were unable to schedule my planned talk, workshop, and stakeholder meeting where I might have gotten feedback on preliminary findings. Due to cuts at UFPE, the three student interns I had met in my initial 2-week trip in 2020 could not be replaced.

That disclaimer notwithstanding, every day I was in the field I learned new things. The people I was able to meet were articulate, thoughtful, warm and generous with their time. I ran out of time to follow up all the leads we got. Some take over a month to reach and need several meetings to tell their stories. Without a doubt this topic is worth pursuing. The questions it has raised are greater than the questions than it has answered, which is the sign of a promising preliminary study. The timing is critical. The people who carry the history and can make the comparison from then to now, will not be around forever.

22 My counterpart, Professor Alexandrina Sobreira de Moura, from Joaquim Nabuco Foundation, had arranged for a smooth efficient start: she had designated office space for me; selected three highly qualified student interns - from the Federal University of Pernambuco - who were interested in my topic; and arranged for me to give an introductory lecture on my work.

23 Robert Redfield, the renowned University of Chicago anthropologist. For more on Robert Redfield's concept of folk-urban continuum, see http://scihi.org/robert-redfield-folk-urban-continuum/

Figure 14: Pontezinha



Source: Taken by the author, 2022.

Figure 15: Ponte dos Carvalhos



Source: Taken by the author, 2022.

10. Misguided Project Title, Overambitious Research Questions

The original title of this work was: *"50 years of transformation in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos: from subsistence fishing villages to part of a thriving municipality in Metro Recife"*.

The title itself was incorrect. First, Pontezinha and Ponte dos Carvalhos were not subsistence fishing villages. In my memory, the plight of the fishermen loomed large, so only when I got to these places did I learn that most people earned a living in small factories, trades, services and local commerce – as well as activities related to sugar cane.

Secondly, the villages did not become part of any thriving municipality. From what I had read about the territorial expansion of Metropolitan Recife, its economic growth from tourism and the SUAPE port, I expected – or at least hoped – to find life opportunities much improved, showing perhaps that the proverbial 'rising tide' had lifted all boats.

I had read that: "*Urbanization, industrialization and tourism have transformed the political economy in these communities, dramatically changing the social, cultural, and spatial context.*

My idea was then to find out how these trends have affected Pontezinha and Ponte dos Carvalhos. But the literature I found referred to the municipality of Cabo[24] and was not relevant for Pontezinha and Ponte dos Carvalhos.

The research questions were worthy but overly ambitious for a 2-month – or even a 4-month project. I had wanted to find out:

1. How were Pontezinha and Ponte dos Carvalhos and their residents transformed in the past 50 years, since 1965 when I was first there?
2. Are the original residents and/or their descendants among the urban poor living in informal communities? Or has the port and transportation hub development and the tourist industry offered them, their children/grandchildren/great grandchildren access to upward mobility?
   - Given the likelihood that some of these descendants have benefited and some not, what are the explanatory variables for the difference?
   - What endogenous and exogenous factors have played a role in these outcomes?
3. How have public policies helped or hindered the inclusion of these early residents and their descendants in the area?
4. Are there any civil society initiatives or urban social movements advocating for fair play, social justice or citizen's rights? How are community members being involved? Are any innovative solutions being discussed or tested?
5. What are the leaders and residents of informal communities – especially the youth – doing to
assert their culture and identity, defend their rights and expand their access to opportunity?
6. In the broader context, how did macro political and economic changes in the country, state and city impact the people in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos?
7. From the residents' viewpoint, what improved, what stayed the same and what got worse? Why?

To answer these questions definitively would require a rigorous, well-funded study with institutional support, research assistants and at least a year in the field.

24 One study reports that rapid urbanization and industrialization in Cabo has significantly changed land use, livelihoods and culture, with devastating environmental consequences.. Public and private investments in the municipality and its incorporation into Metro Recife coupled with inadequate planning and lack of community participation despoiled coastal ecosystems, reducing or eliminating plant and animal habitats, polluting the water and compromising the aesthetic beauty of the natural and built environment (GEHLEN, 2011).

However, the rich qualitative data we collected revealed insights and understandings that contradicts prevailing notions in the literature and paves the way for further research.

11. Return in 2022 - re-connecting after so many years

11.1. Serendipity opens doors – A Random Connection, a lucky break

From the moment I proposed this research project I knew that the greatest challenge would be finding an entrée into the communities where I didn't know anyone. There was no way I could just arrive and start talking to people, especially in a place where everyone knew everyone else and strangers did not just pass through accidently. I had anticipated it would not be easy. Unlike my Rio favela research, I did not have names and addresses of the people I met in 1965. I was concerned because when I started my Fulbright Fundaj in March 2020 – for the two weeks before we evacuated due to Covid - I was unable to find anyone who had any connections there.

Two years later, when Fulbright resumed operation, my entrée came from a most unexpected source – the owner of the apartment I rented. Her mother's beloved manicurist, Rosana, was born and raised there and still lived there.

Her cousin, David Everson, the caretaker of the Chapel Santo Antonio that Padre Geraldo built with the community, has spent years recovering the oral, written and photographic history of Pontezinha and Ponte dos Carvalhos. He has written – and self-published three books on the topic. The main one, undated, is titled: Cruzando o Limiar dos Tempos[25].

On September 28 I met Rosana at "Bar do Flash". Through her and then him I met everyone else I interviewed in both towns. All had been touched by Father Geraldo and were thrilled to have the chance to talk about those days and tell their stories.

11.2. In-Depth Interviews

With that lucky start, I was able to conduct in-depth interviews with 41 people, some more than once. With their help, spent a total of 12 days walking around the critical points in and around the communities. The number of interviews in each category is: Pontezinha – 11; Ponte dos Carvalhos 8; Suape – 6; local government – 7; non-profits – 4; and academics – 5.

12. What stands out in my mind

As I draft this article, one of the things that stands out in my mind is the warmth and wisdom, the smarts and strength; and the gracious generosity of the Pontezinha women David convened to meet me and help me with my research. Their sense of

25 Full title: Memorial: Salve, Salve Rainha da Paz. ***Cruzando o limiar dos tempos***. It is self -published in paperback with contributions from the church. 177 pages. Although there is no publication date, the most recent reference is from 2015, so the date would be between 2015 and 2022.

themselves and their life trajectories were forever altered by their participation in the collective community work of Padre Geraldo.

They were about my age or younger and we felt an immediate connection. They could hardly believe I had come back after so many decades and were eager to talk with me about the way things were then and what had changed – or not.

It was from these women that I learned what had transpired in Pontezinha.

Figure 16: Women in Pontezinha who helped me understand their community



Source: Taken by the author, 2022.

In addition to a few more meetings, these women took me on long walks to historically important parts of the community.

The first one was to the remaining accessible shore of the Pirapana River – the site where fisherman fought the pollution of the synthetic rubber factory, Coperbo, discussed above. Another day we walked to the site of the infamous Gunpowder factory.

Figure 17: Walk to the only part of the river accessible now



Source: Taken by the author, 2022.

13. The story of the gunpowder factory

In my interviews with people in both Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, the most traumatic memory that came up repeatedly, was the infamous *Fabrica de Polvera*/Gunpowder Factory. For reasons no one can now recall, it was called Fábrica Elephante- the "Elephant Factory." Perhaps because of its outsized influence there for over a hundred years. It was founded by the Lundgren Group in1890 and closed in the1990s. This was no cottage industry. The Lundgren group owned 420 hectares of forest, supplied gunpowder to the Northeast Military Command and sold to dozens of companies that produced fireworks.

The livelihoods in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos revolved primarily around sugar cane. There was some subsistence fishing and crabbing. When the gunpowder factory opened, it was a step up. Better pay. Seemingly better working conditions. Field workers came from the surrounding areas to Pontezinha and Ponte dos Carvalhos to seek work at the factory, bringing their wives with them. As Maria Jose explained it:

> "the men came to work at the factory for lack of other opportunity to earn money. The only other option was the sugarcane plantations where conditions had not changed much since slavery."

She continued:

> The factory functioned for a century in our beloved Pontezinha, but it brought horrific tragedies that killed many workers. The conditions of work there were inhumane, unhealthy, and dangerous. The men who worked there did not have the slightest safety equipment or training. They worked almost naked, barefoot and in dangerously high temperatures. They could only have sack cloth tied around their waists. They could not wear shoes, just some kind of slippers. The work was extremely risky due to the high risk of explosions.
>
> Although the owners had vast resources, they never officially registered the factory, never paid taxes, and did not comply with health and safety regulations or workers' rights. Nor did they improve conditions after the explosions killed workers. They just went on as usual.

People were particularly traumatized by four large explosions. Those with the highest number of victims occurred in 1982 and in 1995. In 1982 three gunpowder granulators exploded. The force was so strong it blew up the bodies of eleven men – and scattered their body parts into the high branches of the trees around the factory.

Only four were ever identified. The remains of the others were scattered within a radius of 200 meters.

The women told me "*The pieces of body parts rotted in the sun. And stank. They closed the factory for 3 days, then had a funeral at the chapel the factory owned and resumed work as if nothing had happened.*"

On April 26, 1995, a chain explosion of seven gunpowder storage sheds left five dead and 38 injured. The accident happened on a Wednesday morning when the employees had already started their work shift. According to the fire brigade, the explosion was heard in a radius of 10 kilometers, it destroyed 500 meters of native forest, and it opened a crater 10 meters deep on the site. The explosion was felt in several neighborhoods in the southern part of the Metropolitan Region. Nearby homes had walls cracked from the impact and roofs damaged.[26]

Maria told us the story as we were walking around the ruins of the factory:

> I was one of the women who worked in the factory…We women made cardboard canisters and had to fill them with gunpowder and seal them at a rate of 70 cartridges per week. If we did not make that quota, we would not be paid. We often had to take home the unfinished work and do it with our kids over the weekend. Can you imagine bringing home gunpowder and stuffing these canisters around the table with your children. It was very dangerous. Should never have been allowed. And I remember how heavy it was walking all that distance to bring this work home on Friday and bring it back on Monday.

The factory was closed in 1991 and sold to a businessman from Rio State. Since then no attempts at building another industry have been made there. Area residents I spoke with believe they are keeping the land for real estate speculation until maximum land values are reached. Meanwhile it is the only open space in a densely packed area of homes and industries where green space has been gobbled up on all sides.

Figure 18: Site of abandoned gunpowder factory



Source: Taken by the author, 2022.

26 http://wikimapia.org/8671295/pt/Antiga-Fábrica-de-Pólvora

Another afternoon we spent walking around the "Casa Grande" the large house where the factory owner lived and the huge surrounding estate, which has been left unused since the factory closed.

Figure 19: Casa Grande – the factory owner's home and land



Source: Taken by the author, 2022.

Figure 20: The property of the Casa Grande



Source: Taken by the author, 2022.

Just as Coperbo struggle exemplified the struggles in 1965, the focus of memory of the people I talked with in 2022 was the gunpowder factory. In fact most every person I met had lost one or more family members, either from explosions or related cancer. As I mentioned above, it is now in ruins, being kept off the market for speculation and there is clearly an illicit enterprise on the grounds whose workers did not want to be photographed.

14. The promise of Suape

By far the most exciting development in proximity to Pontezinha and Ponte dos Carvalhos was the creation of the Suape Industrial Port Complex in1978, right in Cabo. It was originally designed for the transportation of fuels and bulk cereals, replacing the outdated Recife Port. In the 2000s it expanded to include two shipyards, several automotive industries, including Fiat Chrysler and – with Lula's support – The Abreu e Lima Refinery, a Petrobras refinery, which had been slated to re-locate.

Describing it involves superlatives: It is not only the largest public port in the Northeast but also one of the major ports in Brazil and in Latin America. Its design is based on an integrated system between the deep-water port, (widened and dredged to accommodate the immense containerization ships) and industry. It coordinates ship docking, offloading liquids and grains, shipbuilding, trucking, automobile manufacture – and as now planned, the railroad. It is considered one of the most technologically advanced ports in the world.

Figure 21: Suape Port



Source: Taken by the author, 2022.

The total area of the Suape territory is around 3,000 acres, and encompasses five municipalities. It is five times the size of Paris. It is a mixed public private venture, whose President is appointed by the Governor of Pernambuco? Aside from the port itself its industrial part has over 100 companies, exceeding R$50 billion in private investments and employing over 18,000 people. Even before its boom period, 2008-2014 Suape was the major source of formal jobs for the entire region.

Suape is so large it comprises its own unit on the Human Development index. People in the area live in poverty and are dependent on social programs. About 70% of the families are beneficiaries of the Bolsa Família, Program, which applies a means test to quality. And 79 % of families are single female headed households.

There were already socio-environmental problems in the area before Suape, but its implementation phase of the Suape Port Industrial Complex intensified them.

This is an extreme version of the age-old story of increasing wealth amid increasing poverty. In extensive interviews with people both inside and outside the organization, I tried to grasp the magnitude and impact of Suape, what it had done to cause so much animosity and what it was doing to address the grievances. [27]

My focus is how Suape affected the people living in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos. In the construction phase, people report there was nearly full employment. Women said it was impossible to find anyone to build or fix anything in the communities because everyone who could do anything useful was busy working. On the negative side, they did not even receive the legal minimum wage. Once the construction was completed, local workers were laid off.

27 I want to thank Bernadete Lopez, Renato Raposo, Joao Alberto Costa Farias, and Carlos Cavalcanti for helping me to understand.

Accounts differ on what training was available, but it was insufficient to prepare workers for the jobs in the port and related industries. Instead of hiring local workers, Suape brought in skilled labor from the petrochemical plant in Camacari, Bahia. Ironically, Arembepe, the fishing village where I did my first field study in 1963 is very close to this plant[28]. The Bahian workers were paid many times over what local workers made. They needed places to live. To earn some income, many residents in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos moved out of their own homes to stay with relatives so they could rent their homes. Others invested in expanding their homes to create rental units. When these workers left, there was no longer a market and it was difficult to pay back the loans they had taken to enlarge their homes.

Among the most devastating aspects of the influx of Bahian workers was the unanticipated social consequences young women. Flush with money – and spare time on evenings and weekends, the men courted the local girls 13-15 year olds, who did not realize that these men had families back home. Many of these girls became pregnant. By the time their babies were born, many of these fathers had gone home. The infants could not be registered without the father's signature on the Birth Certificates. Most of the girls didn't even know the real names, much less the last names of their baby fathers – nor how to contact them. That led to some 500 so-called Suape Babies whose teenage mothers were left to raise them on their own. According to several people I interviewed, many of them turned to prostitution to support their babies.

In another realm of harm to locals, the deep port dredging and expansion displaced communities of artisanal fishermen who had been fishing those waters for generations. They (a fishermen's coop?) tried unsuccessfully to negotiate for the right to keep their source of livelihood, but in the end were relocated to land with no water access, a particularly cruel result given that there are 24 km of coastline that provide tourist havens for Brazilians and foreigners. From my interviews with Suape personnel, I learned that the Suape agreed to pay the fisherman one minimum salary, in order to compensate for their forced removal from their lifetime livelihood.

In the middle of Suape territory, there is a quilombo – a centuries-old settlement of descendants of slaves. Because of constitutional protections offered quilombos, Suape could not expel the people as it did with the fishermen. But that did not prevent them from putting in a large underground gas pipeline just along the outside boarder. Suape claimed that environmental risks of an explosion were almost nil. Environmental experts and lawyers found there to be a small but significant risk. Eventually Suape conceded that if a gas leak occurred, the explosion would wipe out the entire community.

28 The local fishermen fought against that plant to no avail. And again later when it became T-Bras, a Titanium producer, whose effluent was so toxic that dead fish began washing ashore in massive numbers. Just like the dead fish from Coperbo effluent in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos which floated to the surface and became playthings for the children.

15. Missed Opportunity to be the Region's Hero

I did see one very positive model for Suape to serve the community, in a low cost manner. Joao Alberto Costa Farias, Suape's Director of Land Management and Equity, took me to see the "Sharing Station' project – Estaçao Compartilhar. Suape had acquired an abandoned home and facing it, a junkyard of rusting cars and rotting garbage interspersed with mud, and weeds. They had turned the small home into a community center and converted the derelict area in front of it into a recreational park. The inside had been re-purposed to accommodate 2 computer stations with wifi connection; a library with books for readers of all ages; a playroom and nap area for toddlers; for a little meeting room and an industrial kitchen where women could learn to commercial cooking to start their own businesses –or get jobs. The space had a nice flow, it was clean, colorful and welcoming. The kitchen was so refreshing that a local policeman was spending his break time sitting there to chat.

Figure 22: Sharing Station



Source: Taken by the author, 2022.

Having demonstrated the cost effectiveness of the Sharing Station and seen how it met so many community needs, I expected Suape to have a plan to roll out this model. On the contrary, it was seen as a one-off and treated as in significant.

Suape's scope, resources and power dwarf any enterprise in the region. It has all the strategic planning and management capacity to spread the benefits.

Without great cost it could roll this community project out and at the same time, train and hire residents. That would – in turn – raise the living standards in the surrounding region. Why not invest in improved educational and health systems, social services and cultural programs? And why not accept moral responsibility for the displaced fishermen, quilombo residents and others whose lives were turned upside down by this giant. I did not learn about efforts to remediate the enormous environmental damage. It is easy to imagine the benefits – and good will accrued – of green spaces, soccer fields, athletic programs, and leisure activities for the densely settled communities.

16. Cabo Women's Center started in Ponte dos Carvalhos.

When we asked about social movements or community organizations in Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, the Women's Center in Cabo, kept coming up. On November 8, we met with Nivete Azevedo, Manina Aguiar and Izabel Santos.

According to Nivete the current president, the "Centro das Mulheres do Cabo" was created in 1984, as a direct result of a movement started by poor women in Ponte dos Carvalhos in the 1970s. They were the pioneers in the fight for decent living conditions, starting with access to running water and a concern for women's health.

Even five years after I was there, Ponte dos Carvalhos had no running water in the homes, and only one collective water spigot. The women had to wait on long lines in the hot sun to fill -and then carry – these heavy buckets for all their drinking cooking and cleaning needs. One of the women, Efigênia, organized the Residents Association of Ponte dos Carvalhos trying to protest these conditions. But the leadership of the association was all male. She added, *"they were not concerned with such matters...they ruled their families through subordination and violence."*

In response the women members of the Residents' Association founded the "Centro das Mulheres do Cabo" (Women's Center of Cabo) with the strong support of Father Geraldo and his co-worker Father Gildo. It is no coincidence that these activist women were also members of the church, as that is where they came to recognize their potential and the power of working together.

By the time the center officially opened in 1984, it had more than 600 women members. Their first actions addressed the absence of healthcare services or hospitals and the urgent need for gynecological care. An inordinate number of women were dying in childbirth –and or losing their newborn babies.

The center hired doctors and nurses who saw the woman there. Funding from an American Foundation in partnership with the Brazilian government enabled 300 women were being seen every month. Their husbands were totally against this – they saw it as an invasion of their wives' bodies which belonged to them alone. Some women had to sneak out to see the doctors.

By the 1990s, in response to abundant evidence of domestic abuse, The CMC created a humane system for women victims, attending to their needs in the moments of post-violence. With funding from a Dutch NGO they hired interdisciplinary team including psychologists, lawyers and social workers. This created a bond,

and led many women to become members, as well as to participate in courses and other political training activities.

By 2000 there around 6,000 members, many of whom were active participants in the founding of the SUS – United Health System – they participated in the first national congress that debated the proposal. Once the SUS opened clinics in the municipalities, the center turned its attention to push for and monitor public policies for women, through political and technical training events that made the NGO a reference for the subject in Brazil. For ten years they also produced a radio program "O Rádio Mulher" or Women's Station dealing with gender issues, sexual and reproductive rights, and women's political power.

This all began in Ponte dos Carvalhos, but on the ground there, little has changed.

Unlike the local struggles of displaced fishermen or pulverized factory workers, this initiative had a wide base of support outside of the immediate territory. The Women's Movement fit into categories of foundation and international agency support. Their success was due to their commitment, solidarity, ability to attract highly educated and skilled professionals and – but most importantly – funding from international foundations and AID agencies. Early on these included the MacArthur Foundation partnering with the National Ministry of Health and Terre des Hommes the Dutch NGO. Later Ministry of Women, the State and Municipal Secretariats for Women, the Malala Fund and Unicef.

17. The Rise of Commerce and the Desecration of the Church

Ponte dos Carvalhos has always been the larger and more prosperous of the 2 villages. The photos below show the comparison. The first is a shot of Pontezinha's main road.

Figure 23: Side street in Pontezinha



Source: taken by the author, 2022.

The contrast with the following wide commercial boulevard, filled with people, stalls, shops and stores of all kinds in Ponte dos Carvalhos.

Figura 24: Ponte dos Carvalhos



Source: Taken by the author, 2022.

We met Genival, a local artist who makes and repairs religious statues and paintings for churches in the region. He was another disciple of Padre Geraldo's and worked with him on the construction of the school, the workers cooperative housing and the church.

Figura 25: Genival in his studio and View of Church of Nossa Senhora do Bom Conselho



Source: Taken by the author, 2022.

Later, in a backlash against liberation theology, the Catholic church moved into a more conservative phase –a new Archbishop was named for Recife and Olinda and new priests were sent to Pontezinha and P dos C.

Figure 26: Interior of the Church of Nossa Senhora do Bom Conselho, and, on the right, the painting at the back with faces of congregation





Source: Photos from church archives.

It was through him that we learned of the desecration of the mural Padre Geraldo had painted on the back wall of the church. It was the one showing the faces of the congregents as holy figures. Many of the residents worked on it. After Vatican II, liberation theology gave way to a new wave of conservativism. Popular participation and ministry with the poor dissolved; a conservative Archbishop was sent to replace Dom Helder; and, in turn a reactionary local priest was appointed to Pontezinha and Ponte dos Carvalhos.

Genival and others told us that for a long time, this priest hid the mural behind a huge black curtain he had made. Then one day, the curtain came down and – behind it, there was only a black blank wall. He had the mural tarred over, obliterating its message, both sacred and secular.

18. She went from Ponte dos Carvalhos to Princeton – The case of Daisey

Despite all of the barriers to good jobs and the disrespect for the potential of local workers, as revealed by Suape's reluctance to train them, and despite the weakening of community-based organizations, the children and grandchildren of people I knew there clearly have better education and health care and more access to information. Some have gone to university. Some have moved to Recife. But not as many as one would hope. Daisey and her sisters are the exceptions that prove the rule.

On November 27, I went to meet the Santos family in Ponte dos Carvalhos. I had learned about them through an American anthropologist at the University of Pernambuco. One of his PhD students, Daisey, had become a professor there herself and was now the Chair of the Department. She was born and raised in Ponte dos Carvalhos and her family was still there.

As Daisey was tied up for weeks with an accreditation review of her department, she asked her mother and father to invite me to their house instead. I went with the professor, Parry Scott and his Brasilian wife. Jonas and Angela Santos and their

daughter, Socorro,were waiting for us. The story they told us defied the notion that nothing changes.

This couple, who had worked back-to-back shifts in the same factory, had raised four daughters, all of whom managed –,against all odds – to get university degrees.

Socorro, who came to her parents' house that day so I could interview her, had won a fellowship to do a PhD in Princeton. It was so unusual for anyone from the Cabo municipality to go to graduate school, moreover in the United States, that this made the newspapers.Another sister had a degree in physiology; and the forth one was a teacher.

Figures 27 and 28: Jonas and Angela Santos with daughter Socorro in Ponte dos Carvalhos (35); and Farewell photo with Prof. Scott and his wife





Source: Taken by the author, 2022.

The more things change, the more they stay the same. This now-famous quote was written in 1849 by Jean-Baptiste Alphonse Karr and published in a monthly journal he founded. *Les Guêpes,* His point reflects the central theme in this article: that *even the most turbulent of changes do not affect reality on a deeper level,other than to cement the status quo.*

What I found in this preliminary study, is not a total absence of change, but an absence of change in the fundamental rules of the game and in the incentive systems.

Some aspects of life had improved in these two neighborhoods. Education was certainly better and the children's generation complete more years of schooling. The teachers were better prepared, in part due to the 1994 policy of President Fernando Henrique Cardoso to subsidize university education for elementary school teachers without the opportunity to pursue higher education on their own.

In that same year, the SUS – Unified Health System – was established, reaching communities across Brazil, including Pontezinha and Ponte dos Carvalhos. It even came to the Quilombos.

Other improvements were evident walking around the towns – homes had expanded upward and outward. Brick and reinforced concrete had replaced more fragile construction materials. On the other hand, the communities had become much denser, with the walls of houses butting against each other, cutting out the cooling breezes provided by spaces between dwellings.

My anticipated findings about the positive impacts of political, economic, and territorial changes were overly optimistic.

Pontezinha and Ponte dos Carvalhos had become physically urban without being urbanized. Metropolitan vibrancy eluded them; full democracy excluded them; and economic progress left them behind.

First, I found that inclusion into the Recife Metro Region had not brought the dynamic connectivity or spatial integration that I had imagined. The VLT – light rail – while making commuting times shorter and travel more pleasant, did not result in greater interaction with the cosmopolitan cultural or educational opportunities offered by the big city. Or seeking jobs in the urban labor market.

Second, in terms of political systems, it was heartbreaking to me that the end of the 21-year military dictatorship in 1985 had not led to greater civic engagement. The return to democracy, the bold new constitution of 1988 and the Statute of the City in 2001which created a legal framework for urban rights, were barely noticed by local residents.

In fact, almost everyone I interviewed said that things continued the same before, during and after the military regime. And the Residents' Associations, which had been the driving force for community action, had withered when they stopped representing their members in struggles for improved conditions, and started functioning as steppingstones into local government jobs.

The third pillar – the economic promise of the Suape Port Industrial Complex had bypassed these communities. Suape's economic boom did not trickle down.

Good jobs remained out of reach, incomes stagnated, workers' rights remained elusive; and full citizenship with its accompanying rights was absent. Locals were hired during the construction phase, but were not trained for or integrated into the more skilled, higher wage jobs. Modern industrialization passed over the heads of the two villages.

Instead of developing a highly educated, technically advanced labor pool, the companies imported workers from the petrochemical plant in Camacari, Bahia. This was the same as discussed above when Sudene-supported Coperbo brought its own labor force from Sao Paulo. This influx of outside labor eroded trust and community solidarity. Adults no longer let their children play in the streets; people no longer sat out in front of their houses in the cool evenings. People spoke of increased crime and violence and their fear of going out after dark.

The same hierarchical work relationships from sugar plantations to the gunpowder factory prevailed in Suape. *The logic of convenience and profit maximization obliterated any concern for the people living nearby.* Without strong government commitment to compensate for the legacy of inequality and to include those affected in decision-making at the bargaining table, market forces will only continue to concentrate wealth and. power.

19. Final Remarks

Reflecting on where to go from here – in terms of research, planning and public policy – brings to mind my multi-generational engagement with the favelas of Rio de Janeiro. It would be revealing to compare the changes in Rio's favelas over a similar timeframe (1968-2002), especially looking at cultural expression, political mobilization, and social media networks.

How is it that these semi-rural/semi-urban communities have remained so isolated from the global commons? What forces are at play such that Pontezinha and Ponte dos Carvalhos, less than an hour from the fourth largest metro area in Brazil, could have such minimal change over five and a half decades?

A recent study of 21 billion friendships shows that "cross-class friendships are a better predictor of upward mobility than early childhood education, school quality, job availability, community cohesion or family structure". Findings showed that poor children who grew up in places where people have more friendships that cut across class lines earn a lot more as adults than children who don't.[29]

Could it be that favela residents living in the middle of big cities, have more opportunity to form relationships with higher class contemporaries than residents of small towns on the periphery of those same cities?

What is the cost to society of ignoring or excluding a huge number of citizens – thereby forfeiting the benefits of their intellectual capital, social energy, cultural creativity, and productive power?

29 See David Brooks, What Is It About Friendships That Is So Powerful? New York Times, Aug 4, 2022, Opinion Section. https://www.nytimes.com/2022/08/04/opinion/friendships-economic-mobility-class.html

References

BROOKS, David. ***What Is It About Friendships That Is So Powerful?*** New York Times, Aug 4, 2022, Opinion Section.

CAMARA, H. Apresentação. ***In***: BASTOS, GL. Nação do Divino [LP]. Rozenblit, Recife, 1970.

DE CASTRO, Josué. ***The geography of hunger***. Vol. 74, n. 5. LWW, 1952.

FONSECA, J. ***O canto novo da Nação do Divino:*** música ritual inculturada na experiência do Padre Geraldo Leite Bastos e sua comunidade. São Paulo: Paulinas, 2000.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido***. Herder y Herder, 1971.

GEHLEN, Vitória Régia Fernandes et al. ***Tecendo a trama do território: terra, trabalho e questão socioambiental***, Editora Universitária, UFPE, 2011

ROGERS, William W.; GRAHAM, Richard, ***Cornell - Brazil Project: An Experiment in Learning*** (CIDOC Publications, Cuernavaca, Mexico, Cuaderno No. 23, 1969.

REDFIELD, Robert: Tepoztlan, a Mexican village: A study in folk life Chicago: University of Chicago Press, 1930. For article on "Robert Redfield and the Folk-Urban Continuum, see SciHi, Dec. 4, 2017. dosponível em: http://scihi.org/robert-redfield-folk-urban-continuum/#google_vignette

A força do *habitus:* perspectivas conflitantes entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu

The force of habitus: conflicting perspectives between Norbert Elias and Pierre Bourdieu

La fuerza del habitus: perspectivas opuestas entre Norbert Elias y Pierre Bourdieu

Alliston Santos[1]

Resumo

SANTOS, A. A força do habitus: perspectivas conflitantes entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 69-84, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art4

O comportamento humano é um dos objetos de estudo mais interessantes e enigmáticos de diversas áreas do conhecimento. Na Sociologia, não poderia ser diferente. Neste sentido, este artigo visa a compreender um conceito sociológico intitulado *Habitus,* sob a ótica de dois importantes autores: Norbert Elias e Pierre Bourdieu. A discussão foi feita com base em uma apresentação introdutória sobre os dois sociólogos. Em seguida, realizamos uma análise sobre o conceito de *Habitus* a fim de enfatizar as principais perspectivas conflitantes sobre ele, perante a visão dos dois autores estudados. Logo, o presente estudo se alicerça em um método qualitativo, sendo realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que reúne não somente obras dos dois sociólogos aqui analisados, mas também de um acervo de outras que abordam os autores trabalhados.

Palavras-chave: *Habitus*. Norbert Elias. Pierre Bourdieu. Sociologia.

Abstract

SANTOS, A. The force of habitus: conflicting perspectives between Norbert Elias and Pierre Bourdieu. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 69-84, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art4

Human behavior is one of the most interesting and enigmatic objects of study in many areas of knowledge. In Sociology, it couldn't be different. In this sense, this article aims to understand a sociological concept called Habitus, from the point of view of two important authors: Norbert Elias and Pierre Bourdieu. The discussion was made based on an introductory presentation about the two sociologists. Next, we conducted an analysis of the concept of Habitus in order to emphasize the main conflicting perspectives about it, from the point of view of the two authors studied. Therefore, the present

1 Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: alliston.fe@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0009-0007-2258-2880

study is based on a qualitative method, being carried out through a bibliographical research that gathers not only works by the two sociologists analyzed here, but also a collection of others that approach the authors studied.

Keywords: Habitus. Norbert Elias. Pierre Bourdieu. Sociology.

Resumen

SANTOS, A. La fuerza del habitus: perspectivas opuestas entre Norbert Elias y Pierre Bourdieu. ***Rev. Ce&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 69-84, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art4

El comportamiento humano es uno de los objetos de estudio más interesantes y enigmáticos en diversos campos del saber. En Sociología, no podría ser diferente. En este sentido, este artículo pretende comprender un concepto sociológico llamado Habitus, desde la perspectiva de dos importantes autores: Norbert Elias y Pierre Bourdieu. La discusión se hizo a partir de una presentación introductoria sobre los dos sociólogos. A continuación, realizamos un análisis del concepto de Habitus con el fin de destacar las principales perspectivas conflictivas sobre el mismo, desde el punto de vista de los dos autores estudiados. Por lo tanto, el presente estudio se basa en un método cualitativo, realizándose a través de una investigación bibliográfica que recoge no sólo obras de los dos sociólogos aquí analizados, sino también una colección de otras que se aproximan a los autores.

Palabras clave: Habitus. Norbert Elias. Pierre Bourdieu. Sociología.

Data de submissão: 24/03/2023
Data de aceite: 26/06/2023

1. Introdução

Norbert Elias e Pierre Bourdieu são dois estudiosos de contribuições significativas no ramo da sociologia. São autores que se tornaram clássicos da teoria social contemporânea, trazendo, sobretudo, relevantes perspectivas quanto ao comportamento humano e agentes sociais. É válido dizer que tanto Elias quanto Bourdieu são filósofos por formação e que, posteriormente, migraram para a sociologia.

Segundo Silva e Cerri (2013), ambos atribuíram à guinada da filosofia para a sociologia por circunstâncias de caráter pessoal – o horror da guerra e a repulsa pela forma como a filosofia era praticada, longe das realidades sociais. Elias, de família judia abastada, serviu a Alemanha na Primeira Guerra. Sua mãe morreu no campo de Auschwitz. Bourdieu, de família humilde, notório desportista, se valeu desta peculiaridade para galgar os degraus escolares. Serviu a França na Guerra da Argélia.

Por caminhos diversos, e formulando conceitos parecidos, mas com alguma diferença, ambos se tornaram dois dos intelectuais mais influentes do século XX.

Assim como em diversas áreas, a Sociologia traz correntes, teorias e conceitos convergentes e divergentes sob a ótica de diversos autores e autoras em diferentes espaços temporais. Pode-se dizer que durante toda a história da sociologia, esta ciência foi marcada por dualidades ou polaridades teóricas, em que dois ou mais autores discutem a mesma temática, mas sob perspectivas diferentes. "Os cientistas em geral, mas principalmente os referentes às humanidades e ciências sociais, tendem a interpretar o mundo a partir de seu arcabouço teórico" (ALTMANN, 2005).

Em consonância ao argumento de Altmann (2006), Cesarino (2012) destaca que durante o século XIX e todo o século passado, conceitos e dualidades se destacaram na produção científica sociológica abrangendo não apenas a sociologia, mas as ciências sociais de modo geral. "Podendo citar, assim, os debates acerca do estruturalismo e pós-estruturalismo, ainda os debates acerca da relação entre o indivíduo e a sociedade ou entre as estruturas sociais" (CESARINO, 2012). A ideia de *Habitus*, conceito a ser analisado neste presente estudo, de certa forma, esteve presente em todos esses debates.

Sabemos que Norbert Elias e Pierre Bourdieu pertencem a etapas e escolas diferentes do pensamento sociológico, porém, não podemos negar a existência de continuidades e conexões entre a teoria dos autores, assim como conflitos conceituais e distinções próprias das escolhas feitas por cada um.

Neste sentido, este artigo visa a compreender uma teoria sociológica intitulada *Habitus,* sob a ótica de dois importantes autores: Norbert Elias e Pierre Bourdieu. A discussão foi feita com base em uma apresentação introdutória sobre os dois sociólogos. Em seguida, a uma análise sobre o conceito de *Habitus* e discussões a fim de enfatizar os conflitos sobre o mesmo conceito perante a visão dos dois autores estudados. Logo, o estudo se alicerça em um método qualitativo, sendo realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que reúne não somente obras dos dois sociólogos aqui analisados, mas também de um acervo de artigos científicos que abordam os autores trabalhados.

A inserção desta estrutura argumentativa é necessária para que façamos uma breve exposição de tais perspectivas sociológicas e os instrumentos conceituais utilizados pelos autores em suas obras, para que posteriormente possamos apontar onde se estabelecem os diálogos e os conflitos entre esta teoria.

2. A sociologia de Norbert Elias

Norbert Elias (1887-1990) foi um intelectual com uma vida muito curiosa, alemão, mas de origem judaica foi perseguido pelo nazismo. Antes da Sociologia, estudou Filosofia e Medicina. "A obra mais reconhecida da carreira de Norbert Elias é *O Processo Civilizador*, publicada pela primeira vez em 1939. Elias, no entanto, apenas se tornou reconhecido em patamar mundial quase quatro décadas depois" (LANDINI, 2006).

Conforme Brandão (2003, p. 20-21), Norbert Elias não foi agraciado com reconhecimento no início de sua vida acadêmica. Nasceu em Breslau, parte do território

germânico, hoje chamada de Wrocraw (Polônia), no ano de 1897. Originário de uma família de comerciantes judeus, terminou a escola secundária em 1915 e se alistou no exército alemão na Primeira Guerra Mundial, servindo nos *fronts* leste e oeste e em serviços telegráficos. Em 1917, volta a Breslau e conclui o serviço militar, já estudante de medicina, auxiliando nos serviços de enfermagem.

Entre 1917 e 1919, Bourdieu matricula-se nos cursos de filosofia e medicina, optando depois por abandonar a medicina. Em 1924, defendeu sua tese, que havia terminado em 1922, conseguindo o título de doutor em filosofia. A situação econômica desse período, de inflação, arruinou a família de Elias, como também a de outros burgueses alemães. Viu-se obrigado a sustentar seus pais trabalhando em uma fábrica de produtos metálicos. "A experiência dessa época, somada à vivência da guerra, influenciou sua determinação de migrar dos estudos de filosofia para a sociologia" (BRANDÃO, 2003. p. 26; 33).

Elias vem sendo reconhecido tardiamente como um dos grandes contribuidores para se pensar a sociologia do final do século XX. Foi com sua teoria dos processos civilizadores que o sociólogo alemão, radicado pelas circunstâncias na Inglaterra, conseguiu galgar um lugar nos espaços acadêmicos e, consequentemente, nas discussões a respeito da teoria social.

Na obra *O Processo Civilizador* (1994), o autor investiga a ontologia das palavras civilização e cultura, demonstrando como através do imperialismo europeu o modelo de vida deste continente passou a ser imposto. Esta imposição ocorre sobre o próprio *habitus* dos indivíduos. O autor traz novamente à tona a investigação do surgimento do *habitus* comum aos indivíduos da sociedade moderna contemporânea, como o *habitus* das cortes europeias influenciaram os indivíduos subalternos nas obras *A Sociedade de Corte* (2001) e *A Sociedade dos Indivíduos* (1994).

Inerente à proposta de Processo Civilizador, Elias traz o conceito de processo social, referindo-se "às transformações amplas, contínuas, de longa duração" (ELIAS, 2006, p. 29), antagonizando-se, então, do processo biológico que caracteriza-se como permanente e impossibilitado de rompimentos e reconfigurações. Diante dessa perspectiva, Elias é acusado erroneamente de carregar no núcleo de sua teoria uma dimensão evolucionista, uma vez que alguns interpretaram seu conceito de civilização dotado de uma perspectiva determinista.

Para Elias, a própria ideia de civilização não abarca apenas uma dimensão puramente de progresso, mas sim um conjunto de valores que obedece a um determinado momento histórico em que uma classe tenta diferenciar-se de outra na luta por hegemonia, neste caso é o antagonismo entre a nobreza e a burguesia, em que existem novas figurações nas balanças de poder. Elias atribui importância à sociedade de corte pelo motivo de acreditar ter sido no seio dela que foi gestado o refinamento que depois se estendeu pelo restante da sociedade francesa. As sociedades cortesãs serviram de laboratório em que foram gestados e controlados os comportamentos necessários ao atual patamar de desenvolvimento da civilização do Ocidente.

Em consonância ao exposto acima, o que interessa a Norbert Elias é entender o processo civilizador como uma forma de ver, sentir e agir, que é constituída por uma classe tentando firmar-se nos jogos políticos e sociais do período em que se formou,

tornando-se, assim, o modelo de socialização – ou nas palavras do próprio autor – a autoimagem do Ocidente, e como dentro desses jogos de interiorização das pulsões e da cada vez maior autorregulação individual se deu a construção de novas formas de coação, isto é, as novas configurações nas balanças de poder.

Diante das perspectivas do comportamento humano e desse processo social e civilizador, Elias traz conceitos bastante eficazes para tratar sobre as relações sociais e de que forma os indivíduos se moldam por meio de *habitus.* Prova disso, para o estudo conceitual de Elias, é imprescindível conhecer seu ponto de partida teórico, o conceito de figuração ou configuração social. De acordo com Areais e Marques, (2012), Elias defende que a sociedade se forma a partir de relações sociais formadas entre o "eu", "tu", "nós", "eles" etc. ou seja, é composta por indivíduos interdependentes, diferentes, mas que se tornam iguais por depender uns dos outros.

A figuração ou configuração, termo utilizado por Elias para explicar o processo civilizador, refere-se, então, a uma coletividade humana não estática e estagnada, mas em constante inter-relação. Isso é justamente o que torna o *homo sapiens* humano, o contato com outros de sua espécie; cada indivíduo interconectado numa rede de relações com determinações recíprocas, independentemente de sua posição na figuração. Essa interação forma as concepções de "eu e nós", de individualidade e coletividade.

Perante essas teias de interdependência na figuração social, o *habitus* surge como uma forma de moldar os indivíduos. Esse *habitus*, segundo Elias (1994), faz parte da composição social dos indivíduos, que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social.

> [..] habitus social comum dos indivíduos que formam entre si uma determinada unidade de subsistência, por exemplo uma tribo ou Estado. Eles são herdeiros não só de uma linguagem específica, mas também de um modelo específico de civilização e, portanto, de formas específicas de auto-regulação, que eles absorvem mediante o aprendizado de uma linguagem comum e nas quais, então, se encontram: no caráter do habitus social da sensibilidade e do comportamento dos membros de uma tribo ou de um estado nacional (ELIAS, 2006, p. 23).

Em suma, corroboramos o argumento exposto por Koury (2013), ao afirmar que para Norbert Elias, o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio histórico, dotado, portanto, de uma figuração social exterior a ele e uma interioridade. Dessa forma, o *habitus*, a partir da sociologia configuracional de Elias, é visto como um espaço de interações e de redes intercomunicantes, onde as relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente e as identidades dos indivíduos se tornam pessoais e sociais. Esse fator será mais aprofundado ao compararmos o mesmo conceito de *habitus* proposto por ele em contraponto ao de Pierre Bourdieu, o qual apresentaremos introdutoriamente a seguir.

3. A sociologia de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu nasceu em 1930, no sudoeste da França, em Béarn. Era filho de um funcionário dos correios. Sua escola fundamental foi realizada com filhos de camponeses, operários e pequenos comerciantes. Cursou o Ensino Médio em uma cidade vizinha, Pau, onde se destacou nos estudos e ganhou fama como jogador de rúgbi e de pelota basca. Ingressou, posteriormente, na École Normale Supérieure, onde fez sua graduação em Filosofia (WACQUANT, 2002, p. 96).

De acordo com Jean-François Dortier, citado por Adriane Luísa Rodolpho (2007, p.7):

> Lá, o jovem provinciano, acanhado e desajeitado, encontra-se imerso em um mundo que não é o seu. Um mundo de jovens burgueses brilhantes, bem falantes, cultivados, à vontade tanto no manejo do verbo quanto da pluma. O jovem Bourdieu, ele, ainda que tenha conseguido subir todos os degraus da hierarquia escolar, não se sente, entretanto, à vontade nem na escrita nem na oratória. E ele não o será jamais. Mesmo que sua obra seja imponente, ele não terá a pluma fácil e alerta; ainda que ele tenha feito centenas de conferências, ele não será um orador. Como Flaubert, a quem ele consagra As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário (Seuil, 1992) a expressão de seu pensamento deve passar pelo esforço permanente de autocontrole, de luta contra si mesmo. Todo o contrário da facilidade aparente desses estudantes oriundos da burguesia cultivada que ele encontra na rua de Ulm.

Pierre Bourdieu é considerado, segundo Moraes (2007), um dos mais importantes intelectuais do século XX, foi professor nas universidades mais conceituadas da França, como a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, onde ele foi diretor, e também no famoso Colége de France.

Pierre Bourdieu institui uma sociologia que parte de uma praxiologia para construir o arcabouço teórico e metodológico de suas análises, isto é, uma sociologia da prática (ORTIZ, 1983). Neste sentido, entendemos que o autor está preocupado em compreender como se estruturam as relações sociais e como se formam e se mantêm as formas de dominação – que para ele sempre são de ordem simbólica e respectivamente de ordem objetiva.

Consoante ao exposto acima, é relevante destacarmos que tanto Bourdieu quanto Elias percebem como crucial para instituição de um projeto sociológico o reconhecimento do caráter relacional entre sujeito e estrutura (sociedade), rejeitando qualquer forma de essencialismo que restrinja o entendimento a apenas uma dessas categorias, ou seja, isoladamente.

Em suas contribuições teóricas e conceituais para a Sociologia, Bourdieu nos apresenta a sua Teoria dos Campos. Ela diz respeito à pluralidade dos aspectos que

constitui a realidade do mundo social, a pluralidade dos mundos, pluralidade das lógicas que correspondem aos diferentes mundos, aos diferentes campos como lugares onde se constroem sentidos comuns.

Compreender a gênese social de um campo e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (BOURDIEU, 1998, p. 69). Entende-se, deste modo, que o campo é estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições, que determinam a forma de suas interações; logo, de acordo com Bourdieu, o que configura um campo são as posições, as lutas concorrenciais e os interesses imbricados neste ambiente social.

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá–las ou transformá–las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, p. 61).

Fundamentando-se no exposto acima, podemos entender que o conceito de Campo é justamente aquele que introduz entre as determinações socioeconômicas e culturais, alicerçadas numa produção simbólica de ideias ou de obras. pois, como demonstra Bourdieu, há em cada campo princípios de organização que são próprios deste campo.

É importante evidenciar que um campo faz parte do espaço social – e, portanto, toma dele as suas características – conceito que Bourdieu descreve como espaço de posições dos agentes e das instituições que nele estão situados, que, a depender do peso e do volume global dos capitais que possuem, são distribuídas em posições dominadas e dominantes. Nesse cerne, destacam-se os princípios norteadores, podemos assim dizer, do espaço social: os capitais econômico, simbólico e cultural.

De maneira resumida, a fim de elencarmos os elementos de capitais propostos por Bourdieu ao nosso foco de análise, o conceito de *Habitus*, é importante apresentarmos de forma breve e objetiva, os principais fundamentos que norteiam esses capitais. O capital econômico, por exemplo, encontra-se sob a forma dos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis, a curto e longo prazo.

Alinhado ao capital econômico, para Bourdieu (2011), a acumulação e aquisição são aspectos da dinâmica do capital cultural que estão associados entre si. Para ele, a acumulação inicial do capital cultural "só começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural". Nestas famílias, o tempo de acumulação abarca praticamente todo o processo de socialização, o que significa um empreendimento prolongado de aquisição de capital cultural.

Conforme o autor, quando o grupo familiar assegura a seus membros maior tempo livre, estes podem dilatar o empreendimento de aquisição de capital cultural, adiando, por exemplo, a entrada no mercado de trabalho. Neste sentido, o capital cultural pode ser definido como aquisição de conhecimento adquirido ao decorrer da vida, sobretudo em ambientes institucionalizados, a exemplo da escola, angariando, assim, titulações acadêmicas que fomentam essa base de conhecimento que engendra o capital cultural.

Por fim, o capital simbólico está atrelado, podemos assim dizer, aos capitais econômico e cultural. Na perspectiva Bourdieusiana, as trocas estão fundadas nas relações objetivas (na posse de parcelas das diferentes espécies do capital), o que, para o autor, não é obstáculo ou impedimento para que um poder de "reconhecimento" atribuído a um indivíduo ou grupo dominado não possa se tornar um "capital simbólico" acumulado em outros cenários ou tempos da luta; no "campo", a "legitimação de um poder se mensura pelo reconhecimento que lhe é atribuído" (BOURDIEU, 2011, p. 129). Em síntese, os agentes sociais são observados por meio de sua posição no espaço social, em que, por consequência de seu capital econômico ou cultural, são reconhecidos, prestigiados, legitimados, trazendo, assim, o que caracteriza um capital simbólico.

Assim, podemos concluir que a distribuição das espécies do capital funda a organização das posições no espaço social que, por sua vez, marcam proximidades entre os agentes, permitem ou promovem possibilidades, convergências, "compatibilidades" entre eles. Perpetuar ou subverter as "regras desse jogo", por meio das estratégias dos agentes, é uma tendência que passa pela mediação de seus *habitus*.

Habitus é uma noção primordial na sociologia de Bourdieu, que diz respeito aos sistemas de percepção, de apreciação, de gosto, ou como princípios de classificação incorporados pelos agentes a partir das estruturas sociais presentes em um momento dado, em um lugar dado, que vão orientá-los em suas ações. Assim posto, o "campo" pode ser entendido como um conjunto articulado de posições que geram *habitus* e que sustentam as práticas de cada agente.

Em síntese, podemos perceber que tanto Norbert Elias quanto Pierre Bourdieu trabalham, em diferentes espaços temporais da Sociologia contemporânea, com o conceito de *Habitus*, evidenciando semelhanças sobre suas propostas no que se refere às relações sociais e fator indivíduo-sociedade, assim como conflitos de perspectivas sobre esse mesmo conceito.

Interessante notar, como bem explicam Silva e Cerri (2013, p. 177) que Bourdieu vem de origem humilde e alcança ainda jovem o topo da academia, enquanto Elias, que pertencia a uma classe média abastada, por uma série de fatores, somente conseguiu se estabelecer e ter reconhecimento na fase final de sua vida. Ambos possuíam formação inicial em filosofia e atribuíram às suas respectivas experiências, que envolviam guerras, à guinada para a sociologia. Em graus diferentes, influenciou suas trajetórias acadêmicas e contribuíram, por meio de suas observações, com o conceito de *Habitus*, o qual será aprofundado, relacionando os conflitos de perspectivas de ambos os autores, no tópico seguinte.

4. O *Habitus* em Elias e em Bourdieu: perspectivas conflitantes

Após uma descrição breve sobre Norbert Elias e Pierre Bourdieu, apresentando um pouco de suas histórias e perspectivas sociológicas, cabe-nos, nesta seção, analisar o conceito de *habitus* sob a ótica dos dois respectivos autores, a fim de destrincharmos os principais conflitos que permeiam esse mesmo conceito, uma vez que evidenciam ocupar posições distintas na teoria dos dois autores. É importante salientar, inicialmente, que não nos cabe trazer todos os elementos e explicações que compõem o conceito de *habitus* perpassado por eles, mas sim evidenciar os principais pontos conflitantes que os envolvem.

Déchaux, citado por Malerba (2011, p. 216), explica que ambos os autores oferecem uma distinção clara do papel do conceito de *habitus* em suas obras: reconhecem a noção de *habitus*, mas não lhe atribuem o mesmo lugar na análise. O grande diferencial pode ser visto como a contingência histórica.

Bourdieu, por exemplo, desconsidera a contingência histórica – diferentemente de Elias – cujo objeto é claramente histórico, genético; o *habitus*, por ser "estrutura estruturante e estruturada" para Bourdieu, faz com que nele se conceda um papel, senão ausente, meramente marginal à historicidade. Norbert Elias, por sua vez, trabalha uma teoria da civilização; estabelecendo e descrevendo o processo social.

Segundo Malerba (2011), para Elias, a pergunta que se coloca é: por que os *habitus* evoluem e se transformam? A orientação da sua sociologia é claramente genética: compreender e explicar a gênese do *habitus* humano. O próprio Elias afirma que "a psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por isso mesmo, ser compreendida se estudada independentemente da sociogênese de nossa 'civilização'" (ELIAS, 1994, p. 15).

Essa perspectiva aponta para o elemento central na teoria Elisiana, segundo a qual o ser humano se faz em interação, ficando evidente pensar o processo civilizador como uma interação coletiva que construiu o *habitus* de homens individuais concomitantemente com os habitus nacionais. A perspectiva de Elias não é a do "eu" isolado, mas a do "nós", indivíduos que desde a infância assimilam e apreendem todo o controle mental e das pulsões que a civilização cultiva desde várias gerações e que, em dadas circunstâncias, nos causam vergonha ou embaraço.

Nota-se, então, que Norbert Elias se refere a *habitus* individual e a *habitus* social, dando uma"segunda natureza" como significado para este último. Assim, o *habitus* muda com o tempo porque a experiência de uma nação, ou de seus membros, está em processo contínuo de mutação, relacionada com os grupos sociais. Com isso, os grupos em posição superior, com o intuito de se distinguir dos outros grupos, criam novos padrões de comportamento, que com o passar do tempo, também são adotados pelos outros grupos. "[...] com o passar do tempo, os novos padrões de comportamento deixam de ser conscientes para tornarem-se uma segunda natureza – é a essa segunda natureza que se refere quando fala em mudanças na estrutura da personalidade" (LANDINI, 2007, p. 5-6).

Por isso, entende-se o conceito de *habitus*, em Elias, como uma contingência histórica, que se desenvolve por meio do processo civilizador, partindo de um ponto

de vista que determina que não estamos interconectados com outros indivíduos apenas de uma forma espacial, mas também temporal, tendo em vista a longa duração de gestação e maturação dos costumes e práticas sociais que incorporamos. Segundo Elias (2006), citado por Leão (2007, p. 20): embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma autorregulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada.

Partindo dessa premissa, entendemos que Elias traz uma sociologia configuracional para explicar o conceito de *habitus*, determinando a composição social dos indivíduos, como que constituem as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Para o autor, o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio histórico, dotado de uma configuração social exterior a ele e uma interioridade. Dessa forma, conforme Koury (2013) o *habitus*, a partir da sociologia configuracional de Elias, é visto como um espaço de interações e de redes intercomunicantes, em que as relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente, e as identidades dos indivíduos se tornam pessoais e sociais.

Para explicar seu entendimento sobre o *habitus,* Elias (1994) se utiliza de metáforas didáticas, apresentando a ideia de dança de grupo para demonstrar que nele cada membro realiza os gestos e movimentos de forma combinada e sincronizada com os demais membros, se um destes membros atrasa ou adianta seus movimentos, toda dança é modificada, sendo assim, percebe-se que eles atuam de forma interdependente, por conta da dependência um do outro.

Para a dança e sua coreografia serem entendidas, os membros não devem ser vistos isoladamente, mas sim como partes de um mesmo conjunto, ainda que possuam características distintas. A maneira com que um membro da dança se comporta é determinada pelos demais que estão em sua mesma configuração social, mesmo o membro do grupo de dança possuindo autonomia para mudar a coreografia, ele não o faz (ELIAS, 1994).

Como podemos notar, a própria construção do que o Elias denomina por *habitus* assume uma dimensão que só pode ser compreendida perfeitamente quando entendida em um primeiro momento seu caráter processual e figuracional. A sociologia Eliasiana só se torna compreensível, como aponta Andrade (2019), quando entendido o que foi demonstrado no ponto defendido anteriormente: a partir de seu caráter relacional entre as estruturas de personalidade e a estrutura social, atrelada à sua dimensão processual. Isto é, a sociologia das figurações é uma sociologia que se ampara na história e nos seus desdobramentos com o objetivo de perceber as mudanças e reformulações, tanto mais amplas das figurações como mais específicas, encarnado na forma como essas figurações se organizam.

Neste primeiro ponto de análise, sob a ótica Elisiana, evidenciou-se que o respectivo autor tem uma visão de longo prazo nas sociedades, atrelando-se às configurações, e pretende explicar a constituição e surgimento dos *habitus* nessas longas durações,

enquanto se aprofunda na história buscando uma explicação na gênese dos acontecimentos. Diante disso, podemos apresentar, sob o prisma de Pierre Bourdieu, a sua perspectiva conflitante quanto ao conceito de *habitus,* concentrando sua análise na imutabilidade das estruturas sociais, mais especificamente em como se dá tal imutabilidade. Seu olhar enfatiza sobre o campo, privilegiando a relação entre os agentes que solidificam o *habitus*, centrando, assim, não numa contingência histórica, mas sim no presente.

Em Bourdieu, a relação dos conceitos de campo e *habitus* está no próprio enfoque do *habitus*. Para o autor, esse conceito seria: um sistema de disposições duráveis e intransponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é produto. (...) constituído num tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente éticos ou estéticos, exprime segundo a sua lógica própria a necessidade dessas condições em sistemas de preferências, cujas oposições reproduzem, sob uma forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura da distribuição dos instrumentos de apropriação, transmutadas, assim em distinções simbólicas (BOURDIEU; SAINT-MARTIN, 1976).

Para Ortiz (1983), Bourdieu está preocupado em entender como se estruturam as relações sociais e como se formam e se mantêm as formas de dominação – que para ele sempre são de ordem simbólica e respectivamente de ordem objetiva. Assim, percebemos que o *habitus* é percebido por meio de uma socialização, desenvolvido dentro de um espaço social, em que há relações entre os agentes que compõem essa estrutura. *Habitus* são princípios geradores que o homem carrega dentro de si, e que foram dados pelo meio social. O *habitus* é individual, mas ele se constrói no processo de socialização. (...) o capital social é o capital do *habitus*, em Bourdieu, são os bens simbólicos, aquilo que um indivíduo adquire ao longo de sua vida, como a tradição, o gosto pelas artes, etc. (SILVA, 2001).

O *habitus* na teoria sociológica Bourdieusiana tem como função assumir esse caráter relacional entre realidades individuais e a realidade exterior, trazendo a necessidade de entender a relação entre indivíduo e sociedade. Diante dessa premissa, o *habitus* é percebido como uma estrutura estruturante e uma estrutura estruturada (BOURDIEU, 1989).

O *habitus* para Bourdieu seria, então, a incorporação das estruturas sociais em um indivíduo ou em um determinado grupo. Esse *habitus* é adquirido de acordo com a posição social do indivíduo, de acordo com o campo em que está inserido, e que permite ele formar posições sobre os diferentes aspectos da sociedade.

Segundo Bourdieu, "o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em conjunto unívoco de escolhas, de bens, de práticas." (BOURDIEU, 1996: 21). Ele fomenta:

> O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem siste-

> maticamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Assim, entendemos que o *habitus* estabelece a ligação entre a sociedade e o indivíduo, onde estão fundidas as condições objetivas e subjetivas. Como apontado por Setton (2002), *habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre a realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, "socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano" (SETTON, 2002, p. 63).

Consoante ao exposto neste devido tópico, pudemos notar que o conceito de *habitus*, presente em Norbert Elias e Pierre Bourdieu, com suas devidas contribuições, traz pensamentos distintos em alguns momentos. A figuração de Elias, por exemplo, valoriza o elemento histórico, o efeito das longas durações na constituição do *habitus*, enquanto o conceito de campo que Bourdieu leva menos em conta, uma vez que ele centrava sua atenção em elementos da estrutura e as relações sociais desenvolvidas pelos agentes sociais dentro de suas posições no espaço social. Para Elias, o desenrolar dos fatos do passado tem um papel crucial na rede de relações e na formação da personalidade dos agentes envolvidos, enquanto Bourdieu foca no presente para evidenciar e explicar o relacionamento e desenvolvimento entre estrutura e agência.

5. Conclusões

Após análises das principais perspectivas conflitantes sobre o conceito de *habitus* em Norbert Elias e Pierre Bourdieu, podemos considerar que a utilização, em conjunto, das ferramentas teóricas propostas pelos dois estudiosos pode nos ajudar a compreender a conjuntura de um determinado objeto/fenômeno. Tanto Elias quanto Bourdieu não concebem o objeto da sociologia enquanto categorias independentes – indivíduo e sociedade –, o *habitus,* em ambos, é um exemplo disso.

Podemos explanar que o *habitus* nos dois autores destacados no presente estudo é um conjunto de valores que é socializado em grupo, mas que age de formas específicas nos sujeitos individuais, sem fazer com que o seu caráter social – isto é, coletivo – seja perdido. O *habitus* em Norbert Elias, por exemplo, adquire uma dimensão mais macrossociológica, uma vez que o autor sempre está associando-o ao caráter nacional

de um povo, enquanto Pierre Bourdieu traz essa dimensão ao mesmo tempo macro e microssociológica, pois um conjunto de valores ligado a um conjunto de campos de ação, conceito bastante fomentado pelo autor, é existente em sua perspectiva analítica.

Enquanto que em Bourdieu o *habitus* é incorporado pelo agente ao longo de sua trajetória no interior de um ou mais campos – onde as regras específicas do campo o qual o agente faz parte é internalizada – em Elias, o *habitus* é absorvido por meio da participação do indivíduo numa dada figuração social. Consoante isso, podemos fomentar que a sociologia de Bourdieu é caracterizada num aspecto de poder (principalmente o simbólico), de como ele é constituído e desigualmente repartido entre os grupos sociais. Já a de Elias é uma sociologia processual, uma vez que objetiva compreender, a partir das relações entre indivíduos e grupos, o devir histórico.

Evidenciou-se, então, que Bourdieu sempre se dedicou a temas com delimitações menos temporais, focando em estabelecer teorias diferentes, permitindo categorizar o conceito de *habitus* como "capital cultural incorporado", sedimentando a relação entre os agentes no campo e possibilitando a realização de análises que envolvessem diversos aspectos na vida cultural e social; Elias, por sua vez, demonstra seu interesse em destacar processos civilizatórios, trazendo em sua gênese uma busca de entendimento sobre a constituição deste mesmo conceito.

Por fim, perante o que pudemos analisar, concluímos que levar em conta as características que Norbert Elias e Pierre Bourdieu agregam ao conceito de *habitus*, com suas semelhanças e diferenças, em gerações distintas, torna a investigação sociológica mais rica e dinâmica no que se refere à realidade social.

Referências

ANDRADE, Ícaro Y.F de. Habitus e processos sociais: Revisando as teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. ***Revista Abordagens***, João Pessoa, v. 1, n. 1, jan./jun. 2019.

ALTMANN, Eliska. Tipificação, habitus e interdependência: emblemas para um debate sociológico. ***Ciências Sociais Unisinos,*** v. 41, n. 3, p. 143-150, 2005.

AREAIS, Helena; MARQUES, Ana Paula. Redes e reconfiguração organizacional: o contributo de Norbert Elias. ***Configurações. Revista de Ciências Sociais***, n. 9, p. 37-56, 2012.

BOURDIEU, Pierre. ***Razões práticas: sobre a teoria da ação***. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. ***O poder simbólico.*** Lisboa: Deifel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. ***Coisas ditas.*** São Paulo: Brasiliense, 2011.

BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, M. ***Gostos de Classe e estilos de vida.*** Actes de la recherche en Sciences Sociales. n. 5, 1976.

CERRI, Fernando Luis; SILVA, José Alexandre. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. ***Revista Linhas***, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 171 – 198.

CESARINO, Frederico Nicolau. O pensamento sociológico do século XX: as sociologias de Talcott Parsons, Norbert Elias e Erving Goffman. ***Revista Pós***. v. 11, n. 1, p. 351-370, 2012.

ELIAS, Norbert. ***O Processo Civilizador.*** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. ***Escritos e Ensaios 1. Estado, Processo, Opinião Pública.*** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ltda,, 2006.

KOURY, Mauro G. P. Emoções e Sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. ***História: Questões & Debates***. n. 59, p. 79-98, 2013.

LANDINI, Tatiana Savoia. ***A Sociologia de Norbert Elias***. BIB. n. 61, p. 91-108, 2006.

LANDINI, Tatiana Savoia. ***Jogos habituais – sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias.*** X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Tatiana_Landini. pdf. Acesso em: 30 set. 2012.

MALERBA, Jurandir. ***Ensaios: teoria, história e ciências sociais.*** Londrina: EDUEL, 2011.

MORAES, Ulisses Quadros de. Pierre Bourdieu: campo, habitus e capital simbólico um método de análise para as políticas públicas para a música popular e a produção musical em Curitiba (1971-1983)**.** ***Anais:*** V Fórum de Pesquisa Cientifica em Arte. p. 180-192, 2007.

ORTIZ, Renato. ***Pierre Bourdieu: sociologia I.*** São Paulo: Ática, 1983.

RODOLPHO, Adriane Luísa. Pierre Bourdieu: notas biográfic**as**. ***In***: Protestantismo em Revista. *Revista Eletrônic*a do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia, Volume 14, set.-dez. de 2007 – ISSN 1678 6408.

SETTON, Maria da Graça. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. ***In****:* Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 60-70, agosto de 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05

SILVA, José Alexandre; CERRI, Luis Fernando. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional**.** ***Revista Linhas*****.** v. 14, n. 26, p. 171-198, 2013.

SILVA, Priscila L. Ludovico da. ***O Conceito de habitus em Elias e Bourdieu***. Universidade Federal do Paraná. 2001.

Karen Blixen e o Colonialismo

Karen Blixen and the Colonialism

Karen Blixen y el Colonialismo

Maycom Cunha[1]

Resumo

CUNHA, M. Karen Blixen e o Colonialismo. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 85-100, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art3

Este ensaio nos leva à reflexão sobre as principais críticas estabelecidas à obra A fazenda africana (1937), da escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962), e suas implicações em questões de colonialismos dos territórios africanos. Desse modo, buscamos confrontar visões distintas acerca da relação entre a escritora e os povos com os quais manteve contato no período em que administrou uma fazenda de café na África Oriental, atual Quênia. Argumentamos, assim, que a escrita e a figuração da escritora se localizam em um campo interpretativo complexo perante as instituições coloniais.

Palavras-chave: Colonialismo. Escrita. Ficção. África.

Abstract

CUNHA, M. Karen Blixen and the Colonialism. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 85-100, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art3

This essay reflects on the main criticisms established towards the work "Out of Africa" (1937) by Danish writer Karen Blixen (1885-1962) and its implications for colonialism in African territories. In this way, we seek to confront different views on the relationship between the writer and the people she encountered during the period in which she managed a coffee farm in East Africa, currently known as Kenya. Therefore, we argue that the writer's writing and portrayal are situated in a complex interpretive field in relation to colonial institutions.

Keywords: Colonialism.Writing. Fiction. Africa.

Resumen

CUNHA, M. Karen Blixen y el Colonialismo. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 85-100, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art3

Este ensayo reflexiona sobre las principales críticas a la obra Out of Africa (1937), de la escritora danesa Karen Blixen (1885-1962), y sus implicaciones para los

1 Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/USP). Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRN). E-mail: maycon1cunha@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2624-4949

problemas del colonialismo en los territorios africanos. De este modo, se pretende confrontar distintas visiones sobre la relación entre la escritora y los pueblos con los que tuvo contacto a lo largo del periodo en que gestionó una hacienda de café en el este de África, actual Kenia. Sostenemos, pues, que la escritura y la figuración del escritor se sitúan en un complejo campo interpretativo ante las instituciones coloniales.

Palabras-clave: Colonialismo. Escritura. Ficción. África.

Data de submissão: 16/03/2023
Data de aceite: 21/06/2023

1. Introdução

Karen Blixen nasceu em 1885, em Rungstedlun, propriedade de sua família ao norte de Copenhague, Dinamarca. Frequentou a Academia de Belas Artes de Copenhague, pois tinha o desejo de tornar-se pintora. Em 1914, casa-se com seu primo, o barão Bror von Blixen-Finecke em uma viagem a Mombaça, Quênia. Logo após o casamento, passaram a morar próximo de Nairóbi, onde administraram uma fazenda de café. Embora não fosse um local propício para o desenvolvimento de tal cultivo, devido à altitude da região, a fazenda conseguiu ser mantida até 1931.

Os efeitos da crise de 1929 afetaram a produção cafeicultora mundial, e Blixen decidiu se desfazer da propriedade e retornar para a Dinamarca. Três anos depois, publica seu primeiro livro, Sete contos góticos (1934). Contudo, o reconhecimento internacional somente surge com a publicação de A fazenda africana (1937). O sucesso do livro culminou em uma adaptação para o cinema em 1985, sendo extremamente premiado[2]. Embora tenha sido um sucesso cinematográfico, segundo Ana Paula Raposo (2016), a produção não abarcou a grande paixão que Blixen expressa em sua obra: a África, a sua maior protagonista.

"Eu tive uma fazenda na África, aos pés dos montes Ngong" (BLIXEN, 2018, p. 17.). É deste modo que Blixen inicia um relato instigante de sua vivência de 17 anos à frente de uma fazenda de café nos arredores de Nairóbi, Quênia. O tom nostálgico é encontrado do começo ao fim de sua narrativa, que enquadra contextos de significativas mudanças no processo colonial estabelecido nos países africanos no final do século XIX, incluindo nesse processo a participação de países africanos na Primeira Guerra Mundial. A obra descreve um paraíso cosmopolita. Desde um simples passeio pelas ruas de Nairóbi, capital do país, até as reuniões com chefes locais. A diversidade étnica, os costumes, as línguas, as corporalidades e os pensamentos se fazem presentes, tudo amarrado numa escrita poética e envolvente.

2 O filme foi protagonizado por Meryl Streep (Karen Blixen) e Robert Redford (Denys Finch-Hatton). A produção gira em torno do relacionamento conturbado entre Karen e Bror e, posteriormente, na relação amorosa que esta passa a ter com Danys; por isso, o título brasileiro para o filme é: "Entre dois amores", indicando o viés do mote escolhido para contar a história da escritora.

Para Raposo (2016), Blixen divide o protagonismo de sua obra ora consigo mesmo, ora com a África. A fazenda (como doravante chamaremos a referida obra) pode ser vista como um filme em que a dinamarquesa é a diretora. Os personagens são os sujeitos que atuaram na fazenda ou por ela estava de passagem: Farah, Kamante, a antílope Lulu e os europeus que a visitavam. Se partirmos desse princípio cinematográfico, podemos concluir que o livro se enquadra num registro vívido das culturas somali, quicuio, massai e dos diferentes contatos que tiveram com a estrutura burocrática colonial instalada em terras africanas.

De acordo com Susan Brandly (2013), Blixen desenvolve uma hibridez estética, que impulsiona a obra a extrapolar a noção de um material literário colonialista comum. Eis que não é difícil de encontrar descrições extremamente poéticas de paisagens e situações ao longo de seu texto. Muitas vezes estão articuladas com versos da própria autora ou de outrem como, por exemplo, esses versos escritos por Blixen (2018, p. 113) sob inspiração da savana enquanto cavalgava: "Pela savana corre, alta, a relva, enquanto sopra o tempo, \\ Na solidão, brincam juntos, savana, coração e vento."

Soma-se a isso, um conjunto de subgêneros: anotações, fábulas e pequenos contos, assim como diálogos entre diferentes personagens; sem esquecer de alguns desenhos como os que ornam o subcapítulo "caminhos da vida" (p. 276-278). São elementos pertinentes para a contextualização dos fatos descritos. Talvez a ideia do gênero anedota componha o principal instrumento estilístico usado pela autora[3], isto é, pequenos relatos de significativos acontecimentos de cunho explicativo e, quase sempre, com teor cômico ou contemplativo. Desse modo, Raposo (2016) argumenta sobre a dificuldade em classificar esta obra em um gênero literário específico, pois se trata de um compilado de gêneros distintos. Destarte, Norma Telles (2014) defende que A fazenda é "uma memoir, uma saga, uma elegia ou poema lírico à África"[4]. Em boa parte da obra, Blixen guia o leitor através de um vernissage pastoril, situando os diversos sujeitos, paisagens e conflitos distribuídos em acontecimentos anacrônicos.

2. Olhares sobre a obra

À luz das nações africanas pós-coloniais, que buscam forjar identidades e literaturas próprias, os pontos de vista de Blixen e, em particular, seus escritos sobre África, passaram a ser examinados cada vez mais detalhadamente (MARAIS, 2015; BRANDLY, 2013; ver em especial KJÆLDGAARD, 2009). O escritor e crítico literário queniano Ngũgĩ wa Thiong'o defendeu que *A fazenda africana* é a obra mais perigosa já escrita acerca da África, pois nela o racismo estaria transmutado em amor. Segundo Thiong'o, haveria três tipos representacionais da África que circulariam pela Europa: 1) aquela dos caçadores de ouro, estabelecida por empreendedores que veem o continente africano como uma mina a ser garimpada; 2) aquela dos caçadores por prazer, construída pelas imagens dos safáris e a mortandade da fauna africana e, por fim, 3) a África da ficção literária europeia, fundamentada por alguns em imagens românticas

3 Inclusive, o termo anedota aparece no título de um de seus livros posteriores, "Anedotas do destino" de 1958. Nesta coletânea de contos, inclui-se "A festa de Babette", outra produção de Blixen adaptada para cinema sob o mesmo nome, em 1987, também se tornou uma produção premiada.

4 Material sem paginação, periódico eletrônico.

de uma vida idílica africana. Seria neste último tópico que a literatura blixeniana se encontraria segundo essas denominações.

Thiong'o chama-nos a atenção para o uso repetido das imagens de animais acionadas por Blixen ao descrever seus trabalhadores quicuios e massai. Por exemplo, em representação feita de seu servo Kamante, Thiong'o vê a comparação feita por Blixen como um grande insulto. Em certo momento, a escritora compara as ações de Kamante a "um cão há muito domesticado [que] coloca diante de nossa porta um osso de presente" (BLIXEN, 2018, p. 52). Há todo um subcapítulo intitulado "O selvagem na casa da imigrante" (p. 56-77), dedicado a descrever as relações iniciais do servo Kamante com a arte culinária francesa e as minúcias de etiqueta. Feliz pelo esforço e desempenho dele, Blixen confessa: "nada, pensei, poderia ser mais misterioso do que esse instinto natural num selvagem para nossa arte culinária. Isto fez com que eu encarasse de outro modo nossa civilização: afinal, talvez, ela fosse, de certo modo, divina e predestina" (BLIXEN, 2018, p. 50); ou, ainda, com a afirmação: "Eu havia formado um cozinheiro para a realeza e o abandonara numa colônia ainda em seus primórdios."[5]

Neste ponto, fica evidente que a escrita parte de um conceito específico de civilização, a europeia. O movimento de animalizar seus trabalhadores chega ao nível de, mesmo em viagem de férias à Europa, Blixen sonha com seus trabalhadores a visitando transmutados em animais. Para Thiong'o, a hierarquia definida por Blixen não deixa espaço para os africanos como seus iguais, pois estes estão no reino da animalidade, da natureza. Na opinião de Thiong'o, com a proliferação de imagem de animais, Blixen degrada os africanos que ela afirma elogiar. O crítico entende que a visão aristocrática da escritora se traduz em um mundo em que o africano é um ser-diferente em sua totalidade, afastando-o completamente da mentalidade branca europeia.

Em outras passagens com a mesma semântica, porém, outros críticos contestam a visão de Thiong'o. Em especial o trabalho de Lasse Horne Kjældgaard (2009), defendendo a presença de uma descrição equilibrada, embora um tanto construída, da África e seus povos a partir das palavras de Blixen. Kjældgaard (2009) utiliza-se das ideias de Edward Said quanto à crítica literária e às questões coloniais. Segundo o argumento, a figura controversa do escritor e as leituras distintas de suas obras compõem os cânones literários como pontos de inflexões, nos quais os pontos de vista diferentes são fundamentais para a compreensão. Seu argumento seria que um europeu ao ler, por exemplo, O coração das trevas de Joseph Conrad teria uma visão distinta em relação à mesma leitura feita por um congolês. Esse argumento contextualiza, por exemplo, o asco na crítica de Thiong'o, visto que o escritor é da etnia quicuio. É claro que Kjældgaard não aprofunda as ideias de Said em sua argumentação e, com isso, perde a defesa do autor em uma análise mais diversa de mundo e menos monolítica, ou, em suas próprias palavras:

> Ignorar ou minimizar a experiência sobreposta de ocidentais e orientais, a interdependência de terrenos culturais onde colonizador e colonizado coexistem e combateram um ao outro por meio de projeções, assim como geografias, narrativas e histórias

5 Id ibid., 2018, p. 94).

> rivais, é perder de vista o que há de essencial no mundo dos últimos cem anos (SAID, 2011, p. 22).

A recusa ao monolitismo compõe a defesa de Said (2011) como estratégia de pensar as muitas formas nas quais as vozes díspares produzem cenários heterogêneos em um mundo imperialista e global. Compõe, ainda, a crítica de Said a defesa de uma abordagem menos condescendente aos autores no processo colonial. Dizer simplesmente que Blixen é fruto de seu contexto histórico e que a visão progressista atrelada à máquina imperialista permeia toda a sua obra memorialística é limitar-se à superfície de suas ideias. De fato, encontramos diversos momentos nos quais Blixen elogiosamente aponta para certa superioridade das culturas europeias, contudo, o contraponto sempre é apresentado. No subcapítulo intitulado "Sobre os nativos e a história" (p. 328-330), encontramos a autora descrevendo o processo evolutivo passado pela cultura ocidental e que, no possível, as muitas culturas africanas também poderão passar a partir da influência da colonização branca europeia.

Como pontua Norma Telles (2014), devemos compreender a figura da Blixen como defensora do colonialismo europeu sobre os povos africanos ou, de um modo particular, de um tipo específico de colonialismo. Blixen nutria uma visão positiva dessa espécie de domínio. Ainda neste subcapítulo, a autora defende a possibilidade de que o contato colonial imposto aos diferentes povos africanos, gerasse uma espécie de nivelamento intelectual entre as culturas. Pelo que vemos, Blixen era uma entusiasta do processo de colonização, mesmo que encontrasse entre os grupos étnicos que estabeleceu contato muitas qualidades, como desenvolve neste ponto:

> Quanto à receptividade a novas ideias, o nativo é mais cosmopolita do que o colono ou missionário de mentalidade suburbana ou provinciana, ambos criados em comunidades homogêneas e baseadas num conjunto estável de ideias. Grande parte do desentendimento entre brancos e nativos advém desse fato (BLIXEN, 2018, p. 66).

Seu esforço foi tal que implementou uma escola na fazenda destina às crianças. Embora o projeto pretendesse abarcar qualquer um dos moradores, segundo Blixen, houve forte recusa dos grupos adultos. Apesar de articular uma visão um tanto romanceada, quase idílica da figura nativa, as representações desenvolvidas contrapõem quase sempre positivamente as imagens associadas aos colonizadores. Os nativos estavam sempre buscando aprender, enquanto os colonos brancos, intentavam demonstrar um certo saber já adquirido.

Podemos argumentar também, seguindo ideias de Achille Mbembe (2006), que a própria máquina colonial exigia de seus colonos o sucesso, além da afirmação masculina da vitória. Não utilizaremos o argumento de que Blixen era fruto de uma estrutura colonial, por conseguinte, não poderia agir de outra forma. Como afirmarmos anteriormente, com esse argumento perderemos toda a complexidade por trás da escritora e de seus escritos. Apostamos, assim, que Blixen subverteu, dentro de

seus limites, muitas das estruturas a ela impostas. Como suprir a ausência da figura masculina e assumir posição nas negociações empresariais da administração da fazenda e, muitas vezes, negociações políticas com a máquina colonial como a luta que estabeleceu com os administradores coloniais para implantação de um hospital para os grupos locais.

O encontro colonial, desenvolve Mbembe, se funda pela abundância de fantasias do sucesso. Deste modo, o sucesso do empreendedorismo em terras colonizadas serviu como instrumentos para o processo de deslocamento de investidores às colônias. Uma das questões importantes a ser destacada é o *status* produzido pela colônia, que reveste o colono de uma estrutura de dominação, instituindo a autoridade. Para Mbembe, todo esse movimento se estabeleceu por meio do denominado "dispositivo fantasmagórico do potentado" (MBEMBE, 2006, p. 108), que se baseia na promoção das ideias de riqueza e propriedade sem limite, assim como no desejo e em certa vontade de realização desenfreada. Talvez seja a ausência dessa visão sobre a trajetória Blixen que obscureça as sutilezas de narrativa.

Embora a questão do deslocamento perpasse a busca pelo sucesso empreendedor, em se tratando da fazenda de café, seu sucesso foi bastante baixo. Ao acompanharmos a narrativa da escritora, seus esforços em mantê-la foram em vão, tanto é que a fazenda foi vendida em 1931. Entre seus esforços para manter a propriedade, destacamos o projeto desenvolvido com seu amigo Knudsen, um velho dinamarquês que morou na fazenda por um tempo, e decidiram produzir carvão vegetal, porém, não obtiveram muito sucesso.

Com a venda da fazenda, a grande preocupação era o deslocamento dos grupos quicuios que a habitavam. Blixen narra que enfrentou a burocracia colonial para acomodar os quicuios em uma reserva própria, tendo que conversar pessoalmente com o governador da colônia. Além disso, próximo de sua saída da África, a escritora organizou recursos para que seus trabalhadores mais próximos ficassem estáveis até conseguirem novos empregos. Isso demonstra os vínculos criados entre a escritora e seus trabalhadores. Os vínculos criados podem ser expressos na estrutura da própria narrativa da escritora. Por exemplo, Farah, seu principal intérprete, é a figura que a recebe em sua chegada e que se despede dela, na partida da África.

Voltemos a Kjældgaard (2009) e a desconstrução da crítica feita pela jornalista Dominic Odipo à Blixen. Os argumentos de Odipo giram em torno das mesmas ideias desenvolvidas por Thiong'o, que situa Blixen como sendo uma espécie de sonho erótico de seu país (Quênia), no qual os homens brancos são caracterizados como deuses caçadores e as pessoas negras são como animais úteis. Para Kjældgaard, tais argumentos não consideram a questão de gênero e instaura um lugar-comum para Blixen na discussão colonialista, esquecendo que a escrita da autora é ambivalente. Se por um lado algum acontecimento é descrito encaminhando-se para uma visão positiva do encontro colonial, por outro, este mesmo encontro é criticado por seus efeitos violentos, como a expulsão de muitos grupos étnicos de suas terras, os rompimentos dos ciclos migratórios de alguns animais, dentre outros impactos sociais e ambientais.

Já a questão de gênero seria crucial para entender a posição ocupada por Blixen. O contexto precisa ser pintado da seguinte forma: uma mulher branca da aristocracia

dinamarquesa nas primeiras décadas do século XX, administrando uma fazenda em uma colônia britânica sem auxílio de seu esposo e precisando assumir diversas vezes a posição de mediadora de conflito entre grupos locais. Nas palavras de Blixen (2018, p.366): "administrar uma fazenda é um fardo pesado". Um quadro um tanto diferente para o cenário da época. A própria Blixen diz ter que se impor diante de um mundo de homens.

Assumir uma posição de autoridade diante de um mundo masculino perpassou, provavelmente, o desempenho, por exemplo, de um papel de sucesso em relação à administração da fazenda. Para Marianne Stecher-Hansen (2011), muitas das discussões de cunho empoderador são realizadas por Blixen posteriormente em seus ensaios críticos e são debitárias de suas experiências descritas n'*A fazenda*. Stecher-Hansen destaca o ensaio "En baaltale med 14 aars forsinkelse"[6] de 1953, em que Blixen afirmaria não ser feminista, ou pelo menos, uma mulher da causa feminina, distanciando-se das ideias feministas que se instauraria nas décadas seguintes, mas que defendia diversos avanços em questões de direitos para as mulheres. O posicionamento da escritora diante da sociedade também justificaria a utilização de um pseudônimo masculino, Isak Dinesen, sob o qual assinou suas primeiras publicações. Para Raposo (2013), a escolha do nome Isak, que significa "aquele que ri", pode ser entendida como uma indicação da crítica realizada por Blixen ao sistema editorial da época e a recusa de publicações de mulheres.

3. A realidade e a escrita

Entre diversas situações presentes n'*A fazenda*, aquelas que envolvem os nativos muçulmanos são as mais emblemáticas, pois demonstram as muitas estratégias dos nativos tentando contornar normas e costumes de suas próprias crenças como, por exemplo, em momentos envolvendo safáris, prática bastante apreciada por Blixen. Comumente as comitivas de caçar eram acompanhadas por um xerife, que ficava responsável por caçar para o grupo de servos da comitiva, seguindo a regra mulçumana de que somente poderia ser comida a carne de um animal abatido por um muçulmano[7]. Contudo, diversas vezes Blixen precisou assumir tal posição ao fazerem longas incursões. Quando não havia um muçulmano autorizado pelo governo no grupo, gerava-se o receio sobre como poderia suprir o coletivo e não descumprir as leis. Nisso, o próprio xerife através de orações autorizava Blixen a abater um animal como se fosse um homem muçulmano.

Encontramos também diversas situações de contrastes, nos quais os costumes nativos são contrapostos aos dos europeus, principalmente quando se referia às normas jurídicas. Para os quicuios e os massais presentes na narrativa, qualquer incidente teria a instituição da multa compensatória como instrumento de atenuação de dano sofrido. Muitas vezes englobam montantes de bovinos ou caprinos. Já no sistema colonial, as leis são desenvolvidas na Metrópole e aplicadas à risca nas colônias, independente do sistema cultural local e os grupos envolvidos. Por isso, muitas vezes, surgiam

6 Numa tradução livre "Oração à fogueira 14 anos depois".
7 O grupo era majoritariamente da etnia somali, convertidos ao Islã.

conflitos entre nativos e agentes institucionais do governo. De acordo com Blixen, muitos grupos preferiam solucionar seus problemas entre si, localmente, ao invés de recorrer às autoridades policiais.

Para evitar que os problemas chegassem às autoridades locais, era permitido aos diversos grupos a realização de assembleias, *kyamas*, encarregadas juridicamente de solucionar os pequenos problemas. Reuniam-se os mais velhos do grupo e convidavam o responsável pelas terras para agir como um juiz mediador. Certa vez, Blixen assumiu a posição de juíza em um acontecimento desastroso na fazenda. Um jovem quicuio, Kabero, que ao resolver brincar com a espingarda de seu pai, mata outro jovem acidentalmente. Esse episódio ganha destaque na segunda parte do livro, 'Um disparo acidental na fazenda".

Durante a *kyama* formada para resolver esse impasse, é decido que Kaninu seria o responsável por indenizar o conjunto de familiares que tiveram seus parentes machucados de alguma forma. Kaninu é descrito como um rico posseiro, dono de muitas cabeças de gado. Jagona, pai de Wanai, deveria ser compensado pela perda de seu primogênito e por todo o gado que ele traria em um futuro casamento. Wanyangerri, embora tenha sobrevivido, deveria ser indenizado também, pois teve sua mandíbula esfacelada e, na argumentação quicuio, teria problemas em conseguir um bom casamento devido a sua nova aparência. Blixen descreve dias seguidos de reuniões, nos quais argumentos e contra-argumentos são lançados pelos quicuios mais idosos a respeito das indenizações. Após longas conversas e as indenizações definidas e justamente pagas, Blixen alega que ganhara notoriedade entre os quicuios depois da posição de mediadora de conflitos. Situações como estas reafirmam aquilo que Brandly (2013) apontou anteriormente acerca da posição ambígua ocupada por Blixen frente aos grupos com os quais conviveu.

Outra situação descrita no livro é o caso do nativo Kitosh. Este acontecimento é tomado por alguns críticos[8] como um exemplo incontestável da posição racista e colonial de Blixen. Kitosh era servo de um colono branco local e foi açoitado por este depois que cavalgou em sua égua sem permissão[9]. Após açoitado Kitosh foi amarrado em um galpão durante a noite e no dia seguinte foi encontrado morto. O caso foi a júri no Tribunal de Nairóbi. Depois de três laudos médicos, dois foram a favor do argumento de que Kitosh havia morrido por conta própria, algo que foi intitulado de "peculiaridade nativa". Essa situação de "morte espontânea" é apontada desde o início do livro como uma característica nativa, uma espécie de desapego à vida que somente os povos nativos teriam. Assim, as autoridades coloniais passaram a aplicar penas diversas aos grupos locais que não incluíssem reclusão, pois a prisão, quando aplicada, passava a ser uma sentença de morte para eles. Uma noite apenas seria suficiente para um nativo morrer misteriosamente, descreve Blixen[10]. Este trecho mostra a contradição inerente ao posicionamento da autora ao acontecimento:

8 Ver Kjældgaard (2009) para uma delimitação dos principais críticos.

9 Segundo Kjældgaard, a partir de levantamentos em jornais da época, o colono branco seria Thomas Cholmondeley, neto do Lord Delamere, um dos pioneiros na colonização do Quênia.

10 Ver em especial capítulo 2.

> Ao lermos os autos do processo, percebemos como é desconcertante e humilhante para os europeus o fato de os nativos poderem, por conta própria, decidir o momento em que querem abandonar a vida. A África é a terra materna dos nativos e, seja o que for que lhes fazemos, quando resolvem partir eles o fazem por sua livre e espontânea vontade, porque não desejam mais ficar (Blixen, 2018, p. 317).

Há uma inversão de posições entre nativos e colonizadores. O fio nesse argumento é a presença de uma inveja do controle nativo sobre suas próprias mortes. O patrão de Kitosh foi sentenciado a dois anos de reclusão, pena atenuada pelos argumentos médicos que defenderam certa "teoria da vontade de morrer" (BLIXEN, 2018, p. 317). A posição tomada pela escritora é neutra e assente de posicionamentos referentes às conclusões do inquérito. De fato, esse pode ser um trecho perigoso no qual a posição de neutralidade narrativa pode deslocar a autora para um campo de concordância com a máquina colonial. No entanto, a neutralidade em sua descrição pode ser compreendida como uma estratégia crítica perante a situação, pois apenas apresentou os acontecimentos, legando ao leitor a tarefa de discernir os pontos falhos da narrativa e dos seus desdobramentos.

Essa maneira entendida como neutra ao abordar algumas situações é rara n'*A fazenda*, pois encontramos muitas vezes comentários críticos sobre acontecimentos narrados. Em certo momento, Blixen descreve uma complicada situação que vivera ao tentar auxiliar uma jovem quicuio que estava em trabalho de parto. Ao perceber que não conseguiria ajudá-la sozinha no parto, decidiu chamar um médico que atendia na fazenda vizinha. O jovem médico atendeu ao pedido e a ajudou no parto. Dias depois, Blixen recebeu uma carta do mesmo médico explicando que aquela situação não se repetiria, afinal sua formação em medicina havia sido nos melhores centros de educação da Europa e estava destinado a atender a aristocracia local, não aos nativos. Blixen descreve sua reação como fortemente ultrajante, pois, em sua carta, o médico argumenta que já deveria haver o entendimento que os seus serviços não se destinavam aos nativos. A autora entende a situação como um caso extremo de preconceito, embora não haja um maior desenvolvimento da situação, apenas esclarece que não requisitou mais os serviços do jovem médico.

4. Da figuração do outro à denúncia

Uma leitura apressada d'*A fazenda* pode nos levar a impressão de que se trata de um longo relato sobre o Outro-estranho, misterioso e exótico. Todavia, ao abordamos as sutilezas da escrita de Blixen, encontramos uma exímia pintora, apesar de conter seus vícios, e é extremamente destra na arte de situar os sujeitos numa complexa cena teatral. Como encontramos neste trecho acerca da preparação dos jovens quicuios para uma *ngoma*[11]:

11 *Ngomas*, pequenas festas onde rapazes e moças se embelezavam como estratégias de conseguirem possíveis casamentos.

> Ao se preparar para uma *ngoma*, os quicuios esfregam o corpo todo com um tipo específico de argila de um vermelho claro, muito procurada e negociada entre os nativos, e que lhes confere uma aparência curiosamente *loira*. Não é uma cor do mundo animal, nem do vegetal: com ela, os jovens parecem fossilizados, como estátuas esculpidas em pedra. As jovens cobrem suas recatadas e bordadas vestes de couro curtido, assim como elas próprias, com lama e ficam todas com a mesma aparência – estátuas vestidas nas quais os drapejados são cuidadosamente executados por um artista habilidoso. Já os rapazes apresentam-se despidos nas *ngomas*, mas em tais ocasiões exploram ao máximo seus penteados, aplicando a argila em suas jubas e rabos-de-cavalo, e erguendo ao máximo seus penteados calcários. Durante meus últimos anos na África, o governo proibiu o uso de argila na cabeça. Em ambos os sexos, o efeito causa enorme impacto: diamantes e outros adornos valiosos não conseguiriam conferir a seus portadores uma aparência de gala tão eficaz. Sempre que notávamos ao longe, cruzando a paisagem, um grupo de quicuios cobertos de argila vermelha, sentíamos uma atmosfera de vibrante festividade (Blixen, 2018, p. 179).

Encontramos nesses momentos, uma escritora sensível em suas descrições paisagísticas, como se aludindo a sua formação artística de outrora. Podemos afirmar que as descrições, por vezes delicadas, são ferramentas usadas pela autora para situar, dispor, combinar e compreender os acontecimentos que se desdobram em sua trajetória. Situando os sujeitos ora no espaço, ora no tempo. Essa habilidade descritiva e poética ganha respaldo, segundo a própria Blixen, no contato com os povos africanos. É recorrente a apresentação da ideia de que os povos africanos possuem grande poder imaginativo ou que nutrem um afeto desproporcional ao desconhecido, ao acaso e as fatalidades. Segundo a escritora, o que mais admirava era a "absoluta passividade do nativo" (BLIXEN 2018, p. 59), a calmaria diante de um acontecimento. Em certo momento, afirma que os hábitos e maneiras de pensar que a estimularam à literatura surgem graças à convivência com diferentes culturas locais.

Segundo Hannah Arendt (2008), esse desejo repentino de alguém que não havia se vocacionado para a literatura, criou uma habilidosa escritora. Blixen começa a escrever para descansar das atividades na fazenda. Podemos localizar situações nas quais são apresentados interrompimentos das horas de descanso, limpezas desastrosas do escritório e, consequentemente, materiais escritos jogados fora. Um conjunto de causos ou anedotas envolvendo os momentos de escrita de Blixen. Um personagem recorrente é a princesa Chehrezade[12], que por vez encontra alusões em episódios de reflexão da autora.

12 A grafia para os nomes árabes é variada. Utilizo a forma apresentada por Mansour Challita (1999) em *Mil e uma noites*, ao invés da grafia presente na edição de *A fazenda africana* (2018).

Blixen defende ser debitária do pensamento nativo que teve contato. Em suas palavras, "a descoberta das raças negras foi, para mim, um esplêndido alargamento de todo o meu mundo" (BLIXEN, 2018, p. 30), tendo ciência do profundo impacto que é o contato de mundos culturais distintos. Esse contato reverbera em seu íntimo a ponto de concluir que "depois de ter conhecido os nativos, a melodia deles passou a influenciar toda a rotina dos meus dias" (*Idem*, 2018, 30). Essa melodia somente é atenuada nos momentos finais de sua estadia no Quênia, quando afirma: "não estava em meu poder deixar a África: era o próprio continente que, lenta e majestosamente, se afastava de mim, como o mar quando a maré recua" (*Ibdem*, 2018, p. 426).

São os momentos de pertencimento e não-pertencimento, aproximação e distanciamento diluídos ao longo da narrativa que, prestes a findar, ganha a tonalidade mais melancólica, de extrema saudade. Ou, até mesmo, já se encontra no início da obra, quando aludi para a ideia pretérita de ter possuído uma fazenda. O teor exótico presente em alguns momentos da obra, confirma a dualidade necessária para a existência do exotismo, a saber, a temporalidade e a espacialidade. Para Segalen (2002), o nativo colonizado se encontra em outro plano espacial e temporal em relação ao colonizador. Por isso, não custa encontrar diversas adjetivações para com o nativo, sendo primitivo e selvagem os mais recorrentes. No argumento de Segalen, o exotismo antiquado retém aquilo que é diverso. A pluralidade é coagida por uma ideia de homogeneidade. Há inegavelmente um teor homogeneizador nas bases de uma leitura apressada de *A fazenda africana*, a iniciar pelo próprio título[13]. Como aponta Raposo (2016), a presença do termo África indica a ideia de conhecer o todo pela parte e isso, por um lado, pode significar os efeitos coloniais de homogeneizar todo o continente africano; por outro lado, uma estratégia da própria Blixen em se colocar numa posição de aventureira como seus amigos europeus. De qualquer forma, a maneira exotizante que Thiong'o (1993) aponta sobre a escrita de Blixen se perde quando utilizamos as ideias de Segalen acerca da *diferença* como componente extremamente importante no quadro do exotismo. A diferença estaria relacionada com a individualidade. Para Segalen (2002, p. 21, tradução nossa), O exotismo não é, portanto, aquela visão caleidoscópica do turista ou do espectador medíocre, mas da energética e curiosa reação a um choque sentido por alguém de forte individualidade em resposta a algum objeto cuja distância de si mesmo só ela poderá perceber e saborear.

O exotismo, desta maneira, é a incompreensibilidade eterna do Outro. A impenetrabilidade que há na compreensão total dos sujeitos. É alimentando essa certeza, para além das questões valorativas moralistas europeias, que os sujeitos estabelecem um encontro baseado na diferença intransponível. Blixen (2018, p. 32-33) afirma: "Eu me conformei com o fato de que, embora nunca tenha chegado a conhecê-los ou entendê-los plenamente, eles me conheciam dos pés à cabeça, e estavam cientes das decisões que iria tomar antes mesmo de eu estar convencida delas".

Embora tentasse ler os quicuios e os massai com os quais conviveu, Blixen estabelece leituras parciais destes em sua escrita. Mesmo que busque abarcar o conjunto da

13 O título original lançado em inglês é *Out of Africa*.

realidade nativa, seu esforço se esfacela constantemente e descreve seu fracasso como uma forma de incompletude do espectador, que apenas entende aquilo que acontece através de um intérprete. Em seu caso, era seu governante Farah.

Kjældgaard (2009) defende que a obra de Blixen é, na verdade, uma grande encenação, na qual os personagens se constroem uns aos outros, incluindo a própria escritora. Assim sendo, o entendimento do que é uma identidade se estabeleceria através dessa encenação. Recorrentemente, a escritora descreve "uma postura quicuio dos pés à cabeça" (BLIXEN, 2018, p. 148), ao encontrar alguns de seus trabalhadores. Essa indicação acerca de uma contínua teatralização da vida nativa é mote para diversos momentos descritos por Blixen, quando afirma que os nativos seriam mestres na arte da dissimulação. A escritora enfatiza de maneira constante que os nativos sempre estão performatizando, teatralizando, seja chorando como estratégia para conseguir barganhar em uma negociação, seja em assumirem uma postura impávida, sem expressões faciais, tornando-se indecifráveis no meio de uma conversa. A escritora afirma que "todos os nativos possuem um acentuado pendor para os efeitos dramáticos" (Idem, 2018, p. 45). Como no caso em que Kamante é levado ao hospital para um tratamento de seus ferimentos, mas que por medo reluta em não ir. Blixen ignora totalmente as lágrimas e leva o rapaz para o atendimento médico, acusando-o de chorar lágrimas de crocodilo.

Em suas reflexões, Blixen sustenta que "todo o lugar tinha uma atmosfera teatral que, sob o Equador, onde não existiam teatros, era de um encanto infinito" (Idem, 2018, p. 210). Talvez, um preconceito marcado com os habitantes dos trópicos, imbuído de viés comparativista entre contextos, o Ocidente e o resto. Contudo, podemos entender a inexistência, sob os olhos da autora, do teatro como uma instituição, apesar de sua narrativa diluí-lo em dissimulações cotidianas, no qual cada nativo seria um ator em potencial. Seriam estratégias para lidar com a dominação. O próprio objetivo da dramatização, afirmará Klimpe (2014), é a integração do sujeito na vida social. Há uma situação envolvendo a Missão Católica Escocesa, que começou um processo de catequização dos quicuios e virou motivo de chacota. Houve um grande movimento jovem buscando a Missão, contudo, depois de muita reflexão, entenderam que a busca era por motivos práticos: a Missão dispunha de serviços e remuneração vantajosa. Assim, foram os benefícios em pertencer ao grupo que atraíram os jovens. É o jogo de interesses que compõe uma das camadas da relação de dominação.

Nesse enfrentamento das mazelas da máquina colonial, Blixen estabeleceu fortes críticas, principalmente quando comparadas as estratégias nativas de manuseio das estruturas burocráticas coloniais. Suas críticas giram em tornar dos dados práticos que observou na fazenda. Por exemplo, os massais, um povo guerreiro e nômade, tiveram que se fixar em uma região específica logo depois que a administração colonial expropriou diversas terras que compunham o círculo de deslocamento desse povo. Esse movimento, segundo a escritora, passou a reduzir sua taxa de natalidade entre os massai e, como solução, estabeleceram mudanças nas regras de casamento. Os massais passaram a se casar com quicuios, situação anteriormente não permitida. Para Blixen, as mulheres quicuios eram as mais férteis da região e passaram a ser cobiçadas pelos guerreiros massais, também chamados de *morani*. Isso também passou a justificar as muitas disputas decorrentes das preferências entre as mulheres quicuios pelos

guerreiros massais em vez dos agricultores, como era em sua maioria os quicuios. Para Langbaum (1982), as descrições de Blixen convergem para uma antropologia moderna, que se estabeleceu na concepção de pluralidade civilizacional e se afastou de uma transcendência aristocrática europeia. Seus personagens são atores diversos e mutáveis, tais como os pontos multiformes das pinturas expressionistas. Por muitos pontos, o teor de denúncia e tristeza está presente.

Duas situações envolvendo animais merecem destaque, pois compõem as críticas feitas aos impactos ambientais da máquina colonial. Blixen presencia em duas ocasiões o transporte de animais silvestres em navios. Em um primeiro momento, são flamingos. Centenas de aves transportadas para uma exposição que aconteceria no *Jardin d'Acclimatation* em Paris. Algumas dezenas, morreram ao longo do trajeto e foram jogadas ao mar. Blixen observou com muita tristeza as aves mortas, outrora tão belas e rosas, e reflete sobre a violência da extração da fauna africana. Em outra ocasião, passeando pelo porto em Mombaça, observa o embarque de duas girafas para um zoológico em Hamburgo e sua principalmente reação na ocasião foi maldizer todo aquele processo:

> Adeus, adeus, tudo o que desejo é que morram durante a travessia vocês duas, a fim de que nenhuma dessas pequenas cabeças altivas, que agora se erguem surpresas por cima das caixas sob o céu azul de Mombaça, seja obrigada a olhar de um lado para o outro, na solidão de Hamburgo, onde ninguém sabe nada da África (BLIXEN, 2018, p. 338).

Esse maldizer é expressão do desejo de os animais poderem viver em seus respectivos *habitats* de forma livre e saudável e não encarcerados em um zoológico. Além disso, encontramos o teor de desprezo por um público que consome a vida africana, sem ao menos saber nada sobre a África.

5. À guisa de conclusão

A temporalidade se destaca na obra. O tempo se dispersa nas descrições sensoriais e práticas do cotidiano na fazenda. A estratégia utilizada pela autora é a seleção de acontecimentos e causos específicos para pintar um complexo quadro de suas experiências. O leitor não consegue estabelecer uma cronologia diante dos acontecimentos narrados, talvez apenas da temporalidade da natureza, das épocas de seca ou das chuvas e dos percursos dos animais selvagens que cortam a fazenda nos períodos de migração. O tempo é o tempo da natureza e de seus fluxos. Assim, podemos entender que a autora construiu um quadro multicolorido de acontecimentos separados verticalmente entre si, mas unidos horizontalmente pelas estações da natureza e os ciclos dos animais da savana.

Diante de sua narrativa, o mundo se torna propício para contemplação e representação artística. O retrato estilizado dos nativos e seu imaginário animal, segundo Robert Langbaum (1982) traduz-se em um distanciamento estético entre Blixen e os

outros em toda sua obra. Em seus escritos, Blixen dedicou muito tempo à descrição e ao estoque de personagens, assim como o contato, algumas vezes, entre eles. A África se desenvolve como uma extensão dessa visão: um cenário vivo que ora se desloca agindo sobre seus personagens, ora é transformado por eles. Essa delimitação lembrará ao leitor que, por mais "realista" que *A fazenda* possa parecer, ainda serve como uma reconstrução da autora de uma terra e de um povo específico (KJÆLDGAARD, 2009).

Envolta em numa neblina de críticas, a obra *A fazenda africana* é bastante rica em denúncias e posicionamentos ambíguos em relação ao processo colonial. Embora não podemos esquecer que se trata de uma obra altamente onírica e espiritual, uma verdadeira amálgama estilística. De acordo com Lewis (2000), a obra de Blixen é, de fato, um tratado sobre as mudanças, os deslocamentos e a finitude. Os safáris que foram alterados e desapareceram, representam um mundo em transformação. Blixen apresenta sua tristeza em saber, tempos depois de deixar a fazenda que a floresta próxima de Nairóbi havia sido derrubada e substituída por uma plantação de eucalipto. O mundo mudou. Até mesmo a figura dos leões presentes no livro, carregam o simbolismo da perda. Para cada leão que morre, desaparece um mundo com ele. A África descrita por Blixen pode não existir mais, virou registro histórico como ela desejava (BLIXEN, p. 138), porém, como descreveu, a paisagem é um contínuo deslocamento, mesmo que alguns elementos permaneçam.

Referências

ARENDT, Hannah. "Isak Dinesen (1885-1963). In:_____. ***Homens em tempos sombrios***. Trad. Denise Bottmann e Celso Lafer. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008, p. 71-81.

BLIXEN, Karen. ***A fazenda africana***. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: SESI-SP editora, 2018 [1937].

KJÆLDGAARD, Lasse Horne. En af de farligste bøger, der nogen sinde er skrevet om Afrika? Karen Blixen og kolonialismen. ***Tijdschrift voor Skandinavistiek***, v. 30, n. 2, p. 111-136, 2009.

KLIMPE, Hanna. La Theatralität, modèle de l'action sociale et culturelle. ***Tumultes***, v. 42, n. 1, p. 31-40, 2014.

LANGBAUM, Robert. Isak Dinesen's African Letters: The Story Behind "Out of Africa". ***The Georgia Review***, v. 36, n. 1, p. 213-219, 1982. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/41398417, acesso em dez. 2020.

LEWIS, Simon. Culture, cultivation, and colonialism in "Out of Africa" and beyond. ***Research in Africa Literatura***, v. 31, n. 1, p. 43-79, 2000.

MARAIS, Johann L. Karen Blixen in the African book and literary tourism market. ***Tydskrif vir letterkunde***, v. 52, n. 1, p. 131-143, 2005.

MBEMBE, Achille. La colonie: son petit secret et sa part maudite. ***Politique africaine***, v. 102, n. 2, p.101-127, 2006.

RAPOSO, Ana Paula. ***Fora do texto, fora da terra***: voz, memória e ficção em Out of Africa, de Karen Blixen. Dissertação de Mestrado. UFMG, Faculdade de Letras, 2016.

SAID, Edward W. ***Cultura e imperialismo***. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEGALEN, Victor. ***Essays on exotism***: aesthetics of diversity. Transl. Yaël Rachel SchlickDurham & London: Duke University Press, 2002.

STECHER-HANSEN, Marianne. Karen Blixen on Feminism and Womanliness: "En Baaltale med 14 Aars Forsinkelse". ***Scandinavian Studies***, v. 83, n. 2, summer, p. 191-232, 2011.

TELLES, Norma. A leoa Blixen, sua saga e as anedotas do destino. ***Labrys, estudos feministas***, jan-jun, 2014. Diponível em: https://www.labrys.net.br/labrys25/aventura/karen/a_leoa_blixen.htm. Acesso em: 10 de Abril de 2021.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. ***Moving the Centre***: the struggle for cultural freedoms. London: James Curey. Nairóbi: EAEP, 1993.

O exílio, a memória da infância e os traços do colonialismo no romance de Albert Camus: O primeiro homem

The exile, the memory of childhood and the traits of colonialism in the novel by Albert Camus: The first man

El exilio, la memoria infantil y los rasgos del colonialismo en la novela de Albert Camus: El primer hombre

Antônio Carlos Lopes Petean[1]

Resumo

PETEAN, A. C. L. O exílio, a memória da infância e os traços do colonialismo no romance de Albert Camus: O primeiro homem. ***Revista C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 101-114, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art5

No romance *O primeiro homem*, uma ficção autobiográfica do escritor Albert Camus[2] o leitor, por meio das memórias do personagem e protagonista Jacques Cormery, é conduzido à realidade das famílias que viviam na periferia da cidade de Argel (capital da ex-colônia francesa). Nessa obra ambientada na Argélia, sob o domínio colonial francês, Camus aborda a vida das crianças, filhas de colonos que não conheceram seus pais. Homens que, convocados para lutar pela França na Primeira Guerra Mundial, morreram por ela e seus corpos não foram repatriados. Jacques Cormery, cuja família era residente na periferia de Argel, foi uma criança que saiu para o mundo graças ao seu professor; quarenta anos depois, visita o túmulo de seu pai no cemitério de Saint-Brieuc e revela todo seu estranhamento diante da lápide. Pensa em todos os corpos dos combatentes "pés negros", árabes e berberes que estão ali, enterrados ao lado do seu progenitor. E reflete sobre a pobreza e a xenofobia nas relações sociais.

Palavras-chave: Sociologia da literatura. Colonialismo. Memória.

Abstract

PETEAN, A. C. L. The exile, the memory of childhood and the traits of colonialism in the novel by Albert Camus: The first man. ***Revista C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 101-114, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art5

1 Doutor em Sociologia pela UNESP/Araraquara; Professor no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: acpetean@yahoo.com.br Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4329-5107

2 Escritor e filósofo franco argelino, um dos maiores escritores de língua francesa e ganhador do Nobel de Literatura de 1957. Autor das obras *O Primeiro Homem, O Estrangeiro, A Peste, O Homem revoltado e O Mito de Sísifo* que marcaram uma geração e são responsáveis pela criação do absurdismo. Pensamento que considera a vida nessa sociedade como absurda, pois, para sobreviver devemos nos submeter a regras e a códigos morais distantes da nossa condição humana, como analisa Olivo (2007, p.149).

In the novel The First Man, an autobiographical fiction by writer Albert Camus, the reader, through the memories of the character and protagonist Jacques Cormery, is led to the reality of the families who lived on the outskirts of the city of Algiers (capital of the former French colony). In this work set in Algeria, under French colonial rule, Camus addresses the lives of children, daughters of settlers who did not know their parents. Men who, summoned to fight for France in World War I, died for her and their bodies were not repatriated. Jacques Cormery, whose family was resident on the outskirts of Algiers, was a child who went out into the world thanks to his teacher; forty years later, he visits his father's grave in the cemetery of Saint-Brieuc and reveals all his strangeness before the tombstone. Think of all the bodies of the "black foot" fighters, Arabs and Berbers who are there, buried next to their progenitor. And reflects on poverty and xenophobia in social relations.

Keywords: Sociology of literature. Colonialism. Memory.

Resumen

PETEAN, A. C. L. El exilio, la memoria infantil y los rasgos del colonialismo en la novela de Albert Camus: El primer hombre. ***Revista C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 101-114, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art5

En la novela El primer hombre, una ficción autobiográfica del escritor Albert Camus el lector, a través de los recuerdos del personaje y protagonista Jacques Cormery, es conducido a la realidad de las familias que vivían en las afueras de la ciudad de Argel (capital de la antigua colonia francesa). En esta obra ambientada en Argelia, bajo el dominio colonial francés, Camus aborda la vida de los niños, hijas de colonos que no conocían a sus padres. Hombres que, convocados a luchar por Francia en la Primera Guerra Mundial, murieron por ella y sus cuerpos no fueron repatriados. Jacques Cormery, cuya familia residía en las afueras de Argel, era un niño que salió al mundo gracias a su maestro; cuarenta años después, visita la tumba de su padre en el cementerio de Saint-Brieuc y revela todo su distanciamiento ante la lápida. Piensa en todos los cuerpos de los combatientes árabes y bereberes "de patas negras" que están allí, enterrados junto a su progenitor. Y reflexiona sobre la pobreza y la xenofobia en las relaciones sociales.

Palabras clave: Sociología de la literatura. Colonialismo. Memoria.

Data de submissão: 25/03/2023
Data de aceite: 19/05/2023

1. Introdução

No romance *O primeiro homem*, do escritor Albert Camus, o leitor, por meio das memórias do protagonista viajante Jacques Cormery, encontrará o olhar de Camus

sobre a pobreza, o exílio, a educação e o colonialismo. O romance, ambientado numa Argélia marcada pela luta anticolonial e pelo olhar preconceituoso dos colonos brancos, revela ao leitor os traços do colonialismo e a concepção de exílio do autor.

A Argélia foi considerada pelo Estado francês, até a década de 1960, como uma grande extensão territorial da França. Um imenso território ocupado, segundo o colonialismo francês, por "tribos primitivas" e que só seguiu a marcha do progresso devido aos colonos franceses e imigrantes provenientes de outras regiões da Europa. Sobre essa perspectiva alimentada pelo Estado francês, Yazbek (2010, p.17) diz que, para a metrópole e parte da sociedade francesa, o progresso da região só foi possível devido a presença dos "pés negros", assim chamados os colonos franceses e seus descendentes criados na Argélia. O termo logo, porém, passou a ser usado para todos os colonos brancos provenientes de outras regiões da Europa. É importante realçar que a colonização francesa na Argélia foi de povoamento, responsabilidade atribuída aos "pés negros", o que evidencia que o Estado francês considerava a região como uma extensão do seu território, sem respeitar os antigos habitantes da região, as tribos berberes e os Árabes.

Todo o progresso registrado – campos cultivados, crescimento das cidades da costa mediterrânea e avanços no sistema educacional, no setor de saúde pública e na habitação – era creditado ao colonialismo (YAZBEK, 2010, p.17). As terras que os colonos obtinham eram resultado da expropriação dos povos nativos, a sua maioria árabes e berberes que foram convertidos no seguimento mais "baixo" daquela sociedade colonial. Uma questão significativa aparece no romance: muitos "pés negros", nascidos na Argélia ou provenientes de outros países europeus, jamais haviam pisado na França. Mas o ressentimento, a crise social gerada pela expropriação das terras, o racismo alimentado pelos colonos europeus e a violência do Estado francês criaram um ambiente explosivo. A fome e a miséria tornaram-se crônicas e Camus, um "pé negro", denunciou a situação e se pronunciou a favor da descolonização (SERRANO E WALDMAN, 2007). Portanto, o romance *O Primeiro Homem* apresenta-se como uma obra literária engajada nas questões coloniais. Uma obra política que denuncia e condena, por meio das memórias do autor, o colonialismo francês.

Para Bourdieu (2004), existe um anacronismo em toda obra literária que a arranca do seu tempo, mas que, ao mesmo tempo, a temporaliza ao ser constantemente reinterpretada de forma fiel e infiel. Por isso, a reinterpretação de uma obra literária é condição permanente para a atualização das reflexões que ela comporta. A obra *O primeiro homem*, ao ser reinterpretada possibilita a atualização de temas como colonialismo, racismo e xenofobia no campo da sociologia da literatura. Afinal – "O sujeito que observa a sociedade e reflete sobre ela, seja o cientista social ou o artista, faz parte dessa mesma sociedade" (FREDERICO, 2005, p.429). E sobre esse pertencimento e leituras distintas devemos considerar que a imaginação faz parte da obra da literária e mantém relação com determinado grupo social, pois, o artista e o cientista social procuram oferecer respostas as questões sociais e favorecer a tomada de consciência.

> Os grupos estruturam na consciência de seus membros uma "resposta coerente" para as questões colocadas pelo mundo cir-

> cundante. Essa coerência (ou visão do mundo) é elaborada pelo grupo social e atinge o máximo de articulação através da atividade imaginativa do escritor. A obra, assim, permite ao grupo entender mais claramente suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos. Esta é a função da arte: favorecer a "tomada de consciência" do grupo social, explicitar num grau extremo a "estrutura significativa" que o próprio grupo elaborou de forma rudimentar para orientar o seu comportamento e a sua consciência (FREDERICO, 2005, p.432).

A tomada de consciência, ao ler o romance *O primeiro homem*, passa pela compreensão da relação entre a França e a Argélia colonial. Pois, o protagonista Jacques Cormery, ao visitar o cemitério de Saint-Brieuc, reflete sobre os absurdos gerados pelas guerras e sobre o descaso da França com aqueles que morreram por ela. Além dessa questão, o leitor encontrará o ódio e o ressentimento delineando as relações entre Árabes e colonos brancos. Por isso, a obra *O primeiro homem* colabora para as reflexões daqueles que se posicionaram contra o colonialismo. Albert Camus fez parte do grupo social que desejava uma Argélia livre do domínio colonial.

2. O exílio dos corpos

O romance inicia com a visita do protagonista ao cemitério de Saint-Brieuc, na França. Local que guarda os corpos dos homens que saíram das colônias francesas da África para combater pela França na Primeira Guerra Mundial. O protagonista visita o túmulo do pai para cumprir uma promessa feita à sua mãe, residente na periferia de Argel. Ao chegar no cemitério, Jacques (CAMUS, 2005, p. 33) repara que aquele local era rodeado por muros toscos, que as lojas ao redor ofereciam mercadorias de vidro, náilon e cerâmicas calamitosas, simplórias. Ele olha as fileiras de túmulos, observa que esses são despretensiosos e feios, cobertos por quinquilharias. É assim que ele descreve aquele espaço reservado aos ex combatentes mortos. Um espaço bem diferente de outros cemitérios é o que Camus busca retratar no romance.

Na sala do administrador daquele campo-santo, o personagem Jacques Cormery pergunta sobre a quadra dos mortos da guerra de 1914. O nome: "Quadra da lembrança francesa". Nome que carrega certa ironia, pois naquele espaço residem os corpos esquecidos dos homens que, convocados pelo Estado francês, saíram das colônias para lutar por uma França que se esquecera deles. Seu pai, Henri Cormery, morto em batalha pela França, era um homem que ele não conhecera e de quem não guardava lembranças.

Para o administrador, Jacques diz que Henri Cormery era seu pai desconhecido, que morrera quando ele tinha um ano, que não tem lembranças dele. Quanto ao sentimento em relação ao pai, Jacques diz que não podia sentir saudades ou piedade, pois não o conhecera. Sabia que essa visita não tinha nenhum sentido para ele e imagina que não deveria ter para muitos homens e mulheres que perderam seus pais em batalha, sem conhecê-los.

Jacques Cormery observa que as lápides eram todas semelhantes e que não havia distinção: eram simples retângulos. O homem enterrado ali, seu pai, era mais novo que ele. Aquele homem tinha 29 anos quando morreu e, ele, Jacques Cormery, agora com 40 anos, estava ali, perguntando-se qual o sentido da sua visita àquele túmulo. Ao olhar para o túmulo e para todos os túmulos, pensa "na ordem natural rompida pela guerra, quando o pai se torna mais novo que o filho". Diante dos túmulos, refletindo sobre a guerra, e nos órfãos que ela gera, o protagonista Jacques pensa na barbárie como um período em que "não há ordem natural, mas loucura e caos". É a absurdidade da vida que estava diante dele, gerada pela guerra. Para Jacques, o tempo parou para aqueles homens ali enterrados, mortos por uma França que não se importou com eles, não "repatriou" seus corpos. Corpos enterrados num território estranho, no exílio das lápides. Essa é uma das consequências do colonialismo: fez com que os mortos ficassem no exílio. Há outra consequência, que podemos inferir da fala de Jacques: as guerras, as epidemias e as barbáries geram crianças que não guardam lembranças de seus pais. Jovens sem memórias em relação ao seu progenitor.

> Achava que esta visita não tinha nenhum sentido, primeiro para ele, que não conhecera o pai, ignorava quase tudo sobre ele e tinha horror a gestos e atitudes convencionais, depois por sua mãe, que jamais falava do desaparecido e não podia de maneira alguma imaginar o que ele iria ver (CAMUS, 2005, p. 34).

Sobre seu pai, diz Jacques Cormery: Ele morreu nessa terra, desconhecida para ele, e passou por ela como um desconhecido e caiu no esquecimento (CAMUS, 2005). Apesar da quadra ter o nome de "Quadra da lembrança francesa", o que há, segundo o autor, é o esquecimento mediando as relações entre filhos e pais. O nome da quadra, para Jacques, possui certa ironia. Afinal, o romance instiga o leitor a se perguntar: Na França, quem se recorda dos árabes, magrebinos, africanos e colonos que morreram pela "pátria" durante a Primeira Guerra Mundial? Homens que, como Jacques, não sabiam o que era a pátria e não deixaram vestígios. "O seu pai, um desconhecido para seu filho, também entregue ao esquecimento como os homens da sua raça, pois, o ponto final é o esquecimento para os homens que começaram uma vida sem raízes" (CAMUS, 2005, p. 170).

3. Na Argélia: Memórias da infância

Após a visita ao cemitério e ao túmulo de seu pai, Jacques Cormery vai a Argel visitar sua mãe e dizer a ela que cumpriu a promessa. No trajeto, relembra a infância na cidade, o subúrbio pobre e as brincadeiras com outras crianças, vizinhas e amigas. Sobre o local em que passou sua infância e onde sua mãe o espera, Jacques é enfático ao dizer que era "O subúrbio que ele e outras crianças estavam aprisionadas". Nessa passagem, o leitor é conduzido ao olhar de Camus que interpreta o subúrbio como um espaço limítrofe. Ao se recordar da infância, Jacques sabia que não havia se curado dela; o sentido lúdico das suas memórias indica que a infância, para ele, era uma pátria

distante, pobre, limitada, mas idílica. Ele se recorda da diferença entre o subúrbio e o centro de Argel. No subúrbio, residiam árabes e colonos pobres, exilados juntos, pois o centro era um espaço quase proibido aos colonos pobres e os árabes só transitavam por ele para executar tarefas braçais. As memórias de Jacques, implicitamente, dizem sobre a distância socioeconômica e espacial entre aqueles que vivem no mesmo núcleo urbano das modernas sociedades capitalistas. Vivem, mas não partilham os mesmos espaços sociais e culturais daqueles que podem usufruir dos sonhos de consumo. Para Camus (2005), na voz de Jacques, os pobres, como sua família, viviam em espaços periféricos, como seres condenados a um exílio urbano.

Jacques se recorda e descreve sua mãe como uma mulher resignada, destituída de esperanças e ressentimentos. Resignada com a pobreza, com o trabalho extenuante e com a falta de prazeres. Uma mulher que nunca disse NÃO (termo significativo para Camus). O NÃO como a expressão da revolta e afirmação de um direito imaginado é o eixo da obra *O homem revoltado*; um ensaio filosófico de Albert Camus. No início desse ensaio, o leitor se defronta com a seguinte questão: "Que é um homem revoltado? Um homem que diz não" (CAMUS, 2017, p.17). E a Colônia estava dizendo não, ao contrário de sua mãe que nunca ousou romper com a sua resignação.

O pai de Jacques Cormery serviu no batalhão dos Zuavos; talvez desconhecesse o porquê da guerra e pouco sabia sobre a França. Quanto a sua mãe, Jacques se recorda de que ela apenas sabia que vivia numa terra perto do mar, que do outro lado havia uma terra, a França, um lugar obscuro para ela, cujo acesso era um porto: Marselha. Camus, crítico do colonialismo, apresenta ao leitor o desconhecimento que marcava a vida dos "pés negros" pobres.

Segundo Jacques, sua mãe "sabia", pois lhe disseram, que na França havia uma cidade bela, chamada Paris. Ela "sabia" que havia uma região chamada Alsácia e que, ao lado, estavam os inimigos alemães que sempre foram cruéis com os franceses. Os franceses sempre foram obrigados a se defender desses homens, estranhos para ela, mas retratados como cruéis. Ela, porém, nada sabia sobre a história europeia, sobre o império Austro-húngaro, a Sérvia, mas a guerra estava lá. Cormery afirma que ela nada sabia sobre a história da França, ou o que era a História, mas que, ao chegar à ordem de convocação, seu marido foi embora com a bela farda colorida e ela teve que trabalhar na fábrica de cartuchos do arsenal de guerra. Segundo Cormery, ela trabalhava dez horas por dia. Como não havia leis trabalhistas na Argélia colonizada, fornecedora de homens e material bélico para a guerra, as condições de trabalho eram extenuantes. Porém, no esforço de guerra, as colônias foram fundamentais. Segundo Jacques Cormery, sua mãe também não sabia o que era o Front, nem o que era o Front Russo. A personagem Catherine Cormery, mãe de Jacques, exemplifica o que Camus afirma, por meio de Jacques, sobre os colonos pobres serem homens sem passado, sem raízes, que apenas tentavam viver.

A observação que a mãe de Jacques faz da situação dos homens que partiram para a guerra demonstra bem o despreparo ou o descaso do governo francês: "Nem capacetes ou roupas apropriadas os homens que partiram para a guerra tinham. Argelinos, árabes, colonos foram enviados aos montes, morreram aos montes" (CAMUS, 2005, p.72). O romance autobiográfico de Camus nos comunica que, a

cada momento, um homem morria e nasciam órfãos pela Argélia (como nas demais colônias francesas).

Ao chegar a Argel, as sutis observações de Jacques Cormery revelam ao leitor os traços do colonialismo: "As mulheres árabes, cobertas com véu, mas calçando sapatos Luís XV" (a herança do colonialismo está nos detalhes da moda). Para o espanto de Jacques, muitas crianças árabes estavam vestidas com o uniforme dos paraquedistas franceses. Hoje, podemos dizer: trajando as camisas dos uniformes dos times europeus de futebol. Camisas cobiçadas por jovens da África e do Brasil.

Ao chegar lá, uma explosão. Jacques Cormery corre para a rua e observa as reações dos colonos brancos. Um colono, operário, diz: "Essa raça suja" (disse encarando o árabe que ali estava). Diz ainda: "São cúmplices". E Jacques observa que os colonos partem para agredir o árabe. O operário ainda diz: "É preciso matar todos". O autor, nessas curtas passagens, implicitamente está dizendo ao leitor que o olhar racializante estava presente no colonialismo francês, independente da classe social dos colonos, a maioria pobre, como a família de Jacques Cormery. Segundo Césaire (2010), o continente africano foi alvo das depredações e agressões do expansionismo europeu que, com o conceito "raça", inferiorizou povos abaixo do mediterrâneo e os reduziu a condição de seres inferiores. E o termo "Essa raça suja" demonstra bem o desprezo do colonizador branco pelos árabes.

No momento da explosão, Jacques volta suas lembranças para a mãe e se recorda das suas palavras: "não podemos fazer nada". Ele sabia que ela havia naturalizado os infortúnios, a infelicidade e o perigo. Jacques Cormery pensa nos colonos, pobres como sua mãe, que só conhecem aquele bairro, aquelas ruas. Para Camus, por meio da voz de Jaques Cormery, "a memória dos pobres é menos alimentada que a dos ricos, tem poucos pontos de referência no espaço, pois raramente saem do lugar onde vivem". Sejam colonos, árabes, magrebinos, essa máxima é válida para Jacques, a voz de Camus. Mas foram esses homens que saíram para combater os alemães na Primeira Guerra Mundial, defendendo uma França que muitos não conheciam. Os pobres, segundo Jacques, têm menos pontos de referência no decorrer de uma vida, tão uniforme e sem cor. Uma vida pautada pela repetição no mundo do trabalho e na vida social. Para Jacques, o tempo para os pobres marca os passos para a morte, já que, durante a existência, a estrada não se altera e, para muitos, não é alterada. A vida que sua mãe levou exemplifica bem sua percepção, pois, para ela, a infelicidade poderia aparecer a qualquer momento, o tempo era o mesmo e a vida repetitiva também. Em nenhum momento, a felicidade estava no horizonte, condição da maioria dos colonos, como o leitor pode apreender da obra. Principalmente das mulheres que acompanharam seus maridos em situação agravada, pois muitos homens que partiram para a guerra não retornaram e elas acabaram por assumir trabalhos árduos para sustentar as suas famílias. Trabalhos que antes estavam nas mãos dos homens esquecidos num cemitério distante.

Muitos desses homens eram crianças quando seus pais chegaram a Argélia; muitos nasceram lá e a França era um lugar desconhecido para eles que residiam em terras cujos habitantes "originais" os consideravam seres estranhos e invasores. O que podemos inferir, a partir da leitura do romance *O primeiro homem,* é que a colonização francesa gerou homens desterritorializados ou marcados pelo não pertencimento.

Homens que não pertenciam aos territórios colonizados, que nada sabiam da metrópole, mas que discriminavam e menosprezavam os antigos habitantes das colônias. Homens que morreram por uma França que os iludira, pois foram incentivados a partir para um território distante, repleto de bárbaros primitivos. E partiram com seus sonhos inflados pelo colonialismo. Inclusive, aos montes, em busca de riquezas, terras e realizações, não se importaram com as expropriações.

As referências no livro sobre o trabalho duro na colônia, extenuante sob o sol e repetitivo, indica que os homens não encontravam alternativas para fugir daquele cotidiano. A infância era miserável, o trabalho era rude, uma vida sem distração e o olhar sempre através da mesma janela. Eis o cotidiano dos "pés negros" descrito por Camus. Por isso, Jacques Cormery afirma que "a miséria é uma fortaleza sem ponte levadiça". Nesse contexto, só as crianças eram verdadeiramente alegres, amigas e, por meio da escola, alimentavam o imaginário. Nesse sentido, as representações que tratam da escola na obra *O primeiro homem* indicam que esta instituição alimentava a fome da descoberta. Mesmo os castigos físicos recebidos pelas crianças na escola são vistos com certo aspecto lúdico. O que nos faz pensar nas reflexões de Althusser (1985) sobre a escola como aparelho de estado, cuja finalidade é garantir a reprodução da força de trabalho e, portanto, o lugar social do sujeito na esfera da produção.

Sobre a relação na sala de aula, diz Cormery que "a correção com reguadas, pareciam um método natural de educação". Porém, seu professor, o padre Bernard, se comove com aquelas crianças, pois muitas perderam os pais na guerra. Se comove tanto que tenta substituí-los. Bernard sabe o que é a guerra, participara da Primeira Guerra Mundial e narra sua experiência, instigando as crianças a refletirem como a guerra é nefasta. O leitor percebe a lembrança que Camus possui do seu professor, ou seja, um homem que nutria empatia pelas crianças pobres, como Jacques.

4. A escola, as relações de trabalho e o racismo

A lembrança que Jacques tem do seu professor é afetuosa e pautada pelo sentimento de gratidão. Segundo ele, o professor Bernard o arrancou de suas raízes para lançá-lo em um mundo maior. Ele se recorda do incentivo que recebera do seu mestre para continuar seus estudos após o primário. Adulto, ele se recorda que o professor Bernard o indicara a uma bolsa de estudos para o ginásio e o quanto seu antigo mestre se esforçara para que ele, Jacques, continuasse estudando. Porém, sua avó resistia a essa ideia, pois queria que a criança aprendesse um ofício e assim contribuísse para o sustento da casa. Por serem pobres, a avó não aceitava perder uma futura mão de obra e o professor Bernard teve de convencê-la. Trabalhar, para aquela família pobre, valia mais do que os estudos.

Camus, na voz de Jacques, diz que as famílias pobres sempre viam suas crianças sob a lógica do trabalho e da contribuição financeira que elas tinham como obrigação assim que terminassem o primário. Dar sequência aos estudos era privilégio das classes mais abastadas, já para os pobres era perder mão de obra. Essa obrigação a que estavam submetidas as crianças de famílias pobres fica evidente quando o professor Bernard vai à casa de Jacques para convencer sua avó e ouve dela: "Inteligente ou não,

ele vai aprender um ofício no ano que vem. Você sabe muito bem que não temos dinheiro. Ele vai contribuir com seu salário toda semana" (CAMUS, p.143, 2005). Mas o professor Bernard quebra a resistência da avó de Jacques e consegue a concordância daquela senhora.

Além da questão do trabalho, Jacques Cormery se recorda que sua família não era religiosa, porém cumpria certas regras impostas pela igreja. Jacques, ao se recordar da família e da sua insipiente religiosidade, diz que "a religião não ocupava um espaço privilegiado no núcleo familiar, que ninguém ia a missa, ninguém ensinava a rezar e ninguém ensinava os mandamentos". Que ninguém falava em castigos e graças do além e que, talvez por isso, tenha se sentido mais livre. Ele se recorda também que, se a religião não era usual em sua família, a primeira comunhão era uma exigência. Recorda-se também da dificuldade: se preparar para o exame de admissão para a escola e estudar por dois anos para ter a primeira comunhão era algo que não poderia ser feito. Jacques se recorda que a sua avó exigiu, junto ao padre, que a sua comunhão fosse rápida e assim aconteceu.

Se a comunhão fora colocada como secundária para Jacques e sua família, se a religião não estava em primeiro plano, a morte ocupava um espaço significativo na sua família. Pois sua mãe e sua avó tinham visto vários membros da família morrer na guerra. O pai de Jacques, o avô, os tios e os sobrinhos foram levados a lutar por uma França que não conheceram, e morreram por ela, como muitos argelinos e outros africanos.

Com a aprovação no exame e uma nova etapa escolar no horizonte, morreria para a criança Jacques a vida fechada e repetitiva a que os pobres estavam submetidos, assim como seus filhos. Com a aprovação no exame, ele sabia queum novo mundo se abriria. Após ser aprovado, lembra do momento da despedida do professor Bernard, que o acompanhou até a nova escola. Um momento apreensivo da sua infância, recordado de forma lúdica por ele, Jacques, um homem que, aos 40 anos, não se esquecera da importância do seu professor.

> [...] olhando seu professor que lhe dava adeus uma última vez e que o deixava no entanto sozinho e, em vez da alegria do sucesso, uma imensa dor de criança apertava seu coração, como se soubesse de antemão que com esse sucesso acabara de ser arrancado do mundo inocente e caloroso dos pobres, mundo fechado em si mesmo como uma ilha na sociedade, mas onde a miséria toma o lugar da família e da solidariedade, para ser lançado num mundo desconhecido, que não era mais o seu, e onde não podia acreditar que os professores fossem mais sábios do que aquele ali, cujo coração sabia tudo, e ele deveria portanto aprender, compreender sem ajuda, tornar-se um homem enfim, sem a ajuda do único homem que lhe tinha socorrido, crescer e educar-se sozinho, com o mais alto preço (CAMUS, 2005, p.155).

Nessa passagem, mais uma vez nos defrontamos com a percepção de Camus sobre o fato dos pobres viverem num mundo fechado, sem muitos pontos de referência,

como seres condenados a espaços sociais que não "podem" ultrapassar. A afirmação "um mundo fechado em si mesmo como uma ilha na sociedade" é indicativo do olhar do autor sobre as segregações espaciais que estão presentes nas cidades modernas. O exílio dos pobres, cujas vidas limitam-se ao bairro, e o estranhamento entre os corpos que partilham o mesmo espaço urbano, mas são estranhos, revelam o racismo, sutilmente abordado por Camus no romance *"O primeiro homem"*. Este exílio urbano, a que os pobres estavam condenados, torna-se nítido nas lembranças que Jacques guarda do ginásio. O nosso protagonista se recorda do primeiro dia que saiu do velho bairro, que nunca havia deixado a não ser em aventuras "expedicionárias e exploratórias". Ele se recorda que os seus familiares e vizinhos diziam que iam a Argel, mas deslocavam-se para o centro da cidade. Lembranças que revelam que o lugar social dos pobres era um espaço a que eles estavam confinados, mas que ele, criança, ao entrar no bonde que o conduziria até a escola, estava entrando num mundo desconhecido e onde não sabia como se comportar, segundo Camus (2005).

No ginásio, Jacques lembra que, pela primeira vez, sentiu vergonha, pois, ao ter que preencher os papéis que lhe deram, ele não sabia o que colocar em "profissões dos pais". Ele se recorda que, para a mãe, colocou o termo "prendas domésticas", mas refletia sobre ele, pois sabia que sua mãe não trabalhava para os outros, mas que ela trabalhava para seus filhos. Foi na escola que o pequeno Jacques soube o que era uma família burguesa, com passado e raízes, pois um dos jovens com que ele criou uma forte relação de amizade possuía uma casa na França com um sótão onde estavam as cartas e fotografias da família. Além disso, esse jovem abastado sabia o que era a neve, quem foi Joana D'Arc e o que era ter um passado. As lembranças desse jovem reforçam a imagem que Camus tem sobre os pobres: a de terem uma vida com menos pontos de referência. Mas há valorizações, pois, seja através do personagem Jacques, ou diretamente, Camus diz: há uma herança que sua família lhe deixou, ele é incapaz de invejar. Na obra, uma pergunta para os leitores: "Como explicar, aliás, que uma criança pobre possa às vezes sentir vergonha e ao mesmo tempo nunca ter o que invejar?" (CAMUS, 2005, p.178). A resposta a essa pergunta encontramos no prefácio escrito pelo próprio Camus para a sua obra *O avesso e o direito*. "Mas, depois de me questionar, pude constatar que, entre minhas inúmeras fraquezas, jamais figurou o defeito mais difundido entre nós, quero dizer, a inveja, verdadeiro câncer das sociedades e das doutrinas" (CAMUS, 2018, p.15). Ele atribui essa capacidade de não invejar à sua família. "O mérito dessa infeliz imunidade não é meu. Devo-a, em primeiro lugar, aos meus, a quem quase tudo faltava e que não invejavam quase nada" (CAMUS, 2018, p. 15-16).

Para Camus (2005), o espaço urbano em Argel era marcado pelo estranhamento que delineava as relações entre os árabes e os colonos pobres, na sua maioria brancos, pois o fenótipo passa a ser um divisor nas regiões colonizadas. Aliás, esse estranhamento étnico racial, enraizado, foi uma das marcas do colonialismo e está na origem do ódio e da violência que marcou a guerra de independência da Argélia. Observamos esse ódio, o estranhamento e a violência em várias passagens do romance. Ao narrar a explosão da bomba, quando um colono branco, referindo-se aos árabes que estavam no local, diz: "Essa raça suja". Mesmo como curiosos no local da explosão, um dos árabes quase foi agredido.

Intrigado e preocupado com o momento político e o ódio que toma conta dos sentimentos na Argélia e procurando informações sobre seu pai, Jacques visita algumas famílias de colonos brancos franceses que ainda ousam permanecer nas regiões que sofrem com as investidas da resistência argelina. Jacques Cormery, buscando obter informações sobre seu pai, vai a sua antiga residência, local do seu nascimento, onde reside o colono francês Veillard. Ao chegar, pergunta sobre seu pai Henry Cormery, e Veillard, ao recebê-lo diz: "Se tivesse demorado para vir, correria o risco de não encontrar mais nada aqui". Então, o colono Veillard descreve a atitude que seu velho pai e os demais colonos tomaram quando receberam a notícia de que deveriam evacuar a região em que viviam.

> Quando chegou a ordem de evacuação, ele não disse nada. Sua vindima estava terminada, o vinho nas cubas. Ele abriu as cubas, depois foi até a fonte de água salobra que ele próprio desviara em outros tempos e recolocou-a no caminho de suas terras e equipou o trator com uma escavadeira. Durante três dias, ao volante, sem chapéu, sem dizer nada, arrancou as videiras em toda a extensão da propriedade (CAMUS, 2005 p.159).

Nessa passagem, podemos perceber que a ira deve ter tomado conta dos colonos ao receberem a ordem de abandonar as terras que duramente cultivaram. Terras que não lhes pertenciam, que o colonialismo francês arrancou dos árabes, já que, com promessas e alimentando as ilusões dos franceses pobres, incentivou-os a migrarem para as colônias. Veillard fala que os colonos foram recebidos com caras de desconfiança e raiva por aqueles que foram espoliados de suas ancestrais terras. Disse a Jacques que os colonos eram aventureiros, que haviam deixado a capital, com suas mulheres e filhos, para tentarem a sorte numa terra estranha, com cheiro de estrume e especiarias. Descreveu para Jacques que os colonos dormiam com espingardas, que uma família fora exterminada: o pai e os dois filhos degolados, a mãe e a filha violentadas várias vezes, depois mortas. Porém, ele diz a Jacques que só sairá de suas terras morto, que ninguém em Paris entende o que se passa, que só os árabes entendem.

Nessa fala de Veillard, Camus sutilmente diz ao leitor que os árabes sabiam o que é ter que abandonar suas terras. Se eles entendem, é porque passaram pela experiência da espoliação. Mas, ironicamente, Veillard diz a Jacques que a agressão e a guerra são normais, que a paz é o anormal, que depois todos se entenderão; ao narrar o que acontecera com o filho do seu amigo e vizinho Tamzal, Veillard não poupa e descreve o colonialismo francês como cruel e cínico, pois o jovem foi levado pelas tropas francesas, acusado de ajudar a resistência, e depois disseram que ele foi morto quando tentava fugir. Jacques pergunta se o jovem ajudava ou não a resistência e recebe como resposta de Veillard a dúvida, pois ninguém ali poderia afirmar que sim, nem que não.

Depois da revelação desses casos, Jacques e Veillard vão até a residência de Tamzal, na busca de informações sobre Henry Cormery, e ouvem do velho árabe: "os homens são loucos pela guerra" (CAMUS, 2005, p.168). A luta pela independência caminhava, marcada por ódio, violência e rancores.

A memória de Jacques sobre o ginásio revela o exílio que marcava a sociedade de Argel. Ele faz uma comparação entre a escola comunal e o ginásio. Diz que, na escola comunal, não havia a multiplicidade de professores que encontrou no ginásio, que nela o professor Barnard fazia o papel de pai, enquanto no ginásio os professores mudavam como as matérias. Ele se recorda que o professor de literatura era o mais querido. Quando, ao retornar para casa, sabia que não encontraria nenhum professor do ginásio no seu bairro e nem no ônibus que tomava. Diz ele que, voltando para o bairro longínquo onde residia, sabia que não havia nenhuma possibilidade que um professor de ginásio viesse a se instalar nele, nem alunos. Jacques sentia a separação ao término das aulas; quando deixava o grupo de colegas, se despedia e pegava o ônibus vermelho que atendia os bairros pobres enquanto os verdes atendiam os bairros elegantes. No ônibus que o levava para casa, havia o lugar dos brancos, na frente, próximo ao motorista.

Apesar das diferenças socioeconômicas, ele se recorda que, durante as aulas, as divisões eram abolidas e as únicas rivalidades eram a da inteligência e das atividades físicas e ele se saía bem. O tempo dedicado ao ginásio era maior do que o exigido pela escola primária. Sobravam dois dias da semana de folga. Às quintas e domingos, Jacques e seu amigo Pierre gastavam o tempo com brincadeiras e com a leitura. Na quinta-feira, os dois meninos dedicavam-se a devorar os livros que tomavam emprestado na biblioteca. Jacques se recorda que a leitura lhe permitia sair daquela realidade marcada pela pobreza. Os livros que pegavam emprestado permitia a eles sonhar, pois eram conduzidos a um universo de heróis e, como ele mesmo diz: "os livros instigavam a alegria e a coragem" (CAMUS, 2005, p.209). Jacques se recorda que, para ele e Pierre, "pouco importava se o livro fosse mal escrito, grosseiramente encadernado e estivesse amarelado, mas o livro deveria ser cheio de vida, pois lhes instigava sonhos" (CAMUS, 2005, p. 212). Jacques sempre levava um livro para casa, jantava abraçado a ele, depois ajudava sua mãe e avó e ia dormir, com o livro. Jacques se lembra que sua mãe olhava o livro, percorria a capa e as páginas com suas mãos, tentando aproximar-se dos mistérios que ele escondia, para ela, não acessíveis.

As relações com os professores e colegas no ginásio abriram os olhos de Jacques para as diferenças de classe e para o exílio urbano a que os pobres estavam condenados. Camus lança mão de Jacques para falar das suas lembranças do ginásio. Jacques Cormery se recorda da criança que era, do distanciamento dos professores e colegas do ginásio, essa instituição estranha para sua família.

> Em todo caso, no ginásio, ele não podia falar com ninguém sobre sua mãe e sobre sua família. Com ninguém na sua família ele podia falar sobre o ginásio. Nenhum colega, nenhum professor, durante todos os anos que antecederam o vestibular, veio alguma vez à sua casa. Quanto à sua mãe e à sua avó, elas nunca iam ao ginásio, a não ser uma única vez ao ano, na distribuição de prêmios no início de julho. Nesse dia, é verdade, elas entravam ali pela porta principal, no meio de uma multidão de pais e de alunos endomingados (CAMUS, 2005, p. 214).

Jacques se recorda que, na solenidade de premiação, era o professor mais novo o encarregado do discurso solene e o discurso era repleto de palavras refinadas, com alusões à cultura humanista, um discurso que, segundo Jacques, era inacessível à maioria dos presentes.

5. Considerações finais

No romance *O primeiro homem*, o leitor entra em contato com o olhar crítico de Camus sobre o isolamento dos pobres que viviam na periferia, condição que fez do ginásio um mundo distante para homens e mulheres que viviam a repetição e o exílio de uma vida limitada, sem muitos pontos de referência no tempo. Jacques e as crianças pobres, como ele, que entravam no ginásio e seguiam seus estudos representavam uma exceção naquele mundo colonial francês. Por isso – "A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida, sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade" (CAMUS, 2018, p.15). Mas a pobreza e o preconceito caminhavam juntos no território colonial francês. Um mundo em que a xenofobia pautava as relações entre os trabalhadores brancos pobres, pois, segundo Camus, na voz de Jacques, os trabalhadores "pés negros" e franceses eram os homens mais tolerantes do mundo na vida cotidiana, mas como explicar que, no mundo do trabalho, eram xenófobos, sempre acusando e condenando colonos de outras nacionalidades como italianos, espanhóis e judeus, e a terra toda por lhes roubarem o trabalho, sempre escasso.

Camus (2005), por meio de Jacques, diz ao leitor que não eram os privilégios do dinheiro, ou o do poder que aqueles "nacionalistas disputavam, mas o privilégio de se manterem servis". Revela que há disputas entre os trabalhadores, que, na classe operária das colônias, a chamada "consciência de classe" era inexistente, pois a xenofobia e o nacionalismo criavam uma falsa ideia de um inimigo responsável pela perda dos empregos.

Referências

ALTHUSSER, Louis. ***Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado***. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição.

BOURDIEU, Pierre. ***Coisas ditas***. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMUS, Albert. ***O avesso e o direito***. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert. ***O homem revoltado***. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAMUS, Albert. ***O primeiro homem***. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2005.

CÉSAIRE, Aimée. ***Discurso sobre a negritude***. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. "Reflexões sobre o racismo". In: CASTORIADIS, C.; BARRADAS, A.; FREIRE, R. ***O mundo fragmentado:*** as encruzilhadas do labirinto. São Paulo: Editora Paz e terra, 2006.

FREDERICO, Celso. ***A sociologia da literatura de Lucien Goldmann***. Estudos Avançados, v. 19, n. 54, p. 429-446, 2005. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10088. Acesso em: 29 jan. 2023.

MATHIAS, Marcelo de Zaffiri Duarte. ***A felicidade em Albert Camus: aproximação à sua obra***. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

OLIVO, Cristiana Vieira Cancellier de. O princípio do prazer de Meursault em O Estrangeiro de Albert Camus. In: ***Revista fragmentos***, nº 33, Florianópolis/ Jul-dez, 2007. p. 147-154. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/8599/8001.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Mauricio. ***Memória D'África: a temática africana em sala de aula.*** São Paulo: Cortez, 2007.

YAZBEK, Mustafa. ***A revolução argelina***. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Beatles, Sexo, Drogas, Ciência e Rock 'n' Roll

Beatles, Sex, Drugs, Science and Rock 'n' Roll

Beatles, Sexo, Drogas, Ciencia y Rock 'n' Roll

Marcelo Sampaio de Alencar[1]

Resumo

ALENCAR, M. S. de. Beatles, Sexo, Drogas, Ciência e Rock 'n' Roll. ***Revista C&-Trópico***, v. 47, n. 1, p. 115-130, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art6

O artigo resulta de uma pesquisa realizada na literatura especializada sobre o famoso conjunto de Liverpool e apresenta uma análise das canções dos Beatles sob uma nova perspectiva, que enfatiza a conotação sexual, nem sempre evidente, mas outras vezes explícita, que os compositores da banda musical insinuaram nas letras produzidas. Além disso, aponta a relação de integrantes do conjunto com o consumo de drogas consideradas ilícitas, o que aparece de forma explícita, ou implícita, em algumas de suas composições. Por outro lado, o artigo enfatiza que algumas ligações feitas no passado entre letras e substâncias alucinógenas carecem de base, ou sentido. Mostra também algumas das ligações insuspeitas entre disciplinas díspares, como a criptografia, a matemática, a biologia e alguns dos conceitos e ideias discutidas ou colocadas pelo integrantes do conjunto musical mais apreciado, ouvido e estudado do século.

Palavras-chave: Beatles. Conotação sexual das letras. Conexão com ciência.

Abstract

ALENCAR, M. S. de. Beatles, Sexo, Drogas, Ciência e Rock 'n' Roll. ***Revista C&-Trópico***, v. 47, n. 1, p. 115-130, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art6

The article is the result of research carried out in the specialized literature on the famous group from Liverpool and presents an analysis of the Beatles' songs from a new perspective, which emphasizes the sexual connotation, not always evident, but sometimes explicit, that the composers of the musical band insinuated in the lyrics produced. In addition, it points out the relationship of members of the group with the consumption of drugs considered illicit, which appears explicitly or implicitly in some of their compositions. On the other hand, the article emphasizes that some links made in the past between lyrics and hallucinogenic substances lack basis, or meaning. It also shows some of the unsuspected links between disparate disciplines, such as cryptography, mathematics, biology and some of the concepts and ideas

1 Ph.D. pela University of Waterloo, Canadá, em 1994. Fundador e presidente do Instituto de Estudos Avançados em Comunicações (Iecom). E-mail: sampaio.alencar@gmail.com Orcid: http://orcid.org/0000-0002-2849-1644

discussed or posed by members of the most appreciated, heard and studied musical group of the century.

Keywords: Beatles. Sexual connotation of the lyrics. Connection with science.

Resumen

ALENCAR, M. S. de. Beatles, Sexo, Drogas, Ciência e Rock 'n' Roll. ***Revista C&-Trópico***, v. 47, n. 1, p. 115-130, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETRO\PICOv47n1(2023)art6

El artículo es resultado de una investigación realizada en la literatura especializada sobre el célebre grupo de Liverpool y presenta un análisis de las canciones de los Beatles desde una nueva perspectiva, que enfatiza la connotación sexual, no siempre evidente, pero a veces explícita, que los compositores de la banda musical insinuaron en las letras producidas. Además, señala la relación de los miembros del grupo con el consumo de drogas consideradas ilícitas, que aparece explícita o implícitamente en algunas de sus composiciones. Por otro lado, el artículo destaca que algunos vínculos hechos en el pasado entre las letras y las sustancias alucinógenas carecen de fundamento o significado. También muestra algunos de los vínculos insospechados entre disciplinas dispares, como la criptografía, las matemáticas, la biología y algunos de los conceptos e ideas discutidos o planteados por miembros de la agrupación musical más apreciada, escuchada y estudiada del siglo.

Palabras clave: Beatles. Connotación sexual de las letras. Conexión con la ciencia.

Data de submissão: 17/01/2023
Data de aceite: 17/04/2023

1. Introdução

A música e a dança são duas das mais antigas formas de comunicação, e acompanham os seres humanos desde sempre. Praticadas até por animais, elas são universais e perpassam etnias, povos e espécies. A música, como a dança, é uma forma usual de atrair um parceiro para o sexo, que é a maneira padrão de se comunicar o Ácido Desoxirribonucleico (DNA) entre seres vivos, mas não a única.

Não é de estranhar que várias canções dos Beatles tenham conotação sexual, mesmo que implícita. Sexo, drogas e *Rock 'n' Roll* sempre foram associados ao cenário musical, porém poucos notaram, na época, as iscas sexuais que os Beatles inseriram em suas canções (WIKIPEDIA, 2012a).

O principal motivo é que, no passado, havia uma preocupação maior da imprensa e dos críticos com as referências às drogas, que poderiam estar presentes, por exemplo, em "*Lucy in the Sky with Diamonds*", composta pelos parceiros John Lennon

e Paul McCartney (WIKIPEDIA, 2023). A primeira estrofe parecia remeter ao mundo psicodélico do ácido lisérgico (LSD), muito cultuado pelos hippies na década de 1960.

"Picture yourself in a boat on a river,
with tangerine trees and marmalade skies.
Somebody calls you, you answer quite slowly,
a girl with kaleidoscope eyes."

Cuja tradução livre resulta em:

"Imagine-se em um barco, em um rio,
com árvores de tangerina e céus de marmelada.
Alguém lhe chama, você responde bem devagar,
uma garota com olhos de caleidoscópio."

Figura 1: Os Beatles chegam a Madri, em julho de 1965[2]



Fonte: Wikimedia commons, 2022

Ao contrário da associação fácil às drogas, porém, considerando que as iniciais das palavras formam a sigla LSD, a canção nasceu em uma tarde de 1967, quando o filho de John, Julian, voltou do Jardim da Infância Heath House com um desenho colorido de sua colega, Lucy O'Donnell, de quatro anos. Ao explicar ao pai de que se tratava, disse que era "Lucy no céu com diamantes" (TURNER, 2009).

A descrição impressionou John e o levou à compor a canção, uma das faixas do disco "*Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*." Apesar da experiência com alucinógenos pela qual os Beatles passaram, alegadamente introduzidos por Bob Dylan, a música traduz mais o interesse pelo surrealismo, pelos jogos com palavras e pela obra de Lewis Carroll, o autor de "Alice no País das Maravilhas" e "Alice Através do Espelho" (CARROLL, 1998).

2 (Arquivo licenciado pelos termos da licença Creative Commons Attribution 2.0 Generic. By Iberia Airlines – File: Los_Beatles_ (19266969775).jpg, CC BY 2.0, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=53767856)

John afirmava que as imagens de alucinações na canção foram inspiradas no capítulo "Lã e água" de "Alice Através do Espelho", no qual Alice é levada pela correnteza do rio em um barco a remo conduzido pela Rainha.

2. The Beatles e a Criptografia

É interessante notar como Lewis Carroll, cujo verdadeiro nome era Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), influenciou compositores, pintores, matemáticos, físicos e engenheiros em várias épocas.

Além de escritor, Carroll era matemático, filósofo, lógico, inventor, fotógrafo e diácono da Igreja Anglicana. Como reza a lenda sobre os ingleses, ele era famoso por sua facilidade com jogos de palavras, fantasia e lógica. Mas também trabalhou em geometria, álgebra matricial, lógica matemática e matemática recreacional, tendo publicado uma dúzia de livros com seu nome real, enquanto trabalhou como tutor na Universidade de Oxford.

Nas áreas de Engenharia de Comunicações e Física, principalmente em Criptografia e em Criptografia Quântica, parece haver uma influência clara da obra de Lewis Carroll sobre os autores, considerando que o substantivo próprio Alice é sempre usado para nomear o arquétipo da fonte, ou transmissor em um sistema típico de comunicações. Em geral, o receptor ou destinatário da mensagem é chamado Bob e o terceiro participante, claro, é conhecido como Charlie, apelido de Charles, o verdadeiro nome de Carroll (DER LUBBE, 2002).

Além disso, Eve (referente à palavra *eavesdropper*, que significa intruso em inglês) é usualmente a espiã passiva, que pode ler as mensagens entre Alice e Bob, sem interferir. Os nomes foram introduzidos, em 1978, por Ron Rivest, um dos autores da cifra criptográfica RSA, em um artigo para a Association for Computing Machinery (ACM) (SINGH, 2010).

Deve-se notar que, como na canção *Lucy in the Sky with Diamonds*, a melhor forma de esconder uma mensagem é fazer com que ela pareça aleatória. Na história da criptologia a maioria dos sistemas de chave secreta que foram violados, o foram ao se explorar o afastamento da estatística do texto claro daquela de uma sequência completamente aleatória (ROCJA, 2011).

Interessante é que, no Capítulo 6, "O que Alice Encontrou Lá", do livro "Alice Através do Espelho", Alice tem o seguinte diálogo com Humpty Dumpty, que bem poderia ser interpretado como um jogo de palavras para explicar os termos básicos da Criptografia. O que não seria de estranhar, considerando que um dos passatempos de Lewis Carroll era escrever charadas (CARROLL, 2008).

"My name is Alice, but...
It's a stupid name enough! Humpty Dumpty interrupted impatiently.
What does it mean?
Must a name mean something? Alice asked doubtfully.
Of course it must! Humpty Dumpty said with a short laugh,

My name means the shape I am, and a good handsome shape it is, too.
With a name like yours, you might be any shape, almost."

Cuja tradução livre é:

"Meu nome é Alice, mas...
É um nome bastante estúpido! Humpty Dumpty interrompeu impacientemente.
O que ele significa?
Deve um nome significar alguma coisa? Alice perguntou incrédula.
Claro que ele deve!" Humpty Dumpty disse com uma curta risada.
Meu nome significa a forma que eu sou, e é uma forma bem bonita também.
Com um nome como o seu, você poderia ter qualquer forma, quase."

3. Sexo e Drogas na Antologia Musical dos Beatles

Os livros "Alice no País das Maravilhas" e "Alice Através do Espelho" eram os favoritos de John Lennon. Em 1965, ele afirmou que, quando criança, os relia uma vez por ano. Mas, além do espírito lúdico, os Beatles também gostavam de brincar com a conotação sexual das palavras. E o sexo, por assim dizer, abunda em suas músicas.

Por exemplo, "*Please Please Me*", que Lennon e McCartney compuseram em 1963, tem uma estrofe reveladora, em que o protagonista pede à garota para ser satisfeito, da mesma forma como ele tinha lhe dado prazer.

"*Last night I said these words to my girl*
I know you never even try girl
Come on, come on, come on, come on,
Please, please me, oh yeah, like I please you."

A canção "*She´s a Woman*", escrita por Paul McCartney, foi a primeira dos Beatles a conter uma referência velada às drogas, na frase *turns me on when I get lonely* (deixa-me ligado quando fico sozinho). Segundo John Lennon, eles ficaram bastante excitados por terem conseguido inserir a frase na canção e por ela ter passado pela censura das rádios e da televisão.

Na canção "*Girl*", escrita por Lennon para o álbum *Rubber Soul*, lançado em 1965, George Harrison e Paul McCartney repetem várias vezes a palavra *tit*, que significa teta, enquanto cantam os vocais, como uma espécie de piada. Lennon dizia que a música era sobre uma garota dos sonhos dele.

De acordo com John Lennon, "*Ticket to Ride*", do álbum *The Beatles*, de 1965, era uma referência aos certificados de saúde que as prostitutas alemãs deveriam obter para fazer programas em Hamburgo.

"I think I'm gonna be sad,
I think it's today, yeah.
The girl that's driving me mad
Is going away.

She's got a ticket to ri-hide,
She's got a ticket to ri-hi-hide,
She's got a ticket to ride,
But she don't care."

Em "*I'm Down*", gravada em 1965, há uma estrofe em que, apesar de estarem sozinhos, a garota afasta o namorado, reclamando "Guarde suas mãos para você mesmo".

"*We're all alone and there's nobody else.*
You still moan: 'Keep your hands to yourself!'"

O título da canção "*Drive My Car*", do álbum *Rubber Soul* 1965, segundo McCartney, era um eufemismo usado no *blues* para sexo.

"*Baby you can drive my car.*
Yes I'm gonna be a star.
Baby you can drive my car,
And maybe I'll love you."

Em "*Day Tripper*", escrita em 1965, Lennon e McCartney também jogam com as palavras, como nas estrofes a seguir.

"*She's a big teaser*
She took me half the way there.
She's a big teaser
She took me half the way there now.

Tried to please her
She only played one night stands.
Tried to please her
She only played one night stands now."

"*She's a big teaser, she took me half the way there*" pode ser traduzida como "Ela é muito insinuante, ela me deixou lá no meio do caminho." Porém, a versão original do verso, "*She's a prick teaser*", como Paul admitiu, era bem mais *verbatim*: "Ela é uma provocadora de pênis." A palavra *teaser* também pode ser traduzida como gostosa, tesuda ou mulher sensual.

Além disso, o outro verso "*Tried to please her, she only played one night stands*" teria como tradução literal "Tentei dar prazer a ela, ela só brincava de transar por uma noite." A expressão "*One night stand*" é comum em inglês para designar o sexo casual.

Note que a canção "*Got to Get You Into My Life",* de 1966, se refere ao uso de drogas. Nas próprias palavras de Paul:

"Então, '*Got To Get You Into My Life*' é realmente uma música sobre isso. Não é para uma pessoa, na verdade, é sobre maconha"

A nostálgica canção "*Penny Lane*", escrita por Paul McCartney e John Lennon, em 1966, mostra um pouco de gíria sexual da época, tendo em vista que os Beatles admitiram que "fish and finger pie" era uma expressão que os alunos usavam para tocar nas genitais das garotas.

"Penny lane is in my ears and in my eyes
A four of fish and finger pies
In summer, meanwhile back."

Há outra curiosa inclusão lírica em "*I Am The Walrus*", que fez com que a música fosse banida pela BBC, foi a frase: "*Você tem sido uma garota travessa, você deixou sua calcinha cair*".

A canção "*Hey Jude*", de 1968, que Paul McCartney interpretou em uma apresentação memorável, no Recife, na qual ele aparentemente dá conselhos para futuros encontros amorosos ao filho de Lennon, Julian, tem alguns versos com dupla interpretação, como pode ser notado a seguir.

"So let it out and let it in, hey Jude, begin
You're waiting for someone to perform with
And don't you know that it's just you, hey Jude, you'll do
The movement you need is on your shoulder
Nah nah nah nah nah nah nah nah nah yeah."

"Então deixe sair e deixe entrar, ei, Jude, comece
Você está esperando por alguém com quem atuar
E não sabe que é somente você, ei Jude, você consegue
O movimento que você precisa está nos seus ombros
Na na na na na na na na.."

Durante a execução da canção, se o ouvinte prestar bastante atenção, há uma interjeição audível "Ah" pronunciada por um dos membros da banda, por volta da marca de 2m55s, logo após a sentença "*Let her under your skin*". Imediatamente depois, Paul McCartney diz "*fucking hell*", que pode ser ouvido caso se esteja prestando realmente atenção.

Além disso, a canção "*Hey Jude*" quase foi censurada porque a maçã no rótulo do disco de vinil foi considerada pornográfica.

"*Sexy Sadie*" é uma canção dos Beatles, escrita por John Lennon na Índia, e creditada à dupla Lennon e McCartney. Foi feita para o Maharishi Mahesh Yogi, devido a um boato segundo o qual o Maharishi tentou seduzir uma mulher na comitiva e John ficou chateado, furioso e desiludido e a escreveu, mas o George Harrison sugeriu que o nome fosse "*Sexy Sadie*". Ela está no disco *White Album*, gravado em 1968.

"Sexy Sadie you broke the rules
You layed it down for all to see

You layed it down for all to see
Sexy Sadie oooh you.

Why Don't We Do It In The Road

Why don't we do it in the road
Why don't we do it in the road
Why don't we do it in the road
Why don't we do it in the road
No one will be watching us."

Ao explicar a música, Paul McCartney disse que tinha visto um macaco subir nas costas de uma fêmea e cruzar com ela. Dois ou três segundos depois, o animal pulou fora e olhou ao redor, parecendo querer dizer "não fui eu", e a fêmea olhou para os lados como se nada tivesse acontecido. "E eu pensei... como é simples o ato de procriação... Nós temos problemas horrendos com ele, mas os animais não", disse Paul.

A canção "*Happiness is a Warm Gun*", de Lennon e McCartney, escrita em 1968, tem duas explicações. A primeira é que o título veio de um artigo que Lennon viu em uma revista, que era o *slogan* da *National Rifle Association,* dos Estados Unidos da América. Para Lennon era "Fantástico e insano, porque uma arma quente significa que você acabou de atirar em alguém."

Porém, o próprio Lennon comentou sobre a canção que era "Uma espécie de história do *Rock 'n' Roll*", e a maior parte da letra era sobre sua paixão sexual por Yoko Ono.

"Mother Superior jump the gun
When I hold you in my arms
And I feel my finger on your trigger
I know nobody can do me no harm
Because happiness is a warm gun.
Happiness is a warm gun
Yes it is.
Happiness is a warm, yes it is, gun.
Well, don't you know that happiness is a warm gun, mama."

A estrofe "*And I feel my finger on your trigger*" é uma clara alusão ao toque no clitóris e o próprio título é uma referência ao pênis.

Os Beatles se tornaram mais explícitos em "*Don't Let Me Down*", em 1969, na qual Lennon e McCartney se referem ao *fellatio*, ou sexo oral.

"And from the first time that she really done me.
Ooh she done me. She done me good.
I guess nobody ever really done me.
Ooh she done me.

She done me.
She done me good."

A frase "And from the first time that she really done me", em texto claro, quer dizer "E a partir da primeira vez que ela realmente transou comigo."

A canção "*Come Together*", de Lennon e McCartney, gravada em 1969, é outra em que o ato sexual pode ser interpretado, tendo em vista que o verbo *to come* também quer dizer ter um orgasmo. E o refrão "*Come together, right now, over me*." poderia ser traduzido como "Goze junto, agora mesmo, sobre mim." Nem sempre, entretanto, a interpretação revela a intenção do autor.

"He say I know you, you know me,
One thing I can tell you is,
You got to be free,
Come together, right now,
Over me."

Evidentemente, há outras versões para a canção, e uma delas diz que Lennon foi inspirado pela campanha de Timothy Leary para governador da Califórnia, intitulada "*Come together, join the party*", contra Ronald Reagan, encerrada repentinamente quando Leary foi preso por posse de marijuana.

Outra versão diz que a letra é um texto criptografado no qual Lennon se refere a cada um dos Beatles por uma característica especial. Ringo Starr seria mencionado em "*Got to be a joker*", por ser o mais engraçado da banda. "*He's one holy roller*" se referia à inclinação espiritual de George Harrison. O próprio Lennon estaria em "*He got Ono sideboard, he one spinal cracker*". Finalmente, "*Got to be good-looking cause he's so hard to see*" seria uma referência a Paul.

Em "*Dig A Pony*", cujo título original era "*All I Want Is You*", do álbum "*Let It Be*", de 1970, John comenta acerca da penetração.

"I do a road hog
Well you can penetrate any place you go
Yes, you can penetrate any place you go
I told you so, all I want is you.
Ev'rything has got to be just like you want it to."

"Eu sou o dono da estrada
Bem você pode penetrar em qualquer lugar que você vai
Sim, você pode penetrar em qualquer lugar que você vai
Eu lhe disse, tudo o que eu quero é você.
Tudo tem que ser como você quer que seja."

Mas, finalmente, a referência às drogas, procurada pelos fãs e pela mídia em "*Lucy in the Sky with Diamonds*", fica óbvia, na estrofe seguinte da mesma música.

"I roll a stoney
Well you can imitate ev'ryone you know
Yes, you can imitate ev'ryone you know.
I told you so, all I want is you.
Ev'rything has got to be just like you want it to."

"Eu enrolo um baseado
Bem, você pode imitar todo mundo que você conheça
Sim, você pode imitar todo mundo que você conheça.
Eu lhe disse, tudo o que eu quero é você.
Tudo tem que ser como você quer que seja."

A letra de "*With A Little Help From My Friends*" é uma referência implícita à masturbação, aparentemente uma gozação de Paul e John com Ringo, como pode ser notado nos versos da canção de 1969.

"What do I do when my love is away?
(does it worry you to be alone?)
How do I feel by the end of the day?
(are you sad because you're on your own?)

No, I get by with a little help from my friends,
Mm, I get high with a little help from my friends,
Mm, Gonna try with a little help from my friends."

Cuja tradução livre é:

"O que eu faço quando meu amor está fora?
(você se preocupa em estar sozinho?)
Como eu me sinto no final do dia?
(você está triste porque está por conta própria?)

Não, eu me viro com uma ajudinha de meus amigos,
Mn, eu fico por cima com uma ajudinha de meus amigos,
Mn, vou tentar com uma ajudinha de meus amigos."

Em algumas entrevistas, entretanto, essa linha não é mencionada com este significado, mas a canção provavelmente se referia ao uso de drogas, como em *Mm, I get high with a little help from my friends, c*onsiderando que *to get high* é uma gíria para ficar chapado.

O que poderia se referir a alguma conotação sexual, como mencionada em entrevistas da banda, seria a passagem:

"*What do you see when you turn out the light?*
I can't tell you but I know it's mine."

Paul relata na entrevista: "Lembro-me de rir com John enquanto escrevíamos os versos '**O que você vê quando apaga a luz? Não posso dizer, mas sei que é meu**.' Pode ter sido ele brincando com seu pênis debaixo das cobertas, ou pode ter sido levado a um nível mais profundo; era isso que significava, mas era uma maneira legal de dizer, uma maneira muito inespecífica de dizer. Sempre gostei disso."

A canção "*Love You To*" foi escrita por George Harrison, em 1966, sendo praticamente toda sobre sexo. A letra diz: "Faça amor o dia todo, faça amor cantando canções", "Há pessoas ao redor, que farão sexo com você no chão" e, finalmente, "Eu farei amor com você, se você me quiser."

"Each day just goes so fast
I turn around, it's past
You don't get time to hang a sign on me

Love me while you can
Or I'll get a plan

A lifetime is so short
A new one can't be bought
But what you've got means such a lot to me

Make love all day long
Make love singing songs

Make love all day long
Make love singing songs

There's people standing round
Who'll screw you in the ground
They'll fill you in with all their sins, you'll see

I'll make love to you
If you want me to."

4. Norwegian Wood

Norwegian Wood é um romance do escritor japonês Haruki Murakami publicado em 1987. O livro utiliza o nome de uma canção dos Beatles*, "Norwegian Wood (This Bird Has Flown)", a* preferida de uma das protagonistas.

O romance trata da sexualidade florescente e também da perda, contando a relação do jovem Toru Watanabe com a namorada de seu melhor amigo, falecido, e com uma mulher mais velha.

Norwegian Wood (*This Bird Has Flown*)

"I once had a girl
Or should I say
She once had me"

Madeira Norueguesa (Este Pássaro Voou)

"Certa vez, eu tinha uma garota
Ou seria melhor dizer
Ela me tinha?"

Aparentemente, a canção trata de um caso amoroso, que John Lennon teve enquanto estava casado. Entretanto, ele nunca revelou o nome da parceira que o deixou dormir na banheira.

5. Toda Forma de Amor Vale a Pena

O sexo parece estar em todas as canções dos Beatles, assim como está associado à vida em geral. Para o público, sexo pode significar o intercurso entre homens e mulheres. Para os poetas é uma forma de expressar o amor. Para os médicos pode ser a causa de muitas doenças. Para o moralista o sexo é permitido apenas entre um homem e uma mulher, com o objetivo de procriação.

Para os engenheiros da área de comunicações, sexo é um processo de transmissão de informação codificada, o DNA, de uma fonte, Bob, a um destino, Alice. Contanto que Charlie não atrapalhe o procedimento. Sexo seria, de maneira geral, um ato entre seres da mesma espécie (ALENCAR, 2010).

Para os biólogos, no entanto, o sexo é apenas um meio para a transferência de DNA, e pode ocorrer entre seres de diferentes espécies. Bactérias de distintas espécies podem trocar DNA, assim como vírus podem fornecer DNA a bactérias. E isso é essencial para a aquisição de imunidade a antibióticos por parte desses micróbios (MARGULIS, 1977).

Os vírus usam as células que invadem para reproduzirem seu próprio DNA. Os vírus produzidos no processo destroem os hospedeiros e caem na corrente sanguínea, infectando outras células do corpo, e servindo como vetores para a mutação em longo prazo. Mas não apenas os vírus têm essa capacidade de inserirem material genético em hospedeiros.

Figura 2: Carlos Chagas em seu laboratório[3]



Estudos científicos observaram a cromatina de formas do *Trypanosoma cruzi*, causador da Doença de Chagas, associada a cromossomos de macrófagos em diversos períodos da infecção aguda, e o material genético inserido naqueles cromossomos era produto do *T. cruzi*. Ou seja, foi confirmada a inserção de DNA do protozoário nos cromossomos, o que sugere que podem ocorrer rearranjos trans-xenogênicos, entre genes nativos e exógenos, em infecções de mamíferos (TEIXEIRA, 1991).

Figura 3: Oswaldo Cruz, o maior sanitarista do País[4]



3 Este arquivo não é sujeito a *copyright*.
4 Idem

O *T. cruzi* é um protozoário flagelado, agente etiológico da doença de Chagas, que foi descoberta, em 1909, pelo médico brasileiro Carlos Justiniano Ribeiro Chagas (1878-1934). O nome dado ao patógeno foi uma homenagem de Chagas ao cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), o pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil.

Chagas foi o único cientista na história da medicina a descrever completamente uma doença infecciosa, incluindo o patógeno, o vetor (*Triatoma infestans*, conhecido como barbeiro), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a sua epidemiologia (WIKIPEDIA, 2012b).

Por mais estranho que possa parecer, já foi também identificada a integração de DNA do *T. cruzi* no genoma de células germinativas humanas, aquelas associadas à reprodução, e à transferência vertical dessas mutações para os descendentes (ARAÚJO, 2008). Deve-se lembrar que as mutações fizeram os seres evoluírem de aglomerados de proteínas até os humanos.

6. Conclusões

Os Beatles foram o conjunto de maior sucesso em todos os tempos, e aproveitaram essa exposição para divulgar ideias sobre sexo, drogas e filosofia. Mas também tiveram relações com outras áreas do conhecimento, como a criptografia e a biologia.

Nessa última área, pode-se depreender, considerando apenas a troca de DNA para fins de reprodução, que os seres humanos, como os outros animais, fazem sexo o tempo todo com vírus, bactérias e protozoários. Um conceito estranho, a princípio, mas que torna-se claro ao se considerar uma definição mais abrangente da palavra sexo.

Entretanto, o desenvolvimento de novas drogas e procedimentos pode alterar completamente o panorama sexual no futuro e, talvez, o leitor nunca mais perceba as músicas dos Beatles da mesma forma.

Referências

ALENCAR, Marcelo Sampaio de. ***Sexo Conexo.*** Gráfica e Editora Epgraf, ISBN 978-85 910418-0-0, Campina Grande, Brasil, 2010.

ARAÚJO, Perla Fabíola. Herança vertical de sequências de minicírculos de kDNA de Trypanosoma cruzi integradas no genoma de células germinativas humanas – ***Dissertação de Mestrado em Patologia Molecular***, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CARROLL, Lewis. ***Alice no País das Maravilhas***. São Paulo, Brasil: L&PM Editores, 1998.

CARROLL, Lewis. ***Alice Através do Espelho***. São Paulo, Brasil: Editora Autêntica Infantil, 2008.

LUBBE, Jan C. A. van der. ***Basic Methods of Cryptography***. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom, 2002.

MARGULIS, Lyn and Dorion Sagan. ***What is Sex?*** Simon and Schuster Editions, New York, USA, 1997.

ROCHA JR., Valdemar Cardoso da. Aspectos de Segurança de Cifras de Chave-Secreta. ***Revista de Tecnologia da Informação e Comunicação***, v. 1, n.1, p.14-19, Outubro 2011.

SINGH, Simon. ***O Livro dos Códigos***. São Paulo: Editora Record, Brasil, 2010.

TEIXEIRA, Antonio R. L., Zulmira Lacava, Jaime M. Santana, Helena Luna. Inserção de DNA de *Trypanosoma cruzi* no genoma de célula hospedeira de mamífero por meio de infecção. ***Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical,*** v. 1, n. 24, p.55-58, Jan-Mar, 1991.

TURNER, Steve. ***The Beatles*** – a história por trás de todas as canções. São Paulo, Brasil: Cosac Naify, 2009.

WIKIPEDIA. ***Carlos Chagas.*** Internet site, pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Chagas, 2012. Sítio da Internet. Acesso em 17 de fevereiro de 2023.

WIKIPEDIA. ***The Beatles.*** Internet site, pt.wikipedia.org/wiki/The_Beatles, 2012. Sítio da Internet. acesso em 17 de fevereiro de 2023.

WIKIPEDIA. ***List of The Beatles Songs***. Disponíel em: wikipedia.org/wiki/List_of_The_Beatles_songs, 2012. Sítio da Internet. Acesso em 17 de fevereiro de 2023.

Inovação no setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos: estudo do caso Natura

Innovation in the sector of perfumery, Personal Hygiene and cosmetics: Natura case study

Innovación en el sector del cuidado personal, perfumería y cosmética: estudio del caso Natura

Priscila Balloussier de Castro[1]
Pablo Ferreira Regalado[2]
Marcela Mariana de Almeida Ribeiro[3]
Matheus Gonzaga Teles[4]
Sergio Medeiros P.de Carvalho[5]

Resumo

CASTRO, P. B. de; REGALADO, P. F.; RIBEIRO, M. M. de A.; TELES, M. G; CARVALHO. S. M. P. Inovação no setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos: estudo do caso Natura. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 2, p. 131-144, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art7

Este estudo tem como objetivo evidenciar o destaque do mercado de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (HPPC) no Brasil, que ocupa uma das primeiras posições, tanto como um dos maiores consumidores, como também grande exportador desses produtos, além de ser um dos países que mais lança novos produtos anualmente. Neste trabalho, ressaltamos a importância da inovação e da sustentabilidade no setor, cujos investimentos são essenciais para que uma empresa se destaque neste segmento. Para ilustrar, foi realizado um estudo de caso com uma empresa nacional de grande importância no setor, mostrando como o seu investimento em inovação é crucial para se posicionar no mercado, tendo sido a Natura a companhia escolhida.

1 Doutoranda e mestre em Propriedade Intelecutual e Inovação (INPI); Coordenadora de Gestão do Conhecimento, Instrução Processual e Relacionamento com o Usuário (COGIR/INPI). E-mail: pballou@inpi.gov.br Orcid: https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-3208-8946

2 Mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional (ISEG/UTL), Doutorando em Propriedade Intelectual e Inovação (INPI) e Chefe da Divisão de Exame de Indicações Geográficas e Marcas (INPI). E-mail: pabloregalado@hotmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2509-0191

3 Farmacêutica, mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFINIT) e Doutoranda em Propriedade Intelectual e Inovação (INPI). E-mail: marcymary@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0009-0009-0276-0736

4 Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT) e Doutorando – Academia de Propriedade Intelectual, Inovação e Desenvolvimento (ACAD) do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). E-mail: gonzagadiplomata@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5613-5949

5 Doutor em Política Científica e Tecnológica (Unicamp), Especialista Sênior em PI e Professor do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Propriedade Intelectual e Inovacao do Instituto Nacional da Propriedade Industrial INPI. E-mail: sergio.paulinodecarvalho@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7624-2140

Palavras-chave: Inovação. Sustentabilidade. Higiene Pessoal. Perfumaria. Cosméticos. Natura.

Abstract

CASTRO, P. B. de; REGALADO, P. F.; RIBEIRO, M. M. de A.; TELES, M. G; CARVALHO. S. M. P. Innovation in the sector of perfumery, Personal Hygiene and cosmetics: Natura case study. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 2, p. 131-144, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art7

This study aims to highlight the Personal Hygiene, Perfumery and Cosmetics (PHPC) market in Brazil, which is among the top ten, as one of the largest consumers, as well as a major exporter of these products. Besides, Brazil is one of the countries that more launches new products annually. This study will also emphasize the matter of innovation and sustainability in that sector, whose investments are essential for a company to stand out in this segment. To illustrate, will carry out a case study with a national company of great importance in the sector, showing how its investment in innovation is crucial to position itself in the market, with Natura being the chosen company.

Keywords: Innovation. Sustainability. Personal Hygiene. Perfumery. Cosmetics. Natura.

Resumen

CASTRO, P. B. de; REGALADO, P. F.; RIBEIRO, M. M. de A.; TELES, M. G; CARVALHO. S. M. P. Innovación en el sector del cuidado personal, perfumería y cosmética: estudio del caso Natura. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 2, p. 131-144, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art7

Este estudio tiene como objetivo evidenciar el destaque del mercado de Higiene Personal, Perfumería y Cosméticos (HPPC) en Brasil, que ocupa una de las primeras posiciones, tanto como uno de los mayores consumidores, como también grande exportador de estos productos, además de ser unos de los países que mas lanza nuevos productos anualmente. En este trabajo, resaltamos la importancia de la innovación y de la sustentabilidad en el sector, cuyos investimientos son esenciales para que una empresa se destaque en este segmento. Para ilustrar, fue realizado un estudio de caso con una empresa nacional de grande importancia en el sector, mostrando como su investimento en innovación es crucial para posicionarse en el mercado, habiendo sido Natura la compañia escogida.

Palabras clave: Innovación. Sustentabilidad. Higiene Personal. Perfumería. Cosméticos. Natura

Data de submissão: 29/07/2022
Data de aceite: 15/06/2023

1. Introdução

Observando-se o segmento de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (HPPC), percebemos que o mesmo possui grande destaque em nosso país, com o Brasil ocupando as primeiras posições entre os maiores mercados mundiais, seja como consumidor, com grandes receitas geradas por vendas, seja como exportador desses produtos.

Segundo dados extraídos dos anuários da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), o Brasil é o segundo mercado no ranking global de países que mais lançam produtos anualmente neste segmento (sendo o primeiro os EUA, e, o segundo, a China); o quarto maior mercado consumidor do mundo, (sendo o segundo maior no que se refere especificamente a fragrâncias, produtos masculinos e desodorantes); exportou, no ano de 2020, seus produtos para 174 países. Outro importante fator para esse bom desempenho do setor, em relação ao mercado externo, é que o Brasil apresenta grandes investimentos em pesquisa e possui uma ampla biodiversidade local e, consequentemente, abundantes matérias-primas com foco em sustentabilidade, o que lhe permite uma extensa linha de produtos naturais com grande aceitação no exterior.

Alguns dos principais fatores responsáveis pelo crescimento do setor em nosso país nas duas primeiras décadas deste milênio são: a participação cada vez mais expressiva da mulher no mercado de trabalho; a modernização do setor, garantindo maior produtividade e preços mais acessíveis; a grande diversidade de produtos oferecidos, capazes de atender cada vez mais às demandas da população, inclusive com a oferta de produtos para o segmento masculino e para a população de pele negra; aumento da expectativa de vida, acarretando o desejo de prolongar uma aparência de juventude.

Assim, percebe-se a existência da possibilidade de abertura de uma janela de oportunidade em termos de inovação e geração de novos produtos. A partir deste cenário, o presente trabalho apresenta um estudo de caso com um ator nacional, que investe maciçamente em inovação e práticas sustentáveis, e que se destaca tanto no mercado brasileiro, como no internacional.

Trata-se de uma empresa nacional, líder no setor de cosméticos, e o quarto maior grupo empresarial global em seu segmento. Em 2021, a consultoria Brand Finance posicionou a companhia como a marca de cosméticos mais forte do mundo. A Natura busca se consolidar como marca inovadora no mercado de beleza, oferecendo produtos alinhados às melhores práticas socioambientais. Segundo a companhia, conforme pode ser observado em seu sítio eletrônico, suas marcas operaram em um processo de inovação aberta. Cabe destacar que em 2020 a Natura foi eleita a empresa mais inovadora do mercado brasileiro, segundo a nova edição do Prêmio Valor Inovação Brasil, levantamento desenvolvido pela PwC e pelo Valor Econômico.

Dessa forma, o presente trabalho irá dissertardiscutimos sobre o setor de HPPC, mercado que, como vimos, nosso país se destaca nacional e internacionalmente, e a importância do investimento em inovação neste segmento; sobre a empresa Natura e seu profundo e diversificado perfil inovativo, trazendo informações sobre algumas linhas

de produtos da empresa, e o conceito de inovação contido nelas, e de como a companhia trabalha com a chamada inovação aberta e sua relação com sustentabilidade; além de trazer considerações finais sobre como as inovações desenvolvidas pela empresa escolhida podem contribuir para nossa sociedade, além de reflexões sobre perspectivas futuras envolvendo essas inovações.

2. O setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos e seu perfil inovativo

A busca pela beleza é dinâmica e os padrões do belo são ditados pela sociedade, de acordo com o momento histórico vivido. Essa é uma das constatações de Viana e Cirino (2020), ao contrapor o Mito de Afrodite, Deusa da Beleza na Grécia Antiga, à contemporaneidade. E é por essa corrida de mulheres e homens ao seu lugar no Olimpo que, a cada ano, a indústria da beleza vem lançando produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, capazes de movimentar a economia e os investimentos nesse setor no Brasil e no mundo.

A legislação brasileira definiu cosméticos, produtos de higiene e perfumes no Anexo 1 da Resolução Anvisa nº 79 (Ministério da Saúde, 2000):

> "Preparações constituídas por substâncias naturais ou sintéticas, de uso externo nas diversas partes do corpo humano, pele, sistema capilar, unhas, lábios, órgãos genitais externos, dentes e membranas mucosas da cavidade oral, com o objetivo exclusivo e principal de limpá-los, perfumá-los, alterar sua aparência ou corrigir odores corporais ou protegê-los ou mantê-los em bom estado[6]".

A indústria de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, também chamada de HPPC, é bastante expressiva no Brasil. Segundo dados do Euromonitor 2021, trazidos pela Associação Brasileira de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC, 2022), o país fechou o ano como o quarto maior mercado consumidor desses produtos no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, da China e do Japão, representando um total de US$ 23.061,7 milhões. As empresas do setor de HPPC no Brasil tiveram um crescimento de 5,4% no biênio 2021/2020, gerando cerca de 5,4 milhões de oportunidades de trabalho.

Pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas constataram, em relatório de acompanhamento setorial publicado em parceria com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, a seguinte tendência (GORAYEB et al., 2013): o padrão competitivo dos produtos ofertados pelas empresas do setor em estudo possui como característica marcante o uso de várias formas de comercialização, tais como lojas especializadas, supermercados, farmácias, franquias e vendas diretas. Essas últimas são

6 Incluem-se na definição: cremes para a pele, loções, talcos e *sprays*, perfumes, batons, esmaltes de unha, maquiagem facial e para os olhos, tinturas para os cabelos, líquidos para permanente, desodorantes, produtos infantis, óleos e espumas de banho, soluções para higiene bucal, entre outros.

também chamadas de porta-a-porta e envolvem uma rede extensa de representantes autônomos, em geral do sexo feminino, que vendem diretamente os produtos aos consumidores através de catálogos disponibilizados pelas empresas que representam.

Graças ao volume de vendas praticado anualmente, a cadeia produtiva de HPPC tem um impacto socioeconômico positivo para o setor, que resulta em alta capacidade de geração de renda e arrecadação de impostos, podendo até ser maior quando comparado ao setor agropecuário e à indústria de forma geral. Destaque-se que o mercado brasileiro é o segundo mais expressivo em fragrâncias, produtos masculinos e desodorantes, e também ocupa essa posição no ranking global de países que mais lançam produtos anualmente, exportando para mais de 170 países (ABIHPEC, 2022).

A inovação é propulsora do dinamismo que o setor em estudo necessita para garantir produtos novos e melhorados praticamente todos os anos. Essa tendência parece se encaixar no conceito de inovação de produto trazido pelo *Oslo Manual* (2018), em que se considera produto tecnologicamente novo aquele que contém características fundamentais diferentes de outros que tenham sido produzidos pela empresa. Todavia, não se pode confundir com esse conceito as mudanças puramente estéticas ou de estilo no produto.

De acordo com Freeman e Soete (1997), invenção é uma ideia para um novo ou aprimorado produto, processo ou sistema; já a inovação, no sentido econômico, pressupõe a primeira transação comercial desse produto, processo ou sistema. Os autores entendem que a inovação também pode significar todo o processo inovativo, qual seja a invenção, a inovação propriamente dita e a difusão tecnológica. Dosi (1988), por sua vez, revela que inovar tem como significado buscar, descobrir, experimentar, desenvolver, imitar e adotar novos produtos, novos processos e novas técnicas organizacionais.

Com relação aos tipos de inovação, o *Oslo Manual* (2018) considerou duas definições. Elas podem ser aplicadas na indústria da beleza, sendo a primeira mais factível: a inovação incremental, na qual se agregam melhorias a um produto, processo ou organização produtiva na empresa sem que isso modifique a estrutura da indústria; e a inovação radical, que tem como resultado um novo produto, processo ou organização produtiva, revelando uma lógica de ruptura com padrões anteriores capaz de gerar novos setores e oxigenar a economia.

Recentemente, ao estudar a geração de valor por meio da inovação de produtos, Cooper (2017) sinalizou os principais fatores de sucesso das empresas inovadoras, quais sejam: lançamento de produtos melhores e diferenciados, conceito rápido e claro do produto, estruturação cuidadosa com base em estudos técnicos, financeiros e mercadológicos, execução profícua de ações tecnológicas e de marketing, bem como eficiência de equipes que se complementam em suas funções no processo inovativo.

Dessa forma, é possível perceber a inovação como um importante diferencial competitivo de empresas no mercado. Para o lançamento de novos produtos será preciso investir não somente em tecnologia do ponto de vista de maquinários, mas também, e principalmente, no que se chama de Pesquisa e Desenvolvimento ou P&D.

Tigre (2006) explica que os projetos de P&D nas empresas podem iniciar tanto na área de vendas, por meio de identificação das necessidades do mercado (*demand pull*), assim como nas áreas técnicas, que se voltam para encontrar oportunidades

tecnológicas passíveis de inovar (*technology push*). No entanto, o autor reconhece que ambas as modalidades podem implicar gastos elevados para uma empresa, e que se torna comum no mercado global a existência de cooperação em P&D, de modo a diluir os riscos e a agregar soluções que muitas vezes estão fora dos laboratórios. Essa cooperação já é realidade na Natura, um destaque no setor de HPPC, e será objeto de estudo na próxima seção.

Antes de analisar a Natura, convém finalizar esta seção com a observação feita por Avelar e Souza (2006) quanto ao perfil inovativo das empresas de HPPC. Trata-se de um perfil diversificado, diante da heterogeneidade desta indústria, pois a presença de grandes empresas internacionais é contrastada com um expressivo número de pequenas e médias empresas focadas na produção de cosméticos. Essas últimas, na maior parte das vezes, não possuem o capital necessário para investir em P&D. No Brasil, porém, embora seja predominante a presença das grandes transnacionais do setor, pode-se observar a existência de um número expressivo de empresas de capital nacional, onde algumas realizam investimentos no desenvolvimento de produtos no país, adotando estratégias com o intuito de incrementar sua participação nos mercados interno e externo.

3. O caso Natura: Uma empresa brasileira que se destaca pelo investimento em inovação e sustentabilidade

Segundo Vieira (2005), desde o início dos anos 2000, a assinatura Bem Estar Bem foi agregada às estratégias de posicionamento da marca Natura de modo a melhor expressar sua essência como uma empresa ainda mais focada na satisfação de clientes e colaboradores. Mas seria essa estratégia suficiente para a Natura se tornar uma organização diferenciada frente a um mercado tão competitivo como a indústria da beleza e, mais especificamente, o setor de HPPC?

De acordo com informações obtidas no portal da Natura, os seguintes fatos merecem ser apontados para subsidiar o presente estudo de caso (NATURA, 2022a):

- Empresa brasileira fundada em 1969 por Luiz Seabra e inicialmente chamada de Indústria e Comércio de Cosméticos Berjeaut. Sua primeira loja foi inaugurada em 1970, entretanto, apostando na força da relação com suas clientes, a venda direta foi adotada como modelo de negócios e a loja física foi fechada. Dessa forma, a Natura foi se expandindo para as diferentes regiões do Brasil, chegando ao mercado internacional em 1982 por meio de um distribuidor no Chile e, posteriormente, iniciando operações na Argentina e no Peru;
- Ao longo dos anos lançou diversas linhas de produtos como a linha Natura Ekos, que incorporou ativos da biodiversidade brasileira a sua formulação. Em 2001, a empresa inaugurou um avançado centro integrado de pesquisa e produção de cosméticos em Cajamar, no interior do estado de São Paulo e, em 2005, se expandiu para a Europa inaugurando sua primeira loja em Paris;
- Outras ações foram realizadas pela Natura, tais como: o banimento de testes em animais, a criação do programa Carbono Neutro, o lançamento do

Programa Amazônia, a inauguração do Ecoparque no Pará, e a primeira companhia de capital aberto a se tornar uma Empresa B[7] em 2014;

- Com o crescimento da marca, a empresa alcançou todo o território nacional pelas vendas on-line, retomando também a inauguração de lojas físicas, incluindo a primeira em Nova York. Em 2017, adquiriu a marca britânica The Body Shop e, no ano seguinte, o grupo Natura & Co foi criado pela união da Natura, Aesop e The Body Shop. Com a aquisição da Avon, em 2020, a Natura & Co se tornou o quarto maior grupo do mundo no setor de beleza.

O último dos fatos trazidos acima reflete o aumento de 67% no valor da marca, passando para R$ 9,3 bilhões em 2021, apesar do cenário de pandemia do COVID-19, o que significa a sua escalada do 11º ao 8º lugar no ranking de marcas brasileiras mais valiosas. A Natura começa a ser vista como uma marca muito forte no Brasil e na América do Sul; ainda que pouco conhecida em outras regiões do mundo, o aumento da popularidade dos produtos naturais a favorece internacionalmente (Brand Finance, 2021).

Os constantes investimentos em inovação também contribuem para o sucesso da empresa. Segundo a Strategy& (2021), uma consultoria estratégica da PwC, a Natura aparece como a nona empresa mais inovadora do Brasil no ranking geral e a mais inovadora no ranking setorial de cosméticos, higiene pessoal e limpeza doméstica.

Ao se falar em novos produtos na Natura, é importante incluir no debate a modalidade de inovação com a qual vem se alinhando nos últimos anos, qual seja: a inovação aberta (*open innovation*). Essa modalidade foi detalhadamente estudada por Lindegaard (2011), que a apontou como a chave da nova competitividade nos negócios pelas razões a seguir:

- A ideia de combinar recursos internos e externos em busca de maior talento e produtividade da inovação não pode ser ignorada;
- A inovação aberta funciona somente se estiver alinhada com os objetivos estratégicos da empresa e com a mudança de mentalidade dos empregados para adquirirem novas habilidades;
- O nível de envolvimento dos parceiros externos, clientes ou fornecedores é o que define as diferentes formas de inovação aberta;
- Os benefícios principais são a aceleração do desenvolvimento de novos produtos, a abreviação do tempo para esses novos produtos chegarem ao mercado, a redução dos gastos diretos em P&D, e a melhoria da taxa de sucesso dos novos produtos lançados;
- A comunicação deve ser aberta, orbitando assuntos como confiabilidade e propriedade intelectual, sem deixar de fora a mensagem principal aos colaboradores de que suas contribuições são valiosas para a equipe de inovação e para a empresa como um todo;

7 É um novo tipo de negócio que equilibra propósito e lucro, considerando o impacto das decisões da empresa em seus trabalhadores, clientes, fornecedores, comunidade e meio ambiente (Sistema B Brasil, 2022).

- Os líderes inovadores são responsáveis por desenvolver a cultura conectada em que empreendedores internos poderão transformar ideias e pesquisa em produtos capazes de levar o negócio adiante.

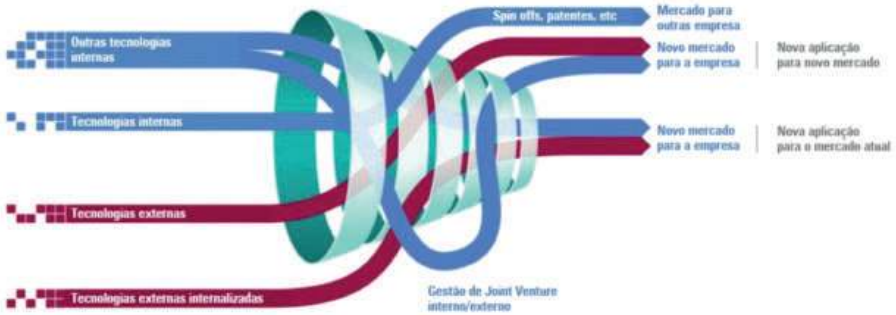
Mais recentemente, autores como Vanhaverbeke (2013), Tidd e Bessant (2015), Chesbrough e Bogers (2017) também abordaram a inovação aberta como estratégia de competitividade e fluxo de conhecimentos para além das próprias instalações físicas das organizações. Essas abordagens revelaram muito mais pontos positivos do que negativos para quem viesse adotar essa modalidade de inovação.

Aro, Perez e Perez (2020) estudaram como a Natura compreende a inovação aberta em suas atividades cotidianas e concluíram que a empresa a utiliza como uma estratégia que permeia todo o ecossistema, com o objetivo de trazer como complementos, recursos, tecnologias, capacidades e conhecimentos que possam agregar valor ao processo de inovação. Esse fato é corroborado pelas iniciativas da Natura no seu processo de inovação. De acordo com informações da empresa, tal processo ocorre desde os produtos até os serviços, perpassando pelas operações e logística, sustentabilidade, desde o modelo comercial até a inovação social e a experiência dos colaboradores.

Como exemplo de iniciativa em inovação aberta, o programa Natura Campus tem como foco ser um canal de colaboração e construção de relacionamentos, buscando a ampliação e o desenvolvimento da ciência, inovação e tecnologia, por meio da promoção da conexão em rede e para o fortalecimento do ecossistema de inovação. As parcerias se dão com universidades, instituições de pesquisa, empresas e especialistas (Natura Campus, 2022). Uma dessas cooperações, com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, resultou na primeira concessão de patente verde a uma empresa de cosméticos pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial. O objeto dessa patente verde é o reaproveitamento de resíduos da produção para geração de outros ingredientes, materializando umas das intenções da visão de sustentabilidade da empresa (NATURA, 2019a).

Também é uma iniciativa de inovação aberta da empresa o programa Natura Startups, descrito como a porta de entrada para conectar startups com as áreas de negócio e, assim, acelerar a entrega de soluções inovadoras (NATURA, 2022b)**.** Seguindo a mesma linha, em 2019, foi lançado o *Natura Innovation Challenge*, um desafio para encontrar soluções com o objetivo de zerar os resíduos de suas embalagens e, dessa forma, evoluir o modelo de "uso único do plástico" para alternativas de "zero desperdício". A ação teve a participação de mais de 570 inscrições que representaram mais de 35 países. Algumas soluções foram selecionadas para avaliação da Natura e as demais foram disponibilizadas para que qualquer pessoa ou empresa pudesse buscar um parceiro para ajudar na solução do problema das embalagens (NATURA, 2019b). Inovar é gerar impacto positivo, e a inovação aberta vem se mostrando como a ferramenta principal para a Natura alcançar esse objetivo, conforme a Figura 1, a seguir:

Figura 1: A dinâmica de inovação aberta em empresas como a Natura



Fonte: ABGI Brasil, 2022.

Em 2021, foi publicado um relatório que reflete a integração da Avon à Natura, e considera também a presença da The Body Shop e Aesop na América Latina. Como já visto, essas marcas compõem o grupo Natura & Co. No relatório, consta o novo ciclo de planejamento tecnológico do grupo, passando a analisar tecnologias de diferentes segmentos que pudessem colaborar na construção do futuro da indústria da beleza e no novo direcionamento estratégico. Até 2021 a Natura havia depositado 1.135 patentes e 680 desenhos industriais. Foi possível perceber, ainda, sinergias entre o laboratório da Natura no Brasil e o laboratório da Avon nos Estados Unidos, quando houve o lançamento de itens de maquiagem, entre 2020 e 2021, elaborados com novas cores e novos tons para peles pretas e pardas brasileiras (Natura &Co América Latina, 2021). Fica clara a inclinação do grupo pela proteção da propriedade industrial e pela inovação, sobretudo aberta, diante do relatório.

Aliando-se à preocupação em investir em novas tendências de consumo no setor de HPPC, tem sido frequente a preocupação da Natura com o meio ambiente, como as já mencionadas iniciativas do Ecoparque (NATURA, 2022a) e da patente verde (NATURA, 2019a). Por isso, é oportuno explicar um pouco a relação entre inovação e sustentabilidade, que torna o caso Natura tão relevante para o presente estudo.

A partir dos contributos de Srivastava (2007), se analisados alguns conceitos de inovação como o do *Green Supply Chain Management*[8] (GSCM) que traz consigo a incorporação do ponto de vista ambiental ao *Supply Chain Management*[9] (SCM) e inclui variedades, tais como o *design* verde de um produto, a adoção de materiais ambientalmente amigáveis, processos de produção mais limpos, gerenciamento de produtos após o seu ciclo final de vida e outras práticas que objetivam reduzir os impactos ecológicos negativos sem comprometer a qualidade, o custo, a confiabilidade e outros objetivos de desempenho, é possível inferir a inserção do grupo Natura nesse viés ambiental.

8 Gestão Verde da Cadeia de Abastecimento (tradução livre).
9 Gestão da Cadeia de Abastecimento (tradução livre).

A realização de práticas sustentáveis visa a integrar e gerar pontos de desenvolvimento, inclusive que acarretam processos e produtos inovadores, a exemplo de uma linha da Natura que comercializa produtos advindos de resíduos de PET reciclados, o que gera 72% menos emissões de gases do efeito estufa. Em virtude de tal lançamento, a Natura se tornou a primeira grande marca de cosméticos a usar esse tipo de material na perfumaria, tendo sido a primeira grande empresa brasileira a receber o prêmio da ONU – Campeões da Terra na categoria de Visão Empresarial (ABERJE, 2015; United Nations, 2023).

Kemp e Pearson (2008, p.7) salientam a necessidade de considerar o ciclo de vida na produção, expandem o conceito de inovações de processo e produtos tecnológicos, e definem ecoinovação como (tradução livre):

> Produção, assimilação ou exploração de um produto, processo de produção, serviço ou gerenciamento ou método de negócio, novo à organização (para desenvolvê-lo ou para adotá-lo), e cujos resultados, através de seus ciclos de vida, implicam numa redução do risco ambiental, poluição e outros impactos negativos dos recursos utilitários (incluindo uso energético) comparados a alternativas relevantes.

Segundo Barbieri et al. (2010), a ecoinovação combina duas dimensões de sustentabilidade, quais sejam a econômica e a ambiental; de modo mais específico, faz alusão à ecoeficiência, um conceito gerencial que busca alcançar benefícios ambientais e econômicos de forma simultânea e balanceada. Este tipo de inovação está alinhado com o GSCM, tal como mencionado anteriormente por Srivastava (2007).

A inovação sustentável é, portanto, ecoinovação tal como definida acima por Kemp e Pearson (2008), ampliada por uma preocupação sobre os impactos sociais negativos trazida pelos autores Barbieri et al. (2010, p. 151), que passam a entender a inovação sustentável como: "a introdução (produção, assimilação ou exploração) de produtos, processos de produção, gerenciamento ou métodos de negócio novos ou significativamente melhorados que tragam benefícios ambientais, sociais e econômicos quando comparados às alternativas relevantes".

Por fim, a Natura elaborou sua visão de sustentabilidade para 2050 e vem demonstrando esforços para que ela seja alcançada, buscando claramente como referência os conceitos de ecoinovação e inovação sustentável, explicados acima. Um dos pilares é a inovação das marcas e produtos, com soluções encontradas a partir de tecnologias sustentáveis. A organização deve sempre atuar com base no modelo de produção e distribuição ecoefetivos[10], focando no desenvolvimento local e na geração de impacto socioambiental positivo em sua cadeia de valor. No que diz respeito ao modelo de gestão, uma das diretrizes é que até 2050 todos os colaboradores da

10 A ecoefetividade é um princípio que define a importância de reutilização de todos os tipos de materiais consumidos na fabricação do produto, no seu próprio processo produtivo e consumo. Além disso, esta metodologia aborda não somente os impactos ambientais, mas também os sociais e econômicos atrelados à cadeia de valor.

Natura tenham incorporado conceitos e práticas de sustentabilidade defendidas pela empresa, entendendo-os como um diferenciador que agrega valor, de modo a garantir inovação e continuidade do negócio (NATURA, 2014). Pensando no futuro, a Natura parece incorporar práticas sustentáveis que aliam inovação e responsabilidade socioambiental, mostrando que essa pode ser a fórmula do sucesso na indústria da beleza.

4. Considerações finais

O presente artigo procurou mostrar as diversas contribuições e inovações tecnológicas que a Natura tem trazido à sociedade brasileira. Deve ser salientado que muitas dessas inovações afetam de maneira positiva o ecossistema de inovação nacional e o ecossistema ambiental, sobretudo, o caso das patentes verdes, que se constituem em um tipo de solução tecnológica que mitiga o impacto sobre o meio ambiente.

O fato de a Natura ser uma empresa brasileira que investe e se compromete com a inovação e a sustentabilidade pesou para a escolha desse estudo de caso, o que foi atestado pelo enorme quantitativo de produtos intangíveis de propriedade intelectual e das parcerias de inovação aberta geradas pelo seu modelo de gestão.

Ficou demonstrado que o setor de HPPC tem trazido constantes evoluções para as inovações de produto e de marketing, diretamente aliadas aos grandes grupos sociais da população brasileira, o que aumentou de maneira considerável o portfólio de produtos e a posição de destaque do *market share* da empresa junto aos grandes *players*. Isso sem olvidar a responsabilidade social da empresa em atender as diversas demandas ecoefetivas.

Como perspectivas futuras, cabem algumas indagações acerca dos investimentos que têm sido feitos pela empresa, assim como dos insumos gerados por algumas linhas de produtos como os da Natura Ekos em algumas comunidades amazônicas. Onde podem ser encontrados estes investimentos e eles refletem um valor justo de mercado? A parcela desses investimentos atende de fato às necessidades das populações de comunidades tradicionais fornecedoras de insumos, resultando em benefícios advindos de inovações sustentáveis?

Uma última contribuição para estudos futuros: como as parcerias e os investimentos da Natura impactam o desenvolvimento dos ecossistemas de inovação municipais e estaduais onde ela e as demais empresas do grupo estão instaladas? Certamente, essa e outras questões vão surgir nos próximos anos para aferir os impactos socioeconômicos da indústria da beleza num país como o Brasil, ainda mais pela sua recente estruturação tecnológica em setores estratégicos, sendo um deles o de HPPC, no qual o país mostrou-se bastante competitivo.

Referências

ABERJE. Natura é reconhecida com principal prêmio ambiental da ONU, 2015. Disponível em https://www.aberje.com.br/natura-e-reconhecida-com-principal-premio-ambiental-da-onu-7/. Acesso em 15 mai. 2023.

ABGI BRASIL. Vantagens da inovação aberta, 2022. Disponível em <https://brasil.abgi-group.com/radar-inovacao/vantagens-da-inovacao-aberta/>. Acesso em 22 jul. 2022.

ABIHPEC. A indústria de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos. Essencial para o Brasil. Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos, 2022. Disponível em https://abihpec.org.br/site2019/wp-content/uploads/2021/04/Panorama-do-Setor_atualizado_2505v2.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2022.

ARO, E. R.; PEREZ, G.; PEREZ, T. C. Open innovation: a study about the 3M and Natura – Brazil companies. Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM), v. 19, n. 2, p. 40-65, Abr./Jun., 2020. Disponível em https://doi.org/10.5585/riae.v19i2.14585. Acesso em: 22 jul. 2022.

AVELAR, A. C.; SOUZA, C. G. Inovação e desenvolvimento de produtos na indústria de cosméticos: um estudo de caso. ***Revista Gestão Industrial***, vol. 2, n. 2, p. 1-11, Paraná, 2006. Disponível em https://periodicos.utfpr.edu.br/revistagi/article/view/116/113. Acesso em: 19 jun. 2022.

BARBIERI, J. C. et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. ***Revista de Administração de Empresas***, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 146-154, 2010.

BRAND FINANCE. Principais marcas brasileiras mostram resiliência com crescimento de 9% no valor da marca, apesar da pandemia do COVID-19, 2021. Disponível em https://brandfinance.com/press-releases/principais-marcas-brasileiras-mostram-resiliencia-com-crescimento-de-9-no-valor-da-marca-apesar-da-pandemia-do-covid-19 Acesso em: 6 jul. 2022.

CHESBROUGH, H.; BOGERS, M. Explicando a inovação aberta: esclarecendo esse paradigma emergente para o entendimento da inovação, 2017. ***In***: Chesbrough, H., Vanhaverbeke, W., West, J. (Eds.). Novas fronteiras em inovação aberta, p. 27-54, São Paulo: Blucher.

COOPER, R. G. ***Winning at new products:*** creating value through innovation. 5 ed. New York, NY: Basic Books, Perseus Books Group, 2017.

DOSI, G. The nature of the innovative process. ***In***: Dosi, G. et al. Technological change and economic theory. Londres: Pinter, 1988.

FREEMAN, C.; SOETE, L. ***The economics of industrial innovation***. 3 ed. Londres: Pinter, 1997.

GORAYEB, D. S. et al. ***Segmento de insumos químicos para o setor de cosméticos***. Campinas: Unicamp/ABDI, 2013. p. 66.

KEMP, R.; PEARSON, P. Final report MEI project about measuring ecoinnovation. United Nations University - Maastrich Economical and Social Research Institute on Innovation and Technology, 2008. Disponível em https://www.oecd.org/env/consumption-innovation/43960830.pdf. Acesso em: 16 mai. 2023.

LINDEGAARD, S. ***A revolução da inovação aberta:*** princípios básicos, obstáculos e habilidades de liderança. São Paulo: Évora, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. Resolução nº 79 de 25 de agosto de 2000. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2000/rdc0079_28_08_2000.html. Acesso em: 3 jul. 2022.

NATURA. ***A Natura***. Nossa história, 2022a. Disponível em https://www.natura.com.br/a-natura/nossa-historia. Acesso em: 6 jul. 2022.

NATURA. ***Blog.*** Sustentabilidade. Natura é a 1ª empresa de cosméticos a ganhar a patente verde, 2019. Disponível em <https://www.natura.com.br/blog/sustentabilidade/natura-e-1a-empresa-de-cosmeticos-a-ganhar-a-patente-verde. Acesso em 22 jul. 2022.

NATURA. ***Startups***. O que é o Natura Startups?, 2022b. Disponível em https://www.natura.com.br/startups. Acesso em 22 jul. 2022.

NATURA. ***Natura innovation challenge***. Zero waste packaging, 2019b. Disponível em https://innovationchallenge.natura/index_pt.html#faq. Acesso em: 22 jul. 2022.

NATURA**.**. ***Visão de sustentabilidade 2050***. Pense impacto positivo, 2014. Disponível em https://static.rede.natura.net/html/home/2019/janeiro/home/visao-sustentabilidade-natura-2050-progresso-2014.pdf. Acesso em: 24 jul. 2022.

NATURA CAMPUS. Sobre o programa, 2022. Disponível em http://www.naturacampus.com.br/cs/naturacampus/sobre. Acesso em: 22 jul. 2022.

NATURA & CO AMÉRICA LATINA. Relatório integrado, 2021. Disponível em https://static.rede.natura.net/html/site_cf/br/06_2022/relatorio_anual/Relatorio_Integrado_NaturaeCo_America_Latina_2021.pdf. Acesso em: 24 jul. 2022.

OSLO MANUAL. ***Guidelines for collecting, reporting and using data on innovation.*** OECD: Statistical Office of the European Communities, 2018.

SISTEMA B BRASIL. Seja empresa B, 2022. Disponível em https://www.sistemabbrasil.org/seja-empresa-b. Acesso em: 6 jul. 2022.

SRIVASTAVA, S. Green supply-chain management: a state-of-the-art literature review. ***International Journal of Management Reviews***, vol. 9, n. 1, p. 53-80, 2007.

STRATEGY&. Prêmio Valor Inovação Brasil 2022. Resultados de anos anteriores, 2021. Disponível em https://www.strategyand.pwc.com/br/pt/inovacao-brasil-2022.html. Acesso em: 6 jul. 2022.

TIDD, J.; BESSANT, J. ***Gestão da inovação.*** 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

TIGRE, P. B. ***Gestão da inovação:*** a economia da tecnologia no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

UNITED NATIONS. Natura Brasil, 2015 Champion of the Earth**.** 2023. Disponível em https://www.unep.org/championsofearth/videos/natura-brasil-2015-champion-earth. Acesso em: 16 mai. 2023.

VANHAVERBEKE, W. Rethinking open innovation beyond the innovation funnel. Technology Innovation Management Review, p. 6-10, Abr., 2013. Disponível em https://timreview.ca/sites/default/files/article_PDF/Vanhaverbeke_TIMReview_April2013.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

VIANA, A. C.; CIRINO, M. O Mito de Afrodite em contraponto ao Mito da Beleza na contemporaneidade. ***Revista Lumen***, v. 5, n. 10, Jul./Dez., 2020. Disponível em http://45.79.221.157/index.php/lumen/article/view/114/196. Acesso em:3 jul. 2022.

VIEIRA, W. Análise do posicionamento da marca Natura no segmento de cosméticos antissinais: aplicação empírica no mercado curitibano. RAU Revista de Administração da UNIMEP, 2005. Disponível em http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/235/407. Acesso em: 20 jun. 2022.

Uma sociologia da culpa: como é ressignificada a representação de pais no esquecimento de crianças em cadeiras de retenção infantil

A sociology of guilt: How is the representation of parents in the forgetfulness of children in the child restraint redefined

Una sociología de la culpa: cómo se resignifica la representación de los padres en el olvido de los niños en sillas de retención infantil

Ricardo Cortez Lopes[1]

Resumo

LOPES, R. C. Uma sociologia da culpa: como é ressignificada a representação de pais no esquecimento de crianças emcadeiras de retenção infantil. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 145-164, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art8

Este projeto enfoca representações mobilizadas quando há o esquecimento de crianças em dispositivos de retenção infantil por parte de pais, analisando a situação pela teoria dos contextos representativos com evidência nos casos do Brasil. Nessas ocasiões, podemos observar o contexto "pai" sendo tematizado, tanto pelos envolvidos diretamente na ocasião quanto por terceiros. Foram coletados os dados em sites que noticiaram ocorridos desse tipo e nos quais houve comentários de internautas, e a análise se focou no conteúdo. Os resultados apontaram que as representações circulam em volta do atrator proteção, havendo a convivência de extensa fauna de representações.

Palavras-chave: Paternidade. Teoria dos contextos representativos. Dispositivos de retenção infantil. Assentos de segurança infantil.

Abstract

LOPES, R. C. A sociology of guilt: How is the representation of parents in the forgetfulness of children in the child restraint redefined. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 145-164, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art8

This project deals with representations mobilized when parents forget children in child restraint devices, analyzing the situation through the theory of representative contexts with an approach in the cases of Brazil. On these occasions, we can observe the "father" context being thematized, both by those directly involved in the occasion and by third parties. Data were collected from sites that reported incidents of this type and on which there were comments from Internet users, and an analysis focused on the content. The results showed that the representations circulate around the protection attractor, with an extensive fauna of representations coexisting.

1 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador de Curadoria do grupo IBCMED. E-mail: rshicardo@hotmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3078-3208

Keywords: Paternity. Theory of representative contexts. Child restraint devices. Child safety seats.

Resumen

LOPES, R. C. Una sociología de la culpa: cómo se resignifica la representación de los padres en el olvido de los niños en sillas de retención infantil. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 145-164, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art8

Tratamos de las representaciones que se movilizan cuando los padres olvidan sus niños en los dispositivos de retención infantil, analizando la situación a través de la teoría de los contextos representativos con foco en los casos de Brasil. Podemos observar como el contexto "padre" es tematizado, tanto por los directamente involucrados en la ocasión como por terceros. Se recolectaron datos de sitios que reportaron incidentes de este tipo y sobre hubo comentarios de internautas, y el análisis se centró en el contenido. Los resultados mostraron que las representaciones circulan en torno al atractor de protección.

Palabras clave: Paternidad. Teoría de los contextos representativos. Dispositivos desujeción para niños. Asientos de seguridad para niños**.**Retención infantil.

Data de submissão: 15/03/2023
Data de aceite: 12/06/2023

1. Introdução

Desde a criação do automóvel, acidentes automobilísticos são comuns, especialmente colisões – no Brasil, por exemplo, o primeiro acidente ocorreu com o poeta Olavo Bilac. No entanto, há acidentes em automóveis que podem ocorrer mesmo que ele não esteja em movimento, como é o caso dos esquecimentos de crianças em dispositivos de retenção infantil ou assentos de segurança infantil – os quais resultam em graves danos ou mesmo na morte do infante olvidado. Em sua função primária, no entanto, esses instrumentos de segurançasão voltados para a proteção das crianças dos impactos da colisão ao alocá-las nos bancos traseiros, porém ela pode se tornar uma armadilha para o usuário por conta da (a) temperatura que o veículo alcança na exposição direta ao sol, (b) ao esgotamento do ar e (c) ocultamento da vítima devido às películas aplicadas nos vidros. Assim, trata-se de uma situação inesperada e que aciona uma série de relações sociais, desde o motorista, até autoridades policiais e transeuntes.

O enfoque deste estudo é nos pais que passaram por essa experiência e cujos casos geraram boa repercussão, detendo-se mais especificamente certo "debate público" que o acontecimento gerou. O problema de pesquisa, portanto, foi: como o contexto pai é formulado e reformulado por representações em ocasiões em que são esquecidos filhos no interior de veículos? A hipótese desse estudo é de que os aparatos

de proteção da criança seriam as culpadas – e já podemos adiantar que isso de fato não se confirmou no material empírico.

2. Referencial teórico: teoria dos contextos representativos, paternidade

Este estudo tem como base, a teoria dos contextos representativos, elaborada por Lopes no livro "Construindo Contextos" (2019). Essa formulação foi inicialmente inspirada na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978), porém busca avançar ao pensar os contextos construídos pelas representações, que não são apenas as sociais, cumpre notar, mas são também representativos. Se as representações sociais pensam a construção do conhecimento dentro dos grupos, pela teoria dos contextos representativos são analisados diretamente os contextos resultantes da interação entre diferentes representações, que são trazidas e comunicadas pelos indivíduos.

Dessa maneira, os contextos são construídos por representações e essas representações executam uma dinâmica interna e própria, em torno de um atrator,objeto final da interação, aquilo que está terminado e que se torna a expressão mais perfeita do que aquele contexto está tentando expressar. Nesse caso, o contexto "pai" é composto por diferentes representações que tentam se tornar o atrator de outras representações e de manifestações empíricas.

Logo, constitui-se como contexto todo "lugar" em que as representações estão se expressando e se transformando mutuamente, tentando definir os fenômenos empíricos. Nota-se que essa teoria utiliza a faceta normativa das representações sociais de Moscovici na medida em que estas expressam também descrições de como a realidade deveria ser. O autor dá alguns exemplos práticos, como, por exemplo, uma caneta é composta por uma série de representações de como essa caneta deve ser, assim como um ambiente arquitetônico voltado para a educação que precisa pensar toda a sua estrutura para o fim de sala de aula - mesas, cadeiras, janelas, iluminação, tubulação, todas são representações de como uma sala deveria ser adequada para o aprendizado (e, neste sentido, todo objeto acaba sendo uma mídia). É claro que uma representação nem sempre se expressa 100% como ela é ideiada: há limitações como recursos tecnológicos, condições comunicacionais (por exemplo, existirem as palavras ou os conceitos) ou mesmo contextos históricos que impedem que a representação se expresse adequadamente. Porém, em ideal, ela está sendo expressa e se relaciona com outras representações igualmente limitadas.

Uma contribuição dessa teoria é a possibilidade de se confrontar as diferentes representações sobre um mesmo contexto entre si. É possível perceber diferentes (e normalmente múltiplas) representações disputando no mesmo espaço para definir o seu referente e, assim, tenta equivaler-se ao contexto, descrevendo-o. Dessa maneira, um contexto é uma composição de representações, incorporadas tanto historicamente quanto nas dinâmicas surgidas dentro daquilo que buscam definir - e que não dependem da variável tempo para serem estudadas.

Essa teoria, no caso, poderia ser aplicada com muita facilidade para o conceito da paternidade. Afinal, a paternidade pode ser concebida tanto como atividade prática

quanto como ideal: pois, por um lado, um pai exerce o que pensa ser seu papel no seu grupo familiar e, por outro lado, ele nutre uma ideia do que é ser pai num geral, uma "essência", que é um ideal que atrai a sua prática enquanto pai. Porém, segundo a própria teoria dos contextos representativos, há um passo metodológico importante antes de se começar a estudar um contexto: a revisão bibliográfica, que ajuda a determinar algumas representações circulantes sedimentadas historicamente, para que a pesquisa social encontre as sincrônicas e determine as dinâmicas. Afinal, a ocasião do esquecimento dos filhos acaba reforçando a existência do contexto paterno, uma vez que evidencia tanto a relação familiar – como mostram as falas dos pais – e a percepção social por terceiros – como evidenciam as falas de usuários.

Dessa forma, um levantamento do estado da arte sobre paternidade demonstra que existem muitas possibilidades de se ser pai na bibliografia:

> Esse modelo de paternidade é parte de um movimento que se fortalece no presente, negando a predominância das relações tradicionais pai-filho cuja forma de viver a paternidade era pautada no sentimento de abandono afetivo do filho por seu pai. Subjacente a essa afirmação há o desejo de romper os estereótipos que fazem os homens incorporar a 'máscara' de machos, fortes, viris e infalíveis (FREITAS, SILVA, COELHO, GUEDES, LUCENA, COSTA, 2009, p. 89).

Portanto, no mínimo dois "tipos" de pai despontam: o pai tradicional, caracterizado como um indivíduo com máscara de virilidade que abandona ao filho, e outro pai mais moderno que é presente e atuante. Isso é o que nos aponta a história: seria possível encontrar mais variedade a partir dos dados? O início desse caminho é pelos procedimentos metodológicos.

3. Metodologia

O primeiro passo foi o levantamento dos dados por meio dos sites que noticiam casos (procurados pela chave "filh" + "esquecid" + "carro"), nos quais foram disponibilizados declarações e comentários de usuários – surpreendentemente, os internautas não se engajam tanto neste tipo de notícia, por prováveis motivos que discutiremos adiante. Escolhemos dois tipos de dados: os "pessoalizados" – com pessoas que conhecem ou conheceram os envolvidos – e os "impessoalizados" – aqueles de internautas que não tiveram nenhuma relação pessoal com os indivíduos, apenas o intermédio das notícias. A coleta encerrou assim que atingimos um ponto de saturação de ideias, uma vez que os comentários começaram a se repetir ao longo dos repositórios, sem evidenciar-se novas representações.

Em um segundo momento, focamos na análise dos dados, para depois produzir as considerações globais (as induções). Os excertos foram analisados segundo as técnicas de Análise de Conteúdo, seguindo as etapas de leitura flutuante, pré-análise e análise.

4. Análise dos comentários

Conforme dito na metodologia, foram dois níveis de dados: os envolvidos pessoalmente e os não envolvidos. Não conseguimos as falas de todos os pais, porém logramos as de quem tomou contato pessoal e que foram ouvidos por meio do jornalismo. A ideia foi perceber diferenças entre indivíduos que acompanham os atores de perto e aqueles que nunca os viram, permitindo que seja possível perceber diferentes representações. Ou seja, o primeiro conjunto de dados é de natureza jornalística e o segundo é espontâneo, pois parte diretamente dos usuários.

4.1. Declarações dos envolvidos

Nesta subseção, analisamos acontecimentos que se tornaram notícia e que, portanto, atingiram outros indivíduos que não os envolvidos e a polícia. Quando há essa transformação do fato em notícia, muitas vezes os jornalistas realizam trabalho de campo e colhem depoimentos, e, nesses casos, foram obtidas informações de quem, no mínimo, estava na presença do pai e que possui mais elementos além dos descritos pelo trabalhador do periódico.

Uma fala importante é a das autoridades, que tomaram contato com o ocorrido por via do inquérito policial: "Infelizmente, às vezes o trabalho toma conta de toda a nossa concentração. Acho que foi isso que aconteceu", disse o xerife. "Esse é o pior pesadelo para um pai" (CRESCER, 2021). Podemos observar que a autoridade afirma que o trabalho profissional transcendeu o espaço de vida do pai e se tornou algo integral, o que o fez perder de foco o bem-estar do filho.

Outra fala relevante é de uma amiga da família para uma reportagem:

> Estamos desolados, em choque. É mais uma tragédia. Só Deus para consolar estes pais que nunca mediram esforços para fazer a nossa Mari [vítima] feliz. Infelizmente, a Cecilia [mãe da menina] salvou muitas vidas na 'Gente Inocente', mas hoje viu a vida dela ser desfeita. Não sabemos o que está acontecendo em Janaúba, mas parece até uma maldição, pois depois da tragédia em outubro, vários casos envolvendo crianças estão acontecendo", disse uma amiga da família que pediu para não ser identificada (VALE, 2018).

Podemos observar uma descrição do casal envolvido quando ressalta que eles haviam salvado a vida de outras crianças algum tempo anterior. Nesse sentido, aparenta haver uma ironia na situação, uma vez que houve preservação da vida infantil em outro momento, o que talvez reforce o sentimento de "choque" por parte da testemunha. Assim, a paternidade de outro momento não teve retribuição, o que torna a situação mais trágica.

Uma última fala interessante para o problema de pesquisa foi um relato sobre uma declaração de um pai: "Pode me prender. Eu já sei que a minha maior pena será

a perda da minha filha", disse ele, de acordo com o delegado delegado-adjunto, Marcio Figueroa" (DA REDAÇÃO, 2012). É claro que essa é uma fala de um terceiro, porém, é possível considerar que, mesmo que não tenham sido essas as palavras literais do pai, ainda sim o sentido está explicitado: a prisão não será o suficiente para a aplicação da sanção judicial, não haverá simetria. Desse modo, é referenciada a questão da culpa individual (moral) como equivalente à culpa jurídica.

Podemos observar, nessa categoria, que as interpretações orbitam em torno da ideia de rotina, de cotidiano:

> A palavra "cotidiano" facilmente remonta à ideia de rotina, repetição e constância. Poucos, caso questionados, irão negar que a noção de "vida cotidiana" remete a uma sensação de tédio e banalidade por não trazer consigo os ventos da aventura e do risco. Viver no cotidiano e viver de cotidiano, por essa perspectiva, seria, pois, reconhecer-se numa existência aniquilada em uma repetição conservadora [...] "cotidiano" é mesmice e que a "vida" – e tudo aquilo que potencializa a existência – estaria escondida em outro lugar mais excêntrico e raro, divorciada da experiência já repetidamente (re)conhecida (SIMONINI, 2016, p. 93)

Dessa maneira, a repetição constante não é só uma organização dos processos diários, ela também conforma a subjetividade: a automatização, em vez de apenas facilitar a consecução da tarefa, acaba voltando a atenção do indivíduo para as tarefas em si, para o seu sucesso. Nesta perspectiva, há toda uma teorização crítica da rotina, e que explicaria o esquecimento dos pais: a rotina do trabalho os tornou tão "robóticos" que eles focaram na atividade profissional às expensas das relações pessoais – e de família. Porém, essa é a impressão daqueles que conheceram aos pais, qual será a de quem só tomou contato com a notícia?

4.2. Comentários dos internautas

No momento em que há a publicização dos fatos, esse passa a "tocar" a vida de terceiros e eles emitem percepções com base no que é relatado na notícia e de acordo com a apreciação de mundo do leitor. Neste espaço podemos perceber as diferentes representações circulantes, o que é uma característica da teoria dos contextos representativos: em vez de executar uma contagem, ela aponta para a existência dessas representações, o que abre a possibilidade para um segundo momento de contagem e movimentação. O objetivo desta seção é abordar essa diversidade dos indivíduos que estão munidos apenas com as representações compartilhadas socialmente.

a. solidária ao pai

Nesta categoria surgiram evidências ligadas a um sentimento de absolvição com o pai, independentemente de um contexto mais localizado. Nesse momento, a

representação é voltada para o indivíduo, está-se dando maior ênfase ao ambiente desfavorável ao acidente. Logo, ela se aproxima bastante com as da sessão anterior.

Podemos começar pela seguinte fala: "Não existe punição maior do que o pai saber que é culpado pela morte do próprio filho, e de uma maneira tão estúpida que a dor já imensa é sentida em dobro" (G1 MT, 2016, s/p). Ressalta-se que a culpa existe – aquela que o pai sente – e ela equivale à punição jurídica, e isso se reforça pela palavra "estúpida". Nesse sentido, podemos observar o acidente ser evitável torna-se uma consciência que ataca o indivíduo diuturnamente.

Outras falas remetem mais a uma culpa do contexto pontual: "Que dor! Que tristeza! Daqui uns anos vai ser obrigatório algum tipo de alarme para não esquecer crianças e animais no veículo. Sempre por causa de rotina, quando muda, acontece isso. Todo dia é uma criança. São muitos pais sofrendo. Tem que colocar algo no carro pra avisar o mais rápido possível." (G1 MT, 2016). Podemos observar que, nesta expressão, a rotina é a culpada pelo incidente, que é opressora e que produz o esquecimento, para além das forças do pai. Esse ponto fica reforçado em outras falas: "Essa vida automatizada e corrida gera esse tipo de acidente. Sinto pelos pais." (G1 MT, 2016). Note-se, é utilizada a palavra "automatizada", que remete à robótica e menos à humanidade. Um dos comentaristas afirma, no entanto, que é possível escapar dessa ilusão:

> Tudo bem que a dor que ele ta sentindo é a própria pena pelo acontecido. Tenho dois filhos e posso imaginar (não, não posso) a dor que ele ta sentindo, só quem sente sabe o que é. Mas nós precisamos acordar, e perceber que estamos nos preocupando mais com o trabalho do que com nossas famílias (G1 MT, 2016).

Podemos perceber a metáfora do "acordar": a tragédia serve como uma espécie de "choque" para o despertar sobre um problema na vida social, que é mais amplo do que a daquele pai. Logo, o foco não está nesse indivíduo, e sim numa crítica do social.

Assim, há alguma maneira de se escapar desses hábitos que desviam do bem-estar da família:

> Isso pode acontecer com qualquer um de nós! Não é questão de ser bom ou mau pai e mãe! Aos que estão jogando pedra nesse pai, cuidado! Amanhã pode ser vcs a passar por esse pesadelo eterno! A culpa é da vida corrida e estressada que levamos! Rezemos todos por essa família que vai arrastar a cruz da culpa para sempre! (G1 MT, 2016)

Pode-se observar que esse comportamento mais mecanizado é um problema, e não é possível generalizá-lo. Afinal, cada um pode ser, potencialmente, vítima do mesmo erro, pois é o contexto que gera o acidente, e não apenas a ação do indivíduo. Isso fica reforçado em outro momento: "Concordo com você, é óbvio que não foi por querer, e tem mais, hoje em virtude da pressão profissional, o corre, corre do dia a dia, as pessoas andam no automático, qualquer alteração na rotina, pode ocorrer uma

tragédia igual a esta. Que Deus console o coração do casal" (G1 MT, 2016). Aqui, apareceu um valor religioso, que é Deus, e que seria a contraparte da tragédia, mas que não a evita, apenas a conforta. Esse problema ficou reforçado em: "Não julgo uma situação dessas de jeito nenhum, porque estamos vivendo uma vida tão corrida que fazemos quase tudo no automático; podendo se esquecer de muitas coisas...lamentavel; a culpa já é uma condenação a esse pai" (BALANÇO GERAL, 2018). Aqui há uma corroboração das evidências anteriores, com a adição desses novos elementos que têm sinergia com a decisão jurídica.

Houve quem apresentou soluções em seus comentários: "Já combinei com minha esposa, sempre que houver mudanças na minha rotina com meu filho, ela deve me ligar e perguntar se foi feito o correto. Pois sou muito lerdo quanto a mudanças de rotina." (G1 MT, 2016). Nesse sentido, percebe-se uma transformação do papel de pai, que reconhece a sua limitação (distrair-se) e se adapta ao problema, incontornável de acordo com o contexto, o que se coaduna com esta outra fala: "Lamentável, meus pêsames à familia e que esta dor da perda seja confortada...Este pesadelo real pode acontecer com qualquer um!!! " (BARROS, 2019). Por fim, outras palavras foram achadas nesse interim: "Deus com sua imensa graça conforte a essa família e em especial ao pai dessa criança... isso é fruto do estilo de vida que lamentavelmente todos nós estamos vivendo, uma vida cheia de estresse." (BALANÇO GERAL, 2018b). A expressão "todos nós" específica a generalização da situação, tal qual um fato social durkheimiano, o que novamente permite um olhar menos detido no indivíduo.

Foi possível encontrar também tentativas de defesa do pai diante de ataques de outros internautas. Como apreciaremos mais adiante, muitos deles vão afirmar que o alarme deveria ter sido acionado no interior do veículo, porém houve quem afirmou que: "Talvez foi pelo fato da criança estar dormindo, não tenha sido disparado [alarme]." (G1 MT, 2016). Assim, o silêncio do bebê se soma ao contexto e produz o acidente, e isso fica bastante refletido em outras falas: "Meu Deus esse pai vai carregar essa culpa para o resto da vida sempre foi a mãe que levava a criança na parte da tarde na casa de familiares por isso ele esqueceu a bebê no carro ela deve ter dormido Deus conforte essa familia e esse pai" (IG SÃO PAULO, 2019). Dessa maneira, a falta é desculpada também pela questão mais específica da rotina do pai, que lhe é específico ao seu caso.

Outra defesa ocorreu com relação ao não esquecimento de outros objetivos:

> Ninguém esquece? Tem certeza? Claro que esquece, o que mais acontece é a pessoa esquecer o caminho q faz, chave no contato, vidro aberto, porta de casa aberta. Vi vários comentários dizendo que se fosse o celular não esqueceria, eu já esqueci o celular em casa, no carro, várias vezes, e fico pensando nos homens, que não carregam bolsa, normalmente o celular fica no bolso, eles não tiram para colocar no carro, logo, dificilmente esqueceria mesmo (G1 MT, 2016).

Assim, não é como se houvesse uma reificação: o pai não daria mais importância para um celular do que para o seu próprio filho, o que não o tornaria necessariamente

imprudente – ao menos não por essa motivação. Ele dá o exemplo de si para quebrar um universalismo, e torna mais aprofundada a análise emergindo questões de gênero.

Houve também elogios a outros envolvidos no ocorrido: "Minha solidariedade aos pais, principalmente ao profissional que ao atender uma chamada pelo seu trabalho, acabou esquecendo seu filho que dormia no carro. Não existe maior pena a " morte do filho". Que Deus console o coração desta família." (G1 MT, 2016, s/p). Nesse caso, foi utilizada a expressão "chamada pelo seu trabalho". Aqui, o pai colocou os interesses do coletivo acima dos seus (o filho), e resultou na morte de alguém de seu interesse afetivo. Nesse caso, ele ainda sofreu a pena, o que reforça certo heroísmo. Assim, o contexto está criando o sofrimento, e não apenas o ato paterno.

Houve quem acionou memórias pessoais em suas palavras: "Perdi o meu sobrinho desta mesma forma, ele tinha 4 aninhos. Já faz 14 anos a dor ainda é grande, ele era gêmeos. O irmão dele hoje tem 18 ANOS! 😔 mas Deus é Deus no amor ou na dor. Ele continua sendo Deus!...🙏👍"(BALANÇO GERAL, 2018). Aqui, o internauta traz a experiência de um terceiro, um parente seu. O fato de serem gêmeos faz esse pai sofrer com a vida e a morte, simbolizadas pela sobrevivência de um dos filhos (a falta, assim, está simbolizada na presença). Dessa maneira, há uma ligação maior com o pai (vítima e agressor) por meio desses dois casos trágicos.

Uma última qualidade de dados dentro dessa categoria são opiniões mais "técnicas", ou, ao menos, supostamente técnicos, o que atesta certo desejo de explicar o ocorrido, de lograr dar um sentido para esses muitos casos. O primeiro é de (possivelmente) um psicólogo:

> E esse não foi o único caso. Difícil de acreditar. É comum esquecer a compra paga, o guarda- chuva, o celular, as chaves, a carteira, os óculos, etc. Freud dizia que esquecer é um desejo inconsciente de voltar a um lugar, mas tb poderia significar o desejo de perder o objeto esquecido ou o que ele representa. É claro que há outros aspectos envolvidos, seja, a pressão psicológica, diante de um problema, o stress, a depressão, o alcoolismo, medicamentos, a perda de um familiar etc. De qualquer forma, essas pessoas que esqueceram filhos, animais de estimação, descobrirão o valor deles, pelo sofrimento, assim como uma joia perdida. E terão de buscar o perdão para ser capaz de viver. Fico muito triste pela linda e delicada Marian (BALANÇO GERAL, 2018b).

Observa-se, nesse caso, que o esquecimento é detectado como um desejo, o que excluiria a questão da indiferença. Assim, o valor está naquilo que está cindido a partir daquele momento, no caso o filho. O sofrimento está, portanto, explicado de uma maneira subjetiva, o que leva a discussão para o futuro (a dor constante) e menos para o fato objetivo. Outro internauta trouxe um conteúdo parecido por meio de uma "poesia":

> Este homem já está destruído demais.
> Ele morreu por dentro.

> A culpa vai acabar com ele.
> Ele amava a filha.
> Mas a correria da vida, deu-lhe essa rasteira.
> Sinto muito pela família.
> Que o senhor esteja com eles.
> E que amenize essa Dor (BALANÇO GERAL, 2018b).

Dessa maneira, segundo o texto, o apoio moral e não condenatório ao pai está expresso na "morte" por dentro, o que justificaria o perdão judicial. Aparecem termos como "correria" e "rasteira", o que dá indício de um erro no emprego do tempo de vida, um enfoque errôneo. Nesse caso, essa percepção ficaria comprovada com a perda do filho. No entanto, a mesma ideia é trazida por um jurista:

> A base para o perdão judicial concedido ao pai ou mãe que esqueceu o filho dentro do veículo causando-lhe a morte é bastante óbvia: não há pena juridicamente possível que possa superar a dor experimentada por esses pais ao ver que seu filho morreu em decorrência de sua culpa, de sua negligência. A pena perpétua já está dentro dele(a), o fantasma interior feito de dor e remorsos já instalou sua morada definitiva na alma dessas pessoas, mortas em vida, desgraçadas (SERVO, 2019).

Nesse caso, a lei é a garantia de uma sensação parecida com o dano causado; o dano foi em si mesmo (por meio do mal-estar do filho). Nesse caso, podemos notar uma certa generalização no sentido de que todo pai sentirá remorso pela morte do filho, e aqui novamente o indivíduo "desaparece".

Em síntese, há aqueles que responsabilizam a correria da vida, e outros que responsabilizam a falta de importância atribuída pelo pai. A representação aqui mais retratada é a do pai que é pai independente do contexto social, apesar de o contexto o conduzir a erros (que, no entanto, não alterariam sua essência paterna). O que ocorre com quem responsabiliza diretamente ao pai?

b. Desconfia do pai individualmente

Nessa outra categoria, podemos encontrar falas que remeteram a uma atribuição direta de culpa ao pai. Nesse caso, o contexto não interfere diretamente, há um desprezo do pai pela vida de seu filho e a ocasião apenas o comprova.

A primeira fala que vamos trazer é a seguinte: "Corporativismo. Delegado abafando barbeiragens de outro delegado." (G1 MT, 2016). Nesse caso, podemos observar que os bacharéis em direito estariam se defendendo entre si, esquivando-se de consequências jurídicas devido à sua falta de cuidado inicial.

Nesta categoria também apareceram teorias de uma conspiração detectada. Algumas afirmam que pode ter ocorrido um assassinato: "Sem querer julgar, mas.

ele esqueceu de fechar o carro? Creio que não. E se esqueceu, o carro tem alarme? Acho que sim. E o alarme disparou? A maioria dos alarmes tem sensor de presença. Tem que se investigar acima de tudo. Esse caso ta meio emblemático" (G1 MT, 2016). Nesse caso, não houve acusação explícita por parte do usuário, porém ele considerou suspeito o contexto, em que a tecnologia não teria funcionado em suas condições normais. Essa desconfiança segue: "Bom, tem que analisar se realmente não foi intencional, afinal, existe pessoas doente para tudo" (G1 MT, 2016). Nesse ponto, não há a asserção direta de culpa, porém há toda uma discussão sobre um pai não necessariamente desejar o bem do seu filho. Por essa razão, outras falam intentam avisar: "Precisa haver uma apuração séria, senão qualquer mãe ou pai desnaturado vai começar a "esquecer" o filho dentro do carro. Mas, supondo que tenha sido acidente mesmo, a morte do filho é a maior pena que pode haver." (G1 MT, 2016). Nesse momento, podemos observar que há um temor de haver a criação de um comportamento generalizado e que possa "salvar" os pais da expiação de seus crimes, dando-lhes oportunidade de escaparem da normativa da lei, constituindo um novo contexto.

Há quem se utiliza de um paralelo para expor suas ideias:

> Gente, eu ainda não consigo entender por que se eu deixo meu filho de 8 anos no carro sozinho o meu carro trava e liga o alarme. Se tem movimento o alarme dispara. Será que já não está na hora de exigir um alarme com sensor de movimento ser obrigatório? Porque, mesmo o alarme disparando e o dono não estando por perto vai chamar a atenção dos demais. Penso assim! Que Deus conforte o coração dessa família (G1 MT, 2016).

Nesse caso, o aspecto técnico está sendo evocado para duvidar do indivíduo, ou ao menos serve como conduta a ser generalizada: mesmo que o alarme soasse, ainda deveria haver a escuta desse sinal, o que poderia ter evitado a tragédia em tela.

Houve também quem desconfiou diretamente: "Uma criança tão linda! Quem sabe? Ciúmes, inveja, raiva da mãe, só sei que é estranho esquecer uma criancinha por 5 horas!" (G1 MT, 2016). Nesse momento, há uma grande especulação sobre motivos para um crime, pois não seria logicamente possível esquecer uma criança por 5 horas (que é, basicamente, o tempo de um expediente), e isso excluiria o papel do pai e explicitava a de marido. Houve quem individualizou completamente o pai: "A ganância por dinheiro é maior que o amor pelos filhos" (BALANÇO GERAL, 2018). Nessa fala, podemos perceber que a ganância social está superando as relações familiares, o que poderia ser considerado como uma reificação do indivíduo.

Em síntese, nessa categoria, pode-se perceber que os motivos para se desconfiar dos pais remetem ou ao carro ou a ganância individual. Nesse momento, o indivíduo é lido acima do contexto (no máximo o contexto fornece meios para a concretização da ambição). E quando o contexto aparece diferentemente?

c. descompasso com o mundo vivido

Nesta categoria, podemos observar os dados que explicam o acontecido por meio da sociedade ao redor dos pais, sem considerar alguma responsabilidade individual do pai. Vamos encontrar cotejos, principalmente, com tempos – não especificados historicamente – em que a representação de pai era mais seguida a risca do que nos dias atuais.

O primeiro descompasso que encontramos foi o tecnológico:

> No meu carro velho, tenho um alarme de presença. Se uma mosca ou lagartixa se mover, o alarme dispara por duas horas sem parar. Nessas carroças modernas, cheias de computadores e frescuras, onde até dá para ver televisão enquanto se dirige o veículo, não existe um sensor de presença mesmo depois de tantas crianças terem sido esquecidas dentro de automóveis e morrerem, no Brasil? Inacreditável (G1 MT, 2016).

Podemos notar que está sendo estabelecida uma diferença entre um carro antigo – que não teria os confortos dos atuais – e o carro atual. Fica evidente que o segundo se foca apenas no conforto do usuário, enquanto o primeiro se mostrava mais seguro – ao menos na questão das crianças "terem sido esquecidas". Dessa maneira, a preocupação é com o consumidor do carro e não com os passageiros que ele porventura conduza, o que reforça a ideia de reificação.

Uma outra questão é a mudança de contexto:

> A atitude desse delegado é que é o problema. Esses pais irresponsáveis precisam ser presos e julgados para o que faz. Todos os anos crianças são deixados num carro estacionado no sol queimando. A mídia sempre dá cobertura bastante e é impossível de acreditar que existe uma só pessoa que já não sabe o perigo. Esquecer o seu celular ninguém faz, ninguém deixa seu cachorro no carro, não... mas uma criança sim. Passou a hora de a justiça dar exemplo para essas idiotas. Botar numa cela e jogar fora a chave (G1 MT, 2016).

Nesse ponto, o descompasso ocorre porque há um fenômeno amplo: pais que vão esquecendo seus filhos no carro tornam o fenômeno recorrente, e socialmente normal. Por outro lado, o celular (que reforça o interesse no indivíduo), não é esquecido, e aí se estabelece um paralelo entre o objeto e o homem, favorecendo menos o ser humano nessa relação.

Há também comparações com o passado: "Triste isso...no tempo em que poucos carros tinham ar-condicionado e não eram fechados hermeticamente essas coisas não aconteciam." (G1 MT, 2016). Nessa fala, podemos detectar uma comparação com

um tempo em que há certa precariedade nos equipamentos, porém os carros não experimentaram os mesmos acidentes de esquecimento (mesmo que possivelmente os outros tenham sido experienciados). Nesse caso, a engenharia estaria em descompasso com o bem dos filhos, o que denotaria o problema. Esse ponto fica reforçado com a seguinte fala: "Por que ninguém criou ainda um equipamento para soar um alerta quando a cadeirinha está sendo ocupada e abre a porta do motorista? Já tem para luz ligada, qual a dificuldade? Bateria dá pra trocar, filho não tem volta." (G1 MT, 2016). Acontece, portanto, uma espécie de "engenharia espontânea", na medida em que são descritos mecanismos para a montagem de veículos por parte de não-engenheiros, que não conhecem a mecânica. Essa ideia se expande para outros domínios tecnológicos: "Devia existir uma pulseira que coloca no filho e se afastar por 2 metros, o celular toca. Acho que já existe mas devia ter por preço acessível" (BALANÇO GERAL, 2018). Novamente, emerge certa representação da tecnologia que a coloca como panaceia para a resolução do problema, porém ela não é valorizada por seus idealizadores e esse bem-estar não se consolida. Isso fica evidente em outro trecho: "tem que proibir vidro escuro nos carros" (BALANÇO GERAL, 2018).

Podemos observar que o vidro escuro (de nome técnico película) é detectado como sendo o principal causador do acidente e, por isso, devem ser proibidos. Assim, a falha é detectada, e a lei pode resolvê-la por meio do interdito, acabando com a recorrência da situação - que antes da disseminação da película não ocorria. Há também reparos à própria legislação: "ALÔ ALÔ DETRAN! Criança sozinha com o motorista no carro, a criança deveria estar na cadeirinha no banco da frente. Não é só pelo esquecimento. Mas engasgar, mal súbito, desmaio ou qq outra coisa que o pai não pode perceber no banco de trás." (BALANÇO GERAL, 2018). Nesse caso, há uma orientação para o próprio órgão formulador da lei, no entanto há toda uma inobservância da questão tecnológica (de fato, o aparelho de retenção já esteve no banco do carona historicamente).

Outros comentários remetem a uma transição das representações, em um processo mais global. Podemos perceber, por exemplo, nesta fala, a mesma conclusão sobre a lei: "André não entendo o sarcasmo, ta ficando tão comum pai matar filho q a gente duvida de tudo mesmo" (G1 MT, 2016). Isso reverbera em outro comentário:

> Mas tá fácil matar criança hoje em dia, hein? basta trancar no carro, fingir um chorororô, e vc nem na justiça tem que responder. Uma pena severa ajudaria a passar a lição para que outros pais prestem mais atenção, já que pelo visto, o risco de perder o próprio filho não é o suficiente (G1 MT, 2016).

Esse é um caso em que se está mencionandoa construção do contexto por meio de atitudes, que estão o reelaborando e o transformando paulatinamente. A conclusão é que essa transformação cria uma angústia para o tecedor do comentário. Isso fica muito patente na seguinte palavra: "Esquecer o celular ninguém esquece, muito fácil perdoar o pai pois quem morreu sufocado e apavorado sem ar foi uma criança. Tantos casos iguais e a mesma história de sempre." (G1 MT, 2016). Observe-se a expressão "ninguém esquece", que demarca um comportamento generalizado e

recorrente. Recorrente também foram textos com as seguintes ideias: "É incrível como isso acontece, são muitos casos meu Deus" (BALANÇO GERAL, 2018). Nesta percepção, podemos notar a expressão "são muitos casos", o que delimita uma tendência de acontecimentos e que se tornam regra, no contraste com o momento anterior.

Outra mudança é detectada nas ocupações: "As pessoas andam cada vez mais atordoadas. É emprego, é celular, é problemas. Devemos separar as coisas principalmente quando estamos com nossos filhos. Não sou ninguém para punir ele, mas a vida já vai fazer isso. Poderia ter sido diferente." (BALANÇO GERAL, 2018). Assim, o verbo "andam" indica essa "linha de tendência", e que não é um destino, tendo em vista que pode ser contornado ("poderia ter sido diferente").

Por fim, uma questão que apareceu foi a de gênero, embora de maneira não tão aprofundada. A primeira afirmou que "Gente homem é bicho lesado. Não pode confiar, certamente ela estava dormindo e não expressou nem um barulho. Pronto! Com certeza ele não teve culpa." (BALANÇO GERAL, 2018). Nesse caso, podemos perceber que a questão não é que os homens "estejam" lesados: trata-se de uma essência masculina em jogo. O que muda é que está tendo uma noção de que o homem deveria ter essa habilidade (a de cuidar dos filhos de maneira total). Assim, a culpa não seria do indivíduo em si, mas sim do contexto, que faz exigências que a natureza masculina não daria conta.

Em síntese, nesta categoria podemos perceber duas reflexões: uma tecnológica (e também legislativa) e uma percepção de mudanças comportamentais, as quais produzem desacomodação. Dessa maneira, o pai está sujeito ao contexto, e mesmo que o queira está limitado a ele.

d. condena o pai individualmente

A última categoria se relaciona com falas que estabelecem que o pai é o único culpado pelo ocorrido, independentemente das causalidades do contexto. Esse é um dos dados mais importantes para responder ao problema de pesquisa, uma vez que o papel do pai fica mais explícito na medida em que o indivíduo desvia dele. É nesta categoria que vamos tomar contato com as maiores contrariedades ao perdão judicial exercido pelos juízes.

A primeira fala afirma: "Eu não sei como um pai pode esquece do filho dentro de um carro eu acho falta de responsabilidade" (BALANÇO GERAL, 2018). Nesse caso, foi elencado "falta de responsabilidade" como uma classificação da ação desse pai, com o resultado sendo o esquecimento do filho. Há certa indignação com a possibilidade do esquecimento, de modo que só há relevo para a ação do indivíduo.

Podemos observar outros trechos que apontam para uma premeditação do ato:

> Que Deus me perdoe o que vou comentar! Mas certas classe no Brasil, se espera tudo! Quem sabe essa criança não era filho dele1 e ele descobriu e esqueceu o menino no carro de proposito! não entra na minha cabeça um pai ou uma mãe esquecer uma criacinha no carro por 5 horas e não lembrar! Celular se

> esquece por 20minutos no máximo! Mas uma criança 5: horas! Que a luz Divina ilumina o ser humano neste planeta terra! (G1 MT, 2016).

Nesse sentido, o material não avança tanto em questões inéditas (repete a comparação com o celular ou com o planejamento do crime), no entanto há um aspecto em que há avanço: "não entra na minha cabeça", que aponta para uma incompreensão da ação desses indivíduos que resultou no acidente. Isso se reflete na desaprovação do perdão judicial: "O adulto que deixou a criança dentro do carro é o responsável e tem que pagar pelo crime, não existe perdão porque é o pai, aplica-se a lei." (G1 MT, 2016, s/p). Nesse caso, ser pai é concebido como um privilégio, uma maneira de não ser imputável juridicamente. Assim, os diferentes pais precisariam da punição para que os pais posteriores entendessem o seu papel e o exercessem – com ou sem punição da lei, pois a representação de pai é bem delimitada.

Outra afirmação parte de uma comparação: "Nada neste mundo faria eu esquecer meu filho. Se o Mundo estivesse acabando, eu iria salvar meu filho, mesmo que isso custasse minha Vida" (G1 MT, 2016, s/p). Este cotejo com si próprio demonstra que esquecer o filho é algo que não é admissível, e a utilização da palavra "vida" pode indicar que tratou-se de um assassinato, mesmo que não intencional – o que tornaria um homicídio culposo. Outra fala, por seu turno, é um pouco mais extrema:

> Acho muito estranho esses casos de "esquecimento" de filhos dentro de carros. Não esquecem de dar ração ao cachorro, não esquecem de pegar o telefone celular e nem do alpiste do passarinho, só "esquecem" o próprio filho dentro do carro para terem uma morte atroz? Deveria se suicidar, isso sim… (G1 MT, 2016).

Novamente, apetrechos materiais (como celular) e animais de estimação são trazidos à tona, pois eles reforçam o narcisismo do pai - o celular é acessado sempre pelas atividades de comunicação, e o cachorro é de estimação - no entanto, vale ressaltar que existem relatos de casos de esquecimento de animais de estimação em carros, não se trata de uma exclusividade infantil. Ao constatar isso, o internauta afirma que o pai deveria se suicidar, o que reforça a ideia de que não há um problema com o contexto, mas sim com o indivíduo, que não cumpriu com o seu papel. Somente assim seria possível reequilíbrio da falta.

Esse ponto em específico fica reforçado em outra fala: "Agora virou moda esses irresponsáveis esquecer o filho dentro do carro, despreparado pra ser pai e mãe tem aos montes, deveria ser penalizado sim....Absurdo isso....Não consigo conceber uma pessoa simplesmente esquecer q tem um criança dentro do carro!!!!" (G1 MT, 2016). Quando se utiliza a palavra "moda", a irresponsabilidade está sendo atribuída a quem assume o comportamento (e que adere à moda), o que fica evidenciado quando se afirma que esses pais e mães deveriam ser penalizados. Tal ideia se reforça em outra asserção: "Sinto muito mas, acho que esse homem não amava essa criança, Nada

justifica esquecer um filho trancado dentro de um carro." (G1 MT, 2016). A questão da "justificativa" expressa na fala aponta para uma incongruência: é preciso a justificativa *a posteriori* (a sanção judicial) porque a ação individual não foi correta previamente. Essa inquietude reverbera em outras falas: "Que é estranho é ! Esquecer 5horas é muito tempo! Nao dá para acreditar! Ou entam perfumou o nariz a noite toda!" (G1 MT, 2016). Podemos observar que a justificativa, aqui, foi construída por meio do uso de cocaína, o que construíria o esquecimento por meio da alteração da cognição. Assim, o erro grotesco – e inadimissível – atrelado a sua finalidade, porém o uso da droga enquanto em cuidado do filho seria igualmente problemático e narcísico (excluindo a capacidade de cuidado).

Outras falas condenam a priorização do trabalho por parte dos pais: "Meu Deus, o Governo fornece anti concepcional, camisinha, pipula do dia seguinte. A Vara da Infancia e Juventude recebe qualquer criança para adoção. É só ir lá e entregar assinando todos os documetos" (IG SÃO PAULO, 2019). Nesse caso, podemos perceber que há uma formulação de que o indivíduo não deseja o papel de pai, e que, além de não o desejar, também não evita a condição biológica. Nesse sentido, a condenação é dupla, pelo erro e pela falta de planejamento anterior, o foco no trabalho.

> Ocupado demais pra cuidar do filho. Os problemas estão mais visíveis que o filho. Precisa de um profissional que faça este trabalho. Quando está com uma criança Não existe outra coisa ela e a prioridade. Ninguém esquece chave de carro no contato portas e vidros de carro abertas. Tem havido muitas mortes por esquecimento. Tem de mudar a lei. O esquecido sofre mas quem partiu foi a criança (G1 MT, 2016).

Podemos observar o uso da expressão "demais", para referir-se ao "ocupado" com os problemas. Nesse sentido, o filho perde sua condição de prioridade na vida do pai e ele volta sua atenção para outros aspectos secundários – e aí a chave do carro aparece como metáfora, pois ela é mais cuidada que o próprio filho, e esse é um comportamento generalizado e que seria capaz de mudar a lei e considerar só uma vítima, a criança (o pai sofre, porém não seria a principal vítima). A ideia desta consideração se desdobra em outra: "E é logico que a justiça vai dizer:"ai coitado, não vamos prender já está pagando" por favor né...esqueceu... agora criança é objeto pra ser esquecido. Penalidade sim." (BALANÇO GERAL, 2018). Dessa maneira, o perdão judicial não se aplicaria nessa situação por causa do desrespeito à vida da criança como um todo, transformando-a em um objeto a ser esquecido – o mais interessante é uma apreciação da recepção da justiça, que resultou no perdão judicial, e há a discordância do ato simples, sem considerações do contexto.

Podemos perceber que o contexto, nessa categoria, possui papel mínimo diante da agência dos pais. O pai tem o dever de proteger o seu filho, independentemente dos hábitos e costumes do restante da sociedade, e faltar a essa expectativa é impensável em qualquer situação. Na seção posterior, vamos tecer considerações que levam em conta a coesão dos dados entre si e o seu diálogo com a teoria mais ampla.

5. Considerações gerais

As categorias jogam diferentemente com indivíduo e contexto, porém há um aspecto em comum: há muitas representações disponíveis e os indivíduos pais podem ser mais ou menos suscetíveis a elas. Logo, o sujeito possui muitas opções de escolha de representação, que variam entre as mais renunciantes e as mais narcísicas em relação ao hospedeiro da representação. Assim, o narcisismo não necessariamente é uma afirmação de si, mas muitas vezes é uma representação a ser aderida e materializada em ações.

Muito do sentimento moral da indignação nasce da detecção de dano, que gera a vítima. Essa gênese da vítima é problematizada nas representações aqui analisadas. Houve uma variabilidade: ora considera-se uma, ora considera-se duas vítimas (bebê e/ou pai). Nesse caso, nem sempre a culpa moral é considerada como uma sanção, o que conduz também a discussões de teor jurídico.

Outra constante no material foi certa comparação constante entre criança e objeto, o que traz evidências de uma ligação entre essas representações. Porém, o mecanismo é parecido na montagem desse contexto: quem deve proteção irrestrita é a "civilização" ou o pai? Por meio da associação é possível tecer certa tematização do "poder" do pai, o que implica pensar a sociedade circundante como um todo. Mas isso ocorre porque o conceito de pai, por si mesmo, é muito rico para esse fim:

> [...] a temática da paternalidade cruza os temas de gênero, de raça e de estratificação social. Essas temáticas vão aparecendo porque o pai precisa se submeter a determinadas forças sociais, pois ele precisa participar positivamente de relações de trabalho, de moradia e na busca (ou não) da ascensão na estratificação social (LOPES, 2019, p.92)

Outra tendência do material é que a ocasião do esquecimento funciona como um teste para determinar uma causação de acordo com a interpretação: ora testa o pai individualmente, ora testa a civilização como um todo. Neste caso, de acordo com aquilo que é testado, há uma variação na conclusão: ou bem o indivíduo deveria ser punido ou não, pois a falha não foi sua. Porém, ambos concordam que a sociedade deveria mudar, seja para endurecer a punição, seja para que esse acontecimento não se repetisse.

Os dados também aludem a uma das discussões basilares das ciências sociais, que é o conflito entre estrutura e ação. Note-se que a condenação moral parte dessa dualidade: ora o esquecimento é causado pela ação do indivíduo (vítima ou egoísta) e sociedade (decomposta em "facetas" como economia, tecnologia, etc). Dessa maneira, é possível perceber a partir de evidências que a sociologia espontânea não consegue conceber sínteses, como a teoria da estruturação de Antony Giddens, e por isso o debate público dessa questão ficou muito dualizado.

Por fim, essa pesquisa mostrou evidências de certa "desistência" da parte de uma série de atores sobre papéis culturais, o que se evidencia por expressões como "nos dias de hoje". Ora, já não se gera muita indignação (tal qual outrora) casos que

envolveriam crianças, porque o mundo estaria "virado" em seus valores, e nenhum comportamento seria surpreendente. Trata-se esse de um grande objeto para um estudo sociológico, pois podemos pensar em efervescências novas: se uma representação já está pronta e terminada, ainda há uma efervescência da representação de pai descompromissado e que está em construção enquanto fenômeno generalizado – influenciando comportamentos sociais. O outro extremo seria o pai em abandono, que seria uma outra representação, e que formava uma dicotomia com o pai "real" - porém essa dicotomia não existiria mais, e poderíamos referir a um pai "blasé" e narcisista. Porém, esse não seria um fenômeno exclusivo no contexto da paternidade, pois não se espera mais atitudes solidárias de outros papéis.

Em síntese, o contexto pai é habitado por uma fauna de diferentes representações, que se movem de acordo com a concepção de proteção. Há representações que lidam com a ideia de que o indivíduo pai deve ser protegido diante de um mundo que não o contempla; há outras que deslocam esse atrator para o indivíduo criança diretamente, sem importar outras relações sociais. Ou seja, as representações estão circulando e se formando por meio desse critério, o que leva a construção do julgamento sobre a justeza do perdão judicial. Parece, assim, que o que estaria sendo tematizado seria o perdão judicial, porém é o erro do pai que pode ou não ser alvo dessa remissão.

6. Considerações Finais

O artigo lidou com a análise de um contexto representativo de pai por meio dos esquecimentos de crianças em aparelhos de retenção infantil, cujos comentários se tornaram um mote para a coleta de evidências. Essas ocasiões permitiram uma análise de falas de indivíduos que tomaram contato personalizado com os envolvidos e aqueles que não tomaram esse contato. Finalizamos esse texto com algumas considerações.

É impossível de fato garantir a segurança total e irrestrita de alguém. Nesse caso, a cadeirinha permitiu a segurança no acidente de colisão, porém não evitou outros acidentes, tal como o esquecimento dentro do veículo em condições insalubres, ou seja, mesmo abdicar totalmente da liberdade não é garantia de segurança, pois há intercorrências possíveis e que são imprevisíveis. Possivelmente isso fique potencializado com a contestação de valores já estabelecidos, porém esse não é um processo único na medida em que se produz a contestação desses valores – há quem os defenda segundo outros aspectos morais, criando, assim, um efeito semelhante ao barco de Teseu.

A pesquisa também evidenciou certo uso cotidiano da palavra "julgar". Ela aparece como sinônimo de desaprovação moral, no entanto a palavra é mais ampla, no sentido de que julgar envolve apreciar provas e então – e somente então – emitir um veredicto. Neste sentido, a impossibilidade do julgamento parece proteger o *self* de críticas e, quando as há, ela é impossibilitada porque o emissor não está livre de erros. Esta parece ser a receita perfeita para acabar com a opressão e o preconceito, porém, na prática, parece estar produzindo um relativismo moral que sempre beneficia os desejos imediatos de um sujeito narcísico, o que, evidentemente, não contribui para a construção da igualdade, apenas desincentivou uma reflexividade transforma.

Referências

BALANÇO GERAL. Pai esquece filha dentro do carro e criança morre. 2018b. ***Facebook.*** Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=1580751712039741. Acesso em: 26 out 2021.

_____. Pai esquece filha dentro do carro e criança morre.. ***YouTube.*** 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yuYaDfM4EbQ. Acesso em: 26 out 2021.

BARROS, João. Bebê morre ao ser esquecida dentro de automóvel. 2019. ***Folha BV***. Disponível em: https://folhabv.com.br/noticia/POLICIA/Ocorrencias/-Bebe-morre-ao-ser-esquecida-dentro-de-automovel/51703. Acesso em: 26 out 2021.

CRESCER. Pai que perdeu gêmeos após esquecê-los no carro não responderá por crime. ***Crescer.*** 2021. Disponível em: https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2021/09/pai-que-perdeu-gemeos-apos-esquece-los-no-carro-nao-respondera-por-crime.html. Acesso em 26 out.:2021.

DA REDAÇÃO. Pai que esqueceu bebê em carro é indiciado por homicídio. 2012. ***Veja***. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/pai-que-esqueceu-bebe-em-carro-e-indiciado-por-homicidio/. Acesso em: 26 out 2021..

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcante da; COELHO, Edméiade Almeida Cardoso; GUEDES, Rebeca Nunes; LUCENA, Kerle Dayana Tavares de; COSTA, Ana PaulaTeixeira. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. ***Revista de Saúde Pública***, v. 43, n.1, p. 85-90, 2009.

G1 MT. 'Pena já foi a morte', diz delegado sobre pai que esqueceu filho em carro. 2016. ***G1.*** Disponível em: http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/01/pena-ja-foi-morte-diz-delegado-sobre-pai-que-esqueceu-filho-em-carro.html. Acesso em: 26 out.2021.

IG SÃO PAULO. ***Bebê morre após ser esquecida pelo pai por três horas dentro do carro, em RR.*** 2019. IG. Disponível em: https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-04-02/bebe-morre-apos-ser-esquecida-pelo-pai-por-tres-horas-dentro-do-carro-em-rr.html. Acesso em 29/10/2021.

LOPES, Ricardo Cortez. ***Construindo Contextos: Uma contribuição sociológica para compreender a relação indivíduo e sociedade.*** Viseu, 2019.

LOPES, Ricardo Cortez. Modelo paterno nos seriados "Um maluco no pedaço"(1990-1996),"Eu, a Patroa e as Crianças"(2001-2005) e "Todo mundo odeia o Chris"(2005-2009). ***Revista Eletrônica Interações Sociais***, v. 3, n. 2, p. 82-94, 2019.

MOSCOVICI, Serge. ***A representação social da psicanálise.*** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SERVO, Luis Augusto. Se você pensa que mãe que esquece o filho no carro deve morrer na prisão, este texto não é para você. 2019. ***Canal Ciências Criminais.*** Disponível em: https://canalcienciascriminais.com.br/se-voce-pensa-que-mae-que-esquece-o-filho-no-carro/. Acesso em: 29 out.2021.

SIMONINI, Eduardo. O cotidiano: rotina, imitação e invenção. ***Momento-Diálogos em Educação***, v. 25, n. 1, p. 93-106, 2016.

VALE, Ailton do. Pai esquece filha dentro de carro e menina morre em Janaúba. 2018. ***O tempo.*** Disponível em: https://www.otempo.com.br/cidades/pai-esquece-filha-dentro-de-carro-e-menina-morre-em-janauba-1.1574735. Acesso em: 26 out.2021.

Estudo da fauna de flebotomíneos no Parque do Sabiá, em Uberlândia, Minas Gerais

Study of the phlebotomine fauna at Parque do Sabiá, in Uberlândia, Minas Gerais

Estudo de la fauna de flebotomíneos en el Parque do Sabiá, en Uberlândia, Minas Gerais

Elisangela de Azevedo Silva Rodrigues[1]
Jéssica Alves Pereira Rodrigues[2]
Bárbara Beatriz da Silva Nunes[3]
Paulo Cézar Mendes[4]

Resumo

RODRIGUES, E.; RODRIGUES, J. A. P.; NUNES, B. B. da S.; MENDES, P. C. Estudo da fauna de flebotomíneos no Parque do Sabiá, em Uberlândia, Minas Gerais. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 165-180, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art9

Entre dezembro de 2018 e junho de 2019, realizaram-se capturas de flebotomíneos no complexo Parque do Sabiá, município de Uberlândia, estado de Minas Gerais, utilizando-se armadilhas CDC (Center on Disease Control). O objetivo foi associar as espécies encontradas ao risco de transmissão de leishmanioses no município. Foram capturados 47 exemplares, distribuídos em seis espécies de flebotomíneos. Houve predomínio de *Lutzomyia (Nyssomyia) whitmani* (ANTUNES; COUTINHO, 1939) com 18 espécimes (38,3%), *Lutzomyia sp*. com 13 (27,5), *Brumptomyia brumpti* (Pinto, 1926) com seis espécimes (12,7%), Lutzomyia (Psathyromyia) lutziana (Costa, 1932) com três espécimes (6,3%), *Brumptomyia sp.a* com três espécimes (6,3%), *Lutzomyia cortelezzii* (BRÈTHES, 1923) com um espécime (2,1%), *Lutzomyia (Psychodopygus) davisi* (ROOT, 1934) com um espécime (2,1%), *Lutzomyia mamedei* (OLIVEIRA; AFONSO; DIAS; BRASIL, 1994) com um espécime (2,1%), *Lutzomiya neivai (*PINTO*, 1926)* com

1 Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2017). Atualmente é professora de Geografia da Universidade Federal de Uberlândi. E-mail: elisangelarodrigues@yahoo.com.br Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5169-7093

2 Graduada pelo Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2017. Desenvolveu pesquisa junto ao Laboratório de Vigilância em Saúde Ambiental (LAVIG/IG/UFU) com apoio da FAPEMIG. E-mail: jessicaalvespereira94@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8755-330X

3 Doutoranda em Ecologia, Conservação e Biodiversidade pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é técnica de laboratório/meio ambiente alocada no Laboratório de Macroecologia e Saúde Ambiental da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: barbaranunes@ufu.br Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1096-7920

4 Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2008). Atualmente é professor Associado IV, coordenador do Programa de Mestrado Profissional Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. E-mail: pcmendes@ig.ufu.br Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4617-7103

um espécime. A captura de espécies que podem estar envolvidas na veiculação de Leishmania revela a necessidade de uma vigilância entomológica constante.

Palavras-chave: Ecologia de Vetores. Flebotomíneos. Lutzomyia. Leishmaniose.

Abstract

RODRIGUES, E.; RODRIGUES, J. A. P.; NUNES, B. B. da S.; MENDES, P. C. Study of the phlebotomine fauna at Parque do Sabiá, in Uberlândia, Minas Gerais. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 165-180, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art9

Between December 2018 and June 2019, phlebotomine sandflies were collected in Parque do Sabiá complex, Uberlândia municipality, Minas Gerais State, Brazil, using CDC traps (Center on Disease Control). The main goal was associating the sandfly species captured to the risk of transmission of leishmaniasis in the municipality. 47 specimens belonging to six species of phlebotomine were captured, among which Lutzomyia (Nyssomyia) whitmani (ANTUNES, COUTINHO, 1939) with 18 especimens (38,3%), Lutzomyia sp. with 13 (27,5) especimens, Brumptomyia brumpti (PINTO, 1926) with six specimens (12,7%), Lutzomyia (Psathyromyia)lutziana (Costa, 1932) with three especimens (6,3%), Brumptomyia sp.a with three especimens (6,3%), Lutzomyia cortelezzii (BRÈTHES, 1923) with one especimen (2,1%), Lutzomyia (Psychodopygus) davisi (ROOT, 1934) with one especimen (2,1%), Lutzomyia mamedei (OLIVEIRA; AFONSO; DIAS; BRASIL, 1994) with one especimen (2,1%), Lutzomiya neivai (PINTO, 1926) with one especimen. The collection of species that may be involved in the transmission of Leishmaniasis reveals the need for continuous entomological surveillance.

Keywords: Lutzomyia. Phlebotomine. Leishmaniasis. Ecology of vectors.

Resumen

RODRIGUES, E.; RODRIGUES, J. A. P.; NUNES, B. B. da S.; MENDES, P. C. Estudo de la fauna de flebotomíneos en el Parque do Sabiá, en Uberlândia, Minas Gerais. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 1, p. 165-180, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art9

Entre diciembre de 2018 y junio de 2019, se capturaron flebótomos en el complejo Parque do Sabiá, municipio de Uberlândia, estado de Minas Gerais, utilizando trampas CDC. El objetivo fue asociar las especies encontradas al riesgo de transmisión de leishmaniasis en el municipio. Se capturaron un total de 47 ejemplares, distribuidos en seis especies de flebotomos. Hubo predominio de Lutzomyia (Nyssomyia) whitmani (ANTUNES; COUTINHO, 1939) con 18 ejemplares (38,3%), Lutzomyia sp. con 13 (27,5), Brumptomyia brumpti (Pinto, 1926) con seis ejemplares (12,7%), Lutzomyia (Psathyromyia)lutziana (COSTA, 1932) con tres ejemplares (6,3%), Brumptomyia sp.a con tres ejemplares (6,3%),

Lutzomyia cortelezzii (BRÈTHES, 1923) con uno ejemplar (2,1%), Lutzomyia (Psychodopygus) davisi (ROOT, 1934) con uno ejemplar (2,1%), Lutzomyia mamedei (OLIVEIRA; AFONSO; DIAS; BRASIL, 1994) con uno ejemplar (2,1%), Lutzomiya neivai (PINTO, 1926) con uno ejemplar. La captura de especies que puedan estar involucradas en la transmisión de Leishmania revela la necesidad de una vigilancia entomológica constante.

Palabras clave: Ecología vectorial. flebótomos Lutzomyia. Leishmaniosis.

Data de submissão: 22/11/2022
Data de aceite: 05/06/2023

1. Introdução

As leishmanioses são doenças causadas por diversas espécies de protozoários do gênero Leishmania transmitidos pela picada de fêmeas infectadas de mosquitos conhecidos como flebotomíneos. São das doenças classificadas como negligenciadas, embora sejam consideradas como graves problemas de saúde pública no Brasil e nos outros 98 países onde ocorrem. As doenças podem apresentar diferentes formas clínicas: tegumentar e visceral dependendo da espécie de Leishmania envolvida (WHO, 2019).

No Brasil, início do século XX, essa zoonose acometia, principalmente, indivíduos com poucas condições socioeconômicas, moradores de áreas rurais ou semiáridas do Nordeste. Com o passar dos anos, casos de leishmaniose passaram a ser notificados também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste, principalmente em municípios com crescente urbanização (VIEGAS et al., 2019).

No Estado de Minas Gerais, as leishmanioses ocorrem desde o final do século XX com surtos relacionados ao desflorestamento e à construção de rodovias, assim como o desenvolvimento da agricultura (MENDONÇA, 2022).

Na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o primeiro surto de Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA) ocorreu entre julho e novembro de 1987, ao todo, foram 25 casos. Através de análises quanto à procedência dos pacientes, a conclusão foi que todos os casos eram autóctones e provenientes do Vale do Rio Araguari, sendo considerado, por meio dos inquéritos epidemiológicos, um padrão da transmissão peridomiciliar, causada, principalmente, pelo protozoário L. braziliensis (PAULA, 2010). No município de Uberlândia, no período compreendido entre janeiro de 2008 a dezembro de 2017, foram notificados 23 casos de LVA e 86 de LTA (DA SILVA-FILHO et al., 2019).

No período entre fevereiro de 2003 a junho de 2004, em um inquérito realizado pelo Laboratório de Entomologia do Centro de Controle de Zoonoses de Uberlândia (CCZ) em 77 localidades às margens do Rio Araguari, houve a captura de 2.984 flebotomíneos distribuídos em 17 espécies responsáveis pela transmissão da LTA e Leishmaniose Visceral Americana (LVA). Também no Vale do Rio Araguari, mais precisamente na sua margem esquerda a 48 km da cidade de Uberlândia, estudos sobre a

fauna flebotomínica realizados por Lemos e Lima (2005), identificaram dois gêneros de flebotomíneos: Brumptomyia e Lutzomyia, oito espécies e um total de 6.551 mosquitos capturados tendo a Lutzomyia intermedia com 6531 exemplares.

Entre fevereiro de 2005 a dezembro de 2007, em outro estudo realizado por Paula (2010), foram coletados em peridomicílios próximos às matas e nas margens do rio Araguari, nas proximidades da UHE de Miranda e Amador Aguiar Naves I e II, 1.695 de flebotomíneos de 16 espécies, sendo as mais prevalentes L. whitmani (31%) e L. longipalpis (13,3%) que são consideradas espécies de importância epidemiológica.

Em 2008, foi relatado o primeiro caso autóctone de LVA em Uberlândia, no bairro Ipanema na Zona Leste, próximo ao aeroporto da cidade, considerado como região periurbana. Foram coletados cinco espécimes de L. longipalpis, sendo quatro machos e uma fêmea. Boa parte dos moradores do bairro Ipanema são oriundos de locais endêmicos para LVA. Dessa forma, os cães acompanhados de seus donos, possivelmente vieram contaminados, tornando os mosquitos em transmissores da doença (PAULA et al., 2008).

Em 2011, capturas realizadas por Rodrigues et al. (2011) entre abril de 2003 e maio de 2009 no complexo Parque do Sabiá, na área urbana, coletaram 126 espécimes distribuídos em seis espécies de flebotomíneos com a predominância de L. davisi e a presença de L. whitmani, vetor para LTA.

A urbanização das leishmanioses é resultado de mudanças ambientais antrópicas ocorridas, principalmente, por desmatamentos e pelo processo migratório do homem para as periferias da cidade, as quais possuíam más condições, sobretudo relacionadas ao saneamento básico e habitações inadequadas, causando o aparecimento de novos focos em áreas urbanas, inclusive nos parques urbanos (MAIA-ELKHOURY, 2019).

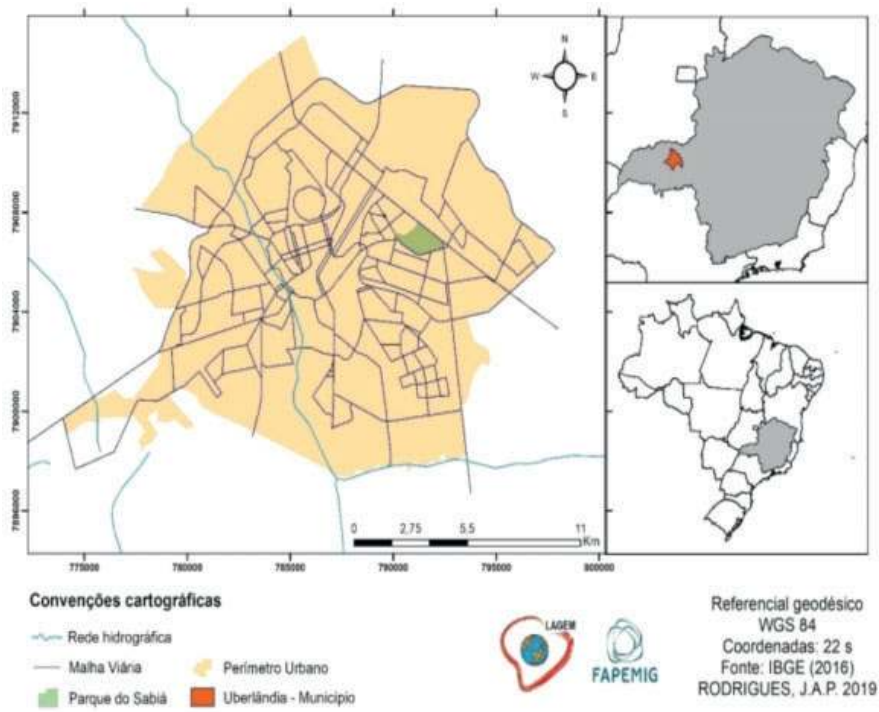
O objetivo deste estudo foi de analisar a fauna flebotomínica do Parque do Sabiá, em Uberlândia (MG) e associar as espécies encontradas ao risco de transmissão de leishmanioses no município.

2. Material e métodos

2.1. Área de estudo

O estudo foi desenvolvido no interior das dependências do Parque Municipal do Sabiá, localizado entre os limites do bairro Tibery e Santa Mônica na cidade de Uberlândia-MG. Em termos municipais, Uberlândia está inserida na mesorregião do Triângulo Mineiro, do estado de Minas Gerais. O município possui, segundo estimativas do IBGE (2019), 691.305 mil habitantes (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização do Parque do Sabiá, Uberlândia-MG, 2022



Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

O parque,categorizado como uma área de proteção com visitação, está inserido na microbacia do córrego Jataí (canalizado na avenida Anselmo Alves dos Santos), afluente do rio Uberabinha, no setor leste da cidade. É oficialmente reconhecido como parque municipal pelo decreto 7.452 de 27 de novembro de 1997. A criação do parque teve como objetivo entregar à população de Uberlândia um lugar de lazer e recreação, assumindo também, sua função ecológica, estética e de preservação e conservação da fauna e da flora do cerrado. Sua área tem o tamanho de 1.850.000 m² que é composto por três nascentes que abastecem sete represas dando origem a um grande lago artificial. O parque é um dos mais importantes pontos de lazer da cidade, não só para a população local, mas para turistas. Possui um complexo com diversos equipamentos, como o zoológico municipal, uma pista de caminhada com 5.100 m de circuito, trilhas ecológicas, duas piscinas, campos de futebol, quadras poliesportivas, uma quadra de areia, um campo society de grama, um parque infantil, vestiários esportivos, entre outras instalações. O parque é administrado pela Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL) através da lei municipal 12.613, de 16 de janeiro de 2017 (COMPLEXO ESPORTIVO PARQUE DO SABIÁ, 2023).

A vegetação nativa remanescente do parque abrange uma área de aproximadamente 30 hectares composta fisionomicamente, segundo Rosa e Schiavini (2006) pela mata mesófila, mata de galeria, savana florestada (Cerradão) e revegetação com influição fluvial, incluindo a mata de brejo e vereda. Está presente também, locais sem a presença da vegetação original, porém compostos por árvores nativas isoladas e pequenas faixas residuais. A área de estudo é constituída por uma formação denominada floresta estacional semidecidual ou mata seca semidecídua. A medida dos estratos arbóreos varia entre 15 e 25 metros, a maioria das árvores são retas com alguns indivíduos em desenvolvimento. São encontradas mais de 300 espécies nativas de vegetação, incluindo a copaíba (Copaifera langsdorffii), o jatobá (Hymenaea courbaril), o araticum (Annona montana), jacarandá mimoso (Jacaranda mimosifolia), pequi (Caryocar brasiliense), sucupira (Pterodone marginatus) e caviúna (Machaerium scleroxylon) (COMPLEXO ESPORTIVO PARQUE DO SABIÁ, 2023).

O zoológico é parte integrante do Parque do Sabiá, inaugurado em 1982, de caráter público, ocupando uma área total de 335 mil m² dentro do parque e mantêm aproximadamente 200 animais distribuídos em 50 espécies diferentes entre aves, répteis e mamíferos (FUTEL). Segundo a FUTEL, existem cerca de 30 funcionários, entre servidores e terceirizados. O zoológico recebe por mês entre 10 e 14 mil de visitantes (COMPLEXO ESPORTIVO PARQUE DO SABIÁ, 2023).

A área que corresponde ao zoológico foi escolhida, dentre diversos locais do parque para a realização das coletas, pela presença do ambiente de mata e de animais, pertencentes do zoológico e animais que têm acesso livre, como gatos, cachorros (figura 18), capivaras (Hydrochoerus hydrochaeris), preás (Cavia aperea), catetos (Pecari tajacu), ouriços (Coendou prehensilis), dentre outros, que se configuram como potenciais fonte de alimento para os mosquitos. A maioria desses animais silvestres e domésticos presentes no parque são tidos como potenciais reservatórios do protozoário, pois quando picados pelo mosquito perpetuam o ciclo da doença à medida que outros mosquitos-palha mantém contato, ampliando o risco de contaminação nos seres humanos.

A metodologia empregada neste trabalho, envolveu a pesquisa quantitativa, com levantamento e coletas de dados em campo, seguida de uma posterior tabulação e análise em laboratório.

2.2. Coleta de Flebotomíneos

Os flebotomíneos foram obtidos através de capturas realizadas durante o período entre dezembro de 2018 a junho de 2019 em quatro (4) locais de exposição das armadilhas denominados "pontos" localizados no zoológico do Parque do Sabiá (Figura 2 e 3). Foram realizadas 22 coletas, semanalmente em cada ponto de captura. As capturas foram realizadas ao anoitecer, com 12 horas de duração cada, das 18 às horas, utilizando-se armadilhas CDC (Center on Disease Control), conforme a metodologia de Sudia e Chamberlain (1962).

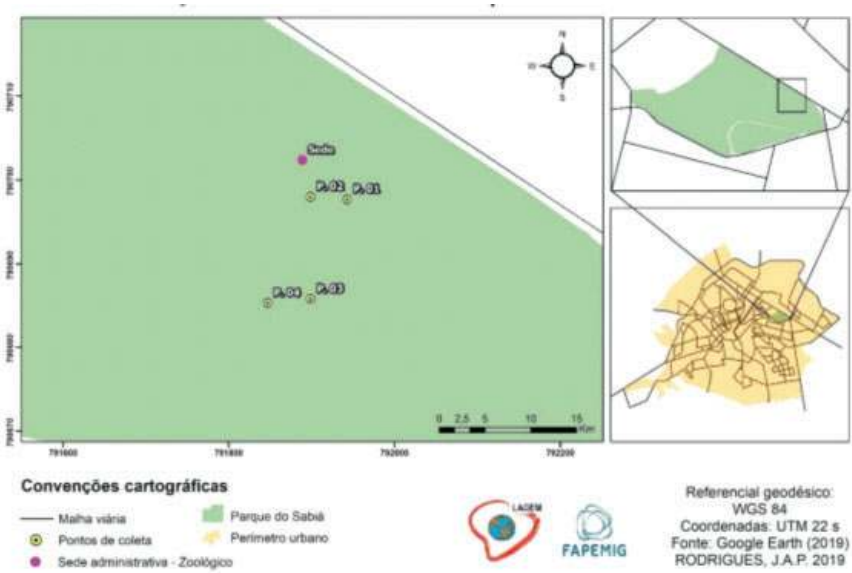
O ponto 1 está situado nas coordenadas geográficas 22k 791943/7906977 (Figura 3). Está próximo da sede do zoológico, sendo o ponto mais próximo do trajeto onde as pessoas percorrem para visitação. Um pequeno córrego passa a poucos

centímetros do ponto, a vegetação é mais aberta, porém, também ocorre a presença de árvores maiores como a mangueira (Mangifera indica) e o jamelão (Syzygium cumini).

O ponto 2 está localizado nas coordenadas 22k 791899/7906980 e está situado a 43 metros do ponto 1 (Figura 3). É uma área com vegetação mais espaçada, com presença de árvores com grandes copas, com pouco acesso à luz solar e solo recoberto por serapilheira.

O ponto 3 está localizado nas coordenadas 22k 791857/7906858 e está próximo do cruzamento da trilha que dá acesso a segunda portaria do zoológico (Figura 3). O local é caracterizado pela presença maior de árvores no entorno, com alturas em média de 10 metros e mais seco, significativa presença de serapilheira no solo. Há também, a presença de tocas de animais a poucos metros do local onde a armadilha foi instalada.

Figura 2: Mapa de localização dos locais de instalação de armadilhas CDC, no Parque do Sabiá, Uberlândia, Minas Gerais



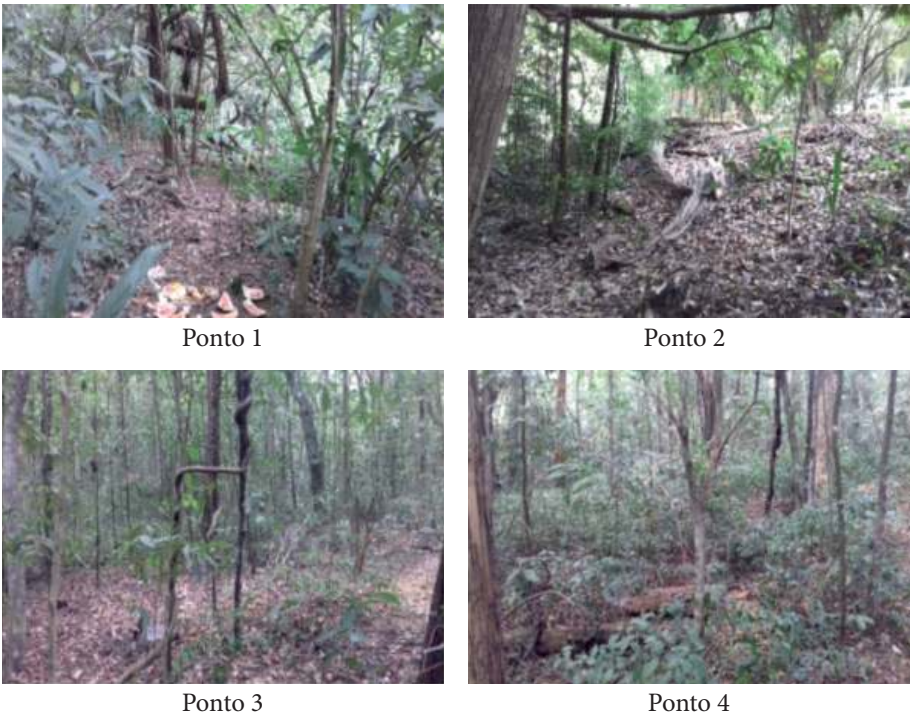
Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

O ponto 4, inserido nas coordenadas 22k 791847/7906853, fica a 11,45 metros de distância do ponto 3, está mais envolta da mata com presença maior de estrato herbáceo arbustivo e com pouca presença de serapilheira (Figura 3). A mata secundária em estágio de regeneração, não forma um dossel contínuo desenvolvendo, dessa forma uma vegetação com extrato inferior.

Após as armadilhas CDC's serem recolhidas foram encaminhadas ao Laboratório de Geografia Médica e Educação em Saúde (LAGEM) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), MG. No LAGEM os flebotomíneos foram submetidos a uma sequência de soluções diversas tendo como finalidade possibilitar a visualização

das estruturas morfológicas de acordo com as técnicas de rotina do Centro de Referência Nacional e Internacional para Flebotomíneos do Centro de Pesquisas René Rachou (FIOCRUZ) e identificadas mediante a chave proposta por Young e Duncan (1994).

Figura 3: Pontos de instalação das armadilhas CDC



Ponto 1 Ponto 2

Ponto 3 Ponto 4

Fonte: Autores, 2022.

3. Resultados e discussões

Durante as 22 capturas em 6 meses de pesquisa no zoológico municipal, foram encontrados 47 flebotomíneos nas armadilhas tipo CDC. Os 47 espécimes estão relacionados a 6 espécies e 2 gêneros (tabela 1), sendo 18 machos e 29 fêmeas coletados (Tabela 2). Desse total, 9 espécimes coletados não foram possíveis de serem identificados, nem quanto ao gênero, nem quanto a espécie. Os pontos 3 e 4 tiveram maiores predominâncias nas capturas com 27 e 14 espécimes, respectivamente. No ponto 1, não foi reportado nenhuma captura para flebotomíneo, enquanto no ponto 2 foram coletados 6 espécimes (Tabela 1).

Tabela 1: Uberlândia, Zoológico Municipal do Parque do Sabiá, número de espécies de flebotomíneos identificados

Espécime (s)	Machos (%)	Fêmeas (%)	Total (%)
Brumptomyia brumpti (Pinto, 1926)	06(12,7%)		06(12,7%)
Brumptomyia brumpti sp.	03 (6,3%)		03 (6,3%)
Lutzomyia cortelezzii (Brèthes, 1923)	--	01 (2,1%)	01 (2,1%)
Lutzomyia (Psychodopygus) davisi (Root, 1934)	--	01 (2,1%)	01 (2,1%)
Lutzomyia (Psatyromyia) lutziana (Costa, 1932)	--	03 (6,3%)	03 (6,3%)
Lutzomyia mamedei (Oliveira, Afonso, Dias e Brazil, 1994)		01 (2,1%)	01 (2,1%)
Lutzomyia neivai (Pinto, 1926)	01 (2,1%)	--	01 (2,1%)
Lutzomyia whitmani (Antunes e Coutinho, 1936)	07 (14,9%)	11 (23,4%	18 (38,3%)
Lutzomyia sp.	01 (2,1%)	03 (6,3%)	04 (8,4%)
Não identificados	01 (2,1%)	08(17,1%)	09 (19,1%)
Total	**19 (40,2%)**	**28 (59.3%)**	**47 (99,5%)**

Elaboração: Elaborado pelos autores, 2019.

Como se pode ver na Tabela 1, houve a predominância de espécimes fêmeas nas capturas. O número de fêmeas foi superior no ponto 3 tanto em relação ao número de machos, quanto nos pontos restantes. A prevalência de machos se deu apenas no ponto 2, com 4 espécimes, num total de 6 espécimes coletados (Tabela 2).

Tabela 2: Uberlândia – relação de machos e fêmeas em cada ponto de captura, 2019

Locais	Machos (%)	Fêmeas(%)	Total (%)
Ponto 1	--	--	--
Ponto 2	04	02	06
Ponto 3	09	18	27
Ponto 4	06	08	14
Total	**19**	**28**	**47**

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Conforme se pode ver na Tabela 3, no início das coletas, em meados de dezembro e no mês de janeiro, as temperaturas estavam entorno de 25 a 29 °C, com umidades entre 60 e 70%, início do verão. No ponto 3, foram capturados 11 flebotomíneos, e 2 no ponto 4 enquanto não houve nenhuma captura nos locais restantes. Nos meses de fevereiro e março, as temperaturas ficaram entre 24 e 26 °C, com picos de até 30°C nos dias 21 e 26 de fevereiro, a umidade relativa do ar variou entre 55 e 77%. Nesse período houve um pequeno aumento nas capturas, com 04, 09 e 08 mosquitos coletados nos pontos 2, 3 e 4, respectivamente. Nos meses de abril e maio foram registradas temperaturas de 23 a 26 °C e umidade de 51,2 a 77,9% (Tabela 3).

Tabela 3: Relação de umidade e temperatura com o número de flebotomíneos coletados, 2019.

Meses	Temperatura	Umidade	Ponto 1	Ponto 2	Ponto 3	Ponto 4
Dez/2018-Jan/2019	25°C-29°C	60-70%	-	-	11	02
Fev/Mar	24°C-26°C	55-77%	--	04	09	08
Abr/Mai	23°C-26°C	51,2-77%	--	**02**	**07**	**04**
Jun	16°C	46%	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

As capturas decaíram novamente para 2, 7 e 4 espécimes para os respectivos pontos: 2, 3 e 4.

Nesse período, nota-se que houve pouca mudança de umidade e temperatura entre os dois meses anteriores, porém apresentou-se números inferiores de flebótomos capturados. Em junho, o único dia de captura do mês foi no dia 7/6 e não houve nenhuma coleta. A temperatura foi de 16°C e a umidade estava em 46%, os menores valores durante todo o período da pesquisa, marcando o período de transição das estações entre o outono e o inverno. A redução de densidade de flebotomíneos nos meses frios e secos, aconteceu, provavelmente, devido às condições ambientais desfavoráveis para as formas imaturas. O mês de dezembro apresentou o maior número de coletados, totalizando 6 espécimes capturados.

No estudo realizado por Freire (2023), no estado do Maranhão, o número de flebotomíneos capturados teve maior densidade durante meses quentes e úmidos, e redução nas capturas realizadas nos períodos mais frios e secos. A fauna flebotomínica está mais adaptada em lugares que apresentam pouca incidência solar e mais umidade. A vegetação do local de pesquisa é considerada secundária, o que influência para maior recebimento da luz solar, na intensidade do vento, na elevação da temperatura, na diminuição da umidade relativa do ar e do solo, no aumento da evapotranspiração e maior contato do solo com as gotículas da precipitação (CASAGRANDE, 2018).

Na Tabela 4, se pode ver as espécies de flebotomíneos capturados em cada ponto no período de 2018 a 2019.

Tabela 4: Uberlândia – Espécies de flebotomíneos capturados em cada ponto, 2018-2019

Espécime (s)	Ponto 01	Ponto 02	Ponto 03	Ponto 04	Total (%)
Brumptomyia brumpti	-	01	03	02	06
Brumptomyia brumpti sp.	-	01	02	-	03
Lutzomyia cortelezzii	-	-		-	-
Lutzomyia (Psychodopygus) davisi	-	-	01	-	01
Lutzomyia (Psatyromyia) lutziana	-	-	01	02	03
Lutzomyia mamedei	-	-		-	-
Lutzomyia neivai	-	-		01	01
Lutzomyia whitmani	-	02	09	07	18
Lutzomyia sp.	-	01	01	04	06
Não identificados	-	01	07	01	09
Total		**06**	**24**	**17**	**47**

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Os pontos 3 e 4 demonstraram maior diversidade em relação as espécies encontradas (Tabela 3). No ponto 3, com exceção da espécie L. neivai, todas as outras foram encontradas no local. A L. whitmani foi a espécie com maior ocorrência (11), assim como mosquitos não identificados tiveram maior prevalência no ponto 3. No ponto 4 não foi encontrada a L. davisi, apenas no ponto 3 e a espécie mais capturada foi L. whitmani (Tabela 4).

Em comparação aos estudos de Rodrigues et al. (2011), no mesmo local, as espécies L. whitmani, L. davisi já tinham sido notificadas, sendo a L. davisi a mais capturada nas armadilhas tipo Shannon e CDC com 88 e 25 espécimes respectivamente. Ainda, de acordo com a pesquisa de Rodrigues et al. (2011), a espécie L. whitmani foi registrada apenas uma vez na armadilha tipo Shannon. Isso pode ser um indicativo de adaptação da espécie ao meio físico do parque. Em relação à L. davisi, os números são opostos, uma vez que no estudo anterior foram capturados 113 espécimes e no levantamento dessa pesquisa, apenas foi encontrado um espécime.

O aparecimento discrepante de flebotomíneos nas áreas 3 e 4 em comparação com as áreas 1 e 2 pode ter suas possíveis causas vinculadas a presença de tocas de animais, confirmados por Mendonça (2022) como um dos locais favoráveis para a

manutenção dos flebotomíneos. A pesquisa de Mendonça (2022) também confirma que tocas de tatu são considerados refúgios para os mosquitos assim como no interior das bananeiras e ocos de troncos de árvores. De acordo com os estudos de Casagrande (2018), a fauna flebotomínica sofre influências relacionadas aos diferentes estágios de sucessão florestal, locais onde a floresta está amadurecida apontam para a maior diversidade de espécies e florestas jovens mostram menor diversidade. A quantidade superior de capturas realizadas nos estudos de Rodrigues *et al*. (2011), pode ocorrer devido o tipo de armadilha utilizada. Na captura por armadilhas do tipo Shannon, há um pesquisador que realiza a coleta manual através do capturador de castro, ao mesmo tempo que serve como isca, atraindo os mosquitos pela liberação natural de cairomônios. Estas substâncias são semioquímicos envolvidos nas interações interespecíficas dos insetos, atraindo-os. Por esse fator, em um mesmo ponto, pode haver discrepâncias no número de flebotomíneos capturados B. brumpti, L. cortelezzii, L. lutziana e L. neivai foram registrados pela primeira vez, enquanto L. (N.) flaviscutellata, L. lenti e Brumptomyia avellari, presentes nas capturas feitas anteriormente, não foram observados. Dessa forma, fica notificado que no parque há a presença de três espécies referentes à transmissão da LTA: L. (N.) flaviscutellata, L. neivai e L. whitmani.

A L. whitmani foi a espécie predominante na área de estudo. É atribuída como vetora da LTA no Brasil. A espécie foi descrita, em 1935, na cidade de Ilhéus-BA e pode ser encontrada no interior da mata e áreas vizinhas. Hoje, também é encontrada em áreas de colonização antiga, onde se encontra fortemente antropizada (BRASIL, 2017; CASAGRANDE, 2018).

A espécie L. lutziana não está relacionada com a transmissão de Leishmania spp. É encontrada no Brasil, Venezuela, Guiana Francesa, Peru, Paraguai e Suriname. As espécies B. brumpti, L. davisi e L. mamedei também não estão envolvidas na transmissão de agentes patogênicos para animais domésticos ou para o homem, uma vez que não são espécies incriminadas como veiculadoras de Leishmania spp (BRASIL, 2017).

A espécie L. cortelezzii é considerada suspeita no ciclo de transmissão de Leishmania sp. tanto no ciclo da LTA, como no ciclo LVA. Tonelli et al. (2021) encontrou a espécie infectada com L. infantum no Estado do Mato Grosso do Sul. Em estudos realizados no estado de Minas Gerais foi detectado o DNA de L. infantum. O L. neivai tem sido incriminado como vetor de LTA em outros países e também relacionado com surtos e epidemias em ambientes bastante modificados. Podem invadir domicílios e evoluir em peridomicílios (TONELLI *et al*., 2021).

Foi registrada a presença de pequenos mamíferos como o cateto (Pecari tajacu) que servem de fonte de alimento para os mosquitos. Existe outro fator determinante que é a presença do patógeno. Estudos para detecção de DNA de Leishmania spp. nos espécimes deveriam ser realizados para confirmar positivamente a sua existência.

4. Considerações finais

As leishmanioses são doenças de grande incidência e distribuição geográfica no continente americano e são ainda um desafio para as autoridades públicas de saúde e pesquisadores, nos âmbitos nacionais e regionais. Requerem o desenvolvimento

de ações de vigilância, prevenção e controle constantes. Apesar da sua importância, são uma das doenças mais negligenciadas no mundo, principalmente por acometer pessoas de classes sociais menos favorecidas em países em desenvolvimento e também por contribuir para a manutenção da desigualdade. As medidas de prevenção e tratamento não estão disponíveis de forma igualitária. Todo esse cenário é motivo de preocupação, visto que o perfil epidemiológico dessas doenças mudou, deixando de ser um problema exclusivamente silvestre ou restrito às áreas rurais como vem sendo registrado casos em zonas urbanas de médio e grande porte. Dentro da zona urbana, um dos possíveis redutos para esses agentes patológicos, são os parques urbanos. O Parque do Sabiá, situado em uma cidade de porte médio, indicou ser um refúgio para essas espécies, sendo duas delas indicadas como transmissoras da LTA. O Parque, além de abrigar animais silvestres, asila involuntariamente cães e gatos que têm acesso às áreas do entorno do parque, tornando a situação mais preocupante, uma vez que a introdução de cães infectados em áreas não endêmicas, onde existem potenciais vetores, podem resultar em um novo foco da doença. Com relação às capturas, sabe-se que, para pesquisas entomológicas é interessante utilizar mais de um método de coleta. No entanto, a CDC nas capturas semanais demonstrou ser uma boa armadilha pela variedade de espécies coletadas, apesar da baixa quantidade, possibilitou reconhecer espécies que até então eram desconhecidas no ambiente.

A presença de flebotomíneos de importância sanitária no Parque, apesar de não significar, impreterivelmente, a ocorrência da doença, impõe uma situação de risco para população visitante, funcionários e animais. Nesse sentido, exige-se o monitoramento entomológico constante, cujos resultados servirão, para o entendimento da fauna flebotomínica local, bem como para a garantia de um ambiente saudável e de qualidade para a população.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. ***Manual de vigilância da leishmaniose tegumentar americana***. Brasília: Ministério da Saúde; 2017.

CASAGRANDE, Baltazar. ***Biogeografia da saúde:*** distribuição espacial dos vetores e o complexo patogênico da leishmaniose tegumentar americana. 2018. 217 f. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2018.

COMPLEXO ESPORTIVO PARQUE DO SABIÁ. Disponível em: https://www.uberlandia.mg.gov.br/parque-do-sabia/. Acesso em: 12 mar. De 2023.

DA SILVA-FILHO, Ailton Gonçalves et al. Situação epidemiológica das leishmanioses em Uberlândia, Minas Gerais. ***Revista de Saúde Coletiva da UEFS***, v. 9, p. 166-172, 2019.

FREIRE, Pedro Carvalho. ***Comunidade de flebotomíneos (diptera, psychodidae) em área rural endêmica de leishmaniose, na região do cerrado maranhense***. Maranhão, Editora Dialética, 2023.

LEMOS, Jureth Couto; LIMA, Samuel do Carmo. Leishmaniose tegumentar americana: flebotomíneos em área de transmissão no Município de Uberlândia, MG. ***Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, Brasília***, v. 1, n. 38, p.22-26, jan. 2005.

LOPES, Gilberto Henrique Nogueira Lages et al. Epidemiologia da Leishmaniose Tegumentar Americana no estado de Minas Gerais. ***Revista de Patologia do Tocantins***, v. 9, n. 3, p. 27-33, 2022.

MAIA-ELKHOURY, Ana Nilce S. et al. Interação entre determinantes ambientais e socioeconômicos para o risco de leishmaniose tegumentar na América Latina. ***Revista Pan-Americana de Saúde Pública***, v. 45, pág. e 49, 2021.

MENDONÇA, Elaine Santana et al. ***Levantamento da fauna e infecção por Leishmania spp em flebotomíneos (Diptera: Psychodidae) na localidade de Catimbau Grande município de Rio Bonito estado do Rio de Janeiro***. 2022. Tese de Doutorado.

PAULA, Márcia Beatriz Cardoso de et al. Primeiro encontro de Lutzomyia longipalpis (Lutz e Neiva, 1912) na área urbana de Uberlândia, MG, concomitante com o relato de primeiro caso autóctone de leishmaniose visceral humana. ***Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical***, Brasília, v. 3, n. 41, p.304-305, maio 2008.

PAULA, Márcia Beatriz Cardoso de. Fauna flebotomínica, condições socioambientais e a transmissão da leishmaniose visceral em Uberlândia-MG, Brasil. 2010. 189

f. ***Tese*** (Doutorado) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

TONELLI, Gabriel Barbosa et al. The sand fly (Diptera: Psychodidae) fauna of the urban area of Lassance, Northeast Minas Gerais, Brazil. ***Plos one***, v. 16, n. 10, p. e0257043, 2021.

RODRIGUES, Elisângela de Azevedo Silva. Alterações ambientais e os riscos de transmissão da leishmaniose Tegumentar Americana na Área de Influência da UHE Serra do Facão, Goiás, Brasil. 2011. 98 f. ***Dissertação*** (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

VIEGAS, Graziele et al. Estudo de caso-perfil epidemiológico da Leishmaniose visceral no município de João Monlevade de 2015 a 2018. ***Revista eumednet. Marzk***, 2019.

WORLD Health Organization (WHO)**.** ***Leishmaniasis***: background information. Disponível em:; Acesso em 25 abr de 2019. World Health Organization (WHO). The control of leishmaniases: report of an expert committee. WHO Technical Report Series 1990; v. 793, p. 50-55.



Francisco da Silva
"Animais Fantásticos", sem data.
Guache sobre papel.
Capa: trabalho gráfico sobre composição do artista.
Acervo Fundação Joaquim Nabuco – MEC.

Fundação Joaquim Nabuco

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ISSN 0304-2685
770304 268000